



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

MARLEN KARINE DA SILVA PALHETA

“Você vê aquele bichinho ali, não tem noção do trabalho que dá”: estudo da organização social e ambiente na pesca de curral em São Caetano de Odivelas

Belém – Pa

2023

MARLLEN KARINE DA SILVA PALHETA

“Você vê aquele bichinho ali, não tem noção do trabalho que dá”: estudo da organização social e ambiente na pesca de curral em São Caetano de Odivelas

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Sociologia e Antropologia.

Área de concentração: Antropologia

Orientadora: Dr^a. Voyner Ravena Cañete

Belém – Pa

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P153v Palheta, Marllen Karine da Silva.

“Você vê aquele bichinho ali, não tem noção do trabalho que dá”: estudo da organização social e ambiente na pesca de curral em São Caetano de Odivelas / Marllen Karine da Silva Palheta. — 2023.

196 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Voyner Ravena Cañete

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2023.

1. Pesca artesanal. 2. Salgado Paraense. 3. Aê. 4. Pesca de curral. 5. Parentesco. I. Título.

CDD 301.3

MARLLEN KARINE DA SILVA PALHETA

“Você vê aquele bichinho ali, não tem noção do trabalho que dá”: estudo da organização social e ambiente na pesca de curral em São Caetano de Odivelas

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Sociologia e Antropologia.

Área de concentração: Antropologia

Data da Aprovação:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Voyner Ravena Cañete
Orientadora (PPGSA-UFPA)

Prof^a. Dr^a. Denise Machado Cardoso
Examinadora interna (PPGSA-UFPA)

Prof^a. Dr^a. Edila Arnaud Ferreira Moura
Examinadora interna (PPGSA-UFPA)

Prof^a. Dr^a. Bianca Bentes da Silva
Examinadora externa (PPGEAP-UFPA)

Prof. Dr. Thales Maximiliano Ravena Cañete
Examinador externo (PDTU-NAEA)

Prof^a. Dr^a. Nívia Ravena
Examinadora suplente (PDTU-NAEA)

Prof^a. Dr^a. Luciana Gonçalves de Carvalho
Examinadora suplente (UFOPA)

DEDICATÓRIA

*Dedico a todos os pescadores
currealistas, especialmente os
currealistas da localidade do Aê.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a *Deus* por me conduzir nesta jornada com sabedoria. Jornada esta que por vezes pareceu solitária, porém sempre soube que não estava sozinha, grata pela vida.

Agradeço ao meu marido *Rafael Cunha* pelo companheirismo, pela calma transmitida nos momentos críticos e pelo amor dedicado. Agradeço ao meu filho amado *Ravi*, meu incentivo diário, que chegou na reta final da construção deste trabalho e é o meu grande amor.

Aos meus pais, *Marlon Palheta* e *Fatima Palheta*, que sempre me incentivaram a estudar, me qualificar, um muito obrigada por todo suporte dado, sem vocês eu não chegaria até aqui. Agradeço aos meus irmãos, *Marlon Junior* e *Maíla* pelo carinho, apoio emocional, nos momentos mais difíceis, foram o meu suporte emocional.

Aos meus avós, *Abdias Palheta* e *Raimunda Palheta* (in memoria) por sempre me incentivarem com seus conselhos, e até mesmo ajuda financeira, sou muito grata por toda educação e amor dado.

A minha orientadora Profa *Voyner Ravena Cañete* por todo apoio, incentivo, pelas conversas diárias e paciência em me tornar antropóloga, um muito obrigada.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia e aos docentes pela oportunidade de poder aprender esta ciência, sou eternamente grata por todo conhecimento compartilhado.

Aos pescadores do Aê, sem eles esse trabalho não teria sido construído. Agradeço a paciência em ensinar, explicar e por cuidar de mim enquanto estive em campo, onde me sentia de fato pertencente a família, serei eternamente grata.

Às muitas pessoas que contribuíram de alguma forma para a construção deste trabalho, com uma conversa, sugestão, crítica, conselho, grata pelo compartilhamento.



EPÍGRAFE

*A Vila do Aê é terra que Deus andou
Deixou muita coisa boa pro pobre do
pescador
Embarca, meu filho, embarca
Vamos lá fora pescar
Pegar o peixe tainha que tá lá no alto
mar
Dionísio Santos*

RESUMO

A pesca artesanal na Amazônia é uma temática vasta, que envolve diferentes atores sociais, processos produtivos, relações econômicas e sociais. O Salgado Paraense figura como uma área importante dentro deste contexto, dada sua história como primeira área de ocupação após a chegada dos portugueses na Amazônia, assim como uma localidade importante em decorrência do desembarque pesqueiro na área. A pesca realizada por essas populações se destaca como o principal ponto a ser observado e descrito nesta tese, em especial a pesca de curral. A pesca artesanal se divide em muitas outras modalidades, mas a pesca de curral figura como ponto de interesse deste trabalho, dada a própria constituição do ambiente que proporciona as melhores condições para ser realizada tal atividade, acarretando o uso do ambiente numa perspectiva harmoniosa por parte das populações tradicionais. Este estudo figura como uma etnografia realizado na localidade do Aê, localizado no município de São Caetano de Odivelas. O Aê possui como principal atividade pesqueira a pesca de curral e esta tese trará a discussão acerca da atividade exercida nessa localidade, o significado desta arte para os pescadores, e como se dá o processo de transmissão dos currais, haja vista que existe uma relação de descendência e herança especificamente na linha de curral. Também aborda como os pescadores se organizam, sendo o parentesco o elemento que norteia, organiza e conduz a atividade.

Palavras chaves: Pesca artesanal; Salgado Paraense; Aê; Pesca de curral; Parentesco.

ABSTRACT

Artisanal fishing in the Amazon is a vast topic that involves different social actors, production processes, and economic and social relationships. The Salgado Paraense is an important area within this context, given its history as the first area of occupation after the arrival of the Portuguese in the Amazon, as well as an important location due to the fishing landing in the area. Artisanal fishing is divided into many other modalities, but corral fishing figures as a point of interest for this work, given the very constitution of the environment that provides the best conditions for carrying out such an activity, resulting in an environment usage through a harmonious perspective by the traditional populations. This study was carried out in the locality of Aê, located in the municipality of São Caetano de Odivelas, state of Pará. The main fishing activity of Aê is corral fishing, and this thesis will discuss the activity carried out in that locality, the meaning of this art for the fishermen, and how the process of transmission of the corrals takes place, given that there is a relationship of descent and inheritance specifically in the corral line. It also addresses how the fishermen organize themselves, with kinship being the element that guides, organizes and conducts the activity.

Keywords: Artisanal fishing; Salgado Paraense; Aê; Corral fishing; Kinship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Brincantes de carnaval se preparando para sair no bloco “Pretinhos do Mangue”, em Curuçá-PA.....	16
Figura 2: Rua de entrada da comunidade (A); Caminho do porto do Itaipu (B).....	20
Figura 3: Orla da comunidade de São João de Ramos.....	21
Figura 4: Mapa de localização do município de São Caetano de Odivelas e a localidade do Aê.....	39
Figura 5: Área de manguezal da comunidade.....	41
Figura 6: localização do Aê.....	41
Figura 7: Principais atividades econômicas exercidas no Aê.....	42
Figura 8: Fluxograma do critério adotado para realizar o levantamento dos dados na comunidade do Aê.....	44
Figura 9: Cercado feito com pedras denominados de gamboas.....	55
Figura 10: Arte de pesca denominada de curral ou armadilha fixa.....	56
Figura 11: Fluxograma das etapas realizadas durante a pesca de curral, desde a sua montagem até a venda do pescado.....	58
Figura 12: Ciclo lunar das marés.....	61
Figura 13: Curral de pesca em formato de coração (A). Curral do tipo enfia-coração, sendo observada as partes principais (enfia e depósito) e secundárias (sala ou salinha e salão) de um curral (B).....	65
Figura 14: Curral de pesca de beira em formato de cachimbo (A). Curral de cachimbo sendo observado como é disposto os seus compartimentos (B).....	66
Figura 15: Esquematização do curral do tipo enfia e a sua disposição em relação às marés....	67
Figura 16: Embarcações de pesca esportiva no trapiche de São Caetano de Odivelas.....	79
Figura 17: Apresentação do boi de máscara de São Caetano de Odivelas constituído dos seguintes personagens: (A) Pierrôs; (B) Cabeçudo; (C) Boi Faceiro e Boi Tinga.....	81
Figura 18: Aspecto da edificação das residências no Aê.....	83
Figura 19: Croqui das comunidades vizinhas ao Aê.....	87
Figura 20: Localidade do Aê em São Caetano de Odivelas/Pará.....	92
Figura 21: Localidades onde há escolas frequentadas pelos estudantes do Aê.....	93
Figura 22: Profissões exercidas no Aê.....	94
Figura 23: Esboço do Aê por imagem de satélite.....	96
Figura 24: Esboço do Aê com a disposição das casas e os portos.....	97
Figura 25: Portos utilizados para desembarque pesqueiro respectivamente: (A) Porto do Itaipu e (B) Porto do Aê.....	98
Figura 26: Fluxograma do ciclo ecológico observado ao longo do ano no Aê.....	99
Figura 27: Moradoras fazendo a evisceração do pescado no jirau.....	100
Figura 28: Arte de pesca utilizada para capturar siri denominada de puçá.....	101
Figura 29: Paneiro e o um saco feito de náilon utilizado pelos pescadores para transportar os peixes ou siris capturados.....	102
Figura 30: Caminhão de frigorífico que fica estacionado no Aê aguardando a chegada dos pescadores para efetuar a compra do pescado.....	103
Figura 31: Mulheres do Aê preparando o pescado para a venda.....	105
Figura 32: Mulheres e crianças do Aê lanhando pescado para salgar posteriormente (A); Armação preparada para secar os peixes salgados (B).....	106
Figura 33: Percepção dos moradores em relação as mudanças ocorridas na comunidade depois da criação da Resex.....	108
Figura 34: Prêmios do bingo realizado para arrecadar dinheiro para a festividade do Aê.....	111

Figura 35: Venda dos produtos alimentícios no dia da festividade.....	111
Figura 36: Igreja católica do Aê ornamentada para a festividade.....	112
Figura 37: Círio de Santa Maria, padroeira da localidade.....	113
Figura 38: Percepção da população acerca de como era bom viver no Aê.....	114
Figura 39: Nível de escolaridade dos entrevistados no Aê.....	131
Figura 40: Descrição das etapas da montagem dos currais de pesca.....	146
Figura 41: Quintal de um pescador curralista, o qual utiliza para armazenar material e montar os currais.....	146
Figura 42: Moirões (<i>Rhizophora mangle</i>) utilizados em currais de beira.....	149
Figura 43: Os vegetais mais utilizados na construção dos paris dos currais, o bambu (<i>Bambusavulgaris</i>) e um pari já confeccionado com o talo de anajá (<i>Maximilianamaripa</i>)...	151
Figura 44: Cipós (<i>Heteropsis jenmanii</i> Oliv.) armazenado para utilizar na tecelagem das paredes dos currais.....	152
Figura 45: Estrutura confeccionada pelo curralista para cortar o bambu (<i>Bambusavulgaris</i>) no tamanho dos talos para a construção dos paris ou esteira.....	153
Figura 46: Utilização do talo e fio de telefone no teçume dos paris.....	155
Figura 47: Armação feita pelo curralistas no chão em um local limpo, que serve de medida para tecer os paris e um pari confeccionado.....	156
Figura 48: Curralista mostrando a técnica de marcação dos currais de beira (A) e de enfia (B)	158
Figura 49: Curralista demonstrando como fazer uma marcação de curral.....	159
Figura 50: Etapa da muruação dos currais, no qual os pescadores fincam os moirões nos locais marcado.....	161
Figura 51: Demonstração da alocação das cintas nos currais.....	163
Figura 52: Currais de pesca na sua fase final da montagem.....	164
Figura 53: Arte de pesca comumente utilizada na despesca dos currais denominada de puçá	165
Figura 54: Pescador despescando o seu curral.....	165
Figura 55: Processo de despesca do curral.....	166
Figura 56: Curralista chegando do seu curral acompanhado de sua esposa.....	167

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1: Atividades exercidas nas comunidades pertencentes à RESEX Mocapajuba.....	39
Quadro 2: Atividades desenvolvidas no Aê e suas características.....	42
Quadro 3: Caracterização dos tipos de atividade pesqueira.....	49
Quadro 4: Denominações das marés, as quantidades diárias e as luas que as influenciam.....	60
Quadro 5: Expressões usadas pelos pescadores do Aê referenciando as atividades pesqueiras com os ciclos das marés.....	62
Quadro 6: Fases lunares e suas respectivas importâncias na atividade pesqueira.....	63
Quadro 7: Tipos de currais encontrados no município de São Caetano de Odivelas e vantagens e desvantagens quanto à escolha da armadilha.....	68
Quadro 8: Materiais utilizados na pesca de curral no Aê, no município de São Caetano de Odivelas.....	69
Quadro 9: Espécies mais capturadas nos currais de pesca no Aê.....	104

SUMARIO

1	<i>CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO</i>	15
1.1	Porta de entrada: Entre trajetórias e pescarias.....	15
1.2	Local a ser pesquisado: <i>Aê ou São João dos Ramos?</i>	19
1.3	Pesca e parentesco: tema antropológico e tema interdisciplinar.....	22
1.5	Trajectoria metodológica.....	25
1.5.1	O fazer etnográfico: aprendendo a ser antropóloga.....	25
1.5.2	Ecologia Humana: uma ferramenta para compreensão da relação homem-natureza.....	31
1.5.3	Uso do recurso comum.....	35
1.6	São Caetano de Odivelas: a terra do caranguejo.....	38
2.	<i>CAPÍTULO II: A PESCA ARTESANAL NO CENÁRIO AMAZÔNICO: A PESCA DE CURRAL NO AÊ</i>	46
2.1	Atividade pesqueira no contexto amazônico.....	47
2.2	Caracterização da pesca de curral.....	54
2.3	Por entre marés lançantes e mortas.....	59
2.4	Escolhendo o tipo de curral.....	64
2.5	Escolhendo o local a ser montado os currais.....	70
2.6	Custos do curral.....	70
2.7	Legislação da pesca de curral.....	71
3.	<i>CAPÍTULO III: O AÊ</i>	76
3.1	São Caetano de Odivelas.....	77
3.2	<i>A menina da pesquisa bebeu a água do Aê e não vai mais embora</i>	82
3.3	História do Aê: <i>nasci e me criei aqui</i>	86
3.4	Conhecendo o Aê: <i>Chegou no Aê ficou</i>	91
	<i>CAPÍTULO III: O AÊ</i>	98
3.6	Entre rezas, santos e festas.....	109
4.	<i>CAPÍTULO IV - CURRAL E PARENTESCO: LINHA E HERANÇA</i>	115
4.1	Entre teorias e angústias etnográficas.....	117
4.2	Os casamentos do Aê.....	123
4.3	Para quem fica a linha de curral? E o curral?.....	130
5.	<i>CAPÍTULO V: O TRABALHO NO CURRAL: ENTRE PARENTES E ESCOLHAS</i>	136
5.1	Escolher ser curralista.....	137

5.2 É chegada a safra: “e agora, quem eu escolho para trabalhar comigo?”.....	140
5.3. Trabalhando nos currais.....	142
5.4 Montando os currais.....	145
5.4.1 Tiração da madeira.....	146
5.4.2 Aparelhamento das talas.....	152
5.4.3 Tecelagem das esteiras.....	154
5.4.4 Marcação.....	156
5.4.5 Muruação.....	161
5.4.6 Cintagem.....	162
5.4.7 Cobrição.....	163
5.4.8 Despesca.....	164
6. CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO.....	169
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
8. ANEXOS.....	186
9. GLOSSÁRIO ETNOECOLÓGICO.....	190
10. APÊNDICE.....	193

1 CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1.1 Porta de entrada: Entre trajetórias e pescarias

Esta tese se debruça sobre a pesca de curral, uma atividade pesqueira importante, normalmente realizada em áreas costeiras e que na Amazônia paraense marca a região do salgado. A pesca de curral se revela como uma pescaria de destaque para as populações tradicionais localizadas na costa paraense e, particularmente, ela se mostra como uma pesca, cuja relação com o ambiente é fundamental para seu êxito. Os saberes sobre onde colocar os currais, as espécies que poderão estar no seu interior e, sobretudo, as relações sociais que envolvem a construção dessa armadilha e a sua própria manutenção merecem destaque e devem ser reveladas, especialmente em no contexto em que os recursos naturais pesqueiros, cada vez mais, se mostram em uma condição de esgotamento.

A frase mencionada no título “*Você vê aquele bichinho ali, não tem noção do trabalho que dá*” se remete a visão dos pescadores em relação a arte de pesca utilizada. O bichinho mencionado, o curral de pesca, que é um apetrecho de pesca marcado por muitas etapas em seu processo de construção e o pescador estava certo, eu não tinha noção do trabalho que se tem para obter essa arte montada, dos conhecimentos inseridos nesta atividade. Esta tese descreve essa arte de pesca minuciosamente.

A pesca de curral foi meu objeto de estudo na graduação, quando defendi meu TCC, e hoje, na tese, as mesmas inquietações ainda me envolvem e geraram o problema que conduziu este trabalho. Este pode ser assim apresentado: como a pesca de curral figura como prática importante que envolve de forma particular relações sociais, meio ambiente e saberes locais? Como esses três elementos se interrelacionam desenhando uma prática pesqueira particular e peculiar da costa paraense? Sobre esse bichinho, tecido de cipó, se tecem as também as nuances sociais, ambientais e de saberes sobre os quais esta tese se debruçou.

Nesta introdução apresento meu percurso que me transformou de Engenheira de Pesca em Antropóloga, para então trazer ao leitor a proposição dos argumentos que me levaram a resposta da questão aqui apresentada. Minha trajetória se iniciou bem antes de entrar na área acadêmica. Sou neta de curuçenses, onde a vida de meus avós sempre esteve ligada às águas. Minha mãe sempre conta que quando era criança, aguardava ansiosamente a chegada de meu avô das pescarias para poder fazer suas refeições. Ao longo de sua vida, meu avô foi pescador, marreteiro e vendedor de peixe no mercado municipal de Curuçá, e a sua trajetória

de vida, mesmo que sem querer, já me apresentava o universo do setor pesqueiro. Meu avô ensinou seus filhos a pescar, porém estes seguiram outros caminhos, mas se precisar, todos dizem, irão colocar em prática os ensinamentos de meu avô.

Todas as idas à “casa de vovô” durante as férias, no carnaval, ir ao mangue pegar o abadá do bloco “Pretinhos do Mangue”¹, me faziam estar perto de um universo rico em recursos naturais e ao mesmo tempo longe do conhecimento de sua magnitude. Estar ali, em Curuçá, ter contato com os manguezais é algo tão comum na cidade, que os moradores não se apercebem de quão privilegiados são. Eu não morava em Curuçá, mas sempre tive a oportunidade de ter esse contato mais próximo com esse universo e só pude olhar com outros olhos quando fui aprovada no curso de graduação em Engenharia de Pesca, em 2006.



Figura 1: Brincantes de carnaval se preparando para sair no bloco “Pretinhos do Mangue”, em Curuçá-PA
Fotografia: Silva (2015)

Foi uma aprovação regada de muitas realizações e muitas dúvidas pelas pessoas que não conheciam o curso. Escutava diversos comentários e perguntas: “tem engenharia para tudo”, “você vai aprender a pescar”, “nunca ouvi falar nesse curso, o que faz um engenheiro de pesca?” Sempre levei na esportiva os comentários, muitas vezes até ria, mas ao mesmo tempo observava que as pessoas não sabiam como o peixe chegava à sua mesa, e muito menos conheciam quem eram os maiores responsáveis por todo o processo, os pescadores.

Durante a graduação tive a oportunidade de ser bolsista de um projeto de pesquisa denominado Plano Local de Desenvolvimento da Maricultura (PLDM) que me oportunizou trabalhar na área socioeconômica. O nosso campo de trabalho focava toda a zona do Salgado Paraense, especialmente os municípios que tinham potencialidade para a implantação de um

¹ “Pretinhos do Mangue” é um bloco de carnaval, onde as pessoas se lambuzam de lama do manguezal. O bloco traz uma reflexão acerca da preservação dos manguezais.

parque aquícola². Durante as viagens conheci comunidades pesqueiras e fui apresentada a esse novo mundo, pois até então só conhecia o universo apresentado por meu avô.

A experiência foi riquíssima, pois a maioria dos municípios visitados já era uma área de reserva extrativista e pude conhecer a realidade dos pescadores desses locais, que variava muito, pois cada região apresenta a sua particularidade nas pescarias, por exemplo, ocorrem espécies de peixe que em outro local não se tem tradição na pescaria, e até mesmo na utilização das artes de pesca, cada município apresenta a sua familiaridade. E assim pude conhecer muitas lideranças comunitárias, consolidando relações de amizade, possibilitando a realização de trabalhos futuros como a dissertação de mestrado e a tese de doutorado.

Paralelamente ao projeto de pesquisa, iniciei minha relação com a pesca de curral. Participei de vários trabalhos sobre a produção dos currais de uma comunidade chamada Recreio, localizada no município de Marudá-PA. Trabalhos resultantes dessas atividades foram destinados à participação de congressos científicos. Assim, iniciei meu trabalho de conclusão de curso intitulado “Relação entre a CPUE dos currais de pesca e as marés na Costa do Estado do Pará”, no entanto, este trabalho era baseado em estatística pesqueira. Embora já tivesse me aproximado do universo das comunidades pesqueiras, ainda sim, me mantinha na área da Engenharia.

Em 2011 passei no mestrado, no programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca na Universidade Federal do Pará, sem saber o que pesquisar. Fiquei no “limbo”, por assim dizer alguns meses, sem ter um projeto de pesquisa, porém, já sabia que se pudesse optar, seria por uma comunidade pesqueira no município de Curuçá.

O mestrado foi um divisor de águas na minha trajetória acadêmica, pois iniciei meu projeto de pesquisa com a Profa. Dra. Voyner Ravena, que me apresentou a Antropologia e me guiou ao meu lançamento na área das Ciências Humanas. Minha dissertação se concentrou na área da pesca e antropologia, sendo intitulada de “Participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá/PA”.

Durante esse período pude me familiarizar com autores da área da Antropologia e Ecologia Humana. No transcorrer do curso minha orientadora me fez um comentário que talvez tenha sido responsável por eu estar na Antropologia: “você nasceu para ser antropóloga”. No primeiro momento me senti lisonjeada, mas não conseguia imaginar uma

² Parque aquícola é definido segundo o Decreto nº 4.895, de 25 de novembro de 2003 como: “espaço físico contínuo em meio aquático, delimitado, que compreende um conjunto de áreas aquícolas afins, em cujos espaços físicos intermediários podem ser desenvolvidas outras atividades compatíveis com a prática da aquícultura”.

engenheira antropóloga, era um mundo desconhecido para mim, e por isso, passei a amadurecer na minha cabeça a ideia até o ano seguinte.

Em 2013 resolvi participar do processo seletivo de doutorado na área da Antropologia. Mas o fato de ter que cumprir uma disciplina obrigatória de “Epistemologia das Ciências Sociais” me amedrontava, mas, mesmo assim resolvi fazer. Consegui a vaga e outras dúvidas das pessoas pairavam no ar: “O que uma engenheira faz na antropologia?”, “Qual a relação da pesca com a antropologia?”, “Tu és corajosa! É uma área muito diferente”. Em meio a tantos questionamentos, desde a graduação até o doutorado, percebi que eu poderia apresentar às pessoas próximas esse mundo até então desconhecido por elas, e sempre tentava explicar da melhor forma possível.

As dificuldades de fato foram muitas, a mudança de área não foi fácil, mas talvez a maior dificuldade tenha sido conseguir escrever na primeira pessoa do singular. Este mundo novo a mim apresentado foi amadurecido ao longo dos 4 anos de curso e hoje, posso dizer, que sou uma aprendiz de Engenheira Antropóloga. Muito tenho a aprender, mas o que consegui aprender, me faz ter uma visão melhor acerca do universo dos pescadores.

Como mencionado, já tinha familiaridade com a pesca de curral, embora fosse de forma teórica. Durante o trabalho de campo no mestrado, pude conhecer de perto a atividade. A família que me acolheu na comunidade de Caratateua, Curuçá-PA, tinha currais. Meu trabalho não era com os currais, mas nas horas livres, ia despescar os currais com os filhos do casal, e conhecendo a dinâmica da atividade, estreitando cada vez mais os laços com essa pescaria. Tal fato me proporcionou a escolha do tema para a referente tese, pois nesse período, observei como são fortes as relações de parentesco na atividade e a importância dos conhecimentos tradicionais que envolvem essa arte de pesca. Há uma carência de estudos nessa área, especialmente na Região Amazônica, resultando assim na minha proposta de tese de doutorado. Mas a escolha em si do tema e localidade merecem maior destaque, como o faço a seguir.

Esta introdução é uma tentativa, portanto, de apresentar a tese por meio de um exercício constante, um esforço perene, de articulação entre instrumentos teóricos novos para mim, minha trajetória como engenheira de pesca e a transição, não tão fácil, para uma área do conhecimento na qual ainda me sinto frágil, mas para a qual me lanço investida de dúvidas e repleta de inquietações, sabendo as implicações que isto traz para este trabalho.

1.2 Local a ser pesquisado: Aê ou São João dos Ramos?

A escolha da área de estudo, o município de São Caetano de Odivelas, se deu pela inserção de minha tese no projeto de pesquisa denominado “Empoderamento, ethos local e recursos naturais: cartografia social e estratégias imagéticas para a elaboração de planos de ação em RESEX marinhas do Salgado Paraense”, coordenado pela minha orientadora.

Durante a primeira viagem a campo para realizar a coleta de dados para o projeto mencionado, me reuni com a presidente da Colônia de Pescadores Z-4 e o presidente da Reserva Extrativista Mocapajuba, que nos apresentaram um panorama das comunidades pertencentes à região, bem como as principais atividades desenvolvidas em cada uma. A partir dessas informações, a localidade do Aê e São João dos Ramos foi mencionada como um dos principais locais que trabalham a pesca de curral e que em São João dos Ramos havia muitos conflitos nos setores pesqueiro e territorial. Aí surgiu o primeiro impasse, sobre qual localidade trabalhar, e, sendo assim então resolvi conhecer de perto a realidade de cada uma.

Obtive o primeiro contato com a vila do Aê ainda durante as viagens do projeto. Quando cheguei à localidade (Figura 2A e B), inicialmente me deparei com um local no qual desejava realizar a pesquisa: uma localidade relativamente pequena, com aproximadamente 62 famílias, e um fator que me interessava enormemente: uma população tradicional³ pesqueira. Ao meu primeiro olhar, pude observar pessoas tecendo redes, paris de currais, pessoas com basquetas de peixe voltando do porto, jiraus com peixes para serem eviscerados, fatores que a princípio me chamaram muito atenção.

³ Segundo o Decreto nº 6040, os povos e comunidades tradicionais são definidos como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição”. Tal definição pode ser problematizada pelas reflexões das ciências sociais, dado que o conceito sobre população tradicional resulta da discussão e luta dos movimentos sociais, articuladas aos debates acadêmicos sobre a temática (CAÑETE, 2012). Para este trabalho, basta a definição legal, de forma a orientar o leitor sobre nossa compreensão do conceito. Para saber mais sobre populações tradicionais, acessar: Cunha (1999), Cunha & Almeida (2000), Diegues (2001) e Almeida (2004).



Figura 2: Rua de entrada da comunidade (A); Caminho do porto do Itaipu (B)
Fotografia: Palheta (2015)

As entrevistas foram realizadas e os laços começaram a ser estabelecidos. Conheci pessoas muito acolhedoras, que disseram que eu poderia retornar quando quisesse para realizar o meu trabalho, e que já teria local para ficar. Embora eu tenha apreciado o Aê, ainda tinha curiosidade de conhecer São João dos Ramos. Desse modo, a minha escolha ainda não havia sido feita.

Como mencionado, o Aê e São João dos Ramos possuem como principal atividade pesqueira a pesca de curral. São João dos Ramos (Figura 3A e B) possui uma orla parcialmente urbanizada, casas grandes e bonitas, comércio, padaria, transporte fluvial diariamente para São Caetano de Odivelas e isso me impressionou positivamente no primeiro momento.



Figura 3: Orla da comunidade de São João dos Ramos
Fotografia: Palheta (2015)

Ao longo dos 10 dias de estadia na localidade, o campo foi me mostrando uma percepção contrária do que haviam me falado, os conflitos existentes no local não eram pesqueiros e sim territoriais e políticos⁴, e essa descoberta começou a me afligir, não era o cenário que eu gostaria de trabalhar. Havia momentos em que a população gostaria que eu tomasse partido, mas como observadora não poderia ter tal postura. Este cenário foi estudado por Santos (2016), onde a autora afirma que os conflitos locais não giram em torno dos conflitos por territórios pesqueiros e sim estão relacionados à disputa de controle de terras.

Com relação à pesca de curral, ainda é uma atividade desenvolvida na localidade, porém com menor expressão se comparada ao que ocorria anos atrás. Os moradores relatam que antes a produção de pescado era muito maior e desenvolviam diversas outras atividades, conseguindo uma boa renda que pudesse cobrir os gastos e ter um bom lucro. Atualmente a atividade pesqueira mal consegue tirar o valor do gasto na confecção do curral, e assim passaram a desempenhar outras atividades no ramo da pesca, no comércio ou foram para as cidades em busca de emprego. Sendo assim, havia muitas casas fechadas, que são de “filhos da terra”⁵, que trabalham em outra cidade e só vão em período de férias e feriados para a comunidade. E outro fator que me chamou atenção é que a maioria dos moradores são aposentados da atividade pesqueira. Assim, é muito comum que idosos morem sozinhos, pois seus filhos foram trabalhar na cidade.

Diante de todo esse cenário encontrado em São João dos Ramos, optei em realizar meu trabalho de campo na localidade do Aê. Essas questões foram levadas em consideração na minha escolha, mas algo que também foi levado em consideração foi o fato de eu me sentir

⁴ Esses conflitos foram estudados por Santos (2016), onde discorreu sobre a criação da unidade de conservação existente no município. Esta criação fez parte de um processo social que envolveu luta territorial, disputa por apropriação de terras e uso dos recursos naturais. Cenário este ainda existente quando estive na localidade mesmo após a RESEX ser criada.

⁵ Termo utilizado pelos moradores para denominar as pessoas que nascem na comunidade.

abraçada pelo Aê desde o primeiro momento. Em São João dos Ramos também me senti acolhida, mas o cenário de conflitos em que se encontrava a localidade estava fora do meu escopo de pesquisa e de certa forma poderia influenciar em algo durante o meu trabalho, ainda sim, me sinto muito grata pelo acolhimento na localidade.

Diante da escolha realizada, retornei ao Aê para iniciar minha coleta de dados, no início do ano de 2015. O início de todo ano na localidade é marcado pela preparação para temporada da safra do pescado, ou seja, é o período de montagem dos currais. A localidade é orientada por um ciclo ecológico⁶ que norteia suas atividades socioeconômicas, divididas em três momentos ao longo do ano: a preparação dos currais, o período de safra do pescado e o período fora de safra do peixe.

Este ciclo ecológico conduz toda a rotina da localidade, as famílias adaptam suas atividades de acordo com as questões ambientais, o tipo de espécie que está “dando”⁷ em determinada época do ano, para assim poder avaliar os apetrechos a serem usados. Quando os peixes estão fora de safra, os moradores realizam outras atividades para sustentar suas famílias como a pesca do camarão e a extração do caranguejo e mariscos.

Toda essa dinâmica na atividade pesqueira do Aê me encantou e possibilitou pesquisar a fundo todas as angústias decorrentes do dia a dia. Os moradores do Aê se sentem privilegiados⁸ e eu passei a me sentir também privilegiada por me permitirem conhecer um pouco do seu mundo.

1.3 Pesca e parentesco: tema antropológico e tema interdisciplinar

A pesca artesanal na Amazônia é considerada uma das principais atividades econômicas da região, tradicionalmente passada entre gerações e constituindo-se em fonte de alimento e de renda, principalmente para a população ribeirinha residente ao longo dos rios amazônicos. A Região Amazônica se destaca das demais regiões do Brasil pela riqueza de espécies exploradas e pela abundância de pescado capturado nos principais habitats, nas águas interiores, nas regiões costeiras e marítimas (FURTADO, 2007).

A pesca artesanal é uma das atividades humanas que proporciona uma maior aproximação com a natureza, garantindo aos pescadores o desenvolvimento tradicional peculiar relacionado às espécies de peixes existentes no local, a fauna terrestre e aquática,

⁶ A explanação detalhada acerca dos ciclos ecológicos será descrita no Capítulo III.

⁷ Termo usado pela população local que indica as espécies de peixe que está ocorrendo na região em um determinado período.

⁸ Os motivos de se sentirem privilegiados serão explorados mais adiante.

possibilitando um melhor desempenho na atividade. Assim, a pesca não é considerada uma técnica, e sim um meio de comunicação entre o homem e a natureza (MORAES, 2007).

A territorialidade que configura as comunidades costeiras amazônicas é conhecida como um lugar comum de viver e produzir recursos para a sobrevivência dos grupos domésticos e reprodução sociocultural (DIEGUES, 1999). Essa produção de recursos se efetiva por meio das unidades de produção familiar, e nas relações entre vizinhanças, sendo valorizadas socialmente e economicamente, nas atividades de pesca, coleta e agricultura (FURTADO et al., 1993; MANESCHY, 1993). As atividades econômicas se mobilizam de acordo com os recursos naturais disponíveis, na forma de pesca, lavoura, coleta e extrativismo, em que essas unidades de produção se baseiam e orientam suas relações familiares, de compadrio e vizinhança. Essas práticas garantem o modelo de emprego da mão de obra familiar e/ou de parentes, amigos, vizinhos e compadres (FURTADO et al., 2006).

O município de São Caetano de Odivelas, localizado na mesorregião Nordeste Paraense e a microrregião do Salgado⁹, figura como importante polo pesqueiro, com grande volume de desembarques em seus portos. A pesca é uma atividade tradicional do município, na qual mantiveram a riqueza cultural a partir de exploração dos recursos naturais, mesmo perante o avanço do desenvolvimento econômico local que proporcionou diversas transformações socioculturais (ESCALIER & MANESCHY, 2004).

Segundo Santos (2016), diversos conflitos são recorrentes no município como: a prática da pesca esportiva de forma insustentável, a invasão de áreas de coleta de crustáceos oriundos de outros municípios, a pesca predatória no uso dos “currais de enfia”, a excessiva ação antrópica na “tiração¹⁰” e comercialização do caranguejo etc. Estes conflitos impulsionaram a criação de uma unidade de conservação, denominada de Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, em 10 de outubro de 2014. A mesma tem como objetivo resguardar o modo de vida da população tradicional que vive naquele território, assegurado o uso sustentável dos recursos naturais, ao passo que garante a conservação da biodiversidade dos

⁹ O IBGE no ano de 1987 subdividiu os estados brasileiros em mesorregiões e microrregiões para facilitar os estudos geostatísticos. O estado do Pará foi dividido em 6 mesorregiões: Baixo Amazonas Paraense, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense. Cada mesorregião é subdividida em microrregiões, totalizando em 22, congregando diversos municípios. Essa subdivisão dos municípios em microrregiões varia de acordo com as diferenças ambientais, socioeconômicas e quanto ao manejo de solo realizada na região. O Nordeste Paraense é formado por 5 microrregiões estando divididas em: Bragantina, Cametá, Guamá, Salgado e Tomé-Açu. A microrregião do Salgado é composta por 11 municípios: Colares, Curuçá, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Salinópolis, São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, São João de Pirabas, Terra Alta e Vigia (CORDEIRO, ARBAGE, SCHWARTZ, 2017).

¹⁰ O termo tiração significa para os pescadores o ato de capturar o caranguejo dos manguezais mencionado como “tiração de caranguejo”.

ecossistemas de manguezais, restingas, dunas, várzeas, campos alagados, rios, estuários e ilhas.

No município em questão, a população exerce como principais atividades econômicas a pesca e a coleta de mariscos. As atividades agrícolas estão voltadas à economia subsistência. Porém, as atividades de pesca são diferenciadas pelas áreas exercidas, pelas práticas e as artes de pesca utilizadas. São consideradas como práticas importantes para as comunidades locais a pesca de rede em alto mar, a coleta do caranguejo, a pesca de beira com os currais, a pesca de anzol etc. (ICMBIO, 2014).

Fidellis (2013) afirma que a pesca de curral em São Caetano de Odivelas é uma atividade de tradição familiar passada geracionalmente, considerada por parte dos pescadores uma atividade lucrativa, onde o investimento para a construção da armadilha se evidencia como o maior custo econômico da atividade. A mão de obra envolvida é familiar, auxiliando na redução dos custos na montagem do curral e possibilitando um maior lucro para a família, enquanto uns filhos ajudam na pesca, outros ajudam na compra de material, na montagem ou na manutenção dos currais, sendo chamado esse processo de “sistema de rodízio”.

A pesca artesanal na Amazônia é caracterizada como uma atividade tradicional, pautada geralmente por regras de parentesco, onde os conhecimentos são passados de geração a geração, fazendo com que a mão de obra utilizada na atividade seja preferencialmente entre familiares. É comum encontrar famílias grandes, onde todos, ou a maioria de seus integrantes, estão envolvidos na pesca, seja como pescadores, donos de embarcações de médio porte, atravessadores no processo de comercialização etc. (RAVENA-CAÑETE et al., 2011).

Nesse sentido, o estudo de parentesco merece destaque no cenário amazônico. Nessa região a pesca artesanal possui um papel central para sua população, já que, como mencionado, uma das características dessa atividade repousa na mão de obra familiar. As relações de parentesco que envolvem a atividade são de extrema importância para a execução da mesma, ao contrário da pesca industrial na qual se estabelece uma relação de empregado e patrão. Na pesca artesanal as relações estabelecidas são de confiança, e estão diretamente ligadas às relações familiares.

Os estudos de parentesco possuem grande importância na Antropologia¹¹, por estudar culturas numa categoria de sistema sociocultural, sendo as relações de parentesco consideradas como a principal forma de organização social (BATALHA, 1995). É de

¹¹ Diversos estudos de parentesco podem ser destacados, seja em comunidades indígenas, pesqueiras ou camponesas. É importante destacar estudos de Woortmann (1990), Gow (1997), Souza (2002), Hébette et al. (2002), Silva (2004), Ravena-Cañete (2005), Ribeiro (2006), Castro et al (2008), Florido (2008), Rubert (2009), Silva (2011), Nunes (2012), Lescura et al. (2012), Andrade (2014), Silva (2015).

fundamental importância para os estudos antropológicos a percepção acerca dos elementos relacionados ao modo de vida local e às práticas culturais nas relações de parentesco, facilitando assim a compreensão do modo de vida local. Dessa forma, o estudo de parentesco na atividade pesqueira é de suma importância para entender as relações sociais que abrangem esse universo, como os pescadores se organizam, seja na formação da comunidade, na constituição das famílias, relações de trabalho e nas relações sociais de âmbito em geral.

1.5 Trajetória metodológica

1.5.1 O fazer etnográfico: aprendendo a ser antropóloga

O primeiro passo para iniciar a minha aventura antropológica foi conhecer os clássicos sobre Etnografia. Essas leituras ampliaram meu olhar em busca de informações pertinentes, tendo em vista que antes eu chegava a campo e possuía uma observação limitada dos fatos. Devido a este fator, faço uma explanação das leituras que me nortearam em busca das minhas respostas em campo.

O homem sempre se interrogou a respeito de si mesmo. Em todas as sociedades encontramos homens que observam homens. O pensamento do homem sobre o homem e sua sociedade, e a construção de um saber são tão antigos quanto a humanidade. Porém, a criação de uma ciência do homem, ou seja, a Antropologia é muito recente. Apenas no final do século XVIII iniciou-se a constituição de um saber científico tomando o homem como seu objeto de conhecimento, e não mais a natureza. Passou-se somente nesse período a aplicar ao homem os métodos que até então só eram utilizados na área da Física ou Biologia (LAPLANTINE, 2003).

A cultura não é algo que está aprisionado na cabeça das pessoas, no entanto é ligada em símbolos públicos, através dos quais integrantes de uma sociedade perpassam sua visão de mundo e orientações de valores para as gerações futuras e aos antropólogos. Para estudar cultura, necessita conhecê-la “do ponto de vista do ator”, no qual a cultura é um produto de integrantes atuantes de uma sociedade buscando dar sentido ao mundo ao qual eles se encontram, e o papel do antropólogo é se situar na posição a partir da qual essa cultura foi construída, buscando dar sentido à mesma, o que não implica entrar “na cabeça das pessoas” e sim buscar a compreensão do seu modo de vida a partir do olhar do observado (ORTNER, 2011).

De acordo com Stocking (2004), a atuação histórica dos antropólogos se remete a uma propriedade de conhecimento ainda não trabalhado em outra ciência. Entre esses

conhecimentos estão a pesquisa da história biológica da humanidade com suas variedades, a linguística interligada aos povos sem línguas escritas, a etnologia dos povos que não possuem registros históricos e a arqueologia pré-histórica. Ainda segundo o autor, o antropólogo que realiza pesquisa de campo deve se familiarizar com os métodos biológico, linguístico e etnológico-arqueológico, pois todos apresentam importância na investigação de seus problemas.

A Antropologia vem buscando descobrir um conceito mais coerente sobre o homem, onde a cultura e a variabilidade cultural possam ser valorizadas e não serem vistas como capricho ou preconceito, no entanto, busca um conceito que a “unidade básica da humanidade” não se transforme em uma expressão vazia. É necessário aderir à ideia de que existe diversidade de costumes no tempo e no espaço e que a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão (GEERTZ, 1978). Por mais estranho que pareça ser o modo de pensar e os sentimentos de outras pessoas, estas questões podem estar relacionadas com a forma de como vivemos atualmente (GEERTZ, 1997).

Para entender a ciência, é necessário verificar o que os atuantes da ciência estão fazendo, e não somente conferir as teorias, suas descobertas ou o que os apologistas falam sobre ciência. Em Antropologia social os agentes praticam a etnografia. Para se compreender a análise antropológica como uma forma de conhecimento, é necessário entender o que é etnografia, ou seja, a prática da etnografia (GEERTZ, 1978).

O conhecimento etnográfico sobre várias sociedades e culturas se enriquece quando um antropólogo apresenta uma boa formação teórica, podendo ser considerado um antropólogo bem formado etnograficamente (PEIRANO, 1995).

O fazer etnográfico é transcrito o tempo todo pela teoria, não se pode separar a teoria e a prática. Antes de ir a campo, o pesquisador deve buscar conhecimento sobre a temática e o grupo a ser pesquisado. Assim, o olhar e o escutar do etnógrafo estará mais disciplinado por apresentar a teoria. Porém, não se pode afirmar que o campo é decorrido pela teoria, e sim a realidade superará sempre a teoria, surpreendendo o pesquisador, caso contrário pode-se afirmar que o pesquisador não foi suficientemente bem formado, devido à formação antropológica consistir em abrir os horizontes para a desestabilização (URIARTE, 2012).

Etnografar é construir relações, selecionar informantes, transcrever textos, realizar levantamentos genealógicos, mapear os campos, possuir um diário de campo etc. (GEERTZ, 1978). Ainda segundo Geertz (1978), fazer etnografia é “tentar ler um manuscrito estranho,

desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mais com exemplos transitórios de comportamentos modelados”.

Para Malinowski, o etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e cuidado todos os fatos que caracterizam os aspectos da cultura “tribal” sem privilegiar aqueles que possam vir a ter admiração ou algo que considere estranho, deixando de lado os fatos comuns e corriqueiros. Deve observar a cultura nativa na sua totalidade de seus aspectos, tais como os aspectos das leis, da ordem e a coerência, pois quando os unem, correspondem a um todo coerente. Um etnógrafo que vai a campo em busca de observar apenas uma área de pesquisa, pode vir a ter uma pesquisa artificial e acabar prejudicando o seu trabalho (MALINOWSKI, 1978).

De posse das leituras citadas, fui a campo em busca das minhas respostas. A minha chegada a campo se deu de muitas dúvidas sobre como iria conduzir a pesquisa, como seria a minha abordagem com meus interlocutores, e a pergunta que rondava meus pensamentos era: vou conseguir responder minhas perguntas? Todo o aporte teórico que busquei contribuiu muito, e lá no Aê busquei colocar em prática tudo que havia aprendido da melhor forma possível, porém ainda assim a insegurança era grande em ter uma pesquisa artificial como cita Malinowski (1978) e resolvi viver um dia de cada vez de minha pesquisa.

De uma maneira geral, quando um antropólogo vai a campo estudar uma cultura, o primeiro obstáculo a ser enfrentado é aprender a língua local. Embora muitas vezes falem o mesmo idioma, a linguagem é diferente em cada localidade. Os “professores de língua”, que assim podem ser chamados, ensinam os vocabulários, os nomes para determinada coisa, ou seja, aprendem coisas simples, para facilitar o diálogo com o nativo. Uma passagem do texto de Schneider (1968) remete perfeitamente esse primeiro contato do antropólogo com uma cultura desconhecida por ele:

Em um sentido muito fundamental o antropólogo é como uma criança que deve ser socializado. Ele tem que ser ensinado o certo do errado de acordo com os padrões da cultura que ele está estudando. Ele tem que aprender o que fazer e o que não fazer, como fazê-lo e como não fazê-lo, o que vale a pena fazer e o que não é. Ele tem que aprender os nomes para as coisas e que suas propriedades são, quais são seus valores e que perigos se escondem abaixo deles ou atrás deles ou dentro deles, ou em torno deles. E, assim como uma criança, uma das coisas mais importantes que ele tem que aprender é a língua; somente quando ele aprendeu a falar a língua bem o suficiente que ele realmente começa a perceber as sutilezas e textura completo do tecido da cultura que ele está estudando (p. 09).

E sim, eu me sentia uma criança que deveria aprender de tudo na melhor perspectiva com o objetivo de obter bons resultados. Eu deveria fazer como? Apenas observar, participar das atividades, anotar, gravar ou fazer tudo ao mesmo tempo? O texto de Guber (2001) me direcionou nessas escolhas relatando que a observação e a participação me traria respostas diferenciadas quanto a mesma realidade e assim fiz segui minha estratégia de campo.

Quando um antropólogo inicia um trabalho de pesquisa em uma cultura diferente da sua, é de extrema importância aprender a língua local. Embora possam até falar o mesmo idioma, mas os vocábulos e as expressões sempre serão diferentes, dificultando a comunicação inicial entre o pesquisador e os informantes. Segundo Lévi Strauss (1976), neste caso a interpretação dos vocábulos se torna crucial para a manutenção das palavras ao “pé da letra”, caso contrário, as palavras terão ideias gerais. Assim, palavras como rosa, orquídea etc., no contexto geral são flores, porém os tipos de flores possuem somente um sentido, enquanto flores podem ter muitas variedades, sendo mais rica em conceitos. Estes saberes e os meios linguísticos que cada cultura apresenta são também chamados de Morfologia, pois cada coisa ou objeto possui sua determinada função e denominação, a exemplo citado na língua Tewa estão as partes das plantas e do corpo humano.

Considera-se a pesquisa etnográfica como uma experiência pessoal. O antropólogo não procura tornar-se um nativo ou copiá-lo, e sim tentar compreender os seus costumes, por meio das conversas durante a convivência. A cultura não é um poder, não se pode atribuir aos acontecimentos sociais, comportamentos, instituições ou processos, ela é um contexto, podendo ser descrita de forma inteligível, com densidade. Para entender a cultura de uma localidade, expõe-se a sua normalidade e as suas particularidades, quanto mais se segue os costumes de um povo, mais lógicos e compreendidos serão. Sendo assim, o etnógrafo escreve, observa, registra, analisa, em busca de uma melhor compreensão acerca dos fatos, ou seja, não estudam a localidade (aldeias, cidades e vizinhanças), estudam na localidade (GEERTZ, 1978).

O informante é uma peça crucial para conhecer uma determinada cultura. A mensagem deve ser transmitida ao informante da forma como o antropólogo quer saber sobre o assunto questionado, como ele o vê, como ele entende, o que significa e o que é para ele. No início de qualquer busca de informações, o antropólogo deve assumir a posição que ele desconhece o assunto levantado, sendo fundamental ele demonstrar que nada sabe, que busca um aprendizado profundo acerca daquela cultura. Os bons informantes devem ser separados dos maus informantes, pois um bom informante trará ao antropólogo informações precisas e

úteis. Um mau informante não demonstrará precisão ao compartilhar as informações, dizendo apenas sim ou não, certo ou errado, e assim por diante (SCHNEIDER, 1968).

Segundo Geertz (1997), muitas questões são indagadas acerca da interpretação do antropólogo diante do mundo como um nativo. Um exemplo de interpretações é o diário de campo de Malinowski, sobre o qual se levantou uma grande discussão devido à forma como era abordada a sua vivência com os nativos, a questão levantada é “como é possível um antropólogo chegar a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente ou percebe o mundo?” Durante anos buscaram-se maneiras para a resposta desta pergunta, embora soubesse que era necessário o antropólogo buscar sempre ver o mundo do ponto de vista do nativo, mas formulações foram aderidas, tais como: descrições que são vistas “de dentro” versus as que são vistas “de fora”, ou descrições “na primeira pessoa” versus aquelas “na terceira pessoa”; teorias fenomenológicas *versus* objetivistas, ou cognitivas *versus* comportamentais; análises êmicas versus análises éticas, experiência próxima e experiência distante. Estas duas últimas análises são as formas mais simples e diretas de se buscar um melhor contato e entendimento acerca do ponto de vista do nativo.

Para Malinowski, o etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e cuidado todos os fatos que caracterizam os aspectos da cultura “tribal” sem privilegiar aqueles que possam vir a ter admiração ou algo que considere estranho, deixando de lado os fatos comuns e corriqueiros. Deve observar a cultura nativa na sua totalidade de seus aspectos, tais como os aspectos das leis, da ordem e a coerência, pois quando os unem, correspondem a um todo coerente. Um etnógrafo que vai a campo em busca de observar apenas uma área de pesquisa, pode vir a ter uma pesquisa artificial e acabar prejudicando o seu trabalho (MALINOWSKI, 1978).

Segundo Malinowski (1978), quando se vive na aldeia, sem qualquer responsabilidade a não ser a de observar a vida nativa, o pesquisador observa os costumes, as festas, as atividades cotidianas etc., muitas vezes absorve suas crenças, passando a viver por um determinado tempo a vida do nativo.

Fazer etnografia é um desenraizamento de sua cultura, uma forma de ver o mundo de outra maneira, adentrar de “cabeça” no mundo que se pretende conhecer, um período prolongado de conversas com as pessoas que se pretende entender, analisar os dados observados e colocar em ordem mediante uma escrita realista e intersubjetiva, sempre de maneira precisa, obedecendo a coerência dos dados coletados na pesquisa.

A fala, a língua, de fato revela muito sobre um grupo cultural. O discurso e a sintaxe em todas as línguas proveem de recursos indispensáveis para complementar os vocábulos. As palavras possuem significados diferentes em cada região. Uma palavra utilizada em uma cultura não possui o mesmo significado quando utilizada em uma cultura diferente. Cada localidade apresenta seus vocábulos específicos agregando valores sejam nos nomes de plantas, animais, objetos, dentre outros. Para Morgan, citado por Sahlins (1979), a linguagem é um meio privilegiado da cultura, por meio dela podemos conhecer um mundo diferente.

No entanto, para Malinowski, a linguagem não classifica a experiência, ela é dividida pela própria experiência, pois uma palavra se diferencia da outra no contexto do mundo real. Para facilitar o entendimento, Malinowski adotou a doutrina dos homônimos, concluindo que as palavras são um conjunto acidental de homônimos, que não existem palavras e sim um conjunto de sinais contextuais, devido à mesma palavra possuir diversos significados em diversos contextos.

Minha experiência no Aê me mostrou essa diferenciação do significado das palavras. A língua falada na localidade é a mesma da minha, porém são realidades completamente diferentes e isso me mostrou uma diferença no nosso dialeto. O mundo da atividade pesqueira detém uma linguagem própria e tive que aprendê-la no dia a dia, e acabava incorporando na minha realidade. Diversas vezes quando eu retornava para minha residência, continuava a falar na mesma linguagem dos pescadores, a transição era lenta.

Devido a essas relações, a escrita da etnografia deve ser realizada cuidadosamente, respeitando os vocabulários nativos, colocando-os no formato real, pois Geertz (2005) afirma que a etnografia seja uma espécie de escrita. Porém para que o etnógrafo tenha um bom texto final, ele necessita ir a lugares, ou como o próprio autor fala “estar lá”, colher informações sobre como as pessoas vivem, tornando essas informações disponíveis às comunidades especializadas, ao invés de pesquisar somente revisões bibliográficas. A minha vivência no Aê me permitiu escrever com mais propriedade sobre a realidade do local, a atividade que desenvolvem, eu precisei estar lá para entender como os pescadores se relacionam em prol da pesca de curral, e foi de suma importância para obter as minhas respostas e responder as minhas angústias.

Geertz (2005) ainda afirma que é “estando lá” que o etnógrafo consegue convencer o leitor na sua escrita que de fato conviveu com a comunidade estudada, viveu outro estilo de vida, pois são textos ricos em detalhes, que somente vivendo aquela realidade você poderia

escrever sobre ela, conseguindo assim chegar ao seu objetivo final na escrita, que é convencer o leitor.

Porém, é no “estar aqui”, citado por Geertz (2005), que o pesquisador faz com que seu texto seja lido, publicado, criticado, citado e ensinado. É na escrita que o autor irá expor suas observações, percepções etc., devido a esses fatores, não é uma tarefa fácil, pois necessita ter cautela para poder expor suas observações as quais buscou em campo. Como mencionado, a escrita me causou muitas dúvidas, e escrever em primeira pessoa me gerou muita inquietação, como descrever tudo o que eu vivi no Aê. No princípio me parecia uma tarefa fácil, porém a prática fez a diferença, e articular as ideias de forma que eu pudesse convencer o meu leitor me pareceu no primeiro momento uma tarefa complicada. No entanto, construindo de pouco em pouco, foi superado essa dificuldade.

Ao olhar para os textos etnográficos, observa-se sua construção, muitas vezes para persuadir o leitor, passando a ter muito mais por que responder. Sendo assim, Geertz (2005) afirma que devemos olhar a Antropologia como uma boa leitura e não ter receio de escrever como citado em seu texto no trecho a seguir:

Mas vale a pena correr esses riscos, e não apenas porque algumas questões centrais giram, de fato, em torno dos jogos de linguagem em que optamos por entrar, ou porque nem o realce do produto nem a argumentação tendenciosa são exatamente desconhecidos na luta cada vez mais desesperada por chamar a atenção, ou porque escrever para agradar tem um certo mérito, pelo menos em contraste com escrever para intimidar (p. 186).

Escolher a etnografia para realizar meu trabalho foi um grande desafio. Imergir na realidade do Aê teve seus percalços e seus encantos como toda pesquisa, entender toda a dinâmica do local me gerou várias dúvidas que foram sanadas ao longo do estudo. E essas respostas só foram possíveis por dois motivos: 1. o método de pesquisa escolhido, ainda que estivesse sendo uma antropóloga aprendiz e; 2. a minha trajetória de vida, pois ser neta de pescador me permitiu uma familiaridade com a realidade e a linguagem dos pescadores, abrindo assim possíveis interlocuções com os curralistas.

1.5.2 Ecologia Humana: uma ferramenta para compreensão da relação homem-natureza

Esta tese traz, então, essa perspectiva sobre uma atividade humana tão importante: a pesca. Sobre ela uma vasta literatura se estende, e que é tratada no decorrer deste texto. Debruço-me particularmente sobre um olhar marcado pela ecologia humana, ou mesmo a

etnobiologia. São essas as ferramentas que orientaram meu olhar na articulação com a Antropologia Social na tessitura entre relações sociais e meio ambiente.

Parto da compreensão de que o trabalho de campo, como caminho para uma produção etnográfica, permite um processo de problematização constante (PEIRANO, 2014), o que significa, no caso deste trabalho, repensar a relação homem/ambiente em uma perspectiva que se insere dentro do escopo da Ecologia Humana. Nesse sentido, algumas considerações devem ser aqui tratadas, no que se refere à antropologia, à ecologia e a ecologia humana, de forma a conduzir o leitor sobre como meu olhar foi orientado em campo.

Segundo Begossi (2004), a Ecologia Humana envolve estudos da interação entre a população humana e os recursos naturais. As relações ecológicas estão ligadas aos seguintes fatores, segundo a autora: o contato direto com os recursos naturais, a observação diária desses recursos e a dependência econômica de recursos aquáticos e da vegetação. No entanto, a partir do momento em que o espaço urbano vai se adentrando, os recursos deixam de ser obtidos diretamente da natureza e passam a ser obtidos do mercado industrial, tornando as relações mais econômicas que ecológicas.

A ecologia humana estuda as relações existentes entre os indivíduos e as distintas comunidades da espécie humana, assim como suas interações com o ambiente que habitam, em níveis fisiográfico, ecológico e social. Temas como doenças, epidemias, problemas de saúde pública e de qualidade ambiental são discutidos na ecologia com o objetivo de auxiliar no reconhecimento das possíveis causas dos desequilíbrios ambientais na sociedade humana, e sugerir soluções alternativas ou mitigadoras (PIERSON, 1970; MACHADO, 1984; KORMONDY & BROWN, 2002; OLIVEIRA; SILVA & MOURA, 2016).

Partindo desse princípio, a Ecologia Humana adota uma abordagem interdisciplinar, buscando compreender a complexidade das relações física, social, política e econômica estabelecidas na interação entre os humanos com o seu meio ambiente. É necessário pautar uma epistemologia baseada no pensamento complexo em busca de abranger todos no processo socioambiental, seja na relação biótica e abiótica¹² no meio ambiente, considerando o ser humano como parte integrante e importante desses processos (SILVA & MOURA, 2016).

¹² Fatores bióticos (bio=vida) são todos os elementos causados pelos organismos em um ecossistema que condicionam as populações que o formam, exemplos: animais e vegetais. **Fatores abióticos** (a=não, bio= vida) são todas as influências que os seres vivos possam receber em um ecossistema, derivadas de aspectos físicos, químicos ou físico-químicos do meio ambiente, tais como a luz, a temperatura, o vento etc. Estes fatores interagem entre si e com os fatores bióticos, garantindo o perfeito funcionamento dos ecossistemas em nosso planeta (KORMONDY & BROWN, 2002; ODUM, 2012).

De acordo com Machado (1984), o estudo de Ecologia Humana é uma área particularmente complexa por abranger a intervenção dos fatores bióticos e abióticos com a ecologia de plantas e animais e a inteligência e criatividade do homem, pois é uma espécie com capacidade de alta eficiência em se comunicar, capazes de modificar o ambiente natural e criar um ambiente construído, para explicar o conceito o autor expõe a seguinte explanação:

Considera-se o homem como um todo, um sistema de órgãos e de funções, dotado de instintos e de inteligência, com um patrimônio genético e cultural. Considera-se meio ambiente o sistema constituído pelo universo biótico, abiótico e social em relação ao homem (p. 32).

Os conhecimentos dos povos tradicionais são os que processam essas interações com meio ambiente por possuírem vivência mais diretamente com a natureza, possuindo um forte componente simbólico. São conhecimentos de tempos imemoriais, chamando atenção acerca dos estudos de Ecologia Humana por possuírem novas dimensões de percepções do meio ambiente, no âmbito de uma territorialidade do subjetivo. Esse estudo pode ser pautado no pensamento da complexidade envolvendo aspectos socioambientais, levando em consideração a importância das contribuições dos povos tradicionais em busca da sustentabilidade (OLIVEIRA; SILVA & MOURA, 2016).

A propositura epistemológica da Ecologia Humana está na valorização do entendimento das relações socioambientais das populações tradicionais para a construção de um pensamento que considere os seus saberes, buscando uma consciência ecológica incluso de parâmetros sustentáveis, diante à crise civilizatória atual (OLIVEIRA; SILVA & MOURA, 2016).

A Ecologia Humana passou a percorrer caminhos diferenciados traduzindo sua abordagem interdisciplinar. Na área de Ecologia pode se encontrar enfoques distintos oriundos das diversas linhas de estudo, ocasionando conjunções diferenciadas entre áreas como Ecologia/Antropologia (BEGOSSI, 1993). De acordo com Diegues (1999), a etnociência vem apoiando a ecologia social em diversos ramos como Etnoecologia, Etnobotânica, Etnoictiologia, Etnobiologia etc., onde o conhecimento tradicional é considerado de extrema importância para a conservação do ecossistema. Segundo Hanazaki (2006), a Etnoecologia tem suas origens na Antropologia, embora tenha influências de outras áreas e atualmente possui área de confluência nas áreas de Ciências Biológicas e Ciências Humanas.

A Etnoecologia busca evidenciar o ponto de vista da população sobre uma série de fatores ecológicos, sociais e culturais. O método etnoecológico considera que o conhecimento do homem em relação ao meio ambiente tem um efeito sobre os seus atos. A compreensão das

estruturas cognitivas de uma população é de grande valia para o entendimento etnográfico e ecológico (MORÁN, 1990).

De acordo com Morán (1990), dentro da área de estudo de Ecologia Humana, autores se destacaram com seus métodos e corpo teórico na Ecologia Cultural como Julian Steward, o qual apresentou métodos e teorias, não para uma análise do homem ou do meio ambiente separadamente, e sim para uma análise do processo de utilização de recursos naturais por populações humanas. Segundo o autor, o ambiente não é estudado em sua totalidade ou em uso de índices gerais tais como clima ou umidade, mas a partir da maneira pela qual a população é reconhecida. Sendo assim, o autor abrange três aspectos no estudo de Ecologia Cultural, ressaltando que somente seguindo esses aspectos, o processo de relação homem/ambiente pode ser compreendido:

- Aspecto descritivo: neste quesito se identificam os elementos da cultura material relacionados ao uso de recursos pelas populações, incluindo também uma descrição das dimensões ambientais explorados pela população;
- Aspectos de organização social relativos ao uso de tecnologia de exploração de recursos específicos: descrevem-se também os requisitos de organização social necessários para explorar recursos, como a coleta de determinados frutos que amadurecem em determinada época do ano levando a população a se organizar para tal período. Isto pode implicar em grupos organizacionais com base em mitos, rituais, parentesco etc.
- Aspecto dos padrões de organização social e uso do meio ambiente: nesse aspecto busca-se compreender como as relações de subsistência interagem com ideologia, ritual e outras dimensões da vida humana. Faz-se uma pesquisa ecológica relacionada a fatores demográficos, assentamento, parentesco, apropriação e uso da terra, entre outros.

Segundo Diegues et al. (1999), as culturas e os saberes tradicionais podem colaborar para manutenção da biodiversidade do meio ambiente. Esses saberes tradicionais são resultados de uma coevolução na relação entre as sociedades e o meio ambiente, permitindo a conservação de um equilíbrio entre ambos. Diante disso, o interesse foi despertado pela diversidade cultural, também ameaçada pela mundialização de modelos culturais dominantes expressados na seguinte frase: “Se se aborda a biodiversidade sob o aspecto dos meios

naturais, é necessário não esquecer que o homem também construiu paisagens, implementou sistemas agrícolas, domesticou e diversificou numerosas espécies animais e vegetais” (p.15).

A Etnografia me permitiu conhecer a fundo o Aê, mas a literatura sobre Ecologia Humana me fez refletir sobre a relação que essa população tinha com o meio ambiente, que significado teria na vida dessas pessoas. Dúvidas como se era somente uma relação econômica ou não, nortearam meus pensamentos. E buscar essas literaturas ajudou na compreensão dessa relação, que vai além da relação econômica, uma vez que possuem uma relação afetiva, de respeito, levantando sempre a questão de cuidar para as próximas gerações, ou seja, usar de forma sustentável o recurso a fim de garantir a para as gerações futuras.

1.5.3 Uso do recurso comum

Partindo da reflexão da relação do homem e o meio ambiente, trago uma reflexão acerca do uso do recurso comum, sendo este utilizado cotidianamente na localidade.

Os recursos naturais utilizados com regime de livre acesso pelos indivíduos são classificados como recursos comuns. Estes incluem peixes, vida selvagem, águas superficiais e subterrâneas, pastagem e floresta etc. E é a partir desses recursos que o homem faz uso na extração de produtos para fins de uso pessoal, troca e venda de produtos no comércio (FENNY et al., 2001; OSTROM, 2002).

Os regimes de propriedade comum¹³ no passado eram implantados por comunidades com fins benéficos de longo prazo do manejo de recursos naturais e se disseminou por todo o planeta. Com as mudanças tecnológicas e econômicas, provavelmente alguns regimes tenham desaparecido naturalmente, ao passo que as comunidades tradicionais optaram por outras relações ambientais, como regimes de propriedade particular ou pública e esses regimes apresentavam argumentos de aumento na eficácia do uso e proteção em longo prazo dos recursos naturais. No entanto, essa substituição dos regimes de propriedades comuns não surtiu muito efeito em promover o manejo sustentável de recursos (MCKEAN & OSTROM, 2001).

Nas últimas décadas as mudanças na utilização dos recursos naturais vêm alterando gradativamente, acarretado pelas ações individuais equivocadas, afetando o uso coletivo dos recursos naturais. Hardin (1968), em sua tese, já enunciava a Tragédia dos Comuns,

¹³ Propriedade comum ou regime de propriedade comum aludem-se aos arranjos de direitos de propriedade onde grupos de usuários dividem os direitos e responsabilidade sobre os recursos naturais. Propriedade comum se designa a um determinado grupo de indivíduos particular que dividem direitos de acesso aos recursos, ou seja, o acesso a esses recursos é destinado a um determinado grupo, não se caracterizando por acesso livre a todos, mas sim como acesso limitado por parte de um grupo específico (MCKEAN & OSTROM, 2001).

ocasionada pelo uso irracional dos recursos comuns. A utilização exacerbada dos recursos naturais em livre acesso acaba por fim degradando o meio ambiente, valorizando os interesses individuais e não os interesses coletivos. Nesse sentido, o mesmo autor conclui que a propriedade comum sendo convertida em propriedade privada, ou a implantação de normas governamentais ao uso dos recursos, seriam formas de prevenir a tragédia.

De acordo com Hardin (1968), o crescimento populacional é o principal motivo do uso irracional dos recursos comuns, especialmente as realizadas em locais de livre acesso, sem qualquer controle ou normas, a exemplo temos os rios, mares e uso da terra. Segundo Diegues e Arruda (2001), uma forma de minimizar esses impactos no meio ambiente é a formação de uma Reserva Extrativista (RESEX), já que possui o objetivo de garantir a proteção do ecossistema, beneficiando as populações tradicionais do entorno da reserva¹⁴.

A criação de parques e reservas se deu primeiramente nos Estados Unidos com o objetivo de proteger a vida selvagem ameaçada pela civilização urbano-industrial. Essas áreas naturais protegidas buscam preservar os espaços com características ecológicas importantes. No entanto, os parques não permitem a moradia de pessoas em seu interior, somente visitas, onde pudessem renovar as energias gastas na vida cotidiana, buscando uma representação do paraíso perdido. Acreditava-se que a intervenção humana transformava o mundo natural, e retirando essas populações das áreas protegidas, buscava-se restituir áreas naturais em seu estado primitivo anterior a interferência humana (DIEGUES, 2001).

Porém, os cientistas ligados às ciências naturais e sociais começaram a construir outro tipo de ciência e prática de conservação, chamado de ecologia social ou ecologia dos movimentos sociais. Esses estudiosos constataram o insucesso de muitos parques nacionais e áreas protegidas de uso indireto com argumentos de ordem ética, política, cultural e ecológica. Analisando do ponto de vista ético, seria injusto retirar comunidades que habitavam as áreas de florestas há várias gerações, e de acordo com o seu modo de vida e uso tradicional dos recursos naturais, seriam responsáveis pela conservação dos ambientes transformados em áreas protegidas. E do ponto de vista cultural, as práticas de manejo e a gestão de áreas naturais podem estar ligadas à visão de mundo e às práticas culturais e simbólicas denominadas comunidades tradicionais (DIEGUES, 2001; DIEGUES & VIANA, 2004).

Alguns fatores tornam as comunidades tradicionais parceiras na conservação do meio ambiente, como: a dependência em relação aos recursos naturais, a estrutura simbólica, o sistema de manejo desenvolvimento no espaço e o seu isolamento. Tomando como base esses

¹⁴ A obra de Ronaldo Lobão (2006) é um marco sobre resultados e impactos das RESEX no ordenamento ambiental, discutindo a trajetória das reservas extrativistas marinhas enquanto uma política pública.

fatores, os conservacionistas devem valorizar os aspectos culturais, buscando a proteção do mundo natural e melhoria das condições de vida das comunidades nativas (DIEGUES & VIANA, 2004).

Os sistemas de manejos dos recursos naturais adotados pelas populações tradicionais estreitam sua relação com a natureza, sendo que essa relação não é destinada para fins econômicos e para suprir as necessidades de um grupo social de forma harmônica, buscando a preservação dos ecossistemas por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo de gerações. Essas culturas se distinguem da sociedade capitalista, que buscam somente o lucro sobre os recursos naturais, se utilizando de forma insustentável desses ambientes (ADAMS, 2000; DIEGUES, 2001).

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)¹⁵, é indispensável a proteção dos recursos naturais na subsistência das populações tradicionais, valorizando e respeitando seus conhecimentos tradicionais e sua cultura. O conhecimento tradicional possui um saber precioso, com valor próprio, que independe de parâmetros de sua veracidade. Esse conhecimento deve ser valorizado e não desprezível e infalível (CUNHA, 1999). Segundo Diegues et al. (2000) e Aragão & Souza (2009), a relação dessas populações com os ciclos naturais é marcada pelo respeito, pois revelam um complexo conhecimento adquirido de seus antepassados, por intermédio de mitos¹⁶ e símbolos, garantindo a manutenção e ao uso sustentável dos recursos naturais. Vale salientar que em muitas sociedades, sobretudo as indígenas, há uma conectividade entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social.

Na teoria indígena, os humanos veem os animais e outras subjetividades de forma diferente da maneira como esses seres os veem, e se veem como os deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, objetos e artefatos (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, 2004). Nesse sentido, Descola (1998) relata que as cosmologias indígenas não diferenciam as ontologias humanas e o grande número de animais e plantas, e sim há uma interligação entre essas espécies, conectadas pelo princípio da sociabilidade, em que há uma completa relação dos humanos vivos ou mortos, das plantas, dos animais e dos espíritos, logo estando sujeita a mutações. Vale salientar que na cosmologia

¹⁵ Segundo a Lei nº 9.985/2000, o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) “é o conjunto de unidades de conservação (UC) federais, estaduais e municipais, cujos objetivos específicos se diferenciam quanto à forma de proteção e usos permitidos: aquelas que precisam de maiores cuidados, pela sua fragilidade e particularidades, e aquelas que podem ser utilizadas de forma sustentável e conservadas ao mesmo tempo” (MMA, 2016).

¹⁶ De acordo com Viveiro de Castro, os mitos podem ser definidos da seguinte forma: “São povoados de seres cuja forma, nome e comportamento misturam inextricavelmente atributos humanos e animais, em um contexto comum de comunicabilidade idêntico ao que define o mundo intra-humano atual” p. 118.

indígena, a natureza e outros conceitos de ecossistemas, fazem parte de conjunto de inter-relações, se valendo também para outras sociedades tradicionais. No plano ontológico, os bons espíritos e seus avatares, animais são semelhantes aos humanos, considerados parentes próximos, consanguíneos ou afins, sendo que essa dádiva é vista como uma prova de generosidade que se estabelece entre pessoas com proximidade pelo parentesco.

Os conhecimentos tradicionais são tão diversos, que culturas vizinhas podem identificar em um mesmo animal, planta, características completamente diferentes, até mesmo atribuir função simbólica idêntica a espécies de mesmo gênero ou reinos diferentes (DESCOLA, 2011). Nesse contexto, as populações nativas possuem técnicas próprias de uso e manejo do ecossistema. Esse conhecimento se mostra importante na formulação de proposta de manejo e conservação do ecossistema, baseado no uso sustentável do recurso (MOURA; MARQUES, 2007).

1.6 São Caetano de Odivelas: a terra do caranguejo

O município de São Caetano de Odivelas (Figura 4) é banhado pelo estuário dos rios Mocajuba (serve de limite natural, a leste com os municípios de Curuçá e São João da Ponta), Barreta (limite natural com o município de Vigia) e Mojuim (é considerado o rio mais importante no município, por formar toda a bacia hidrográfica da região e por margear a cidade no sentido sul/norte antes de desembocar na baía de Tapari), possuindo uma diversidade em sua ictiofauna, devido à influência que recebe da dinâmica estuarina e fluvial (FIDELLIS, 2013).

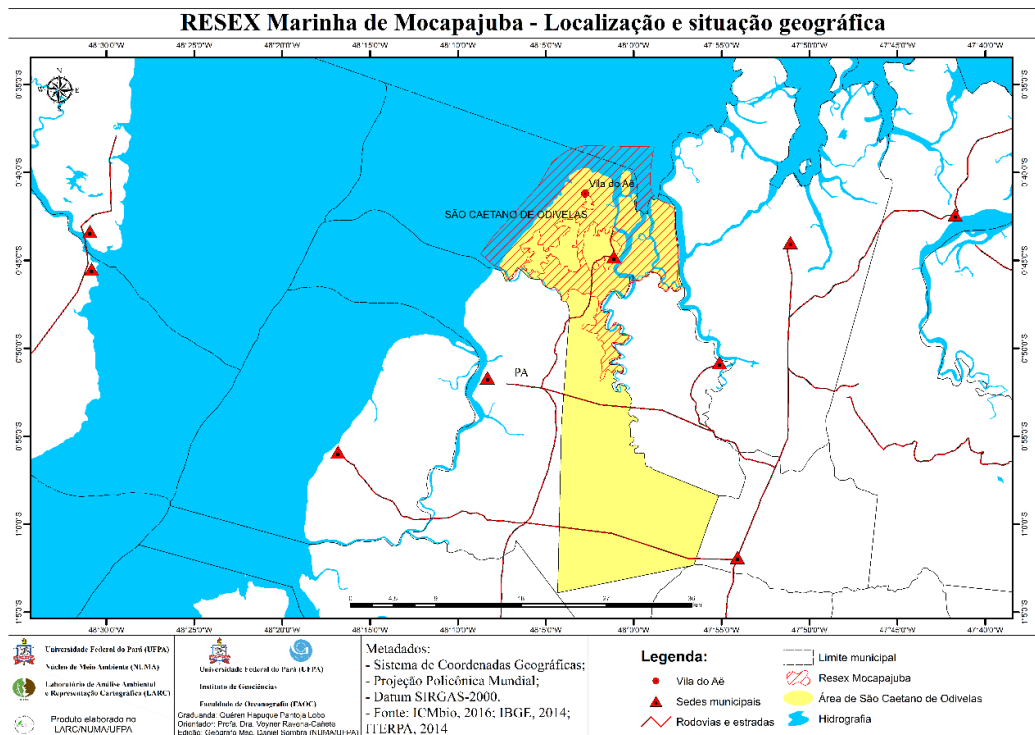


Figura 4: Mapa de localização do município de São Caetano de Odivelas e a localidade do Aê
 Fonte: Icmbio (2016)

Pertence à mesorregião Nordeste do Estado do Pará, e sua cidade-sede se localiza a $00^{\circ}44'33''$ S e $48^{\circ}01'03''$ W, a 97 km de Belém-PA, possuindo como principal acesso ao município a rodovia PA-140 (SEPOF, 2011). Seus limites estão ao norte com o oceano Atlântico; à leste com o município de Curuçá; à oeste com o município de Vigia. Possui uma área com 724,10 km², com 17.344 habitantes, dividida em três distritos: o distrito sede São Caetano de Odivelas, Perseverança (Região do Mojuim) e Pereru (IBGE, 2014; FIDELLIS, 2013). A população possui sua economia baseada na pesca tradicional, na agricultura, no extrativismo e na coleta dos organismos aquáticos nos manguezais (PICANÇO, 2012).

Em 2014, o ICMBIO realizou um estudo no município de São Caetano de Odivelas para a então criação da reserva extrativista na região. Dentro deste estudo tem-se um levantamento das atividades realizadas nas comunidades de abrangência da RESEX. As atividades como a “tiração” do caranguejo, a pesca do camarão e a pesca, seja de curral, artesanal e ribeirinha foram as principais atividades de geração de renda citadas. As atividades realizadas nas comunidades e quais são utilizadas para a geração de renda das famílias (Quadro 1).

Quadro 1: Atividades exercidas nas comunidades pertencentes à RESEX Mocapajuba

Comunidade	Atividades geradoras de renda/consumo									Comércio
	Mariscagem									
	Agricultura	Pescaria	Caranguejo	Siri	Camarão	Ostra	Mexilhão	Sururu	Turu	
S. João do Ramos										
Ilha S. Miguel										
Pereru de Fátima										
Aê										
Alto Pereru										
Alto Camapu										
Camapu-Miri										
Boa Vista										
Espanha										
Madeira										
Itapepoca										
Jutaí										
Sta. Maria da Barreta										
Monte Alegre										
Ponta Bom Jesus										
Cachoeira										
Pepeua										

Fonte: Adaptado de ICMBIO (2014)

Legenda: **Consumo**; **Consumo e venda**; **Criação e venda**; **Grude**; **Marretagem de peixe e grude**; **Grude e mel**; **Barcos de tonelagem e grude**.

Este município encontra-se em uma região quente e úmida, recortada por estuários, possuindo uma rica rede de drenagem, favorecida por estar em contato direto com o oceano Atlântico, permitindo condições ecológicas ideais para a formação de extensos manguezais (Figura 5). Este é um ecossistema de suma importância para a população local, por ser uma área de importância ambiental e fonte de renda para a população tradicional. Os recursos do mangue explorados pelas comunidades locais são a extração do mel, a coleta de caranguejo e a retirada da madeira para a construção de canoas, currais e extração de tanino (substância de cor extraída da *Rizophora mangle* para fabricação de tinta) (PICANÇO, 2012).



Figura 5: Área de manguezal da comunidade
Fotografia: Palheta (2016)

A localidade onde se deu a pesquisa foi a Comunidade do Aê, pertencente à Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba em São Caetano de Odivelas, no nordeste do estado do Pará a 97 km de sua capital, Belém representada na figura a seguir.

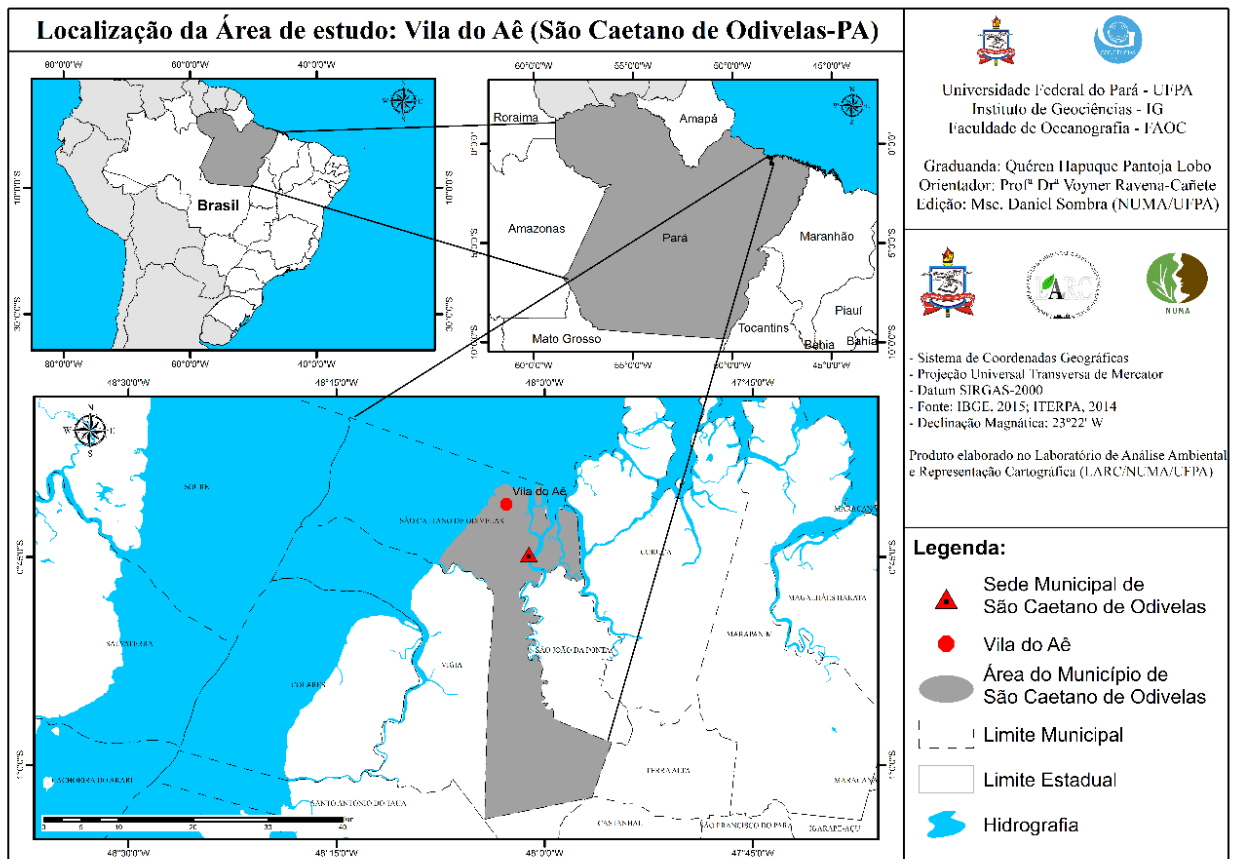


Figura 6: localização do Aê

Fontes: IBGE (2015); ITERPA (2014)

Possui como principal atividade a pesca representada na Figura 7, especialmente a pesca de curral. Localizada às margens do rio Itaipu, a vila apresenta uma riqueza de recursos naturais, sendo considerada pelos moradores um local privilegiado.

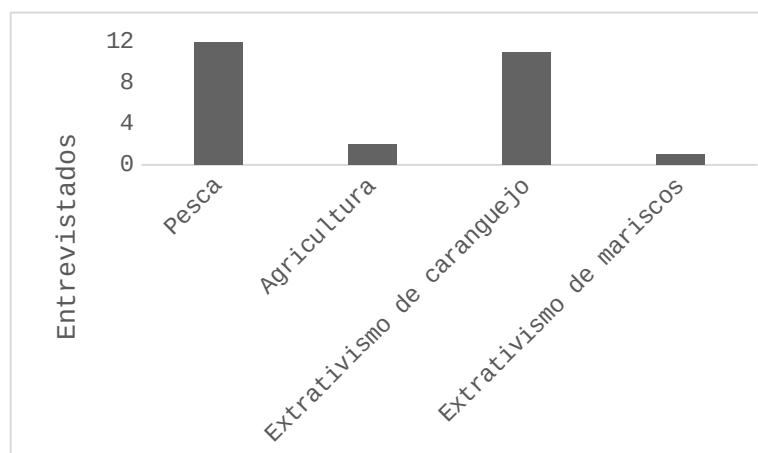


Figura 7: Principais atividades econômicas exercidas no Aê
Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Diversas atividades são exercidas no Aê. O pescador se reveza entre a pesca de curral, a pesca de rede, a pesca do camarão, siri, caranguejo, e todas essas pescas ocorrem em um ritmo oscilante, acompanhando o ciclo das águas, as sequências dos períodos chuvosos e secos que marcam o estuário paraense. A atividade pesqueira, portanto, se desenha em uma constante sazonalidade entre diferentes artes de pesca, já que o recurso varia. Ao longo do ano o pescador do Aê dispõe de diversos tipos de recursos naturais. Os moradores relatam que essa disponibilidade dos recursos se dá pela localização do Aê, e devido a este fator, acreditam serem privilegiados. Descrever essa riqueza de recursos, artes e apetrechos permite visualizar um Aê desenhado por uma riqueza pesqueira que o destaca. Dessa forma, e aproximando o olhar sobre a localidade e suas práticas pesqueiras, podemos observar no Quadro 2 as atividades realizadas na localidade, quem são as pessoas envolvidas nessas atividades e a ocorrência ao longo do ano de cada uma.

Quadro 2: Atividades desenvolvidas no Aê e suas características

ATIVIDADE		ATOR SOCIAL	CARACTERÍSTICA DA ATIVIDADE	PERÍODO DE OCORRÊNCIA
PESCA	Pesca de curral	Dono de curral	Econômica e subsistência	Construção dos currais: março a maio. Safrá: maio a agosto
		Marcador de curral		
	Pesca de rede	Marreteiro de peixe	Econômica	O ano todo
		Pescador parceiro	Econômica e subsistência	O ano todo
		Pescador empregado	Econômica	
EXTRATIVISMO DE MARISCOS	Extrativismo de camarão	Extrativista autônomo	Econômica e subsistência	Julho a fevereiro. Safrá: dezembro a fevereiro
		Extrativista empregado	Econômica	
		Marreteiro de camarão		
	Extrativismo de siri	Extrativista autônomo	Subsistência	Janeiro a abril
	Extrativismo de caranguejo	Extrativista de caranguejo	Econômica e subsistência	Setembro a dezembro
		Marreteiro de caranguejo	Econômica	
AGRICULTURA FAMILIAR	Roça	Família	Subsistência	O ano todo
		Vizinhos		
	Produção de farinha	Família		
		Vizinhos		
	Cultura permanente	Família		
Horta				
criação de animais	Criação de pequenos animais domésticos	Família	Subsistência	O ano todo

Fonte: adaptado EHNAPAM (2016)

No quadro acima pode ser observado os diversos tipos de atividades que os moradores realizam ao longo do ano. A atividade pesqueira na localidade se mostra uma forte atividade econômica com toda a sua diversidade e riqueza, e os pescadores conseguem aproveitar toda a disponibilidade de recurso para o sustento de suas famílias.

Diante de todo o cenário apresentado, toda a riqueza de dados a serem explorados, o trabalho de campo foi marcado pela experiência de uma antropóloga aprendiz. Portanto, inicialmente desenhado em etapas talvez engessadas, mas que se mostraram fundamentais em minha compreensão do que seria um campo etnográfico. A rigidez inicial cedeu lugar a um “estar lá” envolvido em exercícios constantes de relativização, de busca perene da alteridade que me levaria à compreensão das escolhas que meus interlocutores faziam nas atividades pesqueiras.

Assim, os dados desta tese foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, e por meio de observação participante. No método da observação participante, o principal

instrumento de pesquisa é o próprio investigador e os principais artifícios na sua aplicação, são a presença prolongada no contexto social em estudo e o contato direto com as pessoas, as situações e os acontecimentos. A unidade social em observação não pode ser muito extensa e o período de observação não pode ser muito curto, uma vez que o objetivo desse método é recolher o maior número de informação acerca dum vasto leque de práticas e de representações sociais, com o objetivo de descrever e alcançar a caracterização local das estruturas e dos processos sociais que organizam e dinamizam esse quadro social. A conversa informal e a entrevista são situações sociais em que a presença do investigador se impõe de maneira muito forte, se configurando num impacto do processo social de pesquisa muito elevado (COSTA, 1987).

O trabalho de campo foi realizado de 2015 a 2017, sendo que esse período não foi ininterrupto, mas permitiu um fazer etnográfico capaz de produzir os dados necessários para uma etnografia que permitiu revelar as relações sociais de parentesco no cenário da pesca de curral na comunidade do Aê.

Para realizar as entrevistas, tive que adotar critérios de escolhas dos meus interlocutores. Quando cheguei à localidade, o primeiro pescador com quem conversei me alertou para eu abordar pessoas que conhecessem bem a atividade, que fossem me passar informações mais completas. Assim, decidi seguir seu conselho observando e investigando no dia a dia quem eu poderia entrevistar. Então decidi realizar o estudo com os curralistas que trabalham durante o ano todo na atividade, e com curralistas que somente trabalham durante a safra do peixe, que inicia em abril até setembro, nos outros meses trabalham em outras atividades como a pesca do camarão, e com curralistas aposentados (Figura 10). A minha escolha se deu no fato de buscar os diversos tipos de informações acerca da execução da atividade. Os entrevistados foram o pai ou os pais, visto que em algumas famílias as esposas ajudam seus companheiros na pesca de curral, e os filhos que herdaram a linha do curral, ressaltando a importância da transmissão dos conhecimentos tradicionais de pai para filho.

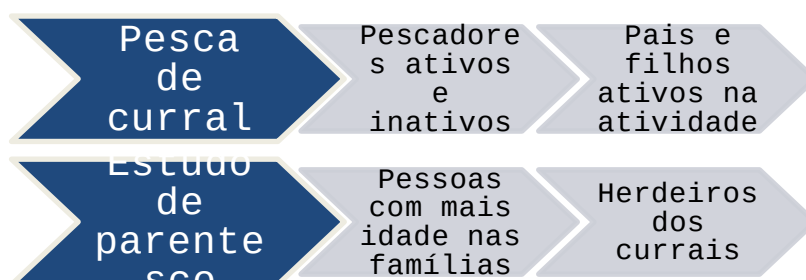


Figura 8:

Fluxograma do critério adotado para realizar o levantamento dos dados na comunidade do Aê
 Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Após este percurso, no qual me apresentei, refleti e no qual também mobilizei categorias importantes para pensar o fazer antropológico, lembro novamente o leitor sobre a pergunta que move esta tese: como a pesca de curral figura como prática importante que envolve de forma particular relações sociais, meio ambiente e saberes locais? Como esses três elementos se interrelacionam desenhando uma prática pesqueira particular e peculiar da costa paraense?

Para responder o problema mencionado, a tese está dividida em 6 capítulos, agregados da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo consta a introdução, onde é realizada uma abordagem sobre a minha trajetória acadêmica, relatando as minhas escolhas quanto à profissão, os caminhos que me levaram até o Aê e as escolhas e os olhares que originaram a confecção desta tese.

O segundo capítulo apresenta a pesca de curral na localidade do Aê, contextualizando a população tradicional pesqueira como sujeitos de pesquisa, tanto do ponto de vista da atividade em si, como do conhecimento necessário para o desenvolvimento da mesma, discutindo a pesca artesanal que demanda um saber tradicional do meio ambiente em particular. Além disso, nesse capítulo consta a descrição da pesca de curral como modalidade que não é contemplada do ponto de vista legal, o que gera uma série de situações de conflito na comunidade.

O terceiro capítulo trata de uma descrição da localidade do Aê. O meu processo de aceitação na localidade se deu lentamente, e neste capítulo descrevo tal marco da minha pesquisa. Ainda neste capítulo apresento a localidade e suas particularidades, como a história do local e porque é bom viver no Aê.

No capítulo quatro apresento o parentesco enquanto uma estratégia de manuseio de vida, de uso do recurso e de relação social. É descrito o significado do curral para os pescadores, o que é a linha de curral e como se dá o processo de transmissão dos currais, haja vista que existe uma relação de descendência e herança especificamente na linha de curral.

O capítulo cinco trata do trabalho desempenhado na atividade dos currais, como os pescadores se organizam, sendo o parentesco o elemento que norteia, organiza e conduz a pesca de curral.

2. CAPÍTULO II: A PESCA ARTESANAL NO CENÁRIO AMAZÔNICO: A PESCA DE CURRAL NO AÊ

Pensar a Amazônia, do ponto de vista socioambiental, significa remeter a discussão a questões que envolvem de forma direta a relação ambiente e sociedade. Ainda que descritas de forma separada, estas se encontram intrinsecamente articuladas e pensá-las nessa perspectiva é, de fato, um exercício complexo. Fazer uso da Antropologia para essa articulação demanda a construção de perspectivas multifacetadas. Nesse cenário vasto, este trabalho se atém à pesca, enquanto prática humana, enquanto interação com o meio ambiente.

A pesca artesanal na Amazônia é uma temática vasta, que envolve diferentes atores sociais, processos produtivos, relações econômicas e sociais. O Salgado Paraense figura como uma área importante dentro deste contexto, dada sua história como primeira ocupação após a chegada dos portugueses à Amazônia, assim como uma localidade importante em decorrência do desembarque pesqueiro na área¹⁷. Dessa sorte, populações tradicionais há centenas de anos ocupam esse espaço, desenhando seu território por meio de práticas particulares de uso dos recursos naturais e formas de organização social que as singularizam.

A pesca realizada por essas populações se destaca como o principal ponto a ser observado e descrito neste capítulo, em especial a pesca de curral. A pesca artesanal se divide em muitas outras modalidades, mas a pesca de curral figura como ponto de interesse deste trabalho, dada a própria constituição do ambiente que proporciona as melhores condições¹⁸ para ser realizada tal atividade, acarretando o uso do ambiente numa perspectiva harmoniosa por parte das populações tradicionais¹⁹.

¹⁷ A região do Salgado Paraense, de acordo com o Icmbio, abrange as reservas extrativistas Mãe Grande de Curuçá, São João da Ponta, Mocapajuba, Mestre Lucindo, Cuinarana, Caeté-Taperaçu, Tracuateua, Maracanã, Araí Peroba, Gurupi-Piriá, Chocoaré-Mato Grosso e Soure. Com o advento das unidades de conservação, o litoral paraense passou a ser objeto de investigação em diferentes áreas do conhecimento, em destaque a área da Antropologia, especialmente por figurar como área de importantes antropólogos atuantes na região, no intuito de estudar grupos de populações tradicionais habitantes dessa região. Dentro dos grupos de pesquisa existentes, podemos destacar o Programa de Estudos Costeiros do centro de pesquisa Museu Paraense Emílio Goeldi, que possui foco no estudo do ecossistema costeiro amazônico, atuando na região do Salgado Paraense há 20 anos e o dentro deste programa tem-se o projeto de pesquisa Renas, que estuda as populações tradicionais haliêuticas com base no seu uso da biodiversidade e seus costumes. O programa possui uma literatura extensa proveniente dos anos de pesquisa no Salgado Paraense, e faço uso das mesmas mencionando ao longo do capítulo devido a importância das pesquisas na região. Para saber mais sobre os grupos de pesquisa citados, consultar: <http://www2.museu-goeldi.br/pec/>. Acesso em: 10/10/2018.

¹⁸ O ambiente onde se localiza o Aê apresenta um desenho de relevo e ecossistêmico particular, que permite os habitantes terem acesso aos recursos naturais provenientes dos manguezais que circundam a região. O manguezal é um ambiente rico em organismos aquáticos, considerado um berçário, atraindo diversas espécies no período de reprodução. Tal condição proporciona a população tradicional do Aê melhores condições na atividade pesqueira, no extrativismo de peixes, crustáceos e moluscos, tanto para o consumo familiar como a fins comerciais.

¹⁹ A pesca de curral domina muitas comunidades na zona do Salgado Paraense. Este capítulo se volta a

Para descrever essa pesca, faço uso de minha experiência de trabalho de campo, da percepção que tive sobre essa atividade e de como ela me tocou na condição de engenheira de pesca. Na condição de estudante de antropologia, no entanto, o olhar é outro. Assim, é na tentativa de me construir como antropóloga que vi na pesca de curral uma relação entre populações tradicionais, recursos naturais e relações sociais, processos interligados e que passo a passo são desenhados pelo ambiente. Pensar a ecologia humana, portanto, aparece como uma questão fundamental, dado que nessa área disciplinar a inter-relação entre seres humanos e ambiente figura como ponto central de seus estudos²⁰, mas neste momento a pesca de curral precisa ser descrita, e a ela este capítulo se detém.

Na primeira seção trago uma discussão sobre a atividade pesqueira na Região Amazônica, abordando a sua importância para as comunidades tradicionais pesqueiras, assim como a pesca de curral dentro de contexto peculiar para essas populações. Na segunda seção apresento a descrição da pesca de curral através do olhar dos pescadores²¹, minha vivência na localidade me permite trazer essa descrição, tanto do sistema de montagem, como os materiais envolvidos e a sua utilização, mas especialmente a importância dessa pesca entre e para esses sujeitos. Descrevo, portanto, as coisas que percebi e que até então pareciam invisíveis na pesca de curral, a relação com o ambiente, as atividades que são dependentes das marés e ciclos lunares, e todo o saber que envolve essas percepções e saberes. A última seção retrata a legislação da pesca de curral, salientando que até o momento essa atividade não possui amparo por uma legislação específica, o que leva esses pescadores à elaboração de suas “próprias legislações” baseada em relações de confiança e reciprocidade entre eles.

2.1 Atividade pesqueira no contexto amazônico

A atividade pesqueira fornece para a humanidade importante fonte de alimento desde a antiguidade, e também emprego e geração de renda para os que se dedicam a ela. Acreditava-

comunidade do Aê em São Caetano e Odívelas como já mencionado, onde de fato a pesca de curral caracteriza essa comunidade e é sobre essa atividade que vamos nos debruçar.

²⁰ O estudo de ecologia humana possui como base o estudo científico das relações entre a população humana e o meio ambiente, dentro desse contexto incluem-se condições naturais, as interações e aspectos econômicos, psicológicos, sociais e culturais (BEGOSSI, 1993; BEGOSSI *et al.*, 2004; ALVIM *et al.*, 2014). Vale ressaltar a importância dos estudos de ecologia humana para compreender como se dá essa relação do homem com o meio ambiente. Alpina Begossi possui destaque na temática, sendo uma autora com relevante produção na área. Este capítulo irá se deter somente a pesca de curral, na introdução foi ampliada a discussão de Ecologia Humana.

²¹ Vale frisar que minhas compreensões sobre os sujeitos estão envoltas pelas limitações de meu olhar.

se no passado que os recursos aquáticos eram uma fonte ilimitada (FAO, 1995)²², hoje sabemos que isso não é verdade, como não é verdade para nenhum outro recurso natural.

A pesca é o ato de capturar os peixes, ou outros organismos em diferentes ambientes aquáticos como lagos, rios, mares, com vários fins, principalmente comerciais e de subsistência. No entanto, esta tese tratará especificamente sobre a pesca em áreas litorâneas, região esta que compreende aos ecossistemas estuarinos e marinhos, abrigando milhares de seres vivos, em diversas condições ambientais. Dentre esses ambientes, têm-se os manguezais, as restingas, as praias, as dunas, os costões rochosos, as ilhas, os recifes de corais e o fundo do mar (PEREIRA; POFFO; FERREIRA, 2009).

A pesca é uma atividade tão antiga quanto à caça e agricultura, exercida pelo homem desde o período da pré-história. Nesse período era praticada para fins de subsistência e, nesse sentido, há registros da atividade pesqueira em lugares arqueológicos do período Paleolítico, datado de cerca de 50 mil anos atrás (DIEGUES, 1983; FAO, 1995).

Por outro lado, a pesca é uma atividade econômica importante gerando diversas outras atividades na sua cadeia produtiva como o armazenamento, transporte, comercialização, construção de embarcações, construção de apetrechos de pesca, dentre outras atividades, fornecendo diversas formas de geração de renda para as pessoas que trabalham no setor pesqueiro. No entanto, com o avanço tecnológico no setor, a modernização dos apetrechos de pesca e embarcações após a Segunda Guerra Mundial, a atividade pesqueira ganhou um novo rumo, sendo intensificada a sua prática e os pescadores passaram a explorar ambientes nunca anteriormente acessados, devido a não terem aparatos tecnológicos que possibilitassem uma pescaria capaz de chegar a esses recursos²³ (RODRIGUES; GIUDICE, 2011; SILVA, 2014).

À medida que a atividade pesqueira se popularizou ao longo dos séculos, barcos mais modernos e artes de pesca especializadas se multiplicaram. A partir do final do século XIX, com o surgimento da energia a vapor, ocorreu uma acelerada mecanização da pesca. A criação do barco a vapor proporcionou uma expansão na atividade, refletindo fortemente em

²² Durante a década de 1970 ocorreu um incentivo por parte do governo federal para acelerar a produção pesqueira do país. Esses incentivos proporcionaram aberturas de diversas empresas de pesca e um aumento considerável de barcos industriais atuando especialmente na pesca de arrasto no litoral brasileiro. Acreditava-se que os estoques pesqueiros eram ilimitados, no entanto o aumento da exploração dos recursos pesqueiros ocasionou a escassez de espécies de peixes de importância comercial, ocorrendo até mesmo ameaça de extinção de algumas espécies como o Mero (*Epinephelus itajara*). Para minimizar os impactos ocorridos no setor pesqueiro, medidas preventivas foram adotadas como a criação das reservas extrativistas, no intuito de diminuir a superexploração dos recursos pesqueiros e resguardar o meio ambiente de colapso (VASCONCELLOS; DIEGUES; SALES, 2007). Para saber mais sobre as espécies ameaçadas de extinção consultar http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/174D441A/AP_Lista_CONAMA.pdf

²³ Para ampliar a discussão sobre o histórico da atividade pesqueira consultar em Dias Neto (2003), ALMEIDA *et al.* (2006), Borges (2009), Masuda (2009) e Daaddy (2012).

sua organização, aumentando a tripulação a bordo e, dessa forma, intensificando a pesca. Mas foi no século XX que o mundo passou por uma grande mudança tecnológica alterando as tecnologias produtivas, relações de trabalho, forjando a economia global (DAADDY, 2012). Na pesca, tal avanço se deu especialmente nas alterações tecnológicas das embarcações e artes de pesca. Equipamentos eletrônicos de localização passaram a ser usados, como radares e sonares, facilitando, assim, a locomoção das embarcações e a localização e captura dos pescados (SMITH, 2002; ALMEIDA *et al.*, 2006; RODRIGUES; GIUDICE, 2011). Porém, essa modernização alterou a concepção da visão dos pescadores sobre o recurso pesqueiro que, embora seja renovável, é limitado, necessitando de um ordenamento adequado que vise contribuir para o bem-estar nutricional, econômico e social da atividade (FAO, 1995).

O pescado no Brasil encontra-se entre as quatro maiores fontes de proteína animal consumida. O parque industrial que envolve a atividade pesqueira gera milhares de empregos em empresas de captura e processamento. Se levado em conta a geração de empregos para a população da área litorânea, a pesca apresenta uma das poucas atividades que absorve mão de obra com pouca ou nenhuma qualificação, seja de origem urbana ou rural (ALMEIDA *et al.*, 2006). No entanto, se verifica a importância dessa atividade para essas populações, fato que evidencia que a pesca no Brasil é uma atividade fundamental para a socioeconomia.

Assim, pode ser classificada com base na sua finalidade ou categoria econômica em: pesca amadora, pesca de subsistência, pesca artesanal ou de pequena escala e pesca empresarial/industrial (Quadro 3).

Quadro 3: Caracterização dos tipos de atividade pesqueira

TIPOS	CARACTERÍSTICA	FINALIDADE
PESCA AMADORA	Praticada ao longo de todo o litoral brasileiro, com a finalidade de turismo, lazer ou desporto, e o produto da atividade não pode ser comercializado ou industrializado.	Não comercial
PESCA DE SUBSISTÊNCIA	Atividade, exercida com o objetivo de obtenção do alimento, é praticada com técnicas rudimentares, com barcos e artes de pesca simples, geralmente confeccionadas pelos próprios pescadores.	Não comercial
PESCA ARTESANAL	A pesca artesanal ou de pequena escala possui como uma de suas características o trabalho baseado na unidade familiar, ou no grupo de vizinhança, na utilização de embarcações de pequeno porte. Tem como fundamento o fato de que os produtores são proprietários de seus meios de produção (redes, anzóis etc.).	A pesca artesanal contempla tanto as capturas com o objetivo comercial, associado à obtenção de alimento para as famílias dos participantes, como o da pesca com o objetivo essencialmente comercial.
PESCA INDUSTRIAL	Atividade praticada por pessoa física ou jurídica, com pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes. As embarcações utilizadas são de pequeno, médio ou grande porte, com instrumentos de localização de cardume e navegação modernos.	Comercial.

Fonte: Isaac & Barthem (1995); Batista, Isaac & Viana (2004).

Na Região Amazônica, dentre as modalidades de pesca descritas, a pesca artesanal possui maior expressividade. Até mesmo em épocas mais remotas, há cerca de oito mil anos, quando a região era explorada somente pelos povos indígenas, o pescado já apresentava grande importância para a manutenção dessas populações, compondo-se em fonte de alimento e atualmente no setor do comércio, renda e lazer para a maioria da população, principalmente a que habita as margens dos rios de grande e médio porte (SANTOS; SANTOS, 2005). Na pesca artesanal são empregados três tipos de artes de pesca: instrumentos destinados a ferrar o peixe (fisgas), instrumentos destinados a emalhar os peixes (redes) e instrumentos destinados a prender o peixe (armadilhas). Dentro esses três tipos de instrumentos, as artes de pesca variam conforme a espécie a ser capturada, o local da pescaria etc. (MORAES, 2005).

O estudo sobre as artes de pesca possui um significado singular na atividade pesqueira. A utilização de determinada arte de pesca vai variar de fatores que os pescadores precisam conhecer minuciosamente, como a biologia da espécie, a incidência da espécie na região e os parâmetros ambientais. Há literaturas específicas quanto a descrição dessas artes, sendo assim, este capítulo não irá se deter em explicar as variedades de artes de pesca, mas para este trabalho a descrição apresentada é suficiente²⁴.

A pesca artesanal é caracterizada em sua essência pelo amplo conhecimento acerca do meio ambiente, os ciclos das marés, a identificação dos polos pesqueiros e o manejo das artes de pesca. E todo esse conhecimento acerca da atividade é transmitido de forma geracional, de pai para filho, garantindo aos filhos uma profissão e a perpetuação da atividade dentro do âmbito familiar. Os pescadores artesanais trabalham como autônomos sozinhos ou em parcerias, participando diretamente da captura na utilização de instrumentos simples. Possuem uma relação de dependência com os atravessadores, repassando a maior parte da produção e deixam a menor parte para o sustento familiar (DIEGUES, 1995)²⁵.

Os pescadores artesanais trabalham de acordo com a frequência dos ciclos naturais, ou seja, dependem dos períodos de safras de determinadas espécies de pescado, assim como dos ciclos das marés e condições do mar. Os períodos de safra de cada espécie determinam as técnicas de pesca que o pescador utiliza, como os apetrechos utilizados, tornando uma atividade cíclica com períodos de maior ou menor intensidade de trabalho (DIEGUES, 1995).

²⁴ Para saber mais sobre arte e apetrechos de pesca ver Furtado (1987), Bentes (2004), Moraes (2005) e Sautchuk (2007).

²⁵ A relação do pescador com os compradores de peixes, conhecidos como atravessadores ou marreteiros, varia de acordo com a região e a sociedade envolvente. A prática da marretagem possui um caráter importante na atividade pesqueira, visto que, é uma garantia para o pescador a venda do pescado, pois na maioria dos casos, os pescadores artesanais não possuem estruturas para irem vender o pescado em outras localidades. E a porcentagem repassada a esses vendedores varia de região também, pois cada localidade possui sua demanda específica.

O pescador artesanal geralmente realiza outras atividades para aproveitar os períodos de entressafra e complementar à renda familiar, frequentemente através da agricultura, assim podem obter outros produtos alimentares sem precisar comprá-los, como a farinha, verduras, frutas, hortaliças *etc.*²⁶

A atividade pesqueira na Amazônia brasileira é primordial para a economia regional, colaborando para a vida social e cultural das populações tradicionais que habitam este espaço (RUFFINO, 2000). De acordo com Agra (2015), os ribeirinhos amazônicos são aqueles que optam em morar às margens dos rios estando a poucos minutos do centro das cidades. São pessoas que possuem uma visão diferenciada acerca do seu mundo, uma compreensão de natureza que associa o urbano e o rural no seu modo de vida possuindo dois elementos essenciais em seu cotidiano: as águas e as matas.

A região costeira paraense está distribuída ao longo dos 562 km entre os municípios de Colares (fronteira com estuário amazônico) e de Viseu (fronteira com o Golfão Maranhaense). Essa região compõe uma grande extensão de manguezais que se estende entre os estados do Amapá e de Santa Catarina com influência marítima, abrangendo lugares como sítios, povoados e vilas. As atividades econômicas das populações que habitam esse espaço são variadas e envolvem a pesca, lavoura, coleta, extrativismo e serviços primários. Tais atividades são pautadas nas relações familiares, de compadrio e vizinhança.

No litoral paraense a atividade pesqueira pode ser classificada, segundo a população local, como pesca de alto e de beira. A pesca de alto é a atividade realizada mais afastada da região costeira, os pescadores saem da zona estuarina e adentram mar afora. Predomina a utilização de redes de emalhar e espinhéis, com embarcações motorizadas e uso de equipamentos eletrônicos para facilitar o deslocamento e a localização dos cardumes. Esse tipo de pesca está voltado à comercialização, pois sua captura é em grande quantidade e com espécies de importância comercial. No caso da pesca de curral, os currais são classificados de acordo com a sua localização, os chamados currais de fora se adentram na atividade de pesca de alto, devido sua produção ser voltada a comercialização. A pesca de beira compreende as atividades realizadas nas beiras dos manguezais, como as coletas no mangue, mariscagem e no caso da pesca de curral, temos os currais de beira. Essa atividade requer uso de apetrechos de pesca mais simples e artesanais, como linha de mão, tarrafa, redes pequenas, puçás e

²⁶ Os pescadores artesanais, segundo Furtado (1990), podem chamados de pescadores monovalentes ou pescadores polivalentes. Os pescadores monovalentes são aqueles que vivem exclusivamente da atividade pesqueira e os polivalentes são aqueles que exercem outras atividades em conjunto a pesca como a agricultura e extrativismo das florestas. No litoral paraense, é comum observar a maior existência de pescadores polivalentes, especialmente trabalhando com a pesca e o roçado. Os pescadores produzem a farinha e outros derivados da mandioca para complementar a economia familiar.

utilizam pequenas embarcações como canoas. Esse tipo de pesca visa principalmente a subsistência das famílias (FURTADO et al., 2006).

O município de São Caetano de Odivelas, pertencente à Mesorregião Nordeste e à Microrregião do Salgado, possui como principal atividade econômica a atividade pesqueira. Esta atividade pertence à tradição da população habitante do município, mantendo a riqueza cultural na exploração dos recursos naturais, mesmo com todo avanço do desenvolvimento econômico na região, as formas tradicionais na atividade pesqueira permaneceram (SILVA, 2010). Bentes (2004) em seu estudo realizado na costa paraense observou que a pesca de curral é fortemente representada nos municípios de Bragança, Quatipuru, São João de Pirabas e São Caetano de Odivelas. Neste último, a pesca de curral é de alta relevância para a economia do município e resguarda as formas tradicionais da atividade²⁷. As técnicas indígenas estiveram presentes nas pescarias regionais. Uma delas é a pesca de curral, que é uma armadilha fixa montada no solo e no interior das águas com o objetivo de aprisionar os peixes dentro de um dos compartimentos da armadilha pelo movimento das marés (PIORSKI, 2009).

O Aê, a ser descrito no próximo capítulo, possui como principal atividade pesqueira a pesca de curral e, como mencionado, este capítulo trará a discussão acerca da atividade exercida nessa localidade, bem como a sua importância para seus moradores nas suas particularidades.

Diante da importância da atividade pesqueira no Brasil, a pesca se tornou um espaço propício para estudos nas diversas áreas temáticas. Segundo Diegues (1999), no final da década de 1960 e meados de 1970, as pesquisas na área das Ciências Sociais, especialmente em Sociologia e Antropologia, passaram a ganhar destaque para a área da pesca. Nesse período, as comunidades pesqueiras e a pesca passaram a ser observadas no contexto da sociedade nacional e os conflitos entre pesca na produção mercantil e a capitalista ganhou destaque e passou a ter interface com outras áreas temáticas.

Trabalhos de grande relevância foram realizados, como “Pesca e marginalização no Litoral Paulista” (1973) e “Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar” (1983) de Antônio Carlos Diegues, na área de antropologia pesqueira, fazendo uma análise das relações conflituosas entre a pesca artesanal e industrial. No estado do Pará, o cenário do setor

²⁷ A pesca de curral é uma atividade exercida em grande relevância no município. Em 1993, Maneschy realizou um estudo no município sobre a pesca de curral, evidenciando a sua importância no município e as práticas utilizadas na atividade. Este trabalho se tornou uma referência nos estudos de pesca de curral, bem o trabalho de Furtado (1987) como curralistas do município de Marapanim/PA.

pesqueiro foi retratado nos trabalhos a partir da década de 1980 no centro de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi e na Universidade Federal do Pará.

Dentre os trabalhos que emergem desse processo, se destaca “A pesca sob o capital: a tecnologia a serviço da dominação (1985)” de Alex Fiúza de Mello, “Os parceiros do Mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia (1985)” de Violeta Loureiro, “‘trabalhadeiras’ e ‘camarados’: um estudo do status das mulheres numa comunidade de pescadores (1977)” de Maria Angélica Maués, “Dialética da atividade pesqueira no Nordeste Amazônico (1984)” de Maria Eunice Penner, “Povos das Águas, realidade e perspectivas na Amazônia (1993)” de Lourdes Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiúza de Mello.

Em relação à pesca de curral, estudos podem ser destacados, como “Curralistas e redeiros de Marudá: pescadores do Litoral do Pará (1987)” de Lourdes Furtado, “Pecheurs du littoral de l’etatdu Pará, Nord du Bresil – Systemes Techniques et Sociaux D’exploitation des ressources Marines (1993)” de Maria Cristina Maneschy, “A pesca de curral no município de São Caetano de Odivelas-PA (2013)”, de Carolina Fidellis, “Pesca artesanal em “currais”: um enfoque etnoecológico (2014)” de Glória Nascimento, as quais estudaram as técnicas, a organização social e produção.

Em nível nacional pode se mencionar os trabalhos pioneiros sobre a atividade estudada como “Sobre a produção pesqueira de alguns currais de pesca do Ceará – Dados de 1962 a 1964 (1965)”, de Melquíades Pinto Paiva, “Aspectos biológicos da serra, *Scomberomorus maculatus* (Mitchill), capturadas por currais-de-pesca (1976)” de Mariana Ferreira de Menezes, “Considerações sobre a captura de peixes por um cerco fixo, em Cananeia, São Paulo, Brasil (1976)” de Alexander Radasewsky, “Áreas da região lagunar Cananeia-Iguape suscetíveis de exploração pesqueira segundo diversos tipos de tecnologia. I - Pesca Com Cerco Fixo (1980)” de Ramos *et al.*²⁸

Em se tratando de estudos antropológicos realizados na Amazônia, vale mencionar que a atividade pesqueira possui um lugar de destaque, com uma vasta literatura acerca dos modos de produção e as relações do homem com os recursos naturais amazônicos. Dentre as literaturas disponíveis, podemos destacar o artigo “Aspectos históricos e econômicos de Marapanim – Nordeste Paraense (1978)”, “Pesca artesanal, um delineamento de sua história

²⁸ Para fazer o estado da arte sobre a pesca de curral, realizei um levantamento sobre os trabalhos feitos sobre essa atividade no Brasil. Na região Nordeste foi encontrado os trabalhos pioneiros na área, sendo o mais antigo de 1962. Estes trabalhos eram confeccionados de forma bem simples e uma explanação bem direta, possuindo geralmente no máximo duas páginas. Os estudos sobre a pesca de curral ainda eram muito escassos, daí a falta de discussões com essa temática. Atualmente os estudos sobre essa atividade se apresenta mais vasta se comparado a década de 1960, mas em comparação aos estudos de outros apetrechos de pesca, a pesca de curral possui poucas literaturas, o que nos faz pensar que ainda há muita coisa a ser estudada, visto que, é uma atividade bastante exercida pelos pescadores artesanais do litoral brasileiro.

no Pará (1981)”, “Pescadores de linha no litoral paraense: uma contribuição aos estudos de campesinato na Amazônia (1982)”, “Características gerais dos problemas da pesca Amazônica no Pará (1990)”, o livro “Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica (1993)”, “Pesqueiros reais e pontos de pesca. Traços da territorialidade haliêutica ou pesqueira amazônica (2002)”, todas essas literaturas são de autoria da Lourdes Gonçalves Furtado e são de grande relevância para os estudos sobre a atividade pesqueira na Amazônia.

Nesse enfoque, os estudos antropológicos no Brasil estão ligados geralmente às populações tradicionais e suas práticas de trabalho, onde muitos estudos contemplam temas acerca do modo de vida tradicional de comunidades pesqueiras, evidenciando-se as relações de parentesco, afinidade e reciprocidade, os quais regem os conhecimentos que organizam as pescarias, pois são passados de uma geração para outra (ADOMILLI, 2009).

2.2 Caracterização da pesca de curral

A origem da pesca de curral é uma incógnita para muitos autores. Alguns sugerem ser de origem indígena ou portuguesa. No entanto, o argumento mais aceito repousa na explicação de que sua origem se deu com os indígenas, pois essa pesca possui elementos que a caracterizam como tal. Segundo estudos realizados pela Arqueologia, durante o período pré-colonial e colonial, existiam as gamboas (Figura 09), utilizadas pelos indígenas e escravos respectivamente. As gamboas eram currais feitos a partir de um cercado de pedras com o objetivo de capturar crustáceos, moluscos e peixes no período da maré vazante. Segundo as arqueólogas Silveira e Oliveira (2010), as gamboas são sítios arqueológicos encontrados não apenas no Brasil, mas também em países europeus como País de Gales no Reino Unido e da África. Segundo as autoras, na Amazônia, as gamboas foram encontradas na ilha de Mosqueiro/PA (Maraú, Farol, Bispo etc.), e na ilha do Marajó/PA (Joanes). Na imagem a seguir, tem-se um dos registros das arqueólogas de gamboa.



Figura 9: Cercado feito com pedras denominados de gamboas
Fonte: Silveira e Oliveira (2010)

Talvez, a gamboa tenha sido o primeiro método de aprisionamento utilizado, mas ainda assim tal afirmação figura como uma hipótese, apenas²⁹. Os currais possuem características artesanais e terminologias que a indicam uma origem indígena, a começar pelo nome da arte e as partes que a compõe, a exemplo o nome curral, os paris, denominação para as esteiras que compõe as paredes dos currais, e o puçá, a arte de pesca utilizada para realizar a despesca dos currais. Devido a esses fatores, acredita-se que os currais possuem essa origem e foram aprimoradas as técnicas com a vinda dos imigrantes portugueses (MANESCHY, 1993; NASCIMENTO, 2014; COE, 2016).

Alguns pesquisadores afirmam que os primeiros currais no Brasil surgiram em Pernambuco. Segundo Lucena *et al.* (2013) & Coe (2016), os primeiros currais construídos na região pernambucana foram por volta de 1694 por três militares portugueses, os quais construíram os primeiros labirintos para aprisionar os peixes nas praias de Pau Amarelo. No estado do Ceará o primeiro registro da atividade de pesca de curral foi em 1858, onde os pescadores são chamados de “vaqueiros do mar”³⁰. Diversos estudos foram realizados, evidenciando a importância da atividade no litoral brasileiro³¹. De acordo com Maneschky

²⁹ Foi realizada uma pesquisa em relação às gamboas, no entanto, os estudos sobre essa prática são escassos, inclusive foi feita uma pesquisa no currículo Lattes das autoras mencionadas (Silveira e Oliveira) em busca de outros trabalhos relacionados a gamboas, mas elas possuem um único trabalho sobre essa atividade. No entanto, as autoras mencionam a importância de estudos sobre essa prática indígena visando contribuir na compreensão da ocupação humana insular no passado.

³⁰ Os pescadores do litoral cearense adotaram técnicas da pecuária, atividade de alto prestígio na região, para executar a pesca de curral na região. Os pescadores quiseram adotar no mar seus conhecimentos técnicos semelhantes da pecuária para executar a pesca de curral. Essa relação se baseou na existência de regras e categorias semelhantes nas atividades, tais como o nome curral, o mesmo usado nos locais onde são alocados os gados, e também os compartimentos recebem o mesmo nome de ambas atividades, chiqueiro, sala grande, salinha e espia. Essas semelhanças entre as atividades deu o nome de “vaqueiros do mar” aos pescadores que atuam na pesca de curral (ARAUJO & RODRIGUES, 2015).

³¹ Em quase toda costa dos Estados do Pará, Ceará, Maranhão e Piauí são comuns a atividade de pesca de curral e muitos estudos foram realizados nos estados tais como: Paiva e Nomura (1965), Menezes (1976), Radasewsky (1976), Ramos *et al.* (1980), Furtado (1997), Maneschky (1993), Barroso e Fabiano (1995), Nery (1995), Fonteles-Filho e Espínola (2001), Tavares *et al.* (2005), Lima e Melo (2007), Piorski *et al.* (2009), Brito (2009),

(1993), os currais foram trazidos para São Caetano de Odivelas por pescador originário do estado do Maranhão. Este pescador ensinou os pescadores da região a construir essa arte de pesca, assim como as técnicas de utilização do apetrecho. É impossível, portanto, precisar a origem da pesca de curral, apenas se pode identificar sua presença na costa paraense.

Segundo Coe (2016), os currais de pesca (Figura 10) podem ser encontrados nos estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, utilizando denominações diferentes em cada localidade³². Nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, de acordo com Mendonça *et al.* (2011), a variação de marés é pequena, dificultando a utilização dessas armadilhas. Segundo Moraes (2005), essa arte de pesca pode ser encontrada em várias formas e tipos diferentes, essa variação nos desenhos dos currais depende da sintonia com os diversos tipos de fundo das águas, o fluxo das marés e as espécies de pescado de cada região.



Figura 10: Arte de pesca denominada de curral ou armadilha fixa
Fotografia: Palheta (2015)

A pesca de curral é considerada uma pequena unidade produtiva, que permite aos pescadores atuarem de forma autônoma, confeccionando seus próprios instrumentos de trabalho, trabalhando em parceiras com pescadores que possuem laços de parentesco ou afinidade. O curral, ou armadilha fixa, é uma arte de pesca não móvel de grandes dimensões.

Bahia e Bandioli (2010), Lima (2010), Mai *et al.* (2010), Mendonça *et al.* (2011), Nascimento (2012), Martins *et al.* (2012), Lucena *et al.* (2013), Fidellis (2013), Modesto *et al.* (2014), Nascimento (2014), Brito *et al.* (2015), Araújo e Pereira (2015), Marcelino *et al.* (2015), Nascimento *et al.* (2016) e COE (2016).

³² As denominações para as armadilhas fixas variam de acordo com o tamanho, a região que é usado e o seu formato. Na região amazônica são chamados de currais (curral de enfia, de coração, de cachimbo) as armadilhas de grande porte com três compartimentos (salão, sala e depósito) variando o formato de cada curral e o local onde são construídos, os menores com um compartimento (um salão) são denominados de cacuri. Na Região Nordeste pode ser encontrado denominação como curral (curral boca para riba, curral atravessado), e na Região Sudeste pode ser encontrado como cerco fixo. Para maiores informações pesquisar em Maneschy (1993), Moraes (2005), Piorski *et al.* (2009), Lima (2010), Nascimento (2014).

Os apetrechos de pesca se dividem em duas categorias: artes ativas e passivas³³, e os currais pertencem à categoria de artes passivas.

Há outras armadilhas como o manzuá (utilizado na pesca do siri, peixe), matapi (empregado na pesca do camarão), o covo (utilizado na pesca da lagosta, pescado), mas o curral apresenta uma característica diferenciada das demais, é uma armadilha fixa e não se utiliza isca para capturar o pescado, e esse diferencial engloba várias vantagens ao pescador curralista. O fato de não se usar nenhuma isca, é uma delas, a captura fica dependendo de o peixe movimentar-se ativamente na direção do seu interior com a influência de outros fatores, como: o ciclo das marés, a força das correntes marítimas, fatores territoriais (o local escolhido a ser fixado o curral), etc.

O curral possui várias fases no seu ciclo, e essas fases serão descritas uma a uma no fluxograma a seguir (Figura 11). Este fluxograma nos mostra todas as etapas que envolvem a pesca de curral. O fluxograma será explicado ao longo deste trabalho, todas essas etapas mencionadas serão explicadas nos capítulos que se segue. Por certo tempo, eu fui como uma criança no Aê, os pescadores me ensinaram todos os passos do curral como se eu fosse um de seus filhos, talvez com menos rigor, pois eles não tinham o peso da obrigação de ensinar um filho, mas todo o conhecimento repassado foi com a mesma qualidade repassada às suas crias. Foi com todo esse repasse de conhecimento que esse fluxograma foi construído, cada conversa as etapas iam se configurando pouco a pouco. Percebia que gostavam de ensinar, falavam com bastante entusiasmo e eu, como aprendiz, também demonstrava entusiasmo e os chamava de professores do mar, e assim descrevo essa pescaria.

³³ Os apetrechos de pesca ativos são aqueles que o pescador usa para ir ao encontro do peixe, crustáceos e macro invertebrados, divididas em: rede de arrasto, puçá, arpão, tarrafa, dragas, rede de cerco, etc. Já as artes passivas são aquelas que capturam os organismos aquáticos por enredamento, aprisionamento ou pescaria com anzol, e não são movidos pelo pescador, os organismos que se movem para as artes, seja por meio de atração de iscas ou outros fatores ambientais, como as correntes marítimas.

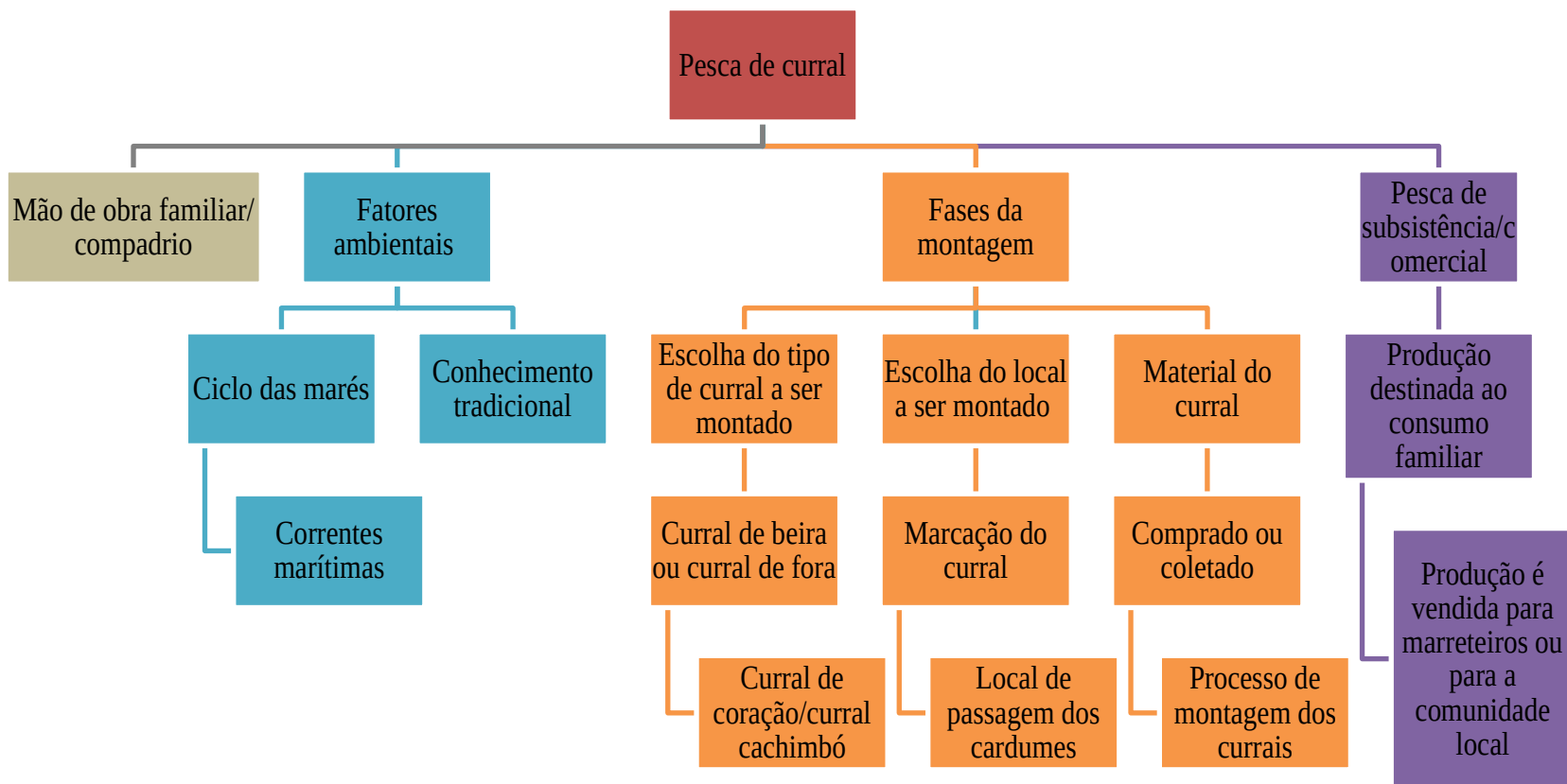


Figura 11: Fluxograma das etapas realizadas durante a pesca de curral, desde a sua montagem até a venda do pescado

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

2.3 Por entre marés lançantes e mortas


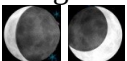
As marés possuem grande importância na atividade pesqueira amazônica, sendo consideradas como o relógio natural dos pescadores. As marés indicam a hora e o trabalho no mar (SAUTCHUK, 2007). É o ciclo das marés que determina os horários de trabalho, a saída e chegada do pescador, a melhor época do mês para pescar, assentar os currais, ou seja, todas as logísticas das comunidades pesqueiras são baseadas no fluxo das marés. E no Aê, não é diferente, toda as atividades pesqueiras da localidade gira em torno do ciclo das marés. As oscilações diárias das marés são determinantes, especialmente na pesca de curral, seja no processo de sua montagem, ou no momento da despesca, tornando o pescador um grande conhecedor desse ciclo.

As marés são um fenômeno originado da atração gravitacional da lua e sol sobre a terra³⁴. O movimento das águas varia entre enchente e vazante. A força gravitacional influencia na amplitude das águas, ou seja, quando o sol fica alinhado com a lua e a terra, suas forças gravitacionais se somam e formam as marés de grandes amplitudes conhecidas como marés vivas, marés de sizígias ou marés lançantes. Este fenômeno ocorre no período das luas cheias e lua nova. As marés cheias possuem duração de 6 horas e 12 minutos, atingindo o nível máximo nesse tempo. Quando somente a lua fica alinhada à terra, a força gravitacional atuante é menor, então as marés não apresentam grandes variações. São conhecidas como maré morta ou de quadratura. Após atingir o nível máximo da enchente, começa o fenômeno da vazante, possuindo o mesmo período da maré cheia.

Durante o dia têm-se duas marés altas e duas marés secas. No Aê os pescadores costumam chamar essa variação de marés como *marés mortas e maré de lanço*. Quando as marés começam a secar, os pescadores falam que a maré está vazando e quando a maré está crescendo, eles falam que as marés estão enchendo. No Quadro 4 têm-se todas as denominações referentes às marés, as quantidades diárias e as luas que as influenciam.

³⁴ Para ampliar a discussão sobre o ciclo das marés consultar Godefroid *et al.* (2003) e Lima, Tourinho & Costa (2001).

Quadro 4: Denominações das marés, as quantidades diárias e as luas que as influenciam

Marés	Período lunar	Quantidades diárias	Duração	Nomenclatura formal	Nomenclatura informal	Denominação dos pescadores para a transição entre marés
Alta	Lua cheia ou lua nova 	2 marés altas por dia	6 horas e 12 minutos	Maré alta ou preamar	Maré cheia, marés vivas, marés de sizíguas ou marés lançantes	Enchente
Baixa	Lua crescente ou lua minguante 	2 marés baixas por dia	6 horas e 12 minutos	Maré baixa ou baixa-mar	Maré morta ou de quadratura	Vazante

Fonte: Elaboração da autora

Como mencionado, a lua figura como um importante astro para a pesca, dada sua capacidade de atração gravitacional e produção das marés, mas também pela luminosidade proporcionada (Figura 12). Assim, cada período lunar tem a sua importância na atividade pesqueira. A montagem dos currais é programada de acordo com as marés, sendo as *marés de lanço* as mais propícias para se realizar esse trabalho. Durante esse ciclo, as águas apresentam grandes amplitudes. No entanto, assim como a maré enche muito, ela vaza muito, situação ideal para trabalhar na montagem dos currais. Nas figuras a seguir pode-se observar a influência da lua e do sol no ciclo das marés.

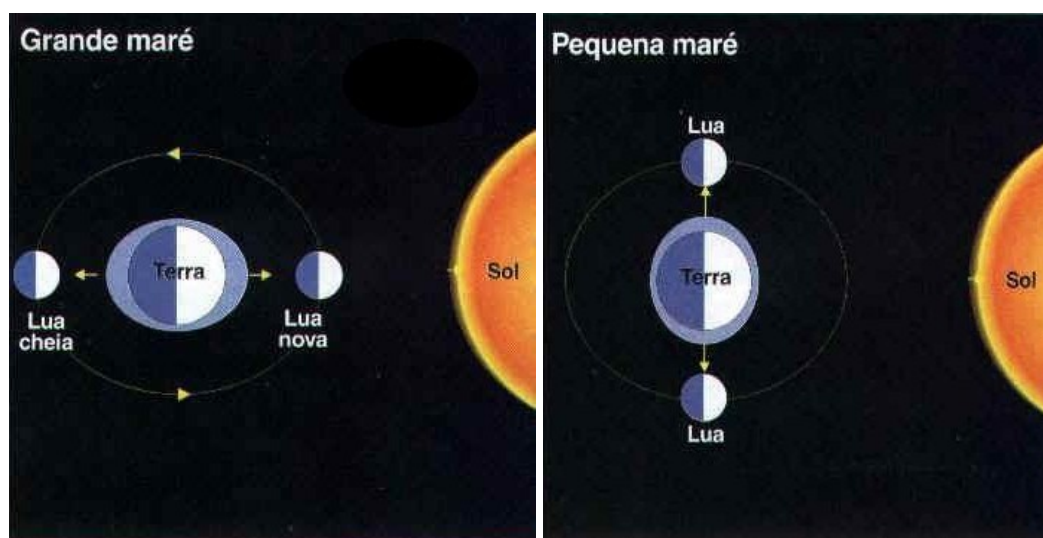


Figura 12: Ciclo lunar das marés

Fonte: <http://bruno.rosenthal.vilabol.uol.com.br/imagens/mare.jpg>

As *marés mortas* não possuem grande variação na amplitude das águas. Assim, devido a esse fator, não há possibilidade de se trabalhar nesse período, visto que quanto mais seco o local onde os currais serão colocados, melhor e mais rápido será o trabalho dos pescadores.

Não somente durante a montagem que as marés são analisadas cuidadosamente pelo pescador. As marés influenciam em vários segmentos do meio aquático, como a direção da correnteza, intensidade da sedimentação, no transporte de sementes, qualidade da água e oscilações do nível de inundação. O padrão comportamental dos peixes é influenciado diretamente pelo ritmo das marés. Quando as correntes marítimas estão em baixa velocidade, os peixes ficam mais ativos, e quando as correntes possuem maior velocidade, os peixes tendem a ficar menos ativos.

Essa percepção e saber ambiental somente foram por mim compreendidos aos poucos e em constante interlocução com os pescadores do Aê. Durante a minha graduação, o estudo sobre o ciclo das marés sempre esteve presente nas disciplinas, sabia de sua importância, mas

só conhecia o lado científico do assunto, inclusive o meu trabalho de conclusão de curso foi sobre a influência das marés na pesca de curral. No entanto, essa pesquisa foi totalmente de cunho estatístico, não me aprofundando nas influências ambientais nesse ciclo. Foi estando no Aê, conversando com os pescadores e vivendo com eles, que pude compreender a totalidade da importância do ciclo das marés para atividade pesqueira.

Toda vez que eu chegava ao Aê, às primeiras conversas eram voltadas a pesca, como já sabiam que eu estava pesquisando sobre a pesca de curral, então os primeiros assuntos se voltavam a atividade, e estavam certos, sempre me interessava em saber como estava atividade naquele determinado período. E foram nessas conversas que fui me familiarizando às locuções usadas pelos pescadores, tais como:





Quadro 5: Expressões usadas pelos pescadores do Aê referenciando as atividades pesqueiras com os ciclos das marés

EXPRESSÕES USADAS	SIGNIFICADO
<i>A senhora não teve sorte, a maré tá morta</i>	Durante o período das marés mortas, a produtividade dos currais cai. A falta de sorte que se referem é a diminuição de pescado durante as nossas refeições.
<i>A senhora já foi lá no porto, a maré tá de lanço</i>	Durante as marés de lanço, a produtividade dos currais aumenta, e os portos ficam bem movimentados.
<i>A maré já vai quebrar</i>	A expressão significa a transição da maré de lanço para a maré morta.
<i>Não dá pra senhora ir lá fora, a maré tá de lanço</i>	Durante as marés de lanço, as correntes marítimas ficam mais fortes, então para eles, não era recomendado eu ir aos currais por não estar acostumada com as marés fortes.

Fonte: Elaboração da autora

Como demonstrado nas expressões, os pescadores conhecem toda essa dinâmica da influência das marés na atividade pesqueira. Essa percepção é referendada pela literatura, o que evidencia a importância do saber local sobre o ambiente. O Quadro 6, pautado em Miguens (1996), demonstra as fases da lua e qual a influência de cada uma na atividade pesqueira, reforçando o que encontrei em campo no decorrer do trabalho de campo:

Quadro 6: Fases lunares e suas respectivas importâncias na atividade pesqueira

Fases da lua	Influência na atividade pesqueira	Expressões
Lua nova 	<p>Nesse período lunar a luminosidade advinda da lua é baixa fazendo com que os peixes se concentrem no fundo do lagos, rios e mares. Devido a este fator, este período é considerado neutro para a pesca. No entanto, é nessa fase que a amplitude da maré aumenta muito, ocasionando as marés altas ou marés de sizígias e diminui bastante na vazante, propícias para a pesca de curral e trabalhar na montagem dos currais.</p>	<p><i>A lua nova é boa para pesca de curral, a maré cresce muito e leva os peixes para os currais.</i></p>
Lua crescente 	<p>Nesta fase a luminosidade ainda é fraca, ocorrendo à subida dos peixes a superfície, considerando-se um período regular para a pesca nos rios e boa nos mares. Fase propicia a pesca de rede de emalhar.</p>	<p><i>Na crescente, a água fica lisinha, calma, o peixe é sabido, consegue fugir dos currais, ai vamo pescar de rede pra safar a boia.</i></p>
Lua cheia 	<p>A lua cheia é considerada a melhor fase para a pesca, pois a luminosidade é mais intensa, ocasionando a subida dos peixes à superfície, aumenta o metabolismo e o apetite dos peixes. Como comparado ao período da lua nova, é um período propício na pesca de curral, tanto para realizar a montagem dos currais, quanto como para capturar os peixes posteriormente.</p>	<p><i>A lua cheia, é igual na lua nova, a maré fica braba, as correntezas levam os peixes pros currais. Fica claro por conta da luz da lua, mas o peixe não consegue escapar devido à correnteza.</i></p>
Lua minguante 	<p>Na lua minguante, a luminosidade lunar é menor, porém ainda é uma boa fase para a pesca em rios e mares, pois os peixes ainda estão atraídos para a superfície das águas. Fase propicia a pesca de malhadeira.</p>	<p><i>Na minguante fica muito escuro e muito calma a maré, ai peixe bate no curral e acha a saída, ai fica bom pra malhadeira.</i></p>

Fonte: Adaptado de Miguens (1996)

Durante as fases de *marés mortas*, as correntezas ficam mais fracas, os pescadores costumam dizer que as águas ficam *lisas*, por não ter muitas ondas, ficam tranquilas, e a iluminação lunar é menor.

Nesse período, as pescarias de malhadeira ganham destaque na localidade devido aos fatores mencionados. A visibilidade dos peixes diminui e facilita a pescaria com redes. Por vezes escutei os pescadores mencionarem que a maré estava quebrando e não iriam pegar tanto peixe nos próximos dias. Sempre me inquietei com o termo. Somente com o passar do tempo, entendi o seu significado. A *maré quebrando* é a passagem da *maré de lanço* para a *maré morta*.

Entrevistadora: escutei muito os pescadores falar que a maré estava quebrando, o senhor por me explicar o que a maré quebrar?

Pescador: é assim, a maré tem duas fases, as mortas e os lanços. A maré tá de lanço, aí quando ela vai passando pras mortas, dizemos que ela tá quebrando.

Durante o período das marés mortas, a pesca de curral não é muito eficaz. Como a correnteza é menor, os peixes conseguem achar a saída dos currais. Nas *marés de lanço*, as correntezas são maiores, os peixes são levados em direção aos currais, não tendo como nadar contra a correnteza, e então são capturados. Então podemos destacar as *marés de lanço* como uma maré de grande importância no ciclo da pesca de curral.

Entrevistadora: qual a melhor maré para a pesca de curral?

Pescador: são as de lanços, elas ficam mais brabas e o peixe não consegue nadar contra ela, aí a correnteza acaba levando os peixes pros currais. E são boas pra trabalhar nos currais, porque assim como ela cresce muito, ela vaza muito, aí ajuda o pescador a trabalhar.

2.4 Escolhendo o tipo de curral

Os currais de pesca são classificados de acordo com o local a ser montado e o seu formato. Na zona do Salgado Paraense encontramos duas denominações de currais quanto ao local escolhido, os currais de beira e currais de fora ou de croas.

Os currais construídos mais próximos da costa são chamados de currais de beira, são menores e mais baratos. São montados às proximidades dos manguezais, ou seja, em ambiente de solo lamoso. São armadilhas que podem ser montados para capturar tanto no período de vazante como de enchente das marés, sua disposição irá determinar isso. O pescador irá determinar qual a forma de captura que deseja, sendo que o período de vazante das marés são os que mais capturam pescado, e assim os currais são montados de acordo com a circulação das águas durante as marés vazantes. Durante o período de vazante, a correnteza fica mais forte e os peixes são levados em direção aos currais, não possuindo chance de nadar contra a correnteza devido a sua força, acabam sendo aprisionados.

Os currais de beira são construídos visando principalmente à economia de subsistência (FURTADO *et al.*, 2006). Se a produção for considerada boa, vendem a maior parte e levam para casa outra parte, caso não capturem uma quantidade que dê para vender, levam para casa para serem usados na alimentação da família. Estas armadilhas são classificadas de acordo com o seu formato. No Aê podemos encontrar currais em formato de coração e de cachimbo.

Os currais com formato de coração podem ser montados em locais arenosos ou lamosos. Possuem compartimentos menores e uma espia maior. Este curral é composto por espia ou paris, que são as paredes dos currais ou como chamado pelos pescadores de “braços do curral”. Após os peixes encontrarem as espias, são direcionados aos compartimentos chamados de salão e sala, onde ficam transitando para encontrarem a saída e por fim tem-se o depósito, o compartimento onde os peixes ficam aprisionados.

Nas Figuras 13 (a) e (b) a seguir, podemos observar um curral em formato de coração e os seus compartimentos mencionados.

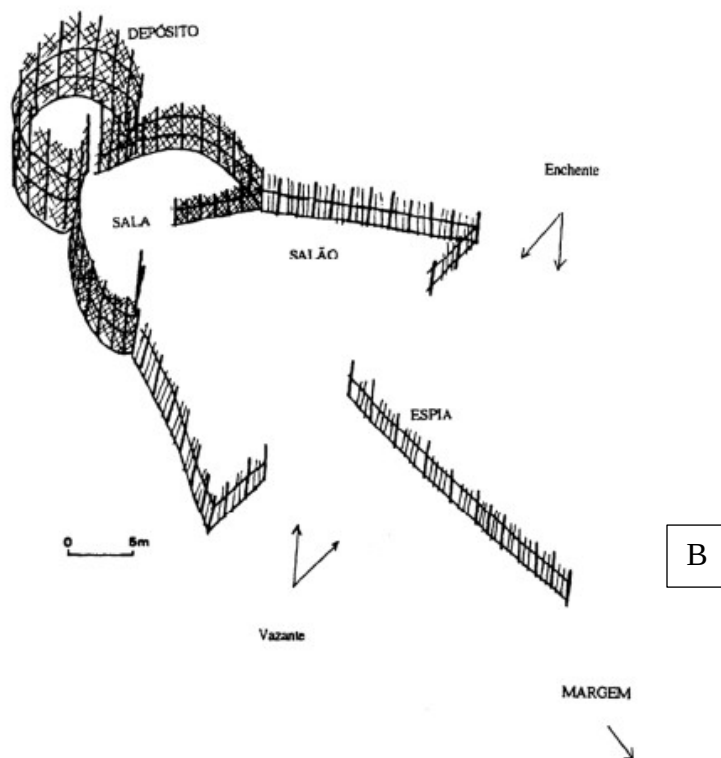


Figura 13: Curral de pesca em formato de coração (A). Curral do tipo enfia-coração, sendo observada as partes principais (enfia e depósito) e secundárias (sala ou salinha e salão) de um curral (B).

Fonte: Palheta (2017) e Maneschky (1993)

Os currais em cachimbo possuem o formato característico referente ao seu nome. São construídos em ambientes lamosos, e possuem tamanhos menores em comparação com os currais em formato de coração. Possuem uma espia, direcionando os peixes a um

compartimento chamado salão, e posteriormente os peixes encontram o depósito, onde ficam aprisionados. Nas Figuras 14 (A e B) demonstra-se o curral de cachimbo localizado às proximidades da localidade do Aê.

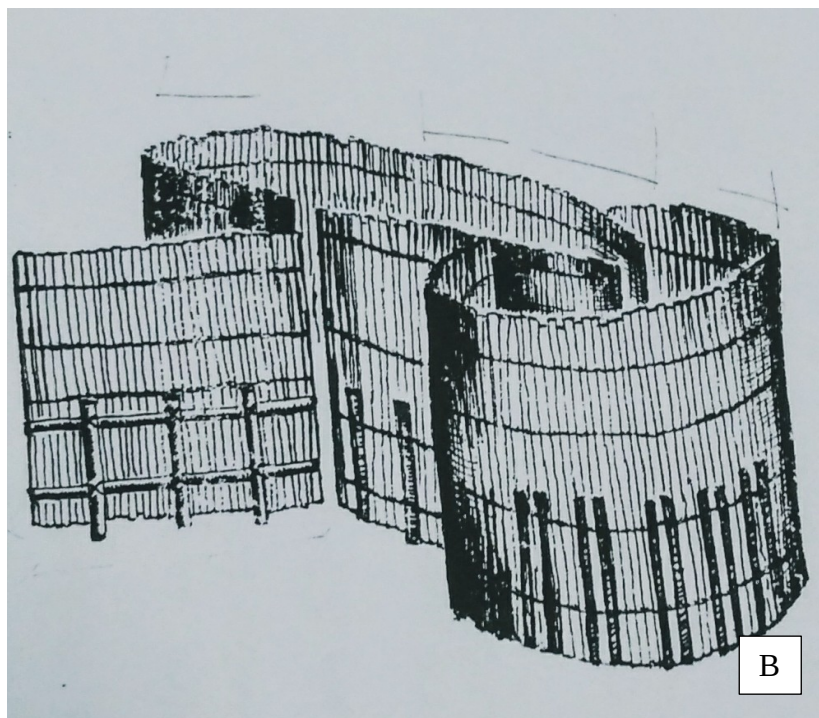


Figura 14: Curral de pesca de beira em formato de cachimbo (A). Curral de cachimbo sendo observado como é disposto os seus compartimentos (B)

Fonte: Palheta (2015) e Acervo do Grupo de pesquisa Renas do Museu Paraense Emilio Goeldi

Os currais de fora, assim são chamados no Aê, são currais fixados nas barras arenosas (bancos), cuja produção é direcionada à comercialização, pois nas áreas mais afastada da costa, há a presença de cardumes de espécies de valor comercial. De acordo com Maneschy (1993), esse tipo de curral foi trazido para a região de São Caetano de Odivelas por um

pescador originário do estado do Maranhão, que ensinou os pescadores locais a montar a arte, como também fazia marcação todos os anos para aqueles que o procuravam em troca de diversos produtos.

Esses currais são maiores em comparação aos currais de beira. Estes são compostos pelas partes denominadas de depósito local, onde os peixes ficam aprisionados, e as asas esquerda e direita que direcionam os peixes para entrarem nos depósitos, também chamadas de braços dos currais. Nesse tipo de curral, as asas ficam como se o curral fosse abraçar de fato os cardumes, daí a denominação por parte dos pescadores. São construídos em locais com as correntes marítimas mais fortes, necessitando ser mais resistentes. Nesse sentido, esse tipo de curral é mais caro e necessitam de um esforço maior por parte do pescador na sua montagem, despesca e a manutenção devido a sua distância de suas respectivas residências. No entanto, o ganho na produção é maior, pois as espécies capturadas são de alto valor comercial e em maior quantidade. Na Figura 15 observa-se o formato do curral de fora, demonstrando como fica à sua disposição em relação às marés.

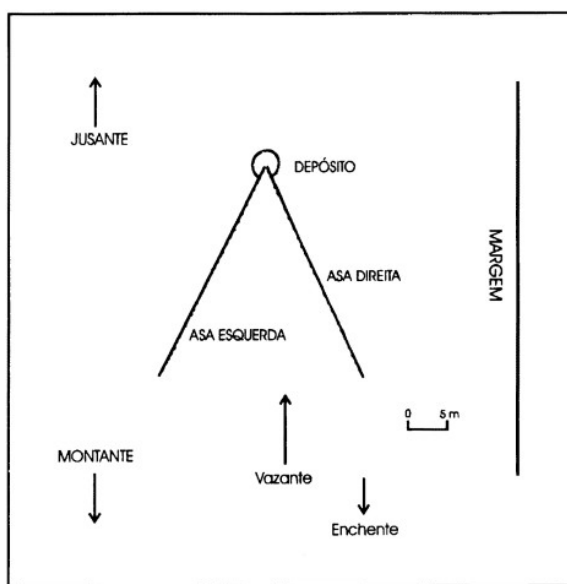



Figura 15: Esquematização do curral do tipo enfia e a sua disposição em relação às marés
Fonte: Maneschy (1993)

Os currais de fora geram conflitos entre os pescadores devido a dois fatores. Um é devido à extensão do curral, por ficarem submersos nas *marés de lanço* geralmente causam acidentes com os barcos de pesca. E o outro é por ser considerado predatório, devido à grande quantidade de pescado que fica preso neste tipo de apetrecho (ICMBIO, 2014). A resistência dessas artes é baseada na disposição do mesmo em relação à direção da amplitude de maré,

enchente e vazante. O curral de enfia, assim é chamado no Aê, apresenta a forma afunilada oferecendo menor resistência à água durante a enchente, onde a maré apresenta maior correnteza, diminuindo os riscos de destruição decorrente da correnteza (FIDELLIS, 2013).

Quadro 7: Tipos de currais encontrados no município de São Caetano de Odivelas e vantagens e desvantagens quanto à escolha da armadilha

TIPOS DE CURRAIS	VANTAGENS 	DESVANTAGENS 
Currais de beira: coração e cachimbo	São menores; Possui menor custo na montagem; Menor gasto no deslocamento para realizar a despesca; Podem ser montados para capturar pescado tanto na vazante quanto na enchente; Facilidade na manutenção e monitoramento para evitar roubos.	Capturam pescado de tamanho menor; Pesca voltada para economia de subsistência.
Currais de fora	Capturam pescados de valor comercial; Possuem maior lucratividade; Pesca voltada a economia comercial.	São maiores; São mais caros, pois requer uma quantidade de material maior; Possui maior gasto no período da despesca; São montados longe da costa, dificultando na manutenção e monitoramento para evitar roubos.

Fonte: elaboração da autora

Nos currais tanto de beira quanto os de fora, se utilizam as mesmas técnicas de montagem, no entanto, cada uma apresenta suas especificações, pois são montados em ambientes diferenciados, acarretando mudanças na técnica pesqueira utilizada. A escolha de utilização dos currais vai variar em relação às condições financeiras do pescador. Os currais de beira requerem menor custo devido serem menores e os currais de fora apresenta um gasto maior. Percebi no Aê, que os currais de beira são escolhidos pelas famílias que não estão tão ligadas ao mercado consumidor, quando possui uma boa produção, vendem o excedente para tirar o valor gasto no curral e obter um lucro para a manutenção da família.

As famílias que possuem curral de fora são aquelas de poder aquisitivo maior e que estão ligadas ao mercado consumidor de uma forma mais direta. Um pescador em especial do local é curralista e atravessador, ou seja, é uma família diferenciada. Quando solicitado, financia materiais aos pescadores com a garantia de pagá-los no período da safra, sendo assim, possui a função de patrão³⁵ de alguns curralistas por um determinado momento.

³⁵ A função patrão está na condição de alguém fornecer os materiais de pesca aquelas pessoas que não têm

Os currais são uma arte de pesca que pode ser confeccionada exclusivamente com materiais oriundos do meio ambiente. Com o advento dos materiais industrializados, com o passar dos anos, os pescadores passaram a utilizá-los pensando na durabilidade da armadilha, como o fio sintético e as redes.

No Aê, há pescadores que usam os dois tipos de materiais, o in natura e o sintético, ou somente o in natura, depende das condições financeiras do pescador. Comprar materiais eleva o custo do curral, porém otimiza o tempo gasto no processo da montagem e eleva a durabilidade da armadilha, visto que materiais sintéticos possuem uma maior durabilidade.

Quadro 8: Materiais utilizados na pesca de curral no Aê, no município de São Caetano de Odivelas

MATERIAIS NATURAIS		
Nome científico	Nome vulgar	Função
<i>Heteropsis jenmanii</i> Oliv.	Cipó titica	Tecer as espias
<i>Philodendron imbe</i> Schott	Cipó timbé	Tecer as espias
<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucumã/talo	Paredes de curral
<i>Bactris maraja</i> Mart.	Marajá/tala	Paredes de curral
<i>Maximiliana maripa</i> (Corr. Serr.) Drude	Inajá/palha tala	Paredes do curral
<i>Raphia taedigera</i> (Mart.) Mart.	Jupati/tala	Paredes do curral
<i>Bambusa vulgaris var. vitata</i> McClure	Bambu	Paredes do curral
<i>Rhizophora mangle</i>	Mourões	Sustentação dos currais
MATERIAIS INDUSTRIALIZADOS		
Fios sintéticos	Fios de telefone	Tecer as espias
Pregos	-	Fixar as esteiras
Redes sintéticas	Redes de pescas	Cobrir as paredes dos currais

Fonte: Elaboração da autora

recurso

financeiro para comprar, os pescadores os chamam de patrão, sendo uma forma de empréstimo, pois terão que pagá-lo quando começar a safra dos peixes.

2.5 Escolhendo o local a ser montado os currais

Como mencionado acima, a montagem dos currais possui várias fases. Uma das fases mais importante consiste na escolha do local, ou seja, o local onde irão assentar³⁶ o curral, caso o curralista ainda não possua linha de curral³⁷.

Para realizar a escolha do local, alguns fatores precisam ser avaliados pelo curralista. Avaliam principalmente a relação custo-benefício. Como a arte de pesca requer um gasto considerado alto, quanto mais puderem economizar, melhor para o pescador. Os pescadores costumam montar os currais sempre no mesmo lugar todos os anos, são as linhas de currais. Essas linhas são resguardadas por gerações, pois assim, economizam em não pagar alguém para marcar os currais. A partir do momento que possuem suas linhas, os currais são montados sempre no mesmo local todos os anos.

Os currais construídos mais próximos de suas casas irão ter um custo menor principalmente durante o período que o curral já estiver em operação, visto que as despescas são realizadas diariamente, se estiver no período de safra do pescado podem ser realizadas duas vezes ao dia. Sendo assim, quanto mais próximo, menor será o gasto com gasolina e menor o tempo de viagem. No entanto, o pescador pode optar em realizar uma despescas diária, escolhendo assim a maré que considera que irá entrar uma maior quantidade de peixe, nesse caso, geralmente optam pela maré vazante da noite. Durante o período noturno, a visibilidade dos peixes diminui, e isso facilita a entrada dos peixes nos currais, por isso a opção dos pescadores de realizarem a despescas no período da noite. Outro fator analisado é a proximidade, pois ela viabiliza um melhor monitoramento e manutenção dos currais, visto que as artes ficam expostas, as tornando-os vulneráveis a possíveis assaltos e depredação por parte das fortes correntes marítimas.

2.6 Custos do curral

Para fazer um curral o custo sai alto (Tabela 1), levando em consideração o pescador que compra os materiais, seus gastos podem chegar até R\$5.000,00. Porém o pescador busca por alternativas para diminuir os custos, como buscar uma parceria para trabalhar no curral, assim dividem os gastos e o trabalho.

³⁶ A palavra assentar é utilizada pelos curralistas para referenciar construção do curral em um determinado local.

³⁷ A linha de curral é a denominação do local onde os currais são montados. A partir do momento que ocorre a marcação e a montagem das armadilhas, o curralista passa a ser proprietário daquela linha de curral, considerada uma herança para seus respectivos descendentes.

No intuito de diminuir os gastos, os pescadores evitam desperdiçar material ou comprar em excesso. Durante a montagem da arte pode ocorrer do material não for o suficiente e para não haver gastos extras, vão ao mato coletar o material que falta, ou até mesmo aproveitar material de safras passadas quando ainda se encontra em bom uso. Geralmente quando ocorre essa falta de equipamento é para o acabamento, não necessitando de muito esforço e tempo na retirada por parte do pescador. Abaixo segue a média dos valores dos materiais utilizados na confecção da arte relatados pelos pescadores:

Tabela 1: Relação de materiais com quantidade e valores descritos pelos curralistas

MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL	REAPROVEITÁVEL
Paus (moirões)	300	R\$4,00	R\$1.200,00	Sim
Bambu	80	R\$2,50	R\$200,00	Não
Fio de telefone	2 rolos	R\$70,00	R\$140,00	Sim
Cabinho (corda)	8 rolos	R\$100,00	R\$800,00	Não
Cintado	70	R\$2,00	R\$70,00	
Teçume	400	R\$ 5,00	R\$2.000,00	Não
Aluguel da montaria	Diária (variável)	R\$40,00	-	Não
Marcação do curral	1	R\$300,00	R\$300,00	Sim
Valor total	-	-	R\$4.710,00	-

Fonte: Elaboração da autora.

2.7 Legislação da pesca de curral

Embora a pesca de curral seja uma atividade desenvolvida a milênio pelas populações tradicionais, até o momento não há nenhum tipo de norma no litoral paraense que viabilize os critérios para o desenvolvimento da atividade. Nas demais regiões do país poucas iniciativas foram desenvolvidas, como o estado do Ceará que obteve a iniciativa de tentar regulamentar a atividade através da lei provincial de 21 de maio de 1835, o que instituía a proibição da construção de currais de pesca em áreas de navegação (MENDONÇA *et al.*, 2011).

De acordo com a legislação brasileira de nº 5.300, de 7 de dezembro de 2004, no capítulo III, art. 21, o mar é um bem de uso comum da população, garantindo-lhes assim o direito de livre e franco acesso a ele. Ainda nesse aspecto, a lei nº 11.959/2009, em seu art. 25, concede a permissão para exploração por particular de infraestrutura e de terrenos públicos destinados à exploração de recursos pesqueiros. Com base nas legislações citadas, o uso do mar e acesso aos seus recursos é de livre acesso, amparando assim os pescadores curralistas.

Algumas regiões do Brasil possuem normativas que estabelece normas de utilização dos currais. Como exemplo, temos o estado do Alagoas, que segundo a instrução normativa nº 1, de 12 de janeiro de 2005, estabelece normas para o uso das artes de pesca fixas nomeadas como cercadas, currais, estacadas e caiçaras, respeitando-se as nomenclaturas regionais, utilizadas nas lagunas, baías e enseadas do Estado de Alagoas. Sendo assim no art. 4º diz que Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) concede a autorização para implantação das artes de pesca fixas na região, possuindo também competência segundo o art. 7º parágrafo único, os currais estão sujeitos à vistoria pela equipe técnica do IBAMA do estado de Alagoas.

Já na instrução normativa interministerial MPA/MMA nº 2, de 16 de maio de 2013, estabelece critérios para a pesca na Lagoa Aruarama localizada no Rio de Janeiro, dentre esses critérios tem-se as normas de utilização das artes de pesca fixas como currais, que segundo o art. 10º a permissão para instalação dos currais de pesca seria concedida pelo extinto Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), ficando a cargo de fiscalização do IBAMA. Assim como a instrução normativa nº 14, de 14 de junho de 2005. Estabelece critérios para o uso de artes de pesca fixas conhecidas como cercadas, currais, estacadas, marcas de barragem, tribobós e ganchos, e demais nomenclaturas regionais utilizadas nas lagunas, baías e enseadas do estado do Rio de Janeiro.

No entanto, no estado do Pará não há uma normativa específica para a região. Os pescadores da região são amparados pela lei da pesca de nº 11.959, que dispõe sobre a *Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca* que de acordo com seu artigo 1º tem como objetivo de promover:

- I – O desenvolvimento sustentável da pesca e da aquicultura como fonte de alimentação, emprego, renda e lazer, garantindo-se o uso sustentável dos recursos pesqueiros, bem como a otimização dos benefícios econômicos decorrentes, em harmonia com a preservação e a conservação do meio ambiente e da biodiversidade;
- II – O ordenamento, o fomento e a fiscalização da atividade pesqueira;
- III – a preservação, a conservação e a recuperação dos recursos pesqueiros e dos ecossistemas aquáticos;
- IV – O desenvolvimento socioeconômico, cultural e profissional dos que exercem a atividade pesqueira, bem como de suas comunidades.

Sobre a atividade da pesca de curral, a lei da pesca diz que:

- “Art. 25. A autoridade competente adotará, para o exercício da atividade pesqueira, os seguintes atos administrativos:
- II – Permissão: para transferência de permissão; para importação de espécies aquáticas para fins ornamentais e de aquicultura, em qualquer fase do ciclo vital; para construção, transformação e importação de embarcações de pesca; para arrendamento de embarcação estrangeira de pesca; para pesquisa; para o exercício de aquicultura em águas públicas; para instalação de armadilhas fixas em águas de domínio da União;

Os pescadores de São Caetano de Odivelas relatam que a colônia de pescadores os ampara quanto ao uso do espaço na região para colocação dos currais. Devido não haver uma normativa para a atividade, há incidência de conflitos na região por disputa de espaço pelo melhor ponto pesqueiro, o que os leva a criar suas próprias regras quanto ao uso do espaço. Segundo Little (2002), as sociedades criam normas e regras de acordo com a sua necessidade, que dispõe sua relação com o ambiente e o uso dos recursos da qual dependem. Essas regras vão sendo alteradas de acordo com a necessidade e entraves atribuídos sejam pelos fatores ecológicos quanto sociais.

Em outras Resex do estado do Pará já há portarias designando as normas quanto ao uso do recurso na reserva extrativista como a portaria nº 3, de 2 de janeiro de 2019, que dispõe sobre regras comunitárias comuns e específicas para gestão integrada de uso e manejo dos recursos naturais e pesqueiros da Resex Marinha de Gurupi-Piriá em que há regras de uso de apetrechos incluindo os currais de pesca citadas a seguir:

- VII. Curral: fica proibida a instalação de curral em beira de canal e mangue;
- a) Os currais ativos deverão ser sinalizados com uma baliza em cada espia, uma baliza no chiqueiro, totalizando 3 balizas. Quando estiverem desativados, a muruada deve permanecer sinalizada;
 - b) Todos os pescadores que possuem currais devem ter o registro da atividade no ICMBio; fica proibida a venda da área do curral, já a venda da benfeitoria, do curral ativo, deverá ter aprovação do grupo de monitoramento. O tempo máximo para o curral desativado não deve ultrapassar 12 meses, após esse prazo outro usuário poderá ocupar o espaço do curral desativado.
 - c) Os currais deverão ter as seguintes dimensões e limites: a metragem máxima das espias é de 100m; abertura de boca máxima de 100m e distância mínima de 50 m entre currais; o tamanho de malha do chiqueiro deve ser de 35mm; com espaçamento mínimo de 12,5 cm x 30 cm (entrada/saída do curral) entre varas do curral fiador; fica estabelecido o limite de um curral por família beneficiária.
 - d) Fica proibida a sobreposição de malhas em currais, mesmo que cada malha esteja dentro da medida permitida.

Em São Caetano de Odivelas, cada pescador de curral possui a sua linha de curral, e essas linhas pertencem à família por gerações. Há casos de pescadores emprestarem sua linha para outro pescador durante um período, mas quando quiserem requerer sua linha, podem pedir sem nenhum tipo de problema, segundo o acordo estabelecido entre ambas as partes. Os pescadores que são associados na colônia de pescadores, suas linhas de currais são registradas, caso o pescador não coloque curral por dois anos seguidos, a colônia pode ceder à linha de curral para outro pescador que queira trabalhar na pesca de curral, sendo que esse pescador terá direito ao uso da linha por dois anos, sendo regulamentado na colônia de pescadores o documento de empréstimo. Esse processo deve ser de comum acordo com o dono da linha de curral, visto que, após os dois anos, o dono pode requerer a linha.

No entanto, há registros de um caso na comunidade do Aê no ano de 2015 que durante um empréstimo da linha de curral, o pescador vendeu a linha. O dono da linha relatou que estava tentando reaver a sua linha, que já tinha recorrido à colônia de pescadores, para tentar mediar essa situação. Tal situação é um acaso na localidade, são poucos os registros de conflitos entre eles, a maior incidência de conflitos é de pescadores de outras comunidades que querem colocar currais nas proximidades do Aê, sendo assim os pescadores locais não aceitam e alegam que por serem associados da colônia, possuem direitos de reivindicar tal situação.

Outra situação ocorreu que a colônia cedeu uma linha de curral para uma pessoa de outra comunidade sem comunicar ao dono da linha. O pescador do Aê se sentiu lesado por tal situação, mas não quis criar atritos e resolveu esperar os dois anos de acordo com o contrato feito com a colônia. Mas seu filho precisou da linha de curral antes do término dos dois anos e procurou reaver a linha do pai, mas não obteve sucesso, pois deveria esperar o término dos dois anos. Isso gerou muitos problemas nessa família, pois tiveram que emprestar uma linha de curral de um morador do Aê que não ia assentar curral naquele ano para poder conseguir trabalhar.

Devido a esses problemas, os curralistas já buscam tentar regulamentar a atividade, recorrem à colônia de pescadores, que é órgão mais próximo a eles, na tentativa de criar normativas que visem estabelecer as normas de uso. Outra preocupação dos pescadores está relacionada à criação da Resex marinha no município, os curralistas se preocupam com as normas que irão ser estabelecidas pelo órgão responsável, o ICMBIO. Dizem que só vão tirar seus currais dos locais considerados proibidos pelo ICMBIO, como os canais que dificultam a navegação dos pescadores, se dispuserem de outro local propício à pescaria, pois dependem da pesca de curral para sustentar suas famílias, e esperam que seja feita reuniões com os pescadores para formular tais normas, de acordo que não prejudiquem ninguém.

Em 05 de maio de 2017, foi realizada uma reunião na colônia de pescadores com os representantes de municípios vizinhos como Curuçá, São João da Ponta e Vigia, representantes da Emater e secretarias de pesca dos municípios em questão. A reunião tinha como objetivo tratar sobre os conflitos relacionados à pesca de curral. Foram relatados diversos casos dos municípios, visto que são problemas comuns e foram estabelecidas algumas reivindicações quanto à regulamentação da atividade. As reivindicações discutidas na reunião foram:

- 1 Realização de uma campanha de educação ambiental com o objetivo de orientar os pescadores em relação quanto ao uso dos recursos naturais, o que pode ser feito e o que é proibido;
- 2 Buscar diálogo entre os pescadores do rio Itaipu, área de abrangência que compreende a comunidade do Aê, no qual é uma área de conflito na atividade pesqueira;
- 3 Informar a Marinha do Brasil sobre o fato do farol não estar funcionando a três anos, prejudicando a transição das embarcações;
- 4 Atualizar o cadastro de curralistas pela colônia de pescadores de São Caetano de Odivelas;
- 5 Criar regras de controle de uso dos recursos naturais na região;
- 6 Fortalecer a colônia como instituição de encaminhamento e comprovação da classe de pescadores, visto que há inadimplência por parte dos pescadores na colônia o que os impede de se aposentar, requerer benefícios etc., dificultando o controle do número de pescadores atuando na região.
- 7 Criar bancos de mudas para plantação com o objetivo de fortalecer a agricultura familiar nas comunidades pesqueiras;
- 8 Criação de um grupo de trabalho a fim de discutir e construir um instrumento que vise a organização do ordenamento pesqueiro da pesca de curral;
- 9 Execução de uma audiência pública para discutir a criação de uma normativa para regulamentar a pesca de curral no município.

Essa iniciativa é o primeiro passo para que se tenha um ordenamento da atividade, o que poderá amparar os pescadores de certos problemas mencionados acima. Tais medidas foram solicitadas aos representantes presentes: colônia de pescadores, vereadores, secretários de pesca e presidente da Resex marinha. No intuito de minimizar esses conflitos existentes na região, tais representantes se dispuseram a atender as reivindicações.

Neste capítulo foi discutida a atividade de pesca de curral no contexto amazônico, sendo descrita a atividade de acordo com a minha vivência no Aê. A pesca de curral é uma atividade minuciosa, que requer uma avaliação prévia no seu processo de montagem como a escolha do local, o tipo de curral a ser montado, e esses fatores vão influenciar na questão econômica e no trabalho para o pescador. Sendo assim, como já conhecemos a atividade da pesca de curral, o capítulo seguinte será apresentado à localidade do Aê, descrevendo o cotidiano da população e seus costumes.

3. CAPÍTULO III: O AÊ

A Região Amazônica dispõe da maior biodiversidade do planeta, no entanto apenas uma pequena parcela dessa biodiversidade é conhecida (MMA, 2002). O aumento do fluxo migratório atraído pela riqueza da região intensificou a exploração de recursos naturais. Construções de hidrelétricas, exploração de minérios, são alguns dos projetos instalados na Amazônia nos últimos anos, afetando e desrespeitando a vivência das comunidades tradicionais e o meio ambiente. Tais projetos não condizem com a prática regional das populações tradicionais, que seria a exploração sustentável dos recursos naturais, modificando um cenário adotado há milênios (HECK *et al.*, 2005).

As populações tradicionais são as maiores detentoras de conhecimento acerca do meio ambiente e suas interações, sendo assim os principais agentes de conservação dessas áreas (PEREIRA & DIEGUES, 2010). Devido à intensificação da exploração dos recursos naturais, medidas precisaram ser adotadas a fim de minimizar esses impactos e garantir o uso dos recursos naturais pelas populações tradicionais, sendo uma delas a criação das unidades de conservação, já descrito na introdução.

O município de São Caetano de Odivelas encontra-se nesse contexto. Em 2014 foi criada a Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, a fim de minimizar os impactos ocorridos na região. O Aê pertencente a essa reserva, traz um cenário de localidade tradicional de pescadores, com hábitos e costumes de populações tradicionais. É sobre essa localidade, sua relação com o ambiente e como ela se desenha, que tratará este capítulo.

Inicialmente apresento o município de São Caetano de Odivelas, local com extensa exploração dos recursos naturais, tendo na pesca a principal atividade econômica do município, especialmente na exploração de crustáceos, sendo conhecida como “a terra do caranguejo”. Após apresentar o município, discorro sobre a formação da Resex de Mocapajuba, dado que ela resulta de um processo logo que merece apresentação. Finalmente faço conhecer o Aê, localidade esta que me encantou desde o primeiro instante, detentora de uma grande riqueza de recursos naturais, encontra-se em um local considerado privilegiado pela população para a realização da pesca de curral, em especial, além das demais atividades pesqueiras.

Abordarei o histórico do Aê, as suas atividades cotidianas voltadas à pesca. A minha experiência de campo me permite realizar essa descrição. Vivenciar a rotina da localidade me

fez perceber detalhes minuciosos quanto aos seus costumes com outro olhar, não somente a minha visão, mas a dos moradores também, sua percepção foi fundamental para a minha compreensão acerca dos seus costumes, e é a partir desses olhares que trago este capítulo e apresento o AÊ.

3.1 São Caetano de Odivelas

O recorte histórico sobre o município e o seu processo de colonização nos permite compreender a origem do local e as formas de uso do espaço, nos proporcionando uma viagem pelo tempo.

O município de São Caetano de Odivelas possui registros históricos de ter sido habitado por índios antes do período colonial. Durante esse período, os missionários da Companhia de Jesus desbravaram a região do salgado paraense, adentrando o rio Mojuim como propósito de catequizar os índios que habitavam a região (SILVA, 2010; FAPESPA, 2016).

O local onde se encontra a atual sede do município era uma fazenda de gado. Está localizada às margens do rio Mojuim, a 11 km de sua foz, sendo denominada pelos jesuítas de São Caetano de Odivelas no dia 07 de agosto de 1735. Foi nomeada de São Caetano devido ao dia 07 de agosto ser dia de São Caetano e o nome de Odivelas foi escolhido em homenagem a uma cidade de Portugal, no qual também era terra natal do Frei Filipe, coordenador da congregação jesuíta (TRINDADE, 2007).

A criação do município se deu em 1872, e foi efetivada em 28 de agosto de 1874 com a criação da câmara municipal. Em 06 de julho de 1895, pela lei nº 324, a sede do município passou para categoria de cidade, sendo instalada em 15 de agosto do mesmo ano. No ano de 1930, o município em questão foi extinto e anexado à área dos municípios de Vigia e Curuçá, dos quais se desmembrou após 3 anos (SOUSA *et al.*, 2012).

Do ponto de vista ambiental, a região nordeste do estado do Pará é caracterizada por apresentar uma diversidade na vegetação, principalmente na zona costeira, se destacando nas áreas estuarinas por compor uma cobertura vegetal predominante de mangues, seguida de campos alagados e restingas. O município de São Caetano de Odivelas encontra-se entre essas áreas e possui uma diversidade na cobertura vegetal, pois recebe influência da dinâmica estuarina e fluvial (PICANÇO, 2002).

Essa predominância de manguezais no município proporciona um diferencial no setor econômico. Nesse sentido, as principais atividades econômicas do município se concentram

na pesca artesanal, no extrativismo de crustáceos, seguida da agricultura familiar e apicultura. No entanto, o extrativismo de crustáceos se apresenta como atividade em destaque, especialmente o caranguejo, tornando o município conhecido como a “Terra do Caranguejo”, pois diariamente saem milhares do crustáceo para serem vendidos em outras cidades como Belém e outros estados, como Bahia e Pernambuco. Inúmeras famílias dependem exclusivamente da pesca e a captura do caranguejo, devido a este fator, tais atividades se configuram como de extrema importância para a economia local (PICANÇO, 2002).

A pesca artesanal pode ser observada principalmente nas seguintes comunidades: Alto Camapu, Alto Pererú, Aê (Mariapolis), Pereru de Fátima, Pratiquera, Cachoeira, Cachoeirinha, Camapu-Miri, Espanha, Monte Alegre, Pepeuá, Boa Vista, Santa Maria da Barreta, Vila Paraiso, Mururé ou km 10, Itapepoca, Jutaí, Madeira, Ponta Bom Jesus, e as ilhas de São João de Ramos e São Miguel (RAVENA-CAÑETE *et al.*, 2017).

As famílias dessas localidades dividem suas atividades ao longo do ano principalmente na pesca do peixe e a extração do caranguejo. A pesca do peixe se intensifica principalmente no período de safra, de acordo com os pescadores locais começa em maio e finaliza por volta de setembro. Durante esse período, as pescarias se dividem em diversas artes de pesca, como a utilização de malhadeira, currais, anzóis, manzuás, espinhel, dentre outras. Os pescadores escolhem seus apetrechos de pesca de acordo com a pescaria a ser feita, ou seja, escolhem os apetrechos de acordo com qual peixe a ser capturado e ambiente no qual ele se encontra, e isto modifica toda a técnica que pescador deve utilizar. Outras questões avaliadas por eles são as marés e os pontos pesqueiros que irão pescar.

Paralela à atividade pesqueira, a extração de caranguejo e outros mariscos possuem posição de destaque na economia local. As atividades inseridas no cotidiano das famílias que trabalham no extrativismo de mariscos se dividem nas seguintes atividades: extração do caranguejo³⁸, pesca do siri, pesca do camarão regional, extração do mexilhão, sururu, ostra e turu. Essas atividades envolvem tanto o universo masculino quanto o feminino, porém as mulheres além de capturar caranguejo, coletam também mexilhão, sururu e siri. (SOUSA *et al.*, 2012). As mulheres além de participar da extração dos caranguejos, também atuam no beneficiamento, denominado na localidade como “catação do caranguejo”. Segundo Freitas *et al.* (2015), o ato de catar o caranguejo corresponde ao beneficiamento dos animais, a extração da carne, chamada de “massa do caranguejo”, produto altamente valorizado no mercado.

³⁸Extração de caranguejo é o termo técnico, na linguagem dos pescadores locais o termo utilizado para mencionar a atividade é “tiração de caranguejo”, para eles, é o ato de capturar o caranguejo dos manguezais.

Com base nessas atividades exercidas na região, os manguezais são de suma importância para a população local, pois além de exercerem a atividade pesqueira, os pescadores utilizam outros materiais originados dos manguezais para utilizar nas pescarias, como a madeira para a confecção dos currais de pesca, atividade de grande relevância no município especialmente na localidade do Aê.

O município também é conhecido pela prática da pesca esportiva. Nos períodos propícios a pesca, ou seja, nas marés que são favoráveis à pesca³⁹, o município recebe pescadores tanto da capital como do interior do estado. Como a região é favorável à atividade pesqueira, possuindo grandes pesqueiros, os pescadores esportivos encontram diversas espécies de peixes como pescada amarela, corvina, xaréu, dentre outras. Essa atividade torna o município atrativo para a atividade turística, pelo seu potencial pesqueiro e a acessibilidade a esses recursos, pois é um local considerado próximo da capital e de fácil acesso.



Figura 16: Embarcações de pesca esportiva no trapiche de São Caetano de Odivelas
Fonte: Souza et al. (2017)

Outra particularidade de São Caetano de Odivelas é a sua cultura. As manifestações folclóricas são bastante conhecidas regionalmente, como os Bois de Máscara, sendo este diferente do boi-bumbá tradicional, não possui enredo e nem personagens teatrais, podendo ter número ilimitado de brincantes. Essa manifestação se configura em torno da música, dança

³⁹ As marés ditas propícias para a pesca esportiva de acordo com os pescadores são as marés de quadratura, ou marés mortas, comumente chamadas pelos mesmos. As marés mortas ocorrem durante o ciclo lunar crescente e minguante. Durante esse período, ocorre menores variações na amplitude nas marés, tanto nas enchentes quanto na vazante, e a correnteza diminui tornando mais calma as águas. Essas características torna o período propício à pesca de linha, pois facilita os peixes verem as iscas. Essa pesca figura como uma atividade de lazer, mais que econômica, dado que é feita a captura de apenas um peixe por vez.

e muita criatividade. Seus principais representantes são o “Boi Faceiro” e o “Boi Tinga”, os quais são considerados os maiores atrativos da cultura local (SOUSA *et al.*, 2012). Além do boi, outros personagens compõem a brincadeira como os pierrôs e cabeçudos. Os pierrôs usam máscaras, macacões e um adorno na cabeça e os cabeçudos são personagens com cabeças enormes em comparado ao corpo. A máscara do cabeçudo é feita de papel *machê* e oculta o brincante, o qual veste um terno preto ou azul, das cabeças saem as mãos e braços de mentira. O boi de São Caetano de Odivelas se difere das outras brincadeiras de boi em relação ao uso das máscaras e ele ser quadrúpede, ou seja, duas pessoas conhecidos como tripas lhe dão vida e o fato de não haver enredo pré-estabelecido (ALMEIDA & SANTOS, 2012). Segundo Santos Junior (2012), o cortejo possui como figura principal um boi mimético acompanhado de personagens mascarados com uma orquestra de sopros, violões, tambores e maracás. Essa cultura teve início no século XX e ocorre sempre no mês de junho, homenageando os santos do mês como São Pedro e São João.

Visto todo o potencial pesqueiro da região do município de São Caetano de Odivelas, lideranças do município observaram a necessidade de preservar os recursos naturais encontrado na região e iniciaram na década de 90 as discussões para a criação de uma reserva extrativista no município. Através do decreto s/nº, de 10 de outubro de 2014, foi criada a Reserva Extrativista Marinha Mocajuba. Os rios Mojuim, Barreta, Mocapajuba e Maruimpanema deram origem ao nome de Mocapajuba, visto que são rios de grande importância para os pescadores da região. Segundo ICMBIO (2014), a criação de uma unidade de conservação possui como objetivo resguardar o modo de vida da população tradicional que exerce atividades voltadas ao uso dos recursos naturais, especialmente os recursos pesqueiros, para o caso da Resex marinha.

De acordo com Santos (2016), o processo de criação da resex durou quase duas décadas. Em 1997 ocorreu a proposta inicial da criação de uma reserva por meio de um grupo de mulheres pescadoras, resultante de uma articulação entre lideranças comunitárias de áreas pesqueiras e movimentos sociais de pescadores e pescadoras. Esse processo de criação pode ser dividido em dois momentos: o primeiro através de uma organização local de mulheres e o segundo regido pela Colônia de Pescadores. Essa solicitação da Resex-mar para o município contou com influências do Movimento Nacional de Pescadores (MONAPE) e Movimento Nacional dos Pescadores do Estado do Pará (MOPEPA) e também dos Encontros de mulheres pescadoras promovido pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

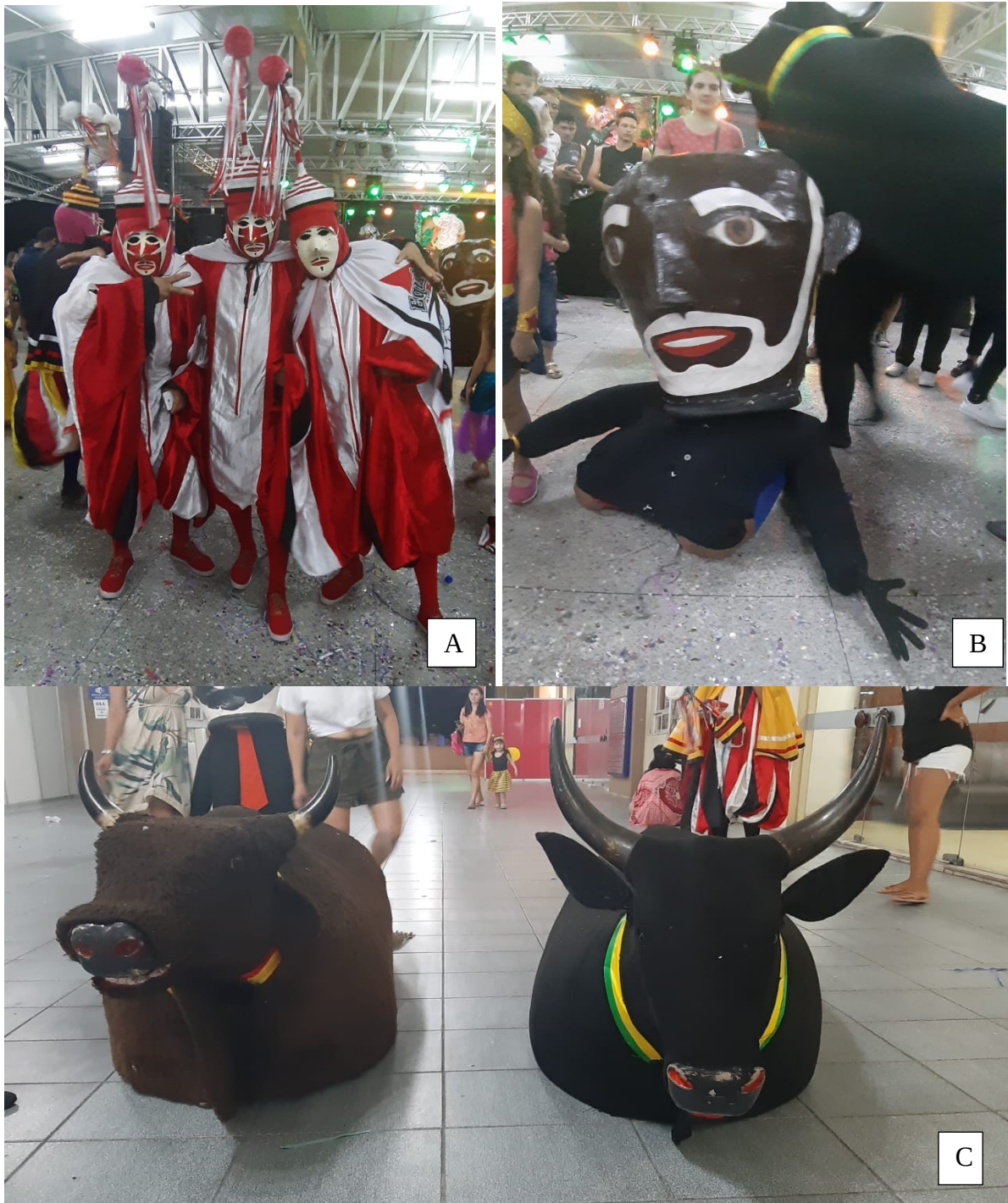


Figura 17: Apresentação do boi de máscara de São Caetano de Odiveiras constituído dos seguintes personagens: (A) Pierrôs; (B) Cabeçudo; (C) Boi Faceiro e Boi Tinga. Fotografia: Palheta (2020)

A criação da reserva extrativista foi motivada pelos conflitos relacionados à pesca na região. O principal ecossistema do município, o manguezal, passa por processo de ameaça pelo excesso de exploração, tais ameaças listadas a seguir são os principais motivos abordados para que se efetivasse a criação da reserva na região, buscando resguardar os

recursos naturais e minimizar esses conflitos existentes no município: a “tiração” e comercialização do caranguejo, uso da madeira nativa para ser usada na produção de lenha, pesca predatória nas cabeceiras de rios e igarapés, a atividade de pesca esportiva, a invasão de áreas de coleta de crustáceos por moradores de outros municípios e a pesca dos “currais de enfia” considerada predatória (ICMBIO, 2014).

3.2 A menina da pesquisa bebeu a água do Aê e não vai mais embora

A minha primeira ida ao Aê ocorreu em 2014. Ir para um local desconhecido nem sempre é uma tarefa fácil, muito menos quando não se conhece ninguém, o oculto se torna mais obscuro ainda. Não saber se irá conseguir atingir o objetivo da viagem é uma rotina diária do pesquisador, pois mesmo em lugares que já são conhecidos, não é garantia de sucesso; e todo dia é um novo desafio a ser enfrentado e ir para o Aê sem conhecer ninguém era o início do meu desafio, pois sim, ele só estava começando.

Chegando ao Aê meu primeiro desafio era saber com quem eu poderia conversar. A rua de entrada do Aê é composta por poucas casas, devido a este fator dificilmente se vê movimento na rua de pessoas, e ainda mais no horário que cheguei, por volta de 12h. Fui dirigindo devagar e cheguei ao campo de futebol, local central da localidade. Bem em frente ao campo tem a escola do Aê e havia alguns jovens sentados à sombra utilizando o celular, pois ao redor do campo é o melhor local para utilizar o celular devido o sinal de telefonia ser bom.

Conversei com esses jovens e expliquei que gostaria de conversar com alguém da localidade para saber um pouco das atividades realizadas lá, principalmente sobre a pesca. De imediato indicaram sr. Carlos ou a sua filha Lena. Seu Carlos é bastante conhecido no local por ser um representante da colônia de pescadores e a sua filha lidera o grupo de jovens da igreja católica, é professora de catequese, realiza mobilização das crianças e jovens para todo e qualquer atividade da igreja. Ou seja, ambos são pessoas que possuem forte expressão no local e são conhecidos como lideranças entre os moradores.

A colônia de pescadores e a igreja são os órgãos de maior representatividade no Aê, através deles os pescadores possuem maior proximidade para a realização de suas atividades do ponto de vista da relação com o governo do estado, a federação e mesmo a gestão local.

Então, meus primeiros interlocutores me ensinaram onde ficava a casa dessas pessoas e segui em busca do endereço. Chegando à casa fui recebida da melhor forma possível, uma família muito cordial que se dispôs a nos ajudar e indicaram outros possíveis interlocutores

que poderiam contribuir com a pesquisa do projeto. Nesse primeiro contato, não fiquei hospedada na localidade, fui apenas conhecer o local e conversar com as lideranças, mas pude sentir que seria um ótimo lugar para realizar minha pesquisa, não somente pelo lugar, mas pela hospitalidade das pessoas, sr. Carlos ofereceu abrigo na sua casa caso eu quisesse retornar, esses quesitos foi algo motivador na minha escolha.

Assim, retornei ao Aê em 2015 para iniciar o meu trabalho de campo agora com outro olhar, as angústias e dúvidas quanto à permanência no local foram deixadas de lado e as inquietações quanto ao levantamento dos dados ganharam espaço. Este retorno foi rodeado de muitas expectativas sobre se eu realmente havia feito a escolha certa, e essa era uma dúvida que somente teria resposta ao longo da coleta dos dados. Instalei-me na residência de seu Carlos. A casa da família é grande, espaçosa, de alvenaria, cenário bem comum no local⁴⁰, a maioria das casas são de alvenaria. No entanto, o casal trabalhava como caseiro nessa casa, possuíam apenas um terreno localizado no Aê mesmo como propriedade da família⁴¹. O gráfico da Figura 18 é retrato da realidade sobre as casas encontradas no Aê, e essa condição de moradia está atrelada segundo os pescadores a pesca de curral, que é uma atividade que ainda conseguem obter lucros.

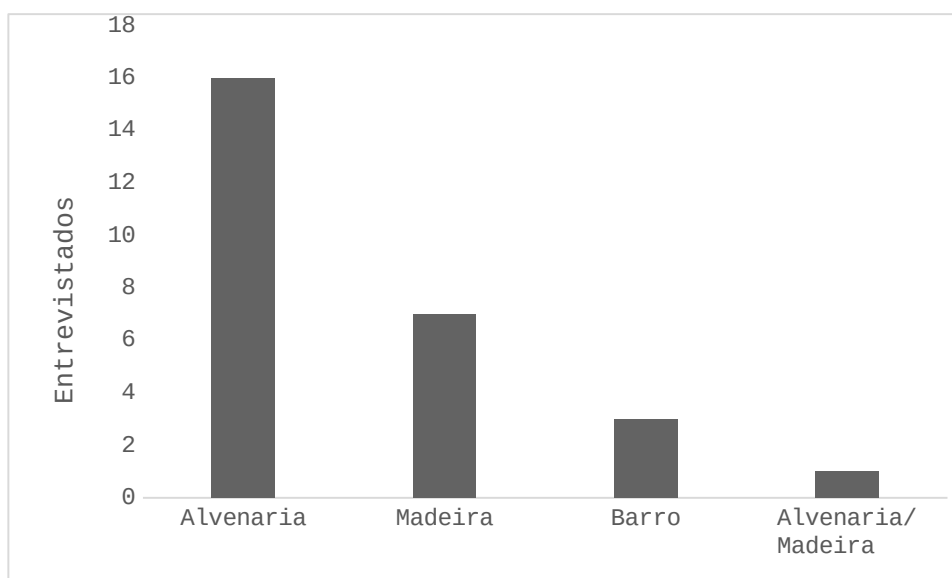


Figura 18: Aspecto da edificação das residências no Aê
Fonte: dados da pesquisa

Devido ao sr. Carlos estar envolvido com os assuntos da colônia de pescadores e a reserva extrativista no município, ele optou por não colocar curral nos últimos 3 anos. Para a

⁴⁰ As casas do Aê são geralmente de alvenaria compostas geralmente no mínimo por dois quartos, sala e cozinha, visto que, comumente mora mais de uma família na residência.

⁴¹ Durante o tempo que frequentei o Aê, a família conseguiu comprar a casa que moravam e tal fato era algo de grande orgulho entre eles.

linha de curral não ficar sem uso, aceitou emprestar a mesma para outro curralista do Aê⁴². A sua esposa é uma excelente tiradora de caranguejo, sempre trabalhou no mangue, desde a infância, mas atualmente somente tira para o consumo familiar.

Quando cheguei no Aê, eu era conhecida como a “menina da pesquisa”, qualquer casa que eu fosse, sempre escutava esse codinome. Ao mesmo tempo em que eu estava “popular”, eu era uma estranha. As pessoas me olhavam desconfiadas, e nesses olharem pude sentir a curiosidade, dúvidas e solidariedade. As curiosidades e dúvidas pairavam sobre “o que alguém da universidade estava fazendo ali?”, afinal todos sabiam que eu não tinha familiares na localidade, que de fato eu era alguém de “fora do Aê”, sendo assim, o que me levava a estar ali. Com o passar do tempo, de tanto me verem no local começaram a dizer que eu tinha bebido a água do Aê e não queria mais ir embora.

O Aê não é um local muito pesquisado academicamente, os estudos são escassos. Alguns pesquisadores já tinham passado por lá, mas algo rápido, que talvez muitos moradores nem chegaram a perceber suas visitas, devido este fator, eu era uma novidade no local. A solidariedade me foi mostrada ao longo do tempo, a cada casa que eu visitava, sentia a compaixão das pessoas, pois diziam que eu estava longe de minha casa, de meus familiares e eu precisava ser bem cuidada, seja na forma de uma alimentação, os moradores dizia: “coma menina, seus pais precisam saber que você está sendo bem cuidada”, ou de uma boa conversa.

Tal solidariedade se apresentava também no compartilhamento dos conhecimentos, nas conversas. Os pescadores mais idosos se preocupam com quem eu iria conversar, pois diziam que nem todos sabiam explicar direito sobre a pesca de curral e isso poderia comprometer meu trabalho. Direccionavam-me às casas que eu deveria visitar e as que não deveria, pois havia pessoas que moravam a pouco tempo no local e não eram fontes confiáveis para eles. Todo esse processo de acolhimento me fez ficar cada vez mais à vontade no Aê, passei a ter mais segurança, fazendo com que a minha pesquisa fosse fluindo ao longo do tempo.

Na casa onde fiquei também passei por processos de aceitação. A casa continha dois quartos, um do casal e outro dos filhos. Quando cheguei, me instalaram em um quarto sozinha, como eu não conhecia a rotina da casa, não sabia que era o quarto do casal, assim, todos passaram a dormir em um único quarto. Tal situação me incomodava, mas nada os faziam mudar aquela separação, até então eu era uma visita.

⁴² Seu Carlos passou por uns problemas durante o empréstimo da sua linha de curral, tal fato será descrito no capítulo sobre a pesca de curral.

Nesse período, eles tinham televisão e ela ficava no quarto deles, eu nunca assistia, pois, o quarto deles era o único espaço da casa que eu não tinha acesso. Eles só assistiam TV à noite, jantávamos e eles se reuniam no quarto e eu ficava escutando no quarto ao lado. Este cenário se estendeu ao longo da primeira viagem, da segunda, e as viagens duravam de 10 a 20 dias em campo. No último campo realizado no ano de 2015 finalmente fui convidada a assistir TV, e esse momento foi cercado de significados, eu estava deixando de ser apenas uma visita, passaram a ter confiança em mim, percebi então que o meu processo de aceitação tinha se instalado.

Após esse episódio, as coisas foram se modificando na relação com meus interlocutores de casa, por assim dizer. As crianças passaram a dormir junto comigo no quarto, passei a participar mais das atividades da família, que até então era limitada⁴³, até mesmo as conversas foram ficando mais leves e livres, conversávamos sobre tudo e isso me permitiu conhecer bem mais a família e o Aê, pois eu já não era uma visita, era considerada uma filha adotiva, era assim que donos da casa me apresentavam a outras pessoas. Quando retornei em 2016, a TV não estava funcionando. Nossa rotina noturna mudou, jantávamos e ficávamos conversando até a hora de dormir. Talvez, nesses dias pude ter uma interação maior com a família em conjunto, já me sentia de fato pertencente aquele núcleo familiar.

Não somente na casa fui sendo aceita, mas no Aê como um todo. Já não era vista como uma estranha ou a “menina da pesquisa”, já sabiam meu nome e escutava que eu havia “bebido a água do Aê e não iria mais embora”. Eu participava de todas as atividades na igreja. Em um final de semana fizemos um mutirão para limpar a igreja. No domingo, durante a missa, um dos moradores me agradeceu por eu estar compartilhando daquele momento em prol da localidade. A cada avanço na aceitação, era uma vitória, eu estava conquistando um elo de confiança com a localidade e isso me deixava bem satisfeita.

Sempre quando eu voltava para casa, ia me despedir de alguns pescadores, e na minha última ida ao Aê a despedida foi marcada de muita emoção e uma despedida me marcou. Fui na casa de um dos pescadores mais antigos da localidade e ele me disse que o Aê iria ficar triste, pois quando um membro da localidade vai embora, o Aê se entristecia. Nessa despedida eu tive a certeza de que tinha sido aceita, o que me deixou emocionada e ansiosa pelo retorno. Nesse dia tive certeza de que um dos meus maiores desafios havia se cumprido, diversos tipos de cenários poderiam ter ocorrido, até mesmo o pior, de não ter sido aceita e isso afetaria meu trabalho, porém tive sucesso, e retornei à minha casa com a sensação de dever cumprido.

⁴³ As atividades rotineiras da casa, como cuidados da casa, não eram permitidas eu ajudar. Sempre quando eu tentava ajudar, não deixavam por me verem como uma visita.

3.3 História do Aê: *nasci e me criei aqui*

A origem do Aê para muitos moradores ainda é desconhecida. Durante a minha busca pela história do local, acabei despertando a curiosidade nos moradores em relação a essa origem. A indicação para que eu procurasse conversar com as pessoas mais idosas do Aê era feita por todos, assim todos imaginavam que eles seriam as pessoas mais indicadas a relatar tal história. A expressão mais mencionada pelos moradores é a seguinte: *Desde que eu me entendo por gente, esse Aê existe, nasci e me criei aqui*. Dona Laura, uma senhora de 82 anos, a moradora mais antiga do Aê, me relatou a história do local e questionou que as crianças antigamente não tinham tanta curiosidade em conhecer a história do lugar, por isso muitos não conhecem tal relato.

Por volta de 150 anos atrás, o primeiro morador chegava no Aê. Este residiu próximo do porto chamado porto do Aê. Há relatos de que quando esse morador atracou sua canoa pela primeira vez no porto, o único som que escutou foram os coxos de sapos que se assemelham a palavra Aê, denominando assim a localidade. Morava sozinho, não tinha família no local, não é conhecida a história dele, pois não há nenhum familiar morando no Aê atualmente, e as pessoas que o conheceram já são falecidas.

A partir da chegada desse primeiro morador, os habitantes das comunidades vizinhas passaram a ter interesse em morar no Aê. E essas pessoas foram se mudando aos poucos, ordenados por alguns motivos. As localidades nas quais moravam, apresentavam muitas dificuldades de locomoção. Nos relatos, os interlocutores evidenciaram que para irem à cidade era somente de canoa, e os que não poderiam ter tal meio de transporte encontravam ainda mais dificuldade para locomoção e acesso a cidade. O croqui abaixo demonstra como era a disposição das comunidades em volta do Aê, a localidade de Simimboca e Bacuri não existem mais. O que restou foram portos que os pescadores ainda utilizam para desembarcarem quando retornam das pescarias. Pratiquera ainda existe, no entanto, moram somente duas famílias.

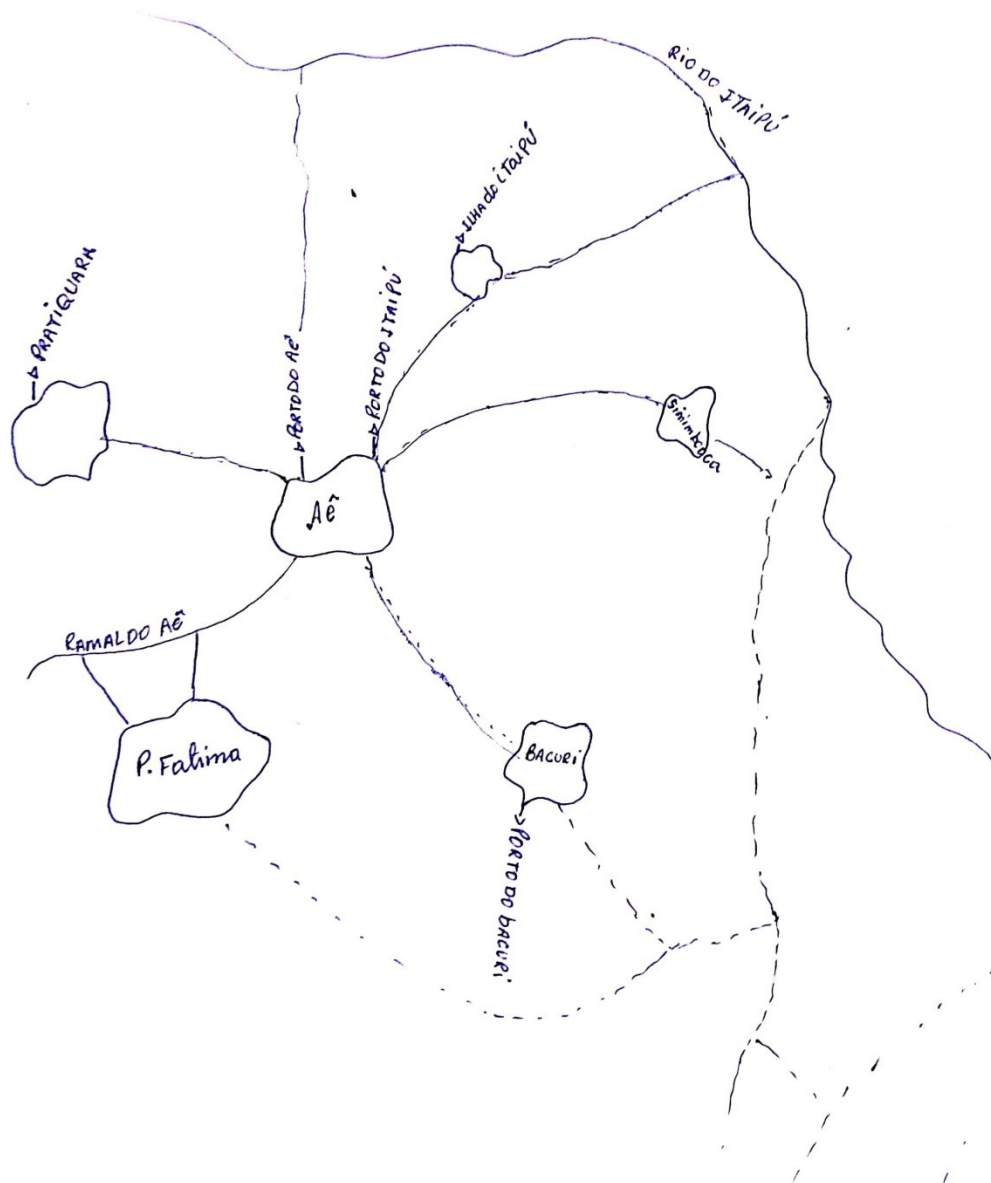


Figura 19: Croqui das comunidades vizinhas ao Aê
 Fonte: Moradora do Aê (2017)

A vida dos pescadores nas comunidades ao redor do Aê apresentava algumas limitações, como por exemplo, a ausência de atendimento médico. É comum escutar relatos de mulheres sobre problemas durante a gravidez por falta de assistência médica, algumas chegaram a dar à luz na canoa durante a ida à cidade ou até mesmo perdendo seus bebês. Embora no Aê ainda não tivesse sido aberto o ramal que dá acesso ao centro urbano, os moradores quando precisavam ir à cidade, colocavam suas roupas em sacolas e caminhavam

pelo mangue. Um outro quesito de importante relevância é o fato de o Aê ter terra apropriada para plantação, assim poderiam fazer suas roças e complementar o sustento da família.

Outro fator relevante na localização do Aê, é o fato de ser circundada por uma área extensa de manguezais. A população local relata ser um local privilegiado por terem várias opções de conseguir sua fonte de alimentação e renda, visto que a base econômica local é a exploração dos recursos naturais provenientes dos manguezais, rios e mares, em especial a pesca de curral. Os moradores dizem que no Aê só passa fome quem quiser, pois há várias opções de alimentação que podem ser extraídas da natureza, e isso é a grande riqueza do local. Sendo assim, esses fatores influenciaram na migração dessas famílias para o Aê. O relato a seguir é de um parente de um morador antigo que conheceu a localidade e sua riqueza em recursos naturais, e acabou se instalando definitivamente no local, assim ocorreu com diversas famílias da localidade.

Como eu lhe disse é diferente de trabalhar como os serviços em Belém, eu trabalhava em casa de família lá, aqui não, dá pra trabalhar no caranguejo, no camarão, ai eu já me acostumei, já to morando há dois anos aqui. J.B., 34 anos.

Um acontecimento que irei relatar retrata bem como é essa facilidade de acesso aos recursos. Na véspera do meu retorno de uma das viagens realizada, dona Maria disse que iria capturar caranguejo para eu jantar, que eu não poderia voltar sem comer um caranguejo. Era por volta das 16hs, estava nublado, ela e seu esposo saíram para o manguezal. Quase uma hora depois, voltaram com três caranguejos, como estava chovendo, não quiseram adentrar muito o mangue, no entanto, para eles, esses três caranguejos já eram o suficiente para me oferecer durante o jantar. Este fato denota a facilidade ao recurso na localidade, mesmo estando fora do período de safra do pescado que é a principal atividade econômica da localidade, a população possuem a possibilidade de obter com facilidade outros recursos para se sustentarem.

Passado essas minhas percepções quanto a disponibilidade de recurso, a busca pela história do Aê continuava. Os moradores relataram que mesmo com a mudança das famílias para o Aê, as crianças continuavam a estudar nas suas comunidades de origem, visto que nesse período ainda não existia escola no Aê. Com a evasão das famílias dessas comunidades, atualmente essas localidades não existem mais, resta somente as lembranças através de estruturas de casas que um dia foram habitadas. Alguns pescadores fazem barracas para guardar seus pertences quando vão pescar, porém a habitação é temporária, quando terminam de pescar retornam as suas residências no Aê.

E assim o Aê foi se constituindo. As primeiras famílias a habitarem o local possuem suas casas nas proximidades das ruas que dão acesso aos portos, são casas construídas em locais considerados privilegiados por parte dos pescadores, por serem próximas aos portos, facilitando o transporte de materiais de pesca e o escoamento da produção. Essas famílias são as consideradas mais fortes na atividade pesqueira, onde atualmente a atividade já passa pela terceira geração familiar, se perpetuando dentro do âmbito familiar.

Enquanto os maridos trabalhavam na pesca, suas esposas trabalhavam na roça e cuidavam dos filhos. Os maridos relatam que não gostavam de levar suas esposas durante as pescarias por considerarem uma atividade de grande esforço físico, devido pegarem muito sol, chuva, passarem frio, e outros riscos que há na atividade como fortes maresias e perigo com ferroada⁴⁴ de peixe⁴⁵. Tais motivos os levam a crer que a atividade não seja apropriada às suas esposas e filhas, deixando tais atividades para os filhos homens. Nesse caso, as mulheres participam de outras atividades ligado a pesca de curral, como cuidar do pescado, ajudar na montagem e na comercialização.

Segundo Wootman (1992), as atividades em terras são destinadas ao espaço de trabalho das mulheres com a ajuda dos maridos no preparo do solo, e nas atividades pesqueiras, as mulheres os ajudam na confecção e reparação dos apetrechos de pesca e na limpeza e preparação do pescado. Essa divisão de tarefas é vista como uma relação de complementaridade, no qual ambos se ajudam, viabilizando seus respectivos trabalhos.

Quando havia poucas casas no Aê, os moradores relatam que existia muita união, todos se ajudavam, não havia desavenças entre eles, e sempre trabalhavam em prol de melhorar o local, faziam capinação comunitária nas ruas e limpeza dos portos. As crianças brincavam nas ruas, os vizinhos frequentavam as outras casas e assim consideram que era uma localidade que vivia harmoniosamente.

Em 2003 as mudanças começaram a ocorrer no Aê. O ramal que dá acesso a São Caetano de Odivelas foi aberto, algo muito esperado por parte dos pescadores, pois iria facilitar o escoamento da produção e aos moradores de um modo geral, visto que teriam mais

⁴⁴ Ferroada é o termo utilizado pelos pescadores para denominar os acidentes causadas com os peixes que possuem ferrão, como as arraias, os bagres, tais acidentes são caracterizados pela introdução dos ferrões dos peixes na pele dos pescadores. Causando dores intensas e inflamações na região afetada.

⁴⁵ Segundo Lameiras *et al.* (2013), durante o processo de evolução, os animais desenvolveram mecanismos de defesa para auxiliar a captura de presas ou intimidar o agressor, produzindo assim venenos ou peçonhas, o que garante aos animais aquáticos a sobrevivência nos ecossistemas de grande competitividade. Um exemplo de peixes peçonhentos são as arraias, os quais possuem veneno de caráter traumático ou necrosante, com dor predominante, possuem ferrões ou espinhos, retrosserrilhados e pontiagudos, revestido por tegumento, capazes de ferir e introduzir a peçonha. O envenenamento por esses peixes pode causar vários sintomas como dor intensa, necrose cutânea, bolhas, ulcerações e febre, dependendo do local da lesão, pode causar a morte do indivíduo, como nos órgãos vitais.

facilidade de chegar à cidade. E assim aconteceu. Compradores de peixes passaram a ter acesso ao Aê, a atividade pesqueira se intensificou devido a demanda, o que tornou a localidade um dos polos pesqueiros de grande relevância ao município de São Caetano de Odivelas. No entanto somente vendiam peixes fresco ou salgado, pois na localidade não havia ainda energia elétrica.

Em 2003, foi criado pelo governo federal o programa Luz para Todos⁴⁶. Um dos moradores ficou sabendo do programa através de seu rádio de pilha, até então era o único meio de comunicação acessível a essas famílias, assim poderiam saber das notícias tanto locais como nacionais. Diante desse conhecimento, tal morador relatou a família que a partir desse programa iria chegar energia no Aê. E suas perspectivas estavam certas, em 2008 começou a ser instalada a energia elétrica no Aê. Foi um marco no local. Inicialmente foram instalados os postes e três casas foram pioneiras em ter energia elétrica. Foi uma festa, toda a vizinhança foi para essas casas assistir televisão e ver a novidade. A cada progresso do local, era recebido com muita festa, e a energia elétrica iria beneficiar especialmente os pescadores, iriam poder congelar seus peixes e não vender somente peixes salgado ou fresco.

Com a chegada da energia, foi instalada uma caixa d'água, as casas passaram a ter água encanada, que antes usavam poços artesianos. Toda essa estrutura foi atraindo cada vez mais moradores para o local, aumentando considerável o número de casas que atualmente consta com 80 residências. No entanto, alguns problemas começaram a surgir de acordo com os moradores, a união que antes existia, não existe mais. Com a facilidade de acesso à cidade, passaram a cobrar dos órgãos públicos atividades que antes era realizada pelos moradores, como a limpeza das ruas, e tal fato é visto como negativo pelos moradores mais idosos do Aê, pois relatam que as pessoas só cuidam dos seus terrenos e não da localidade no geral.

A chegada da energia modificou todas as relações sociais que antes tinha no Aê. As crianças que brincavam nas ruas passaram a ficar em casa assistindo televisão. Os adultos possuíam o costume de ir à casa dos vizinhos para ficarem sentados nas portas das casas conversando, acabou se tornando cada vez mais escasso tal acontecimento. Devido a esses fatores mencionados, os idosos do Aê relembram com grande saudosismo os anos anteriores, especialmente a infância e adolescência, apesar das dificuldades enfrentadas na época, mas gostavam de como viviam. No entanto, não foram somente essas mudanças ocorridas no Aê. Após a instalação da energia elétrica, as poucas informações sobre a origem do nome Aê e o seu significado fez com que a localidade passasse a ser chamada de Mariapólis. Este nome foi

⁴⁶ O Programa Luz Para Todos foi lançado em 2003 por meio do decreto 4.873 de 11/11/2003 com o objetivo de levar o acesso à energia elétrica para mais de 10 milhões de pessoas do meio rural até o ano de 2008.

escolhido devido os moradores serem devotos de Santa Maria. Mas, o nome Aê ainda prevalece no conhecimento da população das localidades vizinhas e no município em questão.

3.4 Conhecendo o Aê: *Chegou no Aê ficou*

Para que haja um conhecimento de uma forma mais geral sobre o Aê resolvi mesclar alguns dados socioeconômico da localidade oriundos dos resultados do projeto de pesquisa denominado “Empoderamento, ethos local e recursos naturais: a cartografia social como estratégia para a elaboração de planos de ação em Resex marinhas do salgado paraense” ao qual fiz parte e a minha vivência na localidade.

O Aê encontra-se a 7 km da sede de São Caetano de Odivelas. Chegando na cidade, tem-se a opção de ir de mototáxi cobrando em média R\$10,00 a passagem que geralmente é meio de transporte mais utilizado devido a disponibilidade ser maior. Do Aê para a cidade, há um ônibus que circula nas comunidades, passando no Aê, às 5h45min da manhã e retornando às 12h, cobrando R\$4,00 a passagem. Os moradores utilizam como principais meios de transporte motos particulares, bicicletas, com duração de viagem para a cidade de 10 a 25 minutos, variando de acordo com o transporte utilizado.

A vila contém aproximadamente 80 casas espalhadas pelas quatro ruas que o local contém. Essas ruas rodeiam o campo de futebol localizado na parte central. Este campo de futebol reúne praticamente todos os moradores por diversos motivos em várias ocasiões. No Aê não há posto médico, quando precisam vão a cidade de São Caetano de Odivelas em busca de consulta, na localidade somente há uma agente de saúde que visita a famílias rotineiramente. As ruas possuem iluminação pública e não são pavimentadas dando ar a rusticidade do local que exalta as belezas naturais contidas na região.



Figura 20: Localidade do Aê em São Caetano de Odivelas/Pará
Fotografia: Palheta (2015)

O Aê possui uma escola municipal de nível fundamental. Abrangendo as séries iniciais do 1º ano ao 4º ano. Após as crianças concluírem o 4º ano, passam a frequentar escolas de comunidades próximas, como Pereru de Fátima, ou na sede do município, em São Caetano de Odivelas. O gráfico abaixo mostra as comunidades onde há escolas frequentadas pelos alunos

do Aê, observa-se que a maior parte frequenta a escola do Aê, isso se reflete ao grande número de crianças em idade escolar encontradas na vila.

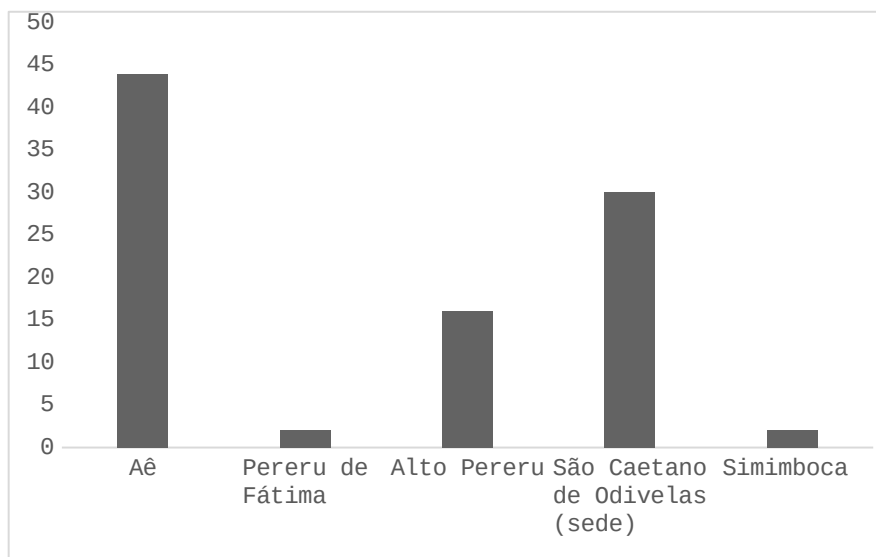


Figura 21: Localidades onde há escolas frequentadas pelos estudantes do Aê
Fonte: dados da pesquisa

Os alunos que precisam se deslocar a outra comunidade ou para a cidade para frequentar a escola há um ônibus escolar diariamente que entra em todas as comunidades para buscar os alunos. Os pais dos alunos evidenciam essa praticidade, pois relatam que quando eram crianças não tinham essa disponibilidade de transporte, tinham que ir a pé, e atualmente o transporte apresenta diversas vantagens como a diminuição da evasão escolar e a tranquilidade por parte dos pais por saberem que os filhos irão estar seguro no caminho da escola, possibilitando que façam seus afazeres diários mais tranquilo, a fala a seguir nos mostra a dificuldade enfrentada antigamente:

Agora tudo é mais fácil, o ônibus vem buscar aqui na porta e deixar, só não estuda quem não quer ou quem precisa trabalhar, antes era tudo mais difícil, enfrentar esse mangue pra chegar na escola todo dia não era fácil. (R., 70 anos).

A rotina do Aê é toda voltada para a pesca. Todas as suas atividades estão ligadas a pesca, seja confeccionando currais, limpando os peixes para a venda em seus jiraus (figura 22), concertando redes ou outros apetrechos, a tiração do caranguejo e entre outras atividades. Essa percepção está representada no gráfico a seguir, onde a maioria se autodenomina pescador, e sentem orgulho dessa profissão, apesar de todas as intempéries enfrentadas no dia a dia.

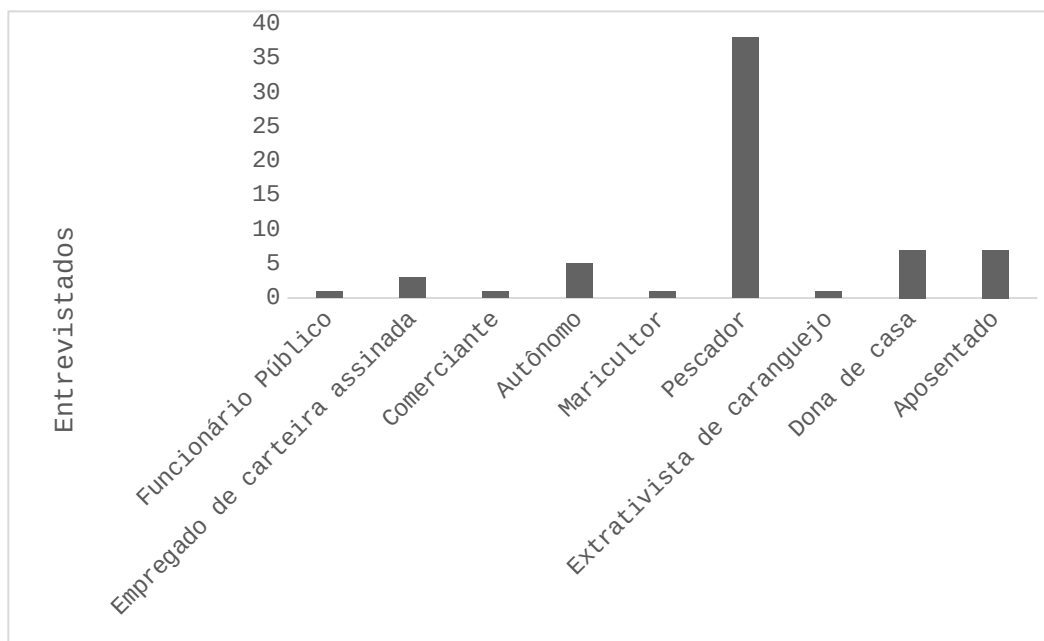


Figura 22: Profissões exercidas no Aê
Fonte: dados da pesquisa

Os pescadores trabalham de segunda a sábado pela manhã. Nos sábados e domingos à tarde sempre acontece o jogo de futebol, tanto de homens quanto de mulheres. Tal atividade é o momento de lazer que possuem, e reservam esses dias a se dedicarem ao esporte e a família.

Ao redor do campo a população se reúne para assistir as partidas de futebol e aproveitam para passear com seus filhos e conversar com os vizinhos. No meu caso em particular, as minhas idas à beira do campo se davam pela busca de entrar em contato com a minha família e isso se reproduzia todos os dias. Os moradores utilizam a mesma estratégia de ir ao campo em busca de sinal de telefonia celular quando precisam, porém, a frequência é bem menor, o campo para os moradores tem outro significado, visto que não possuem a dependência em relação ao celular e internet.

Geralmente times de localidades vizinhas vão jogar com o time do Aê ou o time do Aê joga em outros locais. Um ônibus de São Caetano de Odivelas vai buscar o time do Aê e as famílias dos jogadores aproveitam para irem assistir à partida, o Aê fica praticamente vazio. A espera é grande por este momento de descontração, seja pelos jogadores, pelas esposas, pelas crianças e os outros espectadores do Aê, seja para torcer pelo time, rever os amigos, vender lanches e o principal que é a distração por parte da população.

Aos domingos de manhã, a população participa da missa na única igreja católica do local, inclusive a família que me acolheu em sua casa é responsável em abrir a igreja e limpar, ou seja, eu também participava junto a eles dessa atividade e assistia as missas. Em 2016 foi construída a primeira igreja evangélica no local, no entanto ainda há poucos participantes.

Mas estava começando a haver algumas rupturas entre os católicos e evangélicos. Foi-me relatado alguns conflitos que começaram a ter, no entanto ainda é recente a introdução de uma nova religião no local.

Há uma sede de clube esportivo e um campo de futebol. Não há supermercado no local, somente quatro casas que possuem um comércio pequeno, comumente chamadas de tabernas⁴⁷, onde podemos encontrar produtos básicos, especialmente aqueles constituídos em uma cesta básica, sem muita diversidade. Quando a população precisa fazer compras seja de produtos alimentícios, limpeza, roupas etc., vão a São Caetano de Odivelas. Há pessoas que vão vender de moto produtos alimentícios para os moradores, como o pão, toda manhã e tarde o padeiro passava no horário certo, pela manhã era por volta de 07h e a tarde por volta de 16h. Outro comerciante era o vendedor de açaí, não era cotidiano a sua visita, a sua ida se tornava mais frequente quando estava no período da safra do açaí que vai de setembro a dezembro. O Aê é uma localidade pequena, dispondo de quatro ruas, com dois portos usados para o embarque e desembarque dos pescadores. Na figura a seguir podemos observar o esboço do Aê por uma imagem de satélite e outra desenhada por mim mostrando a disposição das casas, escolas, portos etc.

⁴⁷ Taberna segundo o dicionário possui o significado de loja modesta de comes e bebes.



Figura 23: Esboço do Aê por imagem de satélite

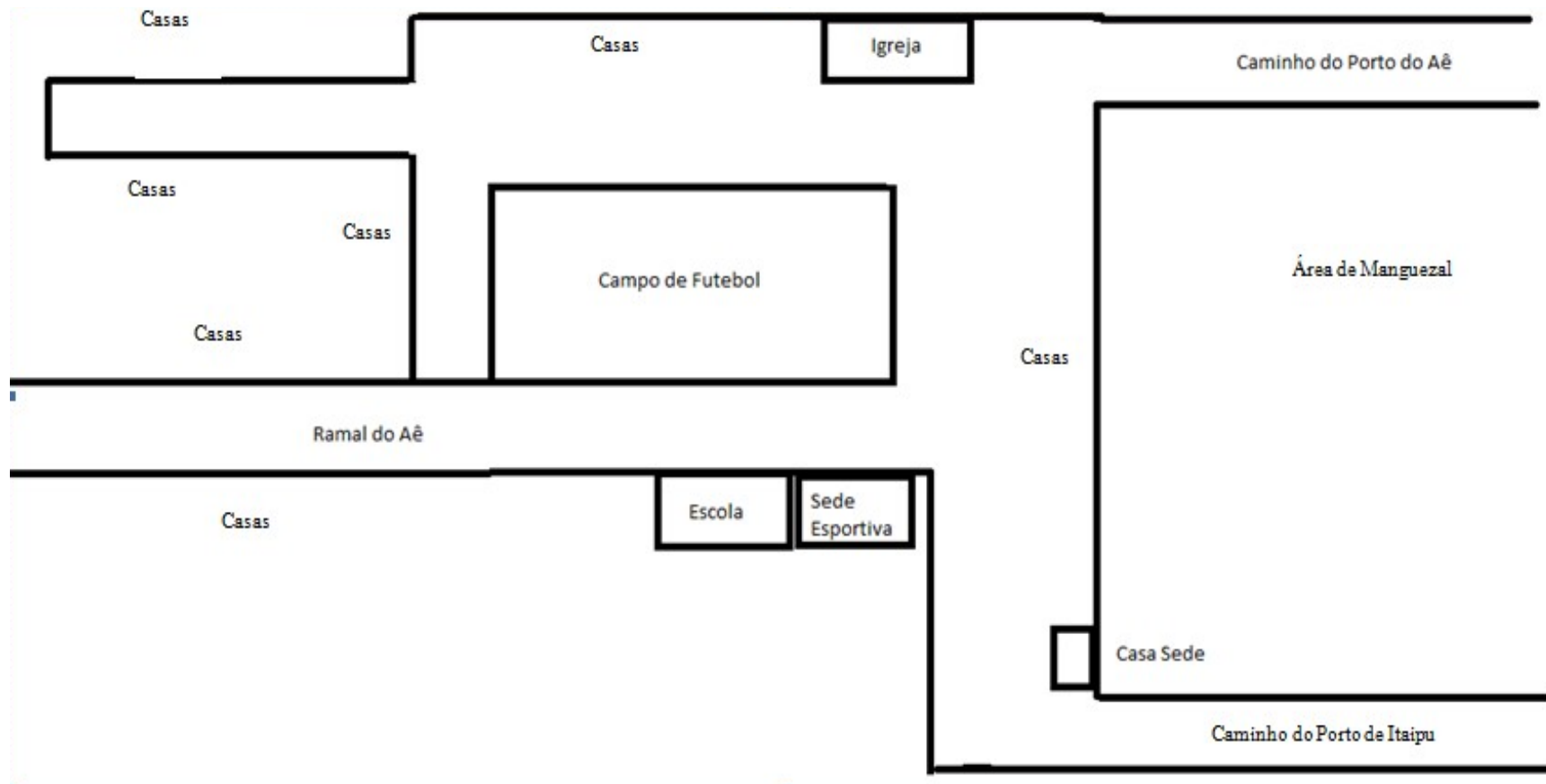


Figura 24: Esboço do Aê com a disposição das casas e os portos
Fonte: Autora

De acordo com o esboço da Figura 24, podemos observar que é uma localidade relativamente pequena. O local “casa sede” é a casa onde eu ficava hospedada, a casa do seu Carlos. Esta casa possui um local privilegiado por estar na esquina do caminho que vai até o porto mais movimentado do lugar, o Itaipu. Assim, essa localização, me permitiu observar todo o movimento de ida e volta do porto dos curralistas e carros que entravam na localidade para comprar o pescado no porto. Até mesmo nas madrugadas, quando estava na safra de pescado o fluxo era intenso, noites e noites me acordava com o barulho das motos e carros que estavam indo ao porto, seja para despesca dos currais ou comprar peixe.

O Aê dispõe de dois portos de desembarque pesqueiro, o porto do Itaipu (Figura 25a) e o porto do Aê (Figura 25b). Apesar do Aê ter se originado às margens do porto do Aê, o porto do Itaipu é o mais utilizado pela população. Os dois portos possuem saída para o oceano, no entanto, o porto do Itaipu encontra-se mais próximo do oceano, facilitando aos pescadores o deslocamento na saída para as pescarias, a localização dos currais e todo o trabalho que envolve na pesca de curral. Nesse sentido, a produção de pescado é muito maior em comparação ao porto do Aê. Poucas pessoas colocam currais nas mediações do porto do Aê, e isso faz com que a área do porto do Itaipu fique bem mais movimentado e com muitos currais nas suas proximidades.



Figura 25: Portos utilizados para desembarque pesqueiro respectivamente: (A) Porto do Itaipu e (B) Porto do Aê.

Fotografia: Palheta (2016)

A pesca de curral é uma atividade sazonal⁴⁸, ocorrendo sua intensidade durante a safra do pescado que ocorre de maio até aproximadamente em setembro. Porém, os pescadores

⁴⁸ Sazonal se refere ao que é temporário, ou seja, algo que acontece em uma determinada época ou estação do ano.

ficam envolvidos na atividade desde janeiro, quando começa o período da montagem dos currais.

Sendo assim, o Aê ao longo do ano possui um ciclo ecológico diferenciado devido a sazonalidade das atividades exercidas no local, que são divididos em três momentos ao longo do ano disposto a seguir:

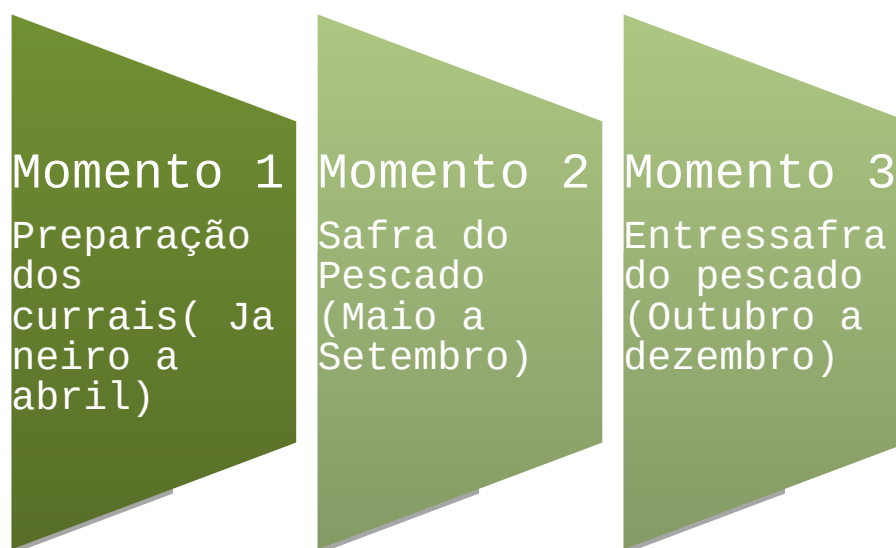


Figura 26: Fluxograma do ciclo ecológico observado ao longo do ano no Aê.

Fonte: Autora

Este ciclo ecológico é de suma importância para a dinâmica do Aê devido a ele configurar todas as atividades econômicas do local. Cada período significa mudanças das atividades, do hábito alimentar, da vida dessa população. Devido a sua importância, descrevo a seguir este ciclo que se observa anualmente no Aê.

1. O primeiro momento é a fase de preparação dos currais

Esse processo inicia-se por volta de janeiro e vai até abril, sendo que em abril inicia-se o assentamento dessas armadilhas de pesca. Os primeiros meses são destinados a compra de materiais ou coleta de materiais. Conforme vão conseguindo os materiais, iniciam a montagem da arte. É um período considerado longo, pois a montagem dos currais requer muito trabalho e depende das marés ditas *boas* para montarem as armadilhas, ou seja, nas marés de lança⁴⁹.

⁴⁹ A montagem dos currais depende diretamente do ciclo das marés. O pescador deve escolher a melhor maré para realizar tal montagem, e durante as marés de lança, é o melhor para realiza esse processo. No capítulo II tratamos a definição da maré de lança e quais as suas influências durante esse processo.

Durante esses meses, os curralistas se dedicam a montagem das artes, o que toma muito seu tempo, pois é um trabalho que requer bastante empenho. Quando possuem uma folga, vão pescar de malhadeira, e este fator me intrigou, como as famílias se sustentavam durante esse período, visto que os pescadores estão empenhados em um trabalho que até então não traz renda durante esses meses. E era algo que sempre questionava com os moradores, mas não é era bem relatado, usavam palavras soltas para explicar, mas nada muito objetivo. Diziam “vamos nos virando como pode”, no entanto, eu imaginava que não era bem assim, que precisa observar especialmente esse período de montagem para tirar as minhas dúvidas.

Quando permaneci no local nos primeiros meses do ano de 2016, pude tirar as minhas dúvidas e descobri outra protagonista durante esse período, as mulheres.



Figura 27: Moradoras fazendo a evisceração do pescado no jirau
Fotografia: Palheta (2016)

Nos meses de janeiro a abril é a safra do camarão e siri, e é nessas pescarias que as mulheres se empenham, principalmente na pesca do siri. A pesca do camarão é realizada geralmente pelos homens, por ser uma atividade noturna⁵⁰, mas as esposas realizam no período de safra mesmo sem a companhia de seus respectivos maridos. Toda noite observava mulheres indo em direção aos portos, quando seus maridos tinham folga, as acompanhavam.

⁵⁰ Os pescadores relatam que a noite a pesca do camarão é mais eficaz devido alguns fatores: os olhos dos camarões possuem um brilho e como a pesca é realizada na parte rasa das praias, ao mirar a lanterna na água, o brilho dos olhos facilita vê-los à noite e realizam o arrasto para capturá-los.

A pesca do siri é realizada de acordo com a maré baixa, então conseguia observar o movimento a qualquer hora do dia. Nessa atividade, as crianças as acompanhavam, para elas era um momento de diversão aliado ao ato de pescar o siri. Quando eu perguntava como se pescava tal crustáceo, eles até me ensinavam e me convidavam para pescar. Geralmente as mulheres vão antes de a maré baixar para poder se preparar e não perder o momento certo de começar a colocar os puçás, enquanto isso as crianças tomam banho na maré. Com essas atividades, as famílias conseguem suprir as necessidades familiares e obter uma renda, enquanto seus currais ficam prontos.

Certa vez tive a sorte de estar no Aê no período do siri e pude acompanhar as mulheres da casa a qual estava hospedada em uma pescaria. Fiquei bastante empolgada com o convite, afinal de contas, nunca havia pescado siri. A maré estava secando por volta do meio-dia e a pesca do siri é realizada durante a maré vazante, então almoçamos e fomos para o porto. Levamos os puçás, ilustrada na foto a seguir, que é a arte de pesca utilizada para capturá-los, água para bebermos, um paneiro⁵¹ e uma espécie de saco feito de náilon para trazer os siris.



Figura 28: Arte de pesca utilizada para capturar siri denominada de puçá
Fotografia: Palheta (2017)

⁵¹ Espécie de cesto, bastante utilizado pelos pescadores para transporte os peixes e crustáceos do porto até suas residências.



Figura 29: Paneiro e o um saco feito de náilon utilizado pelos pescadores para transportar os peixes ou siris capturados.
Fotografia: Palheta (2017)

Chegando ao porto, a maré já havia secado bastante, mas resolvemos tentar a pescaria mesmo assim. A dona Maria resolveu ir pegar caranguejo, e eu e sua filha ficamos na canoa pescando siri. No puçá é colocada uma isca, um pedaço de peixe, para atrair os siris e colocado na água. Como a maré já estava muito seca, não conseguíamos pegar nada, estávamos no sol, e começou a ficar cansativo e frustrante.

Sem sucesso, amarramos na canoa os puçás e fomos aguardar na sombra, enquanto isso não se ouvia nenhum sinal de dona Maria no mangue. Foi então que sua filha assobiou e dona maria respondeu com um assobio, era sinal que estava por perto. Sua filha me contou que quando criança, sempre ia com a mãe pegar caranguejo, e ficava no porto enquanto sua mãe ia ao mangue, caso ela demorasse muito a voltar, fazia exatamente esse assobio e a mãe respondia, é uma forma de comunicação entre elas e isso fazem até hoje.

Quando já não havia esperanças, conseguimos pegar uns siris. O primeiro siri avistado no meu puçá foi um momento cercado de alegria e emoção. Mas eu fiquei somente no primeiro e a moça que me acompanhava pegou os restantes. Dona Maria voltou com vários caranguejos. O que conseguimos não daria para vender, pois ficamos pouco tempo, mas o suficiente para a família jantar, e este fator é de extrema importância para a população do Aê, por mais que muitas vezes não consigam capturar uma quantidade de recurso que dê para vender, mas a alimentação é garantida. Em pouco tempo conseguimos o nosso jantar, isso evidencia a riqueza encontrada na região e o quão aquela população é privilegiada. E assim os moradores “vão se virando” como eles mesmos relatam, é um período que não há muito

recurso financeiro pois o que capturam não dá para comercializar, mas a alimentação é garantida.

2. O segundo momento é o período da safra do pescado

Após os currais estarem montados, é chegado o momento mais esperado do ano, a safra do pescado, que abrange o período de maio até setembro. Esse acontecimento é gerado de muitos significados e mobiliza todo o Aê, intensificando o movimento no local. Caminhar pelo Aê a qualquer hora do dia durante nesse período está atrelado a sentir o cheiro de peixe assando, é sinal de que a safra chegou, sinônimo de fartura na mesa do pescador.

Caminhões de frigoríficos vão diariamente comprar peixe ou alguns ficam no local até conseguirem completar a carga de pescado (Figura 29). No entanto, não necessita de muitos dias, visto que no período da safra, há currais que conseguem capturar numa maré cerca de 700 kg de peixe. Os preços variam geralmente entre R\$2,00 a R\$3,50, dependendo da espécie capturada.



Figura 30: Caminhão de frigorífico que fica estacionado no Aê aguardando a chegada dos pescadores para efetuar a compra do pescado
Fotografia: Palheta (2016)

Porém, nem todo ano a safra é boa, tem ano que mal conseguem recuperar o valor gasto no curral, mas quando ocorre uma safra boa os currais capturam diversas espécies. Algumas espécies são consumidas e comercializadas, outras somente comercializadas devido seu alto valor comercial, outras somente consumida por não ter valor comercial e outras descartadas pois não servem nem para a alimentação e comercialização como é o caso do baiacu. Outras espécies, como a piaba, são vendidas apenas as de maior tamanho devido

apresentar maior valor comercial. As de menores tamanho chamadas pelos pescadores de “piabinha” não têm valor comercial significativo, os marreiros não compram, e essas espécies ficam separadas para a alimentação da família ou até mesmo são doadas para os vizinhos. No Quadro 7 está a lista as espécies mais capturadas nos currais no Aê.

Quadro 9: Espécies mais capturadas nos currais de pesca no Aê.

Espécies	Nomes científicos	Destino da Produção
Anchova	<i>Pomatomus saltatrix</i> (Linnaeus, 1766)	Comercialização e consumo
Arraia	<i>Potamotrygon</i> Spp.	Comercialização e consumo
Bacu	<i>Eigenmannia</i> spp.	Consumo
Bagre	<i>Arius latiscutatus</i> (Günther, 1864)	Comercialização e consumo
Baiacu	<i>Colomesus psittacus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	Sem utilização
Baiacu-xaréu	<i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766)	
Bandeirado	<i>Bagre bagre</i> (Linnaeus, 1766)	Comercialização e consumo
Camurim	<i>Centropomus</i> spp.	Comercialização e consumo
Carauaçu	<i>Lobotes surinamensis</i> (Bloch, 1790)	Consumo
Corvina	<i>Cynoscion jamaicensis</i> (Vaillant & Bacourt, 1883)	Comercialização e consumo
Dourada	<i>Brachyplatystoma rousseauxii</i> (Castelnau, 1855)	Comercialização e consumo
Gurijuba	<i>Hexanematichthy parkeri</i> (Traill, 1832)	Comercialização
Pescada Branca	<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	Comercialização e consumo
Piaba	<i>Brachyplatystoma vaillantii</i> (Valenciennes, 1840)	Comercialização e consumo
Pescada Gó	<i>Macrodon ancylodon</i> (Bloch & Schneider, 1801)	Comercialização e consumo
Pratiqueira	<i>Mugil curema</i> (Valenciennes, 1836)	Comercialização e consumo
Pescada Amarela	<i>Cynoscion acoupa</i> (Lacepède, 1802)	Comercialização
Sarda	<i>Scomberomorus brasiliensis</i> (Collete, Russo e Zavala-Camin, 1978)	Comercialização e consumo
Tainha	<i>Mugil</i> spp.	Comercialização e consumo
Xaréu	<i>Caranx hippos</i> (Linnaeus, 1766)	Comercialização e consumo

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

É nesse período que os pescadores conseguem um bom lucro com a venda dos pescados, oportunizando-os de fazer reformas em suas casas, comprar bens como motocicleta

e compra de materiais de trabalho como apetrechos, canos e motores. Devido a esses fatores, a safra é um momento bastante aguardado pelos curralistas. Durante essa época é comum encontrar no Aê pessoas de outras localidades que vão passar uma temporada no local para trabalhar, geralmente com seus parentes curralistas.

No entanto, não é somente os curralistas que lucram nesse período, todos do Aê ganham de alguma forma. Os moradores que não possuem curral, vão para o porto esperar os pescadores chegarem dos currais para “tratar”⁵² ou eviscerar os peixes antes de serem vendidos, visto que os marreteiros só compram os peixes eviscerados. Os curralistas pagam essas pessoas para realizarem esse trabalho por cada despesca realizada, recebendo R\$25,00 por maré. Nesse caso, a despesca pode ocorrer durante as duas marés vazantes do dia, porém irá depender da quantidade de peixe capturado, o horário da maré e a disponibilidade do pescador. Por vezes optam por realizar apenas uma despesca por dia, assim economizam combustível. Dependendo da quantidade de peixe, o valor pago pode aumentar. Na figura a seguir tem-se a ilustração das mulheres do Aê tratando os peixes para a venda.



Figura 31: Mulheres do Aê preparando o pescado para a venda
Fotografia: Palheta (2017)

Os peixes maiores são reservados para a venda, são repassados para os atravessadores. Os peixes menores, uma parte é destinada à alimentação das famílias e o restante, salgam para ganhar um dinheiro extra. Como esses pescados não possuem valor comercial no estado in natura, os pescadores doam para as pessoas que desejam se beneficiar de alguma forma do

⁵² Termo utilizado pela população local para se referenciar ao ato de manusear e preparar o pescado para ser consumido ou armazenado.

pescado, seja para alimentação ou para o consumo. Neste cenário as relações de parentesco contidas já me elucidavam em relação às escolhas feitas pelos pescadores, a doação não era feita para qualquer pessoa, e sim para parentes ou pessoas próximas a família. Por vezes fui ao porto no momento da chegada dos pescadores e sempre me davam peixe, porém essa situação era uma exceção, não doam para qualquer pessoa.

Geralmente quem realiza essa atividade de salga do pescado são as crianças, as mulheres e os idosos, pois é uma atividade que demanda tempo, e os pescadores curralistas acabam não tendo tempo para realizar tal tarefa, e essas pessoas aproveitam para ganhar um dinheiro extra. O peixe salgado era vendido em torno de R\$6,00 o quilo, nas ilustrações a seguir pode ser observado as crianças cuidando do peixe para salgar e o instrumento utilizado para a secagem do peixe confeccionado pelos próprios pescadores.



Figura 32: Mulheres e crianças do Aê lanhando pescado para salgar posteriormente (A); Armação preparada para secar os peixes salgados (B).
Fotografia: Palheta (2017)

Paralelo a essa atividade, no porto há pessoas que vendem lanches, mingau, sopa, ou seja, os moradores aproveitam para ganhar um dinheiro extra. Aqueles que não têm curral, também evisceram peixe para ter peixe como pagamento, assim garantem a alimentação da família. Ou na maioria dos casos, sempre tem alguém na sua família que trabalha com curral e

acabam ganhando diariamente peixe, assim os moradores relatam que ninguém fica sem peixe, todos aproveitam o período da safra de alguma forma.

Outro fator de grande importância observado é a fartura na mesa dos pescadores. Quando íamos fazer as refeições, eu observava como a dinâmica da família se modificava, podiam optar pelo que desejavam comer, seja peixe cozido, assado ou frito, e de várias espécies. Desde criança, eu não gostava de peixe cozido, durante os trabalhos no período do mestrado com comunidades pesqueiras, aprendi a comer, haja vista que em muitos momentos, era a única refeição que tínhamos e eu não tinha opção de escolha. No Aê, a dona da casa sempre me ofertava peixe frito ou assado e fazia para os demais o cozido. Eu nunca relatei sobre a minha antiga preferência, mas com o passar do tempo, ela me falou que tinha observado que eu não gostava muito de peixe cozido e acabei descobrindo que não era somente eu quem estava os observando, eu também estava sendo observada.

3. O terceiro momento é a época fora da safra do pescado

A rotina do Aê muda completamente durante o período fora da safra do pescado, pois as atividades também mudam, este período compreende de outubro a dezembro. Quem trabalhava com curral, passa a pescar com malhadeira, na pesca do camarão ou na tiração do caranguejo. Durante esse período, o caranguejo ganha destaque na produção, os quais são vendidos para marreteiros. Os poucos curralistas que ainda ficam trabalhando nos currais são chamados de “curralistas de verão”, visto que esse período se dá durante o conhecido verão amazônico⁵³. Embora a quantidade de peixe seja bem menor, conseguem tirar um bom lucro, visto que só eles fornecem peixe para o Aê ou para o centro de São Caetano de Odivelas. No entanto, no verão há período que não há peixe e os moradores acabam comprando em São Caetano de Odivelas.

Os pescadores mencionaram a diferença na quantidade de pescado em relação ao passado. Antes se capturava uma quantidade maior, chegavam até soltar os peixes dos currais quando não tinham como realizar o transporte de todos os peixes. Escolhiam os peixes maiores e soltavam os menores, e distribuía para os outros moradores que não tinha curral. A venda era realizada sem pesagem, como eles chamam de “venda do peixe no olho”, ou seja,

⁵³ A região Norte está localizada próxima ao Equador. Devido a este fator, não há grandes variações de temperatura na região. As estações do ano não são definidas como no centro sul do país. No Amapá, norte do Pará e do Amazonas, o verão amazônico é caracterizado pela pouca ou ausência de chuvas, ocorrendo de maio a dezembro. E o inverno amazônico apresenta uma grande incidência de chuvas, começando em dezembro se estendendo até maio. Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/noticia/2016/09/22/inicio-do-verao-amazonico-em-macapá-0209>. Acesso em: 23/03/2018

vendiam a quantidade de peixe que achavam ser e com baixo valor em comparação aos preços atuais.

Relatam que o principal motivo dessa diminuição no estoque pesqueiro, também observado por Palheta (2013) em seu estudo no município de Curuçá vizinho a São Caetano, é o crescimento de uso de rede de emalhe com tamanho da malha pequena, tanto para peixe como para camarão, causando sérios problemas ambientais, pois essas redes pescam peixes pequenos que não são aproveitados para o mercado.

Com a implantação da Resex marinha no município em 2014, os pescadores acreditam que esse cenário no setor pesqueiro pode mudar com as normas que serão estabelecidas quanto ao uso do meio ambiente, especialmente no controle do uso das malhadeiras. No entanto, nenhuma mudança havia sido verificada com a implantação da Resex, como pode ser observado no gráfico da Figura 32 a percepção dos moradores quanto as mudanças.

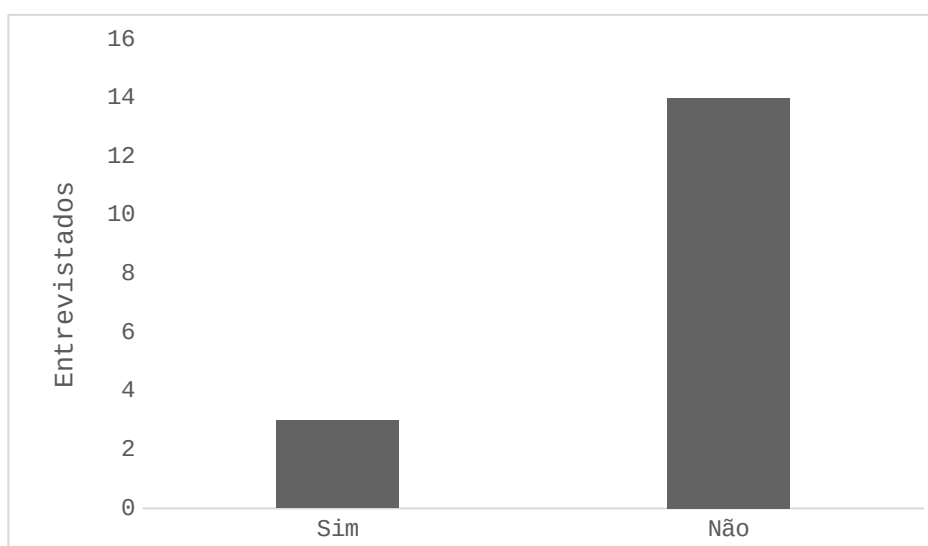


Figura 33: Percepção dos moradores em relação as mudanças ocorridas na comunidade depois da criação da Resex

Fonte: dados da pesquisa

Apesar de não ter tido nenhuma mudança quanto ao uso do recurso e saber que ela poderá ocorrer, a vila era tomada de dúvidas em relação a forma como essas mudanças poderiam vir a ocorrer, especialmente na pesca de curral. Um fator de preocupação é quanto ao uso da vegetação ao redor do Aê, tendo em vista que os curralistas retiram materiais para a confecção dos currais do mato, e normas também serão estabelecidas quanto ao uso da vegetação local. Outra preocupação se remete quanto a localização dos currais, algumas linhas são usadas por gerações e se perguntam se isso poderá mudar também.

Porém, os caranguejeiros possuem expectativas com a implantação da Resex. Acreditam que o seguro-defeso possa ser implantado depois que seja realizado o mapeamento das famílias que dependem dessa atividade, pois relatam as dificuldades no período da “andada” ou suatá⁵⁴ devido a proibição de pegar caranguejo para vender, ficando sem uma renda durante esse período, causando um transtorno na economia familiar.

3.6 Entre rezas, santos e festas

As comunidades tradicionais geralmente possuem estruturas peculiares, possuem um campo de futebol, uma igreja e uma praça em frente à igreja. No Aê não é diferente. Quando conheci o Aê em 2014, havia apenas uma igreja católica. Alguns moradores chegavam até lamentar sobre a ausência de uma igreja evangélica no local, que frequentavam a católica por falta de opção. No entanto, esses moradores eram a minoria.

A família que me abrigou é católica e tinham uma participação bastante assídua nas atividades da igreja e isso me chamou a atenção. As músicas escutadas em casa eram somente da igreja, sempre estavam envolvidos em alguma atividade da igreja e assim comecei a observar o Aê no geral, se era um caso isolado ou não. E não, não era um caso isolado, a igreja era uma das distrações dos moradores e isso influenciava na vida dessas pessoas, seja na criação dos filhos ou no seu comprometimento em ajudar na igreja.

Algo que me chamava muito atenção, era que as pessoas tinham vários padrinhos e madrinhas, observei tal fato quando caminhava pela localidade com a filha do casal que me abrigou, ao longo do percurso era comum ela “tomar benção” de pessoas diferentes e sempre os chamava de padrinho ou madrinha e isso me intrigava. Quando a questioneei, me explicou que no Aê as crianças podem ser batizadas de três formas: batizado em casa, batizado na fogueira e batizado na igreja.

Os batizados na igreja só são realizados durante a festividade, ou seja, uma vez ao ano. Quando podem esperar, os pais aguardam esse momento e batizam seus filhos. Quando não desejam esperar, seja por qualquer motivo especial como a criança adoecer, os pais escolhem os padrinhos e chamam alguém da igreja para abençoar a criança na sua casa, com o objetivo

⁵⁴ O período de reprodução dos caranguejos é conhecido popularmente como “andada ou Suatá”. Os caranguejos-uçá machos e fêmeas saem de suas galerias e andam pelos manguezais durante a maré baixa para acasalar e liberar seus ovos. De acordo com a instrução normativa interministerial nº 09, de 30 de dezembro de 2014 que dispõe em seu art. 1º diz que nesse período fica proibida a captura de qualquer indivíduo de espécie *Ucides cordatus L.*, 1763, conhecido popularmente como caranguejo-uçá nos estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, nos meses de janeiro, fevereiro e março dos anos de 2015 e 2016. Durante esses períodos os caranguejeiros só podem capturar caranguejo para sua subsistência.

de a criança deixar de ser pagã. De acordo com os moradores do Aê, a criança que não é batizada está suscetível a pegar algumas doenças como “mal olhado”, “quebranto”, e o batizado em casa torna a criança protegida desses males.

O batizado de fogueira acontece no mês de junho, no período das festas juninas, os pais escolhem os padrinhos ou as próprias crianças, escolhem quando já estão maiores, e durante a fogueira acesa, é realizado o batizado. Todas as formas de batismo possuem o mesmo significado para os moradores e os padrinhos contribuem na educação de seus afilhados. Assim, as crianças podem possuir até três padrinhos e madrinhas, visto que, são opções que as famílias têm e nem sempre são executadas todas as formas. O batizado de casa e de fogueira eram mais realizados quando não tinham facilidade de acesso a São Caetano de Odivelas. Atualmente o batizado da igreja é o mais comum, mas ainda assim os outros não deixaram de serem feitos quando precisam.

As datas importantes para a localidade foram me chamando atenção. Com a chegada da semana santa, os moradores se preparam para esse período. No Aê os moradores resguardam a semana toda, dando simbologia ao nome Semana Santa. Os jovens realizam vigílias e a igreja tem uma série de programações com novenas, rezas de terço e missas. Em 2017, participei dessa preparação. Dias antes da semana santa, realizamos um mutirão para limpar a igreja e deixá-la pronta para a programação da semana santa.

Passado o período pascoal, os moradores começam a se preparar para o grande acontecimento anual no local, a festividade de Santa Maria, realizada no último fim de semana de maio. São cinco dias de festividade. Os moradores se dividem em grupos, cada rua forma um grupo e ficam responsáveis de realizarem as novenas diárias. Cada dia da festividade um grupo fica responsável pela venda de comida e a programação do dia. Para arrecadarem dinheiro para custear os gastos com as comidas a serem vendidas no dia da festividade realizavam bingos, e isso foi algo grandioso para mim. Todo dia tinha um sorteio de bingo, todos se reuniam em frente à igreja para o sorteio e era um entretenimento no local, pois era bem animado e de muitas expectativas pelos prêmios, e eu sempre comprava um bingo para ajudar, porém nunca tive a sorte de ganhar, o ganho maior era estar ali participando daquela atividade com eles. O que mais me chamou atenção, foi que o prêmio de maior desejo entre os participantes era um bolo, sempre o último prêmio era um bolo justamente por ser o prêmio mais desejado. Como o bolo era um prêmio muito cobiçado, sempre tinha e se tornava mais fácil de vender os bingos. Na imagem a seguir tem-se os prêmios de bingo realizado durante a festividade.



Figura 34: Prêmios do bingo realizado para arrecadar dinheiro para a festividade do Aê
Fotografia: Palheta (2017)

Com a aproximação da festividade e a chegada da safra do peixe, visto que a safra começa aproximadamente no mês de maio, a localidade muda completamente a rotina. O movimento se torna intenso, todos engajados em ambas as atividades. As comunidades do município são convidadas a participarem. Essas comunidades são de grande importância para a festividade, visto que irão consumir o que estará disponível para venda e a igreja terá lucros. Uma das noites da festividade que participei, fui convidada para ajudar na venda das comidas (figura 34), foi muito gratificante poder participar com a localidade deste momento, naquele momento eu já tinha uma imensa troca de confiança e amizade com o grupo.



Figura 35: Venda dos produtos alimentícios no dia da festividade
Fotografia: Moradora do Aê (2017)

Algo que me chamou bastante atenção durante esse festejo, é a troca entre as comunidades, uma localidade precisa da outra para ter sucesso nas suas festividades, a reciprocidade entre as comunidades é fator muito relevante. Precisam confirmar seus convites, caso não possam ir, enviam uma quantia em dinheiro como uma contribuição para a igreja, assim garantem que a comunidade não fique no prejuízo e um dia quando fizer a sua festividade, a comunidade vizinha possa participar.



Figura 36: Igreja católica do Aê ornamentada para a festividade
Fotografia: Palheta (2017)

Chegado o período da festividade, as tarefas se intensificam, e eu participei de todas, era uma forma de estar engajada com as atividades do local, já que era um período de grande importância para os moradores. Foi realizada a transladação, o círio no domingo, a primeira comunhão das crianças, batizados⁵⁵ e missas diárias. As 6hs da manhã se escutavam a chamada Alvorada, o que me deixou bastante curiosa para saber o que significava Alvorada, e era o som que estava tocando na igreja durante a festividade que era ligado bem cedinho com o nascer do sol. Durante a festividade, havia um som que tocava todas as noites, porém só tocava música da igreja e não havia venda de bebidas alcoólicas. Na figura a seguir ilustra a procissão realizada durante o círio de 2017, onde a procissão percorre por toda a localidade.

⁵⁵ A primeira comunhão e batizado só são realizados no período da festividade, devido o padre da paróquia de São Caetano de Odiveles participar do evento realizando missas.



Figura 37: Círio de Santa Maria, padroeira da localidade
Fotografia: Palheta (2017)

Diante de todas as observações, na localidade os segmentos da igreja ainda são bem presentes, especialmente entre os jovens e a população mais idosa. Percebi a influência na criação dos filhos. Como não é um local com várias opções de lazer, as atividades da igreja entram como uma forma de ocupação e lazer, visto que os jovens realizam gincanas, participam de retiro espiritual etc.

A vila do Aê como apresentado possui uma rotina bem tranquila de acordo com os moradores. Quando questionados sobre como era viver no Aê, as respostas eram imediatas, que era muito bom devido a tranquilidade, a fartura de peixe e outros recursos, que não trocavam a vila por nenhum outro lugar. No gráfico a seguir nos mostra o quão a vila do Aê é querida pelos moradores:

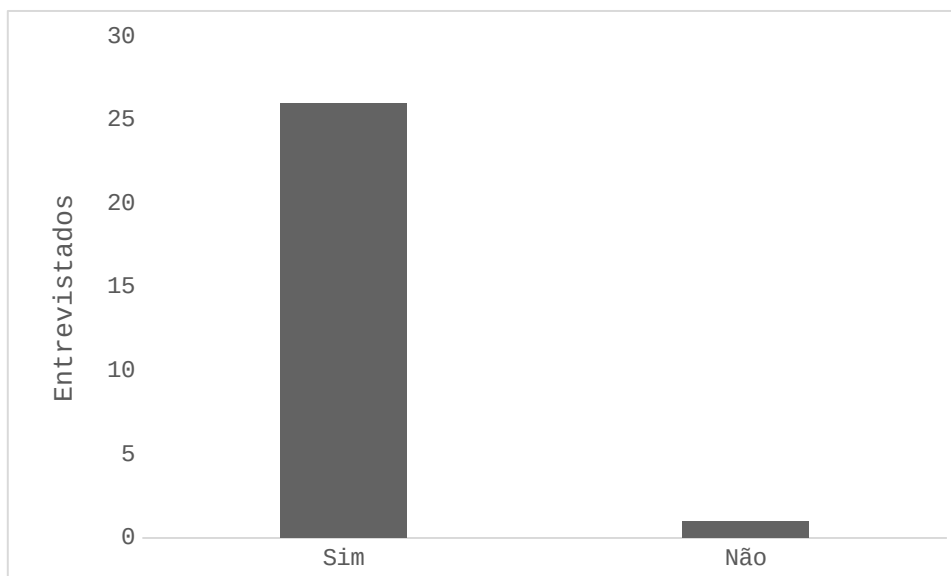


Figura 38: Percepção da população acerca de como era bom viver no Aê.

Fonte: dados da pesquisa

O que se tem no Aê segundo os moradores: “Qualidade de vida”. A vida na cidade é completamente diferente comparado a um local como o Aê. Quando eu estava lá, entrava no ritmo da vila, dormia cedo, acordava cedo, todas as refeições eram nos mesmos horários e sempre tinha o descanso da tarde, por mais que não dormisse, mas descansava também. Eu sentia um desaceleramento, na cidade estamos sempre correndo para resolver os problemas diários. E no Aê o tempo é as marés quem dita. E assim vou concluindo este capítulo, evidenciando a sensação de quão bom é viver no Aê:

Aqui é muito bom de viver, não tem a correria da cidade grande, se quero comer um peixe, caranguejo vou ali e pego, não preciso comprar, só se não tiver dando, aí tem que comprar porque não dá pra ficar sem comer um peixinho né. Aqui nós planta, cria bicho pra comer, na cidade tudo é comprado, tudo é mais difícil. Eu amo essa vila, não saio daqui não. (V. 68 anos).

O capítulo seguinte discorre sobre a questão da herança na pesca de curral na vila do Aê. Faço uma explanação de como as famílias realizam suas escolhas quanto a questão da herança, quem herda o curral, a linha de curral, assim trago uma reflexão das teorias que me orientaram a compreender essas questões no Aê.

4. CAPÍTULO IV - CURRAL E PARENTESCO: LINHA E HERANÇA

Ainda que aceita pelos moradores, estar no Aê envolvia o exercício constante de buscar alguém disponível para conversar e me aceitar como companhia. Os pescadores possuem uma rotina muito dinâmica, seu horário de trabalho é definido pelo horário das marés, tornando os nossos horários das conversas dinâmicos também. Em uma tarde, saí pela comunidade. Estava chovendo, clima bom para refrescar as tardes quentes. Passei em frente a uma casa que nunca havia parado, pois neste domicílio não moravam pescadores, mas resolvi conhecer a senhora simpática chamada de Augusta que se encontrava a olhar a rua pela janela. Aproximei-me e a cumprimentei, trocamos meia dúzia de palavras e ela me convidou para entrar, afinal de contas estava chovendo e fomos tomar um café.

Era uma casa bem simples, de madeira, com três cômodos, sala, quarto e cozinha. O nível do cômodo do quarto para a cozinha era alto, algo bem difícil para alguém com deficiência visual, como, e para a minha surpresa, era dona Augusta. Porém, fiquei observando, com toda a simplicidade existente no local, ela conhecia cada canto de sua casa. O banheiro ficava na parte de fora da casa e tinha um fio usado para guiá-la da cozinha até o banheiro. Morava somente com um filho, sendo que os demais moravam próximos de sua casa e sempre estavam disponíveis para lhe ajudar nos afazeres domésticos.

Ela ficava na janela escutando as pessoas passarem na rua e reconhecia os vizinhos pela voz. A minha voz, como nunca havia escutado, a deixou curiosa em saber quem eu era e o que eu fazia ali no Aê. Chamou uma nora, que estava passando uns dias com ela, para fazer um café para nós e começamos a conversar, expliquei-lhe o que eu fazia na comunidade e ela começou a contar a sua história.

Filha de catador de caranguejo, tinha 80 anos, e cresceu acompanhando seus pais ao mangue. O aperfeiçoamento da atividade a tornou uma excelente tiradora de caranguejo. Juntamente com seus dois irmãos, seus pais lhes transmitiram a profissão que por toda sua vida exerceu. Relatou que o pai os criou com muita dificuldade. A vida de tirador (a) de caranguejo não é fácil⁵⁶ e mesmo levando em conta todas as dificuldades que havia na época

⁵⁶ Segundo Reis (2007), o trabalho de tirção de caranguejo requer um grande esforço físico considerando o ambiente de manguezal. As condições de vida e de trabalho acabam relacionadas ao universo de concepções sobre saúde/doença, devido ao grande esforço físico e a longa permanência nos manguezais. Os pescadores do Aê relataram as dificuldades da atividade como terem que ir em busca do caranguejo cada vez mais longe e isso afeta diretamente na sua saúde, pois precisam ficar mais tempo nos mangues, causando problemas de coluna devido a posição que precisam ficar para capturar o caranguejo e outras doenças como gripe, pneumonia etc.

para levar esse produto ao mercado consumidor, lembrou com muito saudosismo quando acompanhava seus pais ao mangue.

Assim como seus pais, criou seus filhos com a tiração de caranguejo. Mãe de 5 filhos, casou-se com um pescador curralista. Porém, as atividades da família eram divididas. Dona Augusta trabalhava no mangue tirando caranguejo e ensinou seus filhos a profissão. E o seu marido também ensinou seus filhos sobre a pesca de curral, até mesmo, segundo ela, para serem parceiros na atividade.

Ao me relatar sua vida, perguntei, qual era a profissão dos seus filhos? Imediatamente respondeu, os homens são curralistas e as mulheres tiram caranguejo. Essa resposta veio sem reticências, sem reservas revelando uma percepção que, depois de muito tempo em campo, me pareceu tão óbvia, mas por tanto tempo para mim obscurecida: a pesca de curral é atividade dos homens e a tiração de caranguejo é da mulher, mas não somente dela. Sobre essa revelação trabalharei mais adiante, por ora, penso que entender que à mulher cabe apenas tirar caranguejo, me levou a pensar que ela não se distancia das atividades da casa.

Dentro desse contexto familiar, o que mais me chamou atenção na história de Dona Augusta foi o fato da profissão do marido se sobressair em relação à profissão da esposa para com os filhos, o que me causou muitas dúvidas: seria uma regra essa situação ou esse caso era uma exceção? A herança da profissão de curralista se daria apenas para os filhos? Seria ela patrilinear?

Essa percepção foi se construindo ao longo do tempo em campo, inicialmente não conseguia visualizar claramente como se dava o processo da herança dentro de uma família de curralistas. Embora desde o início estivesse claro que a pesca de curral era um universo predominantemente masculino, imaginava ser por outros motivos, como a demanda do esforço físico no seu trabalho. Porém, quando me deparei com uma situação de que os filhos tiveram a opção de escolher entre a profissão da mãe e a do pai, pude perceber que existia outra lógica e isso implicaria em outros contextos, como exemplo, os casamentos.

Na busca de compreender sobre como se dava as relações relativas à herança, diversas vezes retornei com minha orientadora, que me chamava atenção para a necessidade da construção da árvore genealógica daqueles que desenvolviam a pesca de curral, pois somente através dela e da plotagem das relações das escolhas seria possível compreender se essa relação era patrilinear. Sobre esse esforço trata este capítulo: a contextualização sobre as relações de herança e possibilidades de escolha. Quando estive em campo, demorei para conseguir perceber essas relações, foi necessário eu fazer a genealogia das famílias que

faziam uso da pesca do curral, para conseguir perceber como essa pesca era organizada pela herança.

Este capítulo, portanto, discute o parentesco enquanto processo de herança, discute a herança enquanto forma de expressão de parentesco. Mas para tanto, é necessário revisitar as teorias que me levaram a conseguir compreender essas relações patrilineares que orientam essa prática de pesca. Nesse sentido, este capítulo inicia com um pequeno dado etnográfico como forma de anunciar ao leitor aquilo que me inspirou. Na sequência, apresento algumas considerações sobre a teoria do parentesco para finalmente detalhar como essa prática é orientada por relações de herança e por relações de descendência. Nesta primeira sessão descrevi dados etnográficos que iluminaram o meu caminho, minha compreensão. À medida que pude compreender que o curral era uma relação de parentesco, que era orientado pela descendência, apresento uma segunda sessão na qual uma revisão bibliográfica, ainda que não muito extensa para não cansar o leitor, dado que essa é uma literatura vasta e encontrada em todos os campos, e não é meu interesse discutir o parentesco, mas apenas usá-lo na compreensão da pesca de curral.

Na terceira sessão, trago a genealogia das famílias observadas, as árvores genealógicas que me deram o caminho da compreensão de como as famílias se organizavam e como se dava a herança do curral dentro do âmbito familiar.

4.1 Entre teorias e angústias etnográficas

Inspirada em Ellen Wortmann (1995), escolhi revisar os clássicos para situar o estudo da pesca de curral no Aê. Minha intenção não é cansar o leitor com literaturas já vistas, mas esclarecer como abordagens clássicas ainda fazem sentido para cenários amazônicos, dado que os estudos de parentesco atuais percorrem diferentes abordagens⁵⁷. Não é minha intenção revisá-las, mas evidenciar como os clássicos e, em especial a teoria da descendência (RADCLIFFE-BROWN, 1978) e da aliança (LÉVI-STRAUSS, 1982) são úteis em contextos socioambientais específicos, como é o caso da pesca de curral.

Do ponto de vista da cultura, os conceitos de família e parentesco possuem variações. No entanto, na sociedade os indivíduos não percebem essas diferenças, dado possuírem um conceito previamente formado de família, inserido no contexto cultural da sociedade da qual fazem parte. É importante ressaltar que família e parentesco figuram como central no interior

⁵⁷ Após as publicações de Schneider (1972), os estudos de parentesco ficaram secundarizados no contexto antropológico mais amplo, dada as considerações sobre diversas análises de relações sociais das famílias, baseado nas alianças, heranças, as trocas, afinidade, consanguinidade, descendência e homoparentalidade.

da discussão antropológica e marcou a própria formação dessa ciência contribuindo no desenho de suas matrizes teóricas.

Os estudos de parentesco se confundem, portanto, com a própria história da antropologia, dado que estão presentes nas preocupações daqueles que se esforçaram por estabelecer os primeiros constructos teóricos dessa área. Estudiosos, durante suas viagens de campo, possuindo contato com outros povos até então desconhecidos por eles, lançaram o olhar para grupos sociais onde o conceito de família não era simétrico ao encontrado em suas próprias sociedades. A partir dessas observações, o estudo de parentesco firmou-se como área de grande interesse, se consolidando como tema central e quase exclusivo da antropologia e, finalmente, figurando como uma importante ferramenta metodológica na pesquisa de campo (SARTI, 1992).

Mas por outro lado, e ainda tendo o parentesco como ponto balizador, os estudos existentes entre as noções de ecologia e de estrutura social ocupam uma distribuição dos fenômenos sociais no espaço, possuindo como objeto exclusivo os quadros espaciais com caracteres sociológicos, não dependendo de fatores naturais como os da geologia, climatologia e entre outros (LÉVI STRAUSS, 2003). Com base nos estudos de ecologia humana, Chernela (1987) afirma que:

No estudo da ecologia humana, as fronteiras de um ecossistema devem ser determinadas por fatores sociais. Noções simbólicas - tais como o sistema de parentesco - regulam a maneira, a extensão e as direções em que os recursos naturais são distribuídos a uma população (CHERNELA, 1987, p. 235).

Neste sentido, a presente pesquisa se voltou para os estudos em comunidades consideradas complexas, buscando o entendimento das relações sociais envolto da pesca de curral na correlação da ecologia humana e o estudo de parentesco, ferramentas estas que me nortearam ao conhecimento dessas relações intrínsecas com o meio ambiente. Para tanto, não pude deixar de fazer uma viagem por meio dos clássicos dos estudos de parentesco, aqueles que em suas experiências com as comunidades tradicionais, nos fizeram conhecer diversas relações sociais. Estas me inspiraram a escrever este trabalho.

Início por Lewis Morgan (ano), o primeiro autor a chamar atenção para o fato de que as relações de parentesco variavam conforme as sociedades. Até então, acreditava-se que as relações de parentesco eram decorrentes das variedades linguísticas e não partiam de uma diferença de estrutura familiar, das relações entre os indivíduos⁵⁸.

⁵⁸ Esta percepção foi possível quando Morgan teve contato com os índios iroqueses no ano de 1871, no estado de Nova York. Como resultado dessa experiência o autor publicou o livro “A Origem da Família, da propriedade privada e do estado”, em 1884, ganhando grande popularidade na área da antropologia (LARAIA, 2005; RADCLIFFE- BROWN, 1978). Tal publicação deu a Morgan um lugar estável na história da Antropologia, conhecido como o pai do “sistema de parentesco”, dos métodos da disciplina que o estuda e as hipóteses que até

O estudo de parentesco constituía na antropologia uma principal área de preocupação. Como consequência, grandes partes das teorias antropológicas foram originadas a partir de estudos de parentesco. Para os evolucionistas, esse estudo compôs um dos principais critérios para encontrar culturas diferenciadas, tendo como base para classificação a terminologia de parentesco, fornecendo as várias escolas antropológicas, antigas e modernas o que mais necessitavam, um sistema bastante consistente, estável e fechado, exprimindo as relações sociais (WOORTMANN, 1977).

De acordo com a antropologia de Rivers, Oliveira (1991), cita as importâncias do estudo de parentesco, e assim pode se observar os motivos pelo qual essa temática era uma importante área de estudo da antropologia:

1. Refere-se à elaboração dos sistemas de parentesco;
2. A utilização de genealogias é interessante para o estudo das regulamentações matrimoniais, tornando possível o estudo exato de formas de matrimônio como a poliginia, a poliandria, o levirato e o matrimônio entre primos cruzados;
3. A investigação das leis que regulam a descendência e a herança de propriedade, no caso de sucessão na chefia e a herança de bens;
4. O estudo das migrações;
5. Pode contribuir no estudo da magia e da religião;
6. Problemas de cunho biológicos possuindo grande importância sociológica tais como, proporção dos sexos, o tamanho das famílias, o sexo do primeiro filho, a proporção de crianças que crescem e se casam para com o número total de nascidos;
7. A possibilidade de contribuir na antropologia física, podendo tornar possível trabalhar o modo de transmissão de condições como o daltonismo e o albinismo;

Partindo dessas possibilidades, diversos estudos de parentesco foram realizados em busca de revelar sociedades desconhecidas.

Na gênese dos estudos de parentesco, os antropólogos chegaram à conclusão que existem dois princípios que compõem a organização social de qualquer unidade doméstica: a afinidade e a filiação. Relações que pude observar diariamente no Aê e que me nortearam a compreender como se dava as famílias e suas relações, até mesmo eu ser considerada filha postiça do casal que me acolheu na localidade, se estabelecendo assim uma relação de afinidade.

hoje suportam a disciplina (ALMEIDA, 2011).

As relações por afinidade surgem da relação de dois grupos sociais distintos, um homem e uma mulher, sendo cada um pertencente a grupos diferenciados, que se unem através do casamento. Neste caso o casamento não está relacionado apenas a ligação entre duas pessoas, mas também a união dos grupos a que um pertence. E a filiação parte do princípio da relação de consanguinidade, ou seja, pessoas que possuem o mesmo patrimônio genético como pais, filhos, avós, irmãos, etc. Sendo assim, o parentesco é resultante desses dois princípios, afinidade e consanguinidade, e o seu estudo deve ser iniciado no cotidiano doméstico. Ainda há as relações por descendência, nas quais os antropólogos britânicos referem o termo somente a relações que correspondem por mais de duas gerações (netos-avós), sendo este a preservação de alguns caracteres nas gerações futuras, representado a imortalidade desses caracteres (BATALHA, 1995; AUGÉ, 1978).

De acordo com Augé (1975), a filiação é uma convenção social e a consanguinidade é uma noção biológica. De uma maneira geral, Augé (1975) conceitua que parentesco

Não é apenas um princípio de classificação e de organização, é também um código, uma linguagem mais ou menos ideológica e mais ou menos estipulada. É, pois, uma chave para a interpretação de todas as sociedades (mesmo as sociedades com Estado) em que parentesco não se reduz à família conjugal, mas preside, totalmente ou em parte, à formação de grupos sociais e à organização das relações entre os mesmos (p. 20).

Augé afirma também que não se pode separar a filiação das alianças matrimoniais, ressaltando a teoria de Lévi-Strauss em relação à proibição do incesto, evidenciado que é necessário buscar mulheres fora do grupo de parentes, denominado de exogamia. Nesse caso o incesto significa que o homem não pode possuir relações com uma mulher do mesmo grupo familiar.

A troca matrimonial refere-se ao casamento não apenas como uma relação entre dois indivíduos, mas sim numa perspectiva estrutural, um processo que envolve dois ou mais grupos distintos envolvidos numa rede de relações de trocas matrimoniais, se constituindo as relações sociais. Há a troca restrita, referindo-se a troca de mulheres entre dois grupos diferentes, obtendo relações de reciprocidade, a exemplo temos a troca de uma irmã por outra irmã do grupo diferenciado. Neste caso, a forma mais simples dessa troca é o casamento entre primos cruzados⁵⁹ (patrilineares e matrilineares) ou primos cruzados bilaterais. E a troca generalizada, se dá pela troca de mulheres de dois ou mais grupos diferenciados, como exemplo temos: A dá uma mulher a B, que dá uma mulher a C e assim sucessivamente (Augé, 1975). O casamento é um complexo de clausuras sociais que aprovam as relações sexuais entre um homem e uma mulher, ligando-os por uma série de obrigações e direitos recíprocos.

⁵⁹ Segundo Batalha (1995), primos cruzados são filhos de irmãos de sexo oposto.

O casamento pode criar laços entre grupos de parentesco distintos influenciando em todas as sociedades na escolha do seu conjugue, sendo as relações econômicas que geralmente influenciam, no qual, essa condição varia de sociedade para sociedade (RADCLIFFE-BROWN, 1978).

Segundo Radcliffe- Brown (1978) o casamento pode ser visto como um arranjo que habilita as pessoas a viverem juntas e cooperarem umas com as outras dentro de uma vida social. Através do casamento a paternidade social é determinada, portanto o relacionamento social pode ser estabelecido tanto pelo nascimento como pela adoção, resultando o parentesco entre indivíduos, a partir de um reconhecimento de um relacionamento social entre pais e filhos, considerando a unidade básica das relações de parentesco a família.

De acordo com Tornay (1977), as relações de parentesco pertencem à ordem da cultura e não da ordem da natureza, assim um filho adotivo é consanguíneo do pai e mãe adotivos, pois perante o direito civil distingui-se entre pater, o pai social, e o genitor, sendo o pai biológico. Neste caso, as relações biológicas não são pertinentes no domínio do parentesco. As sociedades humanas se refletem nos laços biológicos, porém nenhum sistema de parentesco é resultado somente de laços biológicos, e sim resultado de outros tipos de relações sociais.

Levando em consideração ao pensamento de Tornay (1977), sobre as relações de parentesco, Lévi-Strauss (1976) faz uma reflexão minuciosa em relação à natureza e cultura, relatando que a proibição do incesto não é simplesmente uma regra imposta pela sociedade, e sim parte de um universo de regras a partir dos princípios das sociedades.

Tornay (1977), baseado nas teorias de Radcliffe-Brown em relação aos elementos estruturais de parentesco, relata que as estruturas são as pessoas e as suas relações empiricamente observáveis, no qual pode se considerar um sistema de parentesco, seja por consanguinidade ou aliança. No qual se a sociedade se mantém, é devido a uma continuidade estrutural. Lévi Strauss (2003) diz que as relações sociais são a base para a construção dos modelos de estrutura social. Os modelos devem obedecer a quatro condições para corresponder ao nome estrutura: uma estrutura oferece um caráter de sistema, no qual quando ocorre uma modificação em um, ocorre em todos os outros; todo modelo pertence a um grupo de transformações, constituindo um grupo de modelos; em caso de alguma modificação de seus elementos, o modo reagirá o modelo.

Segundo Moura (1978), a palavra parente é relacionada em diferentes contextos, podendo ser empregada de uma maneira geral ou específica para determinados fenômenos.

No Aê todo mundo se considera parente, sendo o autor, os habitantes de uma determinada comunidade colocando-se em oposição a uma outra lógica de costumes, vivendo dentro dos limites da comunidade habitada, se identificam todos como parentes, pois são unidos, com comportamento uniforme e possivelmente possuem o mesmo credo religioso. No qual significa que as pessoas se relacionam mais pelo reconhecimento que possui um pelo outro, do que pelos elos sociais que os ligam nas relações de parentesco.

As unidades familiares são as famílias nucleares com sua prole, iniciando-se no matrimônio, havendo uma divisão de trabalho dos sexos, passando para sua respectiva prole, com diferentes tarefas em cada propriedade. A partir de uma visão de Lévi-Strauss, Moura (1978) nos mostra que em sociedades mais simples, o casamento possui importância em diferentes parâmetros, principalmente voltado para interesses econômicos, visto que as heranças da família sejam terras, pontos de pesca, etc., são de interesse que se perpetue no âmbito familiar, para que se seja passado para suas gerações seguintes, no caso não é de bom grado realizar uniões com pessoas de fora da comunidade, ou seja, com pessoas desconhecidas aos olhos dos pais .

Segundo Woortmann (1977), para Lévi-Strauss a teoria do parentesco consiste na teoria do casamento, e as genealogias levam à aliança, tendo como função de um sistema de parentesco gerar possibilidades ou impossibilidades de casamento. Portanto Schneider (1972), autor marco dos estudos de parentesco, tentava derrubar as teorias de parentesco, relatando que Lévi-Strauss e os outros teóricos da descendência permaneciam presos as “malhas genealógicas”, relatando que Lévi-Strauss não analisou o parentesco, no caso do casamento, em termos de categorias culturais. Segundo Woortmann (1977) e Kuper (2002), Schneider afirma que parentesco era um conceito etnocêntrico, baseado numa categoria da tradição ocidental, metamorfoseada em conceito científico e imposta a outras culturas que poderiam estar funcionando com outras categorias. Quando os antropólogos escreviam sobre parentesco, eles acabavam por projetar suas próprias categorias culturais em outras pessoas.

Para Schneider o símbolo dominante do parentesco era o ato sexual. Seu principal objetivo era convencer os leitores que ao contrário do que acreditavam até mesmo o ato sexual é um símbolo, e o amor uma convenção, afirmando que parentesco não é natural e sim cultural. Pessoas quando estão ligadas por laços de sangue ou por laços matrimoniais são parentes, e os parentes por afinidade são aqueles adquiridos por meio de casamento. Porém, suas teorias foram contrapostas pelos seus próprios seguidores, que trabalhavam no mesmo local de pesquisa, nos quais suas indagações foram consideradas irresponsáveis,

principalmente por contestar os conceitos essenciais dos estudos de parentesco (KUPER, 2002).

Após as teorias de Schneider serem contestadas, os estudos de parentesco foram sendo reconsiderados com o passar dos anos, ganhando novos enfoques nas análises das relações sociais de famílias, alianças, heranças, trocas, afinidade, consanguinidade, descendência e homoparentalidade.

Após esse período, parentesco sofreu grandes transformações nas suas abordagens de investigação, porém os clássicos ainda são citados, mas os problemas que norteavam os antropólogos, como Rivers e Radcliffe-Brown a Leach e Lévi-Strauss não apresentam mais relevância nas etnografias atuais. Novas questões foram tomando conta deste cenário de parentesco, como as abordagens feministas que levanta questões como as relações de poder, desigualdades e mecanismos de repressão (FONSECA, 2003; PISCITELLI, 1998). As novas organizações familiares, a filiação adotiva e o uso das novas tecnologias reprodutivas e as relações de homoparentalidade, passaram a adentrar nas discussões de parentesco, afastando a discussão da “família tradicional” do cenário do estudo de parentesco clássico (LUNA, 2000; FONSECA, 2008).

No entanto esses estudos passaram a serem feitos com novas abordagens, não seguindo mais os clássicos como Morgan, Rivers, Malinowski, Radcliffe-Brown, Lévi-Strauss dentre outros clássicos da Antropologia, porém permanecem com a mesma essência (RAVENA-CANETE et al., 2012), essência esta que me fez refletir sobre o meu objeto de pesquisa e buscar a compreensão das relações envolvidas nos lares familiares do Aê, por vezes o estudo de parentesco me pareceu obscuro, até eu conhecer os clássicos citados que me fizeram ler cada lar do Aê e conseguir relatar as relações obtidas através dos casamentos descrito na próxima seção.

4.2. Os casamentos do Aê

Quando cheguei na localidade do Aê tudo era muito desconhecido para mim. Não conhecia ninguém, era uma estranha para os moradores e eles para mim, e isso prolongou mais ainda a minha imersão na vida dessas pessoas. Realizar um estudo das relações sociais ocorridas dentro da atividade da pesca de curral não foi um caminho curto, precisei conquistar a confiança dos moradores para assim conhecê-los aos poucos. Ninguém fala de sua família, seus segredos, a um desconhecido, algo muito normal em qualquer lugar, e sabia que a minha missão iria demorar para ter resultado.

Tive paciência, algumas pessoas eram mais falantes que as outras e acabavam contando histórias que por muitas vezes eu não compreendia naquele momento. Relatos de situações que ocorriam com outras famílias e só com o tempo fui compreendendo ao passo que fui conhecendo a realidade de cada família. Cheguei até ser alertada para não “dá ouvidos” a essas pessoas ditas falantes, diziam ser “fofoqueiros”, porém, foram relatos de extrema importância para conhecer as famílias.

A primeira família a ser observada foi a quem abrigou, e não podia ser diferente, era a família que eu tinha mais contato e através deles pude conhecer outras famílias, pois com o tempo pude perceber a ligação entre eles, principalmente pelos casamentos. O Aê é uma localidade pequena, o que faz com que todos se conheçam e possuam algum tipo de relação, seja por afinidade ou consanguinidade, eu, por exemplo, passei a ser considerada filha postiça do casal. Todo mundo é tio (a), primo (a), algumas relações mais delimitadas por determinado motivo como de compadre, comadre, padrinho, madrinha, e essas relações fazem com que praticamente todas as famílias possuam algum tipo de relação em comum.

A minha família do Aê era composta pelo casal, 5 filhos, porém somente dois filhos moravam na casa, e um casal de netos. O marido era originário do município de Curuçá, morava no Aê devido ao seu pai ter se casado com uma moça do Aê. A esposa era de uma localidade próxima do Aê e sua mãe se casou com um pescador do Aê. Eu sempre a acompanhava quando podia nas suas atividades, na igreja, nas casas dos vizinhos, e percebia que possuía uma relação muito próxima com todos, especialmente com as famílias mais fortes da localidade. No entanto, seu sobrenome, que era Sousa, não condizia com as famílias ditas fortes do local, mas sempre a via chamar as pessoas pertencentes a família Santos de tios, e isso me intrigava, porém, achava que se tratava de relações de afinidade entre eles.

Como já mencionei em capítulos anteriores, as casas do Aê têm sua distribuição de acordo com o porto pesqueiro, as famílias mais antigas da localidade estão alojadas próximo do ramal do porto mais importante do local para a atividade pesqueira. E a casa desta família era em local privilegiado da localidade, assim como dos demais moradores antigos. Para tirar as dúvidas, busquei saber sobre sua família, o seu pai era pertencente à família Santos, porém, não foi registrada no seu nome devido aquela época não se ter muito essa prática devido as dificuldades e além disso, ele faleceu cedo, e acabou tendo apenas o nome de sua mãe na certidão. Mesmo assim, a família Santos não faz diferença se ela tem ou não o sobrenome da família, a tratam igual.

Partindo dessa primeira análise, pude identificar como se deu as primeiras famílias, quais eram mais fortes e compreender os relatos iniciais que obtive. Os primeiros casamentos no Aê se deram entre as famílias Santos e Santa Rosa. Tentei investigar a origem das famílias, de que lugar vieram, porém não obtive resposta e causei um certo arrependimento por parte dos entrevistados por não saberem a origem de suas famílias, que nunca tiveram tal curiosidade, e me dei conta que essa questão é mais comum do que eles imaginavam, até um tempo desse eu não sabia como meus avós haviam se conhecido, como se deu a origem da minha família etc. Conhecer as histórias dos seus antepassados, é conhecer a sua história, e assim como eles, eu não havia me dá conta da importância de tal conhecimento. *Pesquisadora: o sr. Pode me contar como seus pais e avos se conheceram? Pescador: sabe que eu não sei te falar, a gente não se liga nessas coisas ne, e nunca tinha percebido isso, que pena que não sei lhe responder.*

Essa primeira geração, também foram os primeiros habitantes da localidade, então pode se assim dizer que eram de localidades vizinhas. Os casamentos da segunda geração se deram entre pessoas do Aê com pessoas de outras comunidades vizinhas, sendo que geralmente, os novos casais moravam no Aê, pois a localidade era um local bom para a prática da pesca e agricultura. Conforme a localidade foi crescendo, os casamentos passaram a ser dentro da localidade e as redes foram se fechando. Quando os casamentos são realizados com pessoas de localidades diferentes, as redes se ampliam, bem como as relações sociais. Quando é dentro da localidade, o cerco se torna mais fechado, porém não é em todo caso ruim, avaliando que há questões de herança nos casamentos.

Conforme os casamentos são realizados entre pessoas de localidades diferentes, os sobrenomes vão se diversificando, e conforme os casamentos foram sendo realizados entre pessoas da localidade do Aê não foi havendo essa diversidade, chegando até a geração dos filhos terem o sobrenome de Santos Santos como podemos ver no diagrama.

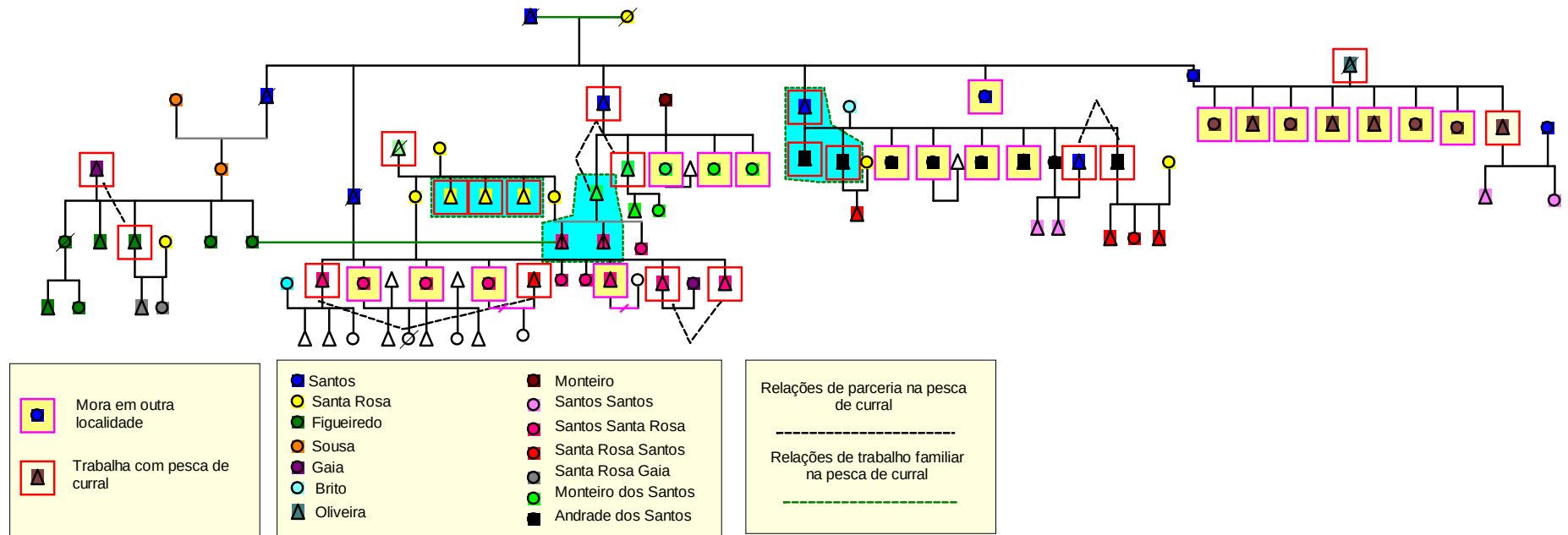


Diagrama 1: Relações familiares e de trabalho na pesca de curral
 Fonte: Dados da pesquisa

As famílias Santos e Santa Rosa são as mais fortes na atividade pesqueira, sobretudo os Santos, devido ter sido a família originária na localidade e o sobrenome do pai propagar ao longo dos casamentos dos filhos. Atualmente, nos casamentos a mulher tem a opção de não trocar de nome, ou incluir o nome do marido, situação que antigamente não acontecia, as mulheres adotavam o sobrenome dos maridos, ocasionando a perpetuação do nome do pai, que no caso do Aê, o nome que mais se perpetuou foi Santos.

Pude perceber que os registros de nascimento eram raros antes, alegavam que tudo era mais difícil de se conseguir as coisas, que atualmente é bem mais fácil. Até mesmo os casamentos na igreja ou no civil era difícil de se oficializar, sempre que eu indagava sobre quanto tempo estavam casados, vinha o questionamento *casado mesmo no papel ou morando juntos?* Algo importante a relatar é que mesmo que não haja a oficialização do casamento, as mulheres passavam a usar o nome do marido, seria uma tradição das famílias e a perpetuação do nome da família.

Por meio dos casamentos são estabelecidas novas relações sociais, são duas famílias que se unem em prol de um casal, e o que isso pode mudar dentro no núcleo familiar? Diversas coisas, o filho que ajuda o pai na atividade de pesca, terá a sua família para sustentar, ou ajudar a família da esposa no sustento da casa, as alianças entre as famílias são estabelecidas e as relações de reciprocidade fortificadas.

E essas relações se davam através da pesca. O pai “perde” um parceiro de trabalho e a outra família ganha um novo parceiro devido uma das regras da herança dos currais se dá também através dos casamentos. Os filhos geralmente trabalham com o pai desde a adolescência, quando se casam precisam ter a sua autonomia para sustentar a família. O pai comumente repassa um curral ou o ajuda financeiramente a construir um novo curral, ou podem continuar a trabalhar no curral com o pai se ele for o herdeiro de sua linha de curral. Daí a preferência que os casamentos se realizem com pessoas da localidade, o pai não perde de vez seu parceiro de trabalho e as linhas de currais continuam com pessoas do Aê.

*Pesquisadora: porque os casamentos são melhores se forem entre pessoas do Aê?
Pescador: primeiro porque não perdemos um filho ou uma filha para outra comunidade. E segundo não perdemos nosso parceiro de trabalho, eles sempre vão ajudar nós, e quando mora em outro local, fica mais difícil, e até mesmo por causa do curral, as linhas ficam entre os membros daqui e não para pessoas de fora.*

Geralmente não há mudanças significativas nas relações de trabalho entre pai e filho depois do casamento, se for somente este filho que trabalha na pesca, continua a trabalhar juntamente com o pai mesmo que ele passe a ter o seu curral, na hipótese de ter outros filhos,

ele passa a ter mais autonomia pela atividade, porém não trabalha sozinho, trabalha em parceria com os irmãos e o pai.

Em outras situações, o curralista trabalha em parceria com seus cunhados, ou qualquer outro parente de sua esposa, evidenciando que o curralista nunca trabalha sozinho, ele pode ter o seu próprio curral, mas sempre tem um parceiro para lhe ajudar nas atividades. Observei situações de o filho ter casado e ido morar com a família da esposa, passou a trabalhar com seu cunhado, no entanto nunca deixou de ajudar a sua família, sempre levava peixe quando voltava da despesca.

Quando o filho continua a trabalhar com o pai, as mudanças mais significativas estão na questão da partilha. A partir do momento que o filho passa a ter família, a partilha dos lucros passa a ser 50% para cada, assim como os gastos com material. Até então, o pai assumia a maior responsabilidade na questão orçamentária, então a divisão não é igual, o pai fica com uma parte maior, até mesmo devido o sustento da família. Quando o filho casa, ele precisa sustentar sua família, então a divisão é igual. Quando o pai se aposenta, o filho assume praticamente o curral, a participação do pai é mínima, porém, o pai nunca deixa de participar da atividade juntamente com o filho, apenas vai diminuindo o fluxo de trabalho, e o filho vai assumindo a sua herança aos poucos.

E no caso das filhas, é diferente? Essa era a minha indagação sempre. Existem algumas possibilidades, uma delas é a filha casar-se com um curralista, nesse caso a sua herança é um pedaço de terreno para construir a sua casa, outra possibilidade é ela ser a herdeira do curral do pai e o marido passa a trabalhar com o sogro, e o processo de relações de trabalho e partilha é igual como na relação pai e filho. A outra possibilidade é morar fora da localidade e se casar com alguém de fora, que essa opção era a mais comum entre as famílias investigadas. Porém, as que permanecem na localidade estão sempre presentes nas moradias de seus pais e na atividade pesqueira. Apesar de ser uma atividade predominantemente masculina, as mulheres têm uma participação significativa na pesca de curral.

Um dos maiores exemplos deste cenário, é uma senhora que se casou com um curralista e ficou viúva muito nova e com 8 filhos para criar. Ela acompanhava o marido na atividade, mas era bem limitada essa participação devido aos afazeres de casa e o cuidado com os filhos. Quando viuvou, se viu na necessidade de assumir a atividade para poder sustentar seus filhos. Um dos filhos já acompanhava o pai na atividade e passou a ser seu parceiro na pesca. De todos os filhos, esse foi o único que permaneceu na atividade e recebeu

como herança o curral depois que se casou, mas mesmo assim, continua a trabalhar juntamente com a mãe, ela o ajuda a tratar os peixes para a venda.

Sempre que conversávamos, relembra as suas histórias de luta para poder criar os filhos, mas dizia que não teve opção, precisou assumir o curral embora todas as dificuldades. Contou com a ajuda de parentes para ficar com os filhos enquanto trabalhava, algo bem comum entre as famílias, um ajudar o outro no cuidado com os filhos, essa relação de solidariedade/reciprocidade⁶⁰ ficou bem nítida, nem sempre as mães podem levar os filhos para o mangue, para pescar e precisam deixar com os parentes e vizinhos.

A mulher tem autonomia na atividade, mas por tradição prefere não a ter, ou a tem quando precisa, isso não quer dizer que não conheça a atividade, muito pelo contrário, conhece muito, talvez eu tenha aprendido mais conversando com as esposas do com os maridos, até porque as conversas com os maridos eram bem limitadas devido ao tempo deles ser mais restrito.

Outra relação que ficou registrada é a de solidariedade entre os moradores. Quando alguém ficava doente, os moradores se mobilizavam para cuidar do doente, levando uma comida, um remédio caseiro, para ajudar nos afazeres de casa. A senhora a qual mencionei no início deste capítulo foi encontrada desmaiada em sua casa, embora os filhos morassem próximo, mas nem sempre estavam com ela. Os filhos e os parentes se mobilizaram para não a deixar mais sozinha e passaram a fazer tudo para ela.

Um pescador também ficou doente no período que estive lá, como não podia ir pescar, os pescadores levavam peixe todos os dias para ele, faziam visitas, levavam remédios e fizeram uma coleta para poder fazer seus exames e descobrir a sua doença.

Essas questões me tocaram muito levando em conta que a vida na cidade nos mostra outra realidade, a relação de reciprocidade é a mais evidente, não farei algo se não houver algo em troca, e muitas vezes nem fazem por nenhum motivo. A falta de saber viver em comunidade, a falta de empatia pelo próximo nos torna “pessoas robôs” e sem histórias bonitas, muitas vezes nem conhecemos nosso vizinho, os parentes moram cada vez mais longe um dos outros. O Aê me fez sentir o que é viver em comunidade, querer conhecer quem está do meu lado e valorizar mais ainda o meu lado familiar.

⁶⁰ Cito solidariedade e reciprocidade devido os atos das pessoas não ficarem nítidas quais eram as suas intenções, as relações humanas são bem complexas, difícil mensurar suas intenções.

4.3 Para quem fica a linha de curral? E o curral?

Muito se fala sobre a pesca de curral ser uma atividade masculina. Dentro de uma comunidade tradicional é comum observarmos a divisão de trabalho por gênero, as mulheres geralmente ficam responsáveis por cuidar da casa, dos filhos e por vezes trabalhar na roça e os homens trabalham na roça e na pesca se houver. Fui indagada diversas vezes se o meu objeto de pesquisa não estava claro, que era óbvio que o curral seria herdado pelo filho homem, visto que, a atividade era masculina, e confesso que por vezes eu me indaguei se estava no caminho certo, algo normal para um pesquisador que busca respostas.

Porém, sempre soube que não era tão simples as situações vivadas dentro do âmbito familiar dos curralistas. Perguntas passaram a fazer parte do meu cotidiano no Aê durante as conversas com pescadores tais como, por que somente o filho homem herda? E se só tiver filhas, ninguém herda ou há exceções? São perguntas que me fizeram ir em busca da resposta desta tese.

Os grupos domésticos do Aê são compostos pelo pai, mãe e filhos. As famílias que compõe a primeira e segunda geração tiveram em média 5 filhos, e as famílias das gerações seguintes diminuíram essa média para 3 filhos, algo bem recorrente nas sociedades diversas, embora nas comunidades tradicionais, os filhos simbolizam força de trabalho para as atividades cotidianas.

Os filhos são educados desde crianças a realizarem as tarefas do lar, sejam domésticas ou econômicas. Observei que os filhos, independente do gênero, são muitos “apegados” as mães até certa idade, em média até os 7 anos, acompanham as mães em todas as suas atividades de qualquer espécie, enquanto o pai não tem tanto tempo com os filhos, devido estarem sempre ocupados com as atividades pesqueiras, ramo este que demanda de um tempo relativamente longo fora de casa, ou mesmo, quando está em casa, está descansando.

Neste período, as crianças estudam, na localidade há uma escolinha destinada as séries iniciais. Com o advento do programa social Bolsa Escola⁶¹, as mães me relataram que mantém os filhos na escola assiduamente e este fato fez com que muitas crianças não deixassem de estudar cedo. É comum na localidade pessoas que não completaram seus estudos devido

⁶¹ O programa social do governo federal denominado de Bolsa Escola tem como objetivo pagar uma bolsa mensal as famílias de jovens e crianças de baixa renda afim de que houvesse estímulo O fluxograma será explicado ao longo deste trabalho, todas essas etapas mencionadas será explicadas nos capítulos que se segue, sendo um resumo para que as mesmas frequentassem as escolas regularmente (Fonte: <http://bolsa-familia.info/bolsa-escola.html>). Este programa diminuiu a evasão precoce das crianças e jovens das escolas no Aê, pois a bolsa proporciona um auxílio mensal as famílias, não necessitando que parem de estudar para ajudar seus pais na pesca, realizando assim a atividade nas horas vagas.

terem que parar cedo de estudar para trabalhar na pesca. O gráfico a seguir apresenta o cenário encontrado no Aê, embora esta realidade esteja mudando ao longo dos últimos anos.

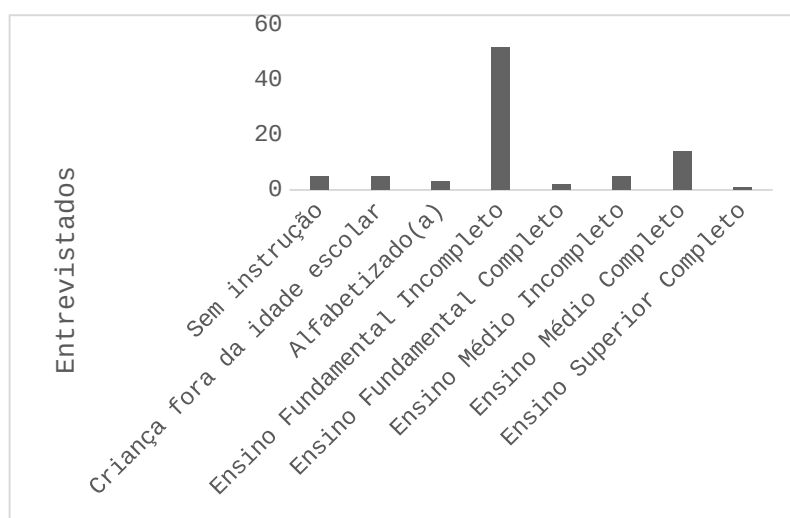


Figura 39: Nível de escolaridade dos entrevistados no Aê
Fonte: dados da pesquisa

Quando as crianças atingem 8 anos, as situações começam a se modificar. Meus interlocutores diziam que nessa idade a criança já está mais “grandinho”, já consegue fazer alguma atividade dita mais pesada para a idade deles e as relações começam a se modificar. As meninas continuam a acompanhar as mães e os meninos, passam a acompanhar o pai em algumas atividades dos currais. É nesse período que começa a se desenhar as divisões de trabalho, as meninas acompanham a mãe ao mangue, ao roçado quando a família possui, as atividades domésticas, e entre outras. E os meninos começam a acompanhar o pai em algumas etapas da montagem dos currais, na despesca dos currais, visto que nesse período a criança geralmente já sabe nadar e o pai não irá ficar preocupado em cuidar dele nesse aspecto, e outras atividades ligadas à pesca.

A pergunta que me instigava sobre essa questão era se este cenário se reportava a todos os filhos, e ao final observei que não, havia uma diferença, e essa diferença proporcionava algo valioso para o grupo familiar, a herança da linha do curral.

Dentro de um núcleo familiar as pessoas possuem gostos e planos peculiares, o que não é diferente das famílias do Aê. Numa família, nem todos os filhos possuem a mesma vocação para a atividade pesqueira, geralmente o filho mais velho acompanha o pai na atividade pelo simples fato dele ser o primogênito, o primeiro a receber os ensinamentos do pai, aquele que o pai vai ensinar para se tornar seu parceiro de trabalho. Mas e na possibilidade de a família ter mais de um filho homem, o que acontece? O pai irá repassar a

todos os ensinamentos igualmente, porém o primogênito será o seu “braço direito”, pois na visão deles, eles sempre serão mais experientes que os demais.

Como podemos observar nos diagramas a seguir este cenário se reportou a todas as famílias entrevistadas, a linha de curral foi repassada para os filhos homens e os irmãos são parceiros de trabalho na atividade juntamente com o pai. Nesse caso específico, o pai é dono de três linhas de curral, que para a localidade é considerado uma pessoa bem de vida, pois como já detalhado no segundo capítulo, um curral custa caro para a população local. Porém, esse pescador me explicou que conseguiu ao longo dos anos as linhas de curral para deixar de herança para cada filho, e cada filho é responsável por um curral durante as safras, e eu indaguei “e se só tivesse uma linha, para quem ficaria?”, sem hesitar respondeu que deixaria para o filho mais velho devido ter mais experiência na atividade e que possivelmente ajudaria os irmãos a conseguir a sua própria linha.

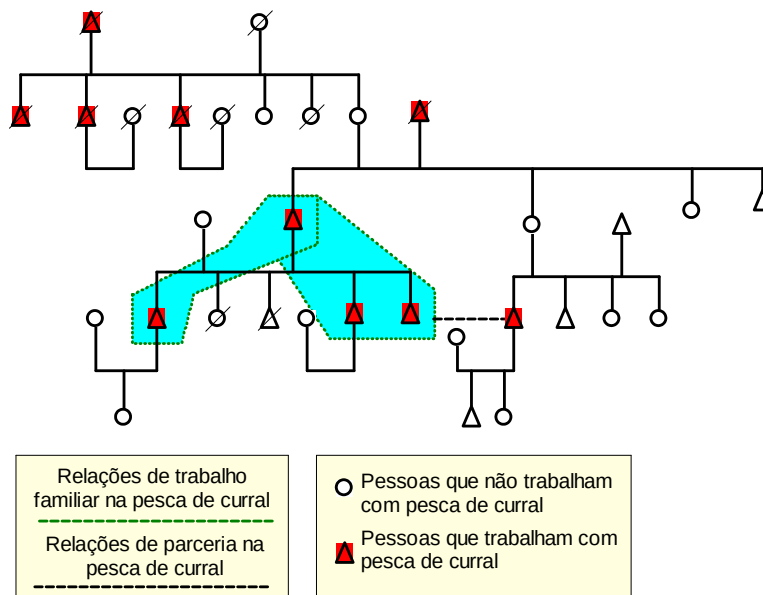


Diagrama 2: exemplo de como se dá o processo de herança da linha de curral nas famílias.
Fonte: dados da pesquisa

No Diagrama 2 pode ser observado também que nem todos os filhos (as) trabalham com a pesca de curral explicitado na fala a seguir:

Pesquisadora: todos os seus filhos trabalham com o senhor no curral?

Pescador: não, eu ensinei todos a trabalhar com curral, mas nem todos tem o dom, uns ficaram e outros foram em buscar de outra coisa na cidade, mas é isso ne, criamos os filhos pro mundo.

Com a instituição do programa social Bolsa Família como já mencionado, houve mudanças sociais na localidade. As crianças passaram a frequentar as escolas por um maior período, até mesmo finalizando os estudos como eles dizem, ou seja, chegando até a

conclusão do Ensino Médio. E este cenário proporcionou uma nova realidade para alguns moradores do Aê, muitos foram em busca de novas profissões fora da localidade, se tornou comum as pessoas saírem do Aê para trabalhar nos municípios próximos como São Caetano de Odivelas, até mesmo devido as famílias incentivarem a esta evasão. Os pescadores dizem que a pesca já não é mais como anos atrás, que eles conseguiam capturar uma quantidade de peixe bem superior ao capturado atualmente, e conseguiam lucrar mais.

Pesquisadora: como era a atividade anos atrás comparado com agora?

Pescador: ah era muito melhor, não tinha tanto curral, era muito peixe mesmo, tinha vezes que tínhamos que abrir o curral, porque não tinha como trazer na canoa. Era bom demais, agora, nós mal tira o que gastou pra montar o curral, tem ano que dá uma safra boa, mas tem ano que só tira o que gastou e o da boia, não tem lucro.

E este cenário no setor pesqueiro está fazendo com que os pais incentivem seus filhos a estudarem e exercer outra profissão. No entanto, o filho mais velho da família dificilmente sai da localidade, ele fica trabalhando com o pai na pesca. Se houver outros filhos que trabalhem na atividade, irá continuar com o pai e o irmão até se casar. Quando se casam, o pai providência uma nova linha de curral para este filho poder trabalhar e sustentar sua família, efetuando todo os processos já mencionados nos capítulos anteriores referente a escolha e marcação dos currais.

Em relação as filhas, elas não herdam a linha de curral do pai, a não ser que, não tenha nenhum filho homem na família. Nesse caso, ela herda e quem irá administrar a atividade juntamente com ela é seu esposo. Neste sentido, posso afirmar que a herança é patrilinear, é passada de pai para filho, salvo a exceção mencionada.

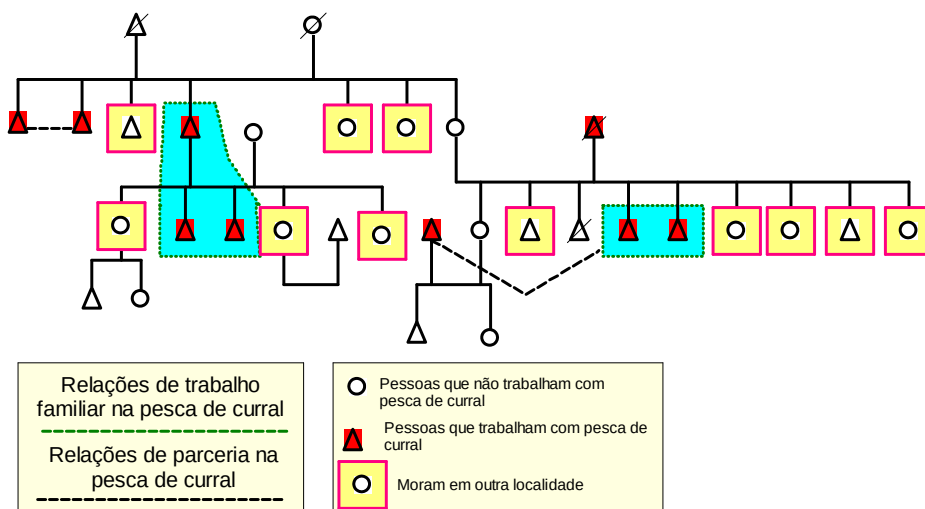


Diagrama 3: relações familiares x relações de trabalho
Fonte: dados da pesquisa

Com base neste cenário, as filhas quando não se casam com um curralista, saem da comunidade para trabalhar nos municípios próximos, até mesmo em Belém. Os filhos que não querem trabalhar nos currais, também vão em busca de outras oportunidades de trabalho nas cidades como podemos observar no diagrama acima, que para as famílias e para os que saem, é uma forma de poder ajudar a família financeiramente também.

No entanto, nem sempre essa saída da localidade “dá certo”, pode acontecer de os filhos retornarem para o Aê quando não conseguem trabalhar ou quando ficam desempregados. Visualizei esse tipo de situação quando estava no Aê. A família que me acolheu era composta de 5 filhos, dois homens e três mulheres. O primogênito era uma mulher, porém falecida, era professora da localidade e deixou um casal de filhos, os quais moravam nesta residência também. Partindo do pressuposto da herança patrilinear, a linha de curral da família seria destinada ao filho homem mais velho, porém, ele apresentava uma deficiência, e era aposentado, impossibilitado de trabalhar na pesca de curral. Restando o outro filho, o pai o ensinou a atividade conforme as tradições, porém, ele resolveu sair da localidade para trabalhar em outro município.

O pai sem seu parceiro de trabalho, não colocou curral durante os anos que esse filho permaneceu fora, me relatou que era muito trabalho só para ele, mas que a linha do curral estava disponível para colocar quando quisesse um curral. Esse filho casou-se com uma moça do Aê com qual teve dois filhos e sempre estava na localidade durante suas folgas do trabalho. Até que ficou desempregado e retornou de vez para a localidade. Como a linha de curral do pai estava vazia, o filho pode voltar a trabalhar na atividade sem nenhum problema. Nesse caso, a linha de curral continua sendo do pai até ele falecer e assim o filho herdar a linha. Mas o curral que o filho montou é dele. Na possibilidade de o pai já ter o curral montando e o filho ir trabalhar com ele, o curral e a linha seriam do pai. No caso mencionado acima, o curral é do filho. Apesar de o curral ser uma armadilha fixa, mas todo ano precisa renovar, montar outro, sendo uma atividade sazonal, ou seja, a linha do curral não vai mudar, mas a armadilha sim.

Outra situação que chamou a atenção durante minha estadia no Aê foi a seguinte. Uma das filhas da mesma família citada acima havia estudado, feito curso técnico, se enquadrando no cenário dos jovens que seguiram seus estudos até a sua conclusão. Incentivada pela família, queria fazer curso de graduação, durante eu estar lá, fez prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em busca de uma vaga numa universidade pública⁶². E todo o

⁶² É interessante ressaltar essa questão, pois para outros membros da localidade, o fato essa pessoa ter uma maior de escolaridade, ela é vista como “metida”, a que sabe tudo, e assim as relações sociais vão se estabelecendo e por muitas vezes criando um cenário de conflito.

conhecimento que essa moça tinha a fazia ter um diferencial no local, era engajada nas atividades da igreja e líder do grupo de jovens, considerada uma liderança na localidade, e muitos jovens a viam como um exemplo a ser seguido. Tinha um namorado, filho de curralista, trabalhava com curral que havia herdado do pai falecido. Toda vez que voltava da despesca, deixava um “amarrado”⁶³ de peixe na casa da namorada.

Porém, a moça tinha planos de sair da localidade e o namorado não. Para ela, ele deveria buscar outro estilo de vida, alegando que a pesca era uma atividade cheias de sacrifícios, no entanto ele não queria ter outro estilo de vida, estava feliz com a vida que levava. Até que ela o convenceu a ir para o estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, alegando a facilidade de se conseguir emprego para os dois e ela poderia continuar os seus estudos. Ela ficou empolgada na possibilidade e ele apresentava a cada dia que se passava mais preocupação. Uma vez ele me relatou não ter nem uma calça jeans para trabalhar nesses locais. Parece algo tão simples para quem vive nas cidades, mas esse tipo de vestimenta não fazia parte do seu cotidiano, ele relatava que não tinha motivos para ter roupas mais “sofisticadas” baseado no estilo de vida que levava. Nasceu e se criou na localidade, sempre trabalhou com a pesca de curral e não gostaria de mudar de vida, não teve o estímulo que outros jovens tiveram, como a sua namorada, e gostava do que fazia e não se via fazendo outra coisa, e por fim, decidiu não ir embora, pois achava que não iria conseguir se acostumar fora da localidade.

Esta situação acaba sendo corriqueira, os jovens se arriscam a ir para as cidades, porém não é garantia que irá ter sucesso, e podem voltar para seus locais de origem e resgatar suas atividades na pesca. Porém, há quem consiga arranjar emprego e passam a ajudar suas famílias.

No período que passei no Aê pude observar o porquê a pesca é considerada uma atividade familiar. Por muitos anos sempre mencionei tal afirmação motivada pelas literaturas que tive contato. Mas nada se compara a acompanhar de perto e observar como se dão essas relações, o quão essas pessoas dão importância a sua família. E sim, a pesca é uma atividade familiar, pois eles trabalham em prol de suas famílias, são parceiros de consanguíneos, de afinidade e de vida, uma vez que não é somente pai e filhos que trabalham juntos, tem o cunhado, o compadre, o primo, e assim por diante. E esses laços fazem com que a atividade do curral se fortaleça cada vez mais dentro do Aê.

⁶³ Amarrado é uma categoria nativa que alusão a uma certa quantidade de peixe que são amarrados com um pedaço de fio para facilitar o seu transporte, na venda.

5. CAPÍTULO V: O TRABALHO NO CURRAL: ENTRE PARENTES E ESCOLHAS

Quando o ano termina, finalizam-se planos, trabalhos, projetos programados para executar naquele período e se inicia um período de planejamento de novos projetos a serem executados no ano seguinte ou até mesmo de continuidade dos projetos não finalizados naquele ano, seja de trabalho, família, ou até mesmo o mais famoso plano, de emagrecer. O final de ano para mim, é sempre marcado de reflexão do que foi realizado e o que eu desejo realizar no ano seguinte.

No Aê, não é diferente. Ao término de cada ano, inicia-se um novo ciclo. É o momento de planejar a pesca de curral do próximo ano. E esse momento envolve diversas perguntas como: que curral vou montar? Faço um curral sozinho ou trabalho em parceria? Vou trabalhar com quem esse ano? Vou ter dinheiro para comprar os materiais? Será que coloco curral esse ano? Será que a safra vai ser boa?

Diversos questionamentos surgem, pois, a pesca de curral envolve questões a serem analisadas nesse período de planejamento, como o financeiro e o familiar. O financeiro, devido ser uma arte de pesca relativamente cara⁶⁴ para um pescador artesanal, e o familiar, devido ser uma atividade que envolve toda a família e todos precisam estarem dispostos a compartilhar as atividades. Apesar de o curral ter um responsável direto, um dono, o curralista nunca trabalha sozinho, sempre tem um parceiro que divide as tarefas, e envolve toda a família na atividade. E quem o curralista escolhe para trabalhar com ele, um familiar, um compadre, um vizinho? Partindo desses questionamentos, o presente capítulo traz uma reflexão acerca do trabalho na pesca de curral a partir do parentesco, esta se encontra marcada por características diferenciadas.

O trabalho na pesca de curral, portanto, figura como um trabalho particular, orientado por lógicas que se interconectam, uma lógica de trabalho fixo, normalmente não pensada no espaço da água. Neste sentido, este capítulo tem por objetivo descrever o trabalho da pesca de curral mostrando como o parentesco ordena esse maretório⁶⁵, a atividade dentro dele e os resultados da pesca através do parentesco. Na primeira seção trago uma discussão sobre o porquê do pescador escolhe ser curralista dentre tantas modalidades de pesca, quais os

⁶⁴ Os valores aproximados dos materiais utilizados na construção dos currais está descrito no capítulo II.

⁶⁵ Segundo Pimentel (2019), as atividades relacionadas ao extrativismo do mar e dos estuários tem se construído uma nova categoria, o maretório. O conceito de maretório é decorrente das práticas culturais, ecológicas, econômicas, rituais, devido ser um espaço utilizado pela população tradicional sem fronteiras fixas, representando a mobilidade de um coletivo na zona costeira.

motivos e inquietações que os fazem seguir essa profissão. A seção seguinte trata sobre como os pescadores escolhem seus parceiros de trabalho, o curral é uma atividade que requer parceria e os curralistas possuem seus critérios de escolhas, explanados nesta seção. Escolhido o parceiro, precisa-se iniciar os trabalhos nos currais, desde o seu planejamento até a sua montagem, para assim, poderem usufruir a safra de pescado daquele ano, sendo assim, as duas últimas seções explanam o trabalho no curral e quais as etapas realizadas para montar essa arte de pesca.

5.1 Escolher ser curralista

Quando se pensa em atividade pesqueira, as primeiras coisas que vêm à mente são barco, arte de pesca e pescador. Aquela atividade que demanda dias e dias em alto mar, fazendo com que muitos pescadores tenham que renunciar ao convívio familiar para desenvolver a atividade.

E de fato, a pesca envolve todos esses quesitos. Aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer um pescador e suas histórias, teve a oportunidade de escutar diversas narrativas. Quem nunca ouviu falar sobre as histórias de pescador de uma forma pejorativa, que são narrativas exageradas, mas quem pode dizer que não é verdade? E porque não criar “histórias boas” de uma vida tão sofrida, aquela pescaria malsucedida, frustrada e contar que pegou o maior peixe da sua vida, seria uma forma de amenizar a realidade? Talvez, mas também seria uma forma de não se frustrar de algo que tanto gosta de fazer. A pesca vai muito além de uma atividade financeira, é um modo de vida, e posso dizer que pelo que vivi no Aê, ser curralista é uma escolha de vida.

E como cheguei a essa conclusão? Bem, não foi fácil, sempre indagava os pescadores do motivo pelo qual escolheram trabalhar com os currais em meio a tantas opções de apetrechos de pesca. A pesca de curral é sazonal, os pescadores só possuem lucros no período da safra dos peixes, e os outros meses, o que fazem? E no período de montagem dos currais ficam sem pescar devido estarem trabalhando, como mantém a família? Esses questionamentos rodavam meus pensamentos e fui em busca de respostas.

Quando se fala de pesca, logo se remete a uma atividade familiar, que o ofício é transmitido de pai para filho. Ao longo dos meus capítulos, também menciono tal afirmativa, sendo esta uma questão recorrente dentro de uma comunidade pesqueira. Durante uma conversa com um pescador, facilmente escutamos que aprendeu a pescar com seu pai e que trabalha com algum parente. Isso evidencia a importância da família neste setor, porém, na

pesca de curral, percebi algo diferenciado quanto a este quesito. Além de compartilhar os trabalhos, a família é dos motivos mais importantes quando se decide ser curralista. Quando eu perguntava aos pescadores “porque o sr é curralista, porque escolheu esse tipo de pescaria?”, a resposta era imediata: *Porque eu posso ficar mais tempo com a minha família, porque eu sei que a minha família vai ter o que comer todos os dias e eu viajando vários dias fora, não sei o que estaria acontecendo aqui com eles. (B, 68 anos)*⁶⁶.

É com essa fala que passei a compreender os questionamentos que rondavam meus pensamentos. Os pescadores para realizar a pesca de curral são diferenciados dos demais considerando os seguintes motivos: precisam fixar moradia em algum lugar, não realizam viagens longas e sempre estão presentes no âmbito familiar, ao contrário da realidade de outros tipos de pescarias, como a pesca com malhadeira⁶⁷. Os pescadores de malhadeiras geralmente não têm um local fixo para pescar, buscam o local mais propício para capturar os peixes, os chamados “pesqueiros”⁶⁸. Daí se vê a dinâmica da atividade, um dia o pescador está em local, no outro não se sabe onde estará, e muitas vezes nem sabe quando irá ver sua família novamente, pois só retornam quando capturam a quantidade desejada e isso é imprevisível, podendo ser poucos dias ou muitos dias em alto mar.

Quando se pensa na atividade pesqueira de uma forma geral, se pensa em pescadores viajando dias e dias no mar afora, ou seja, se pensa no espaço em movimento, e essa é a maior diferença da pesca de curral em relação as outras pescarias, a fixação da arte e consequentemente do pescador em um determinado lugar. A pesca de curral sempre se faz no mesmo lugar, a pesca de curral é sempre na mesma linha.

Sendo assim, os curralistas do Aê mencionaram terem escolhido trabalhar com currais pensando na família, pois era garantia de estar sempre acompanhando as esposas e filhos. Um pescador chegou a relatar que não gostaria de realizar viagens longas e deixar seus filhos e esposa sozinhos ou até mesmo passando dificuldade.

A linha pode mudar, tal como na agricultura é deixado um terreno em pousio, ela pode ser alterada em decorrência da piscosidade das áreas, mas de uma forma geral, a pesca de curral traz fixação que não é recorrente na atividade pesqueira e isso traz para essa arte

⁶⁶ A resposta mencionada foi semelhante entre vários curralistas.

⁶⁷ A pesca de emalhar é uma atividade bastante utilizada na costa paraense. É realizada com redes de emalhar, sendo uma arte de pesca passiva e é utilizada para capturar várias espécies de peixes e crustáceos. Nessa pescaria, os pescadores precisam realizar viagens mais longas, passam dias longe de suas casas, só voltam quando capturam a quantidade de pescado planejada. Devido a este fator, nem todos os pescadores a praticam como atividade principal, ou seja, quando sabem que está na época de determinado pescado, vão pescar, como é o caso dos pescadores curralistas (PIO, PEZZUTO, WAHRLICH, 2012).

⁶⁸ Segundo Begossi (2004), pesqueiros são os locais onde se encontra a maior abundância de recursos pesqueiros.

diferentes processos, relações e organizações, e talvez o maior motivo de se escolher ser curralista.

O curral está na categoria de artes fixas, como mencionado, mas a sua grande diferença é que as outras armadilhas podem ser colocadas em qualquer lugar todos os dias, e o curral não, este será montado num local, na linha de curral escolhida e ficará nesse lugar a safra toda, anos e anos, por gerações. Não somente a linha de curral é fixa, mas o trabalho do pescador também é fixo, esse é um dos motivos que faz dessa atividade uma escolha. Ser curralista é uma escolha. Ser curralista no Aê é uma escolha que vai muito além do lado financeiro, é pessoal. Por ser uma atividade sazonal, não traz retorno o ano todo, mas proporciona outras coisas que se sobrepõem ao lado financeiro, o de estar sempre perto da família.

A pesca de curral possui um significado particular aos pescadores que a executam. Eles se autodenominam curralistas, como se fosse uma categoria diferenciada dos outros tipos de pescarias e que, em verdade, o é. Embora seja uma atividade englobada na categoria de pesca artesanal, esses pescadores se sentem numa categoria a parte, pois é um universo diferenciado dos outros tipos de atividade pesqueira. Quando perguntado aos pescadores do Aê qual sua profissão, a resposta imediata é que são curralistas.

A pesca de curral requer um conhecimento aprofundado acerca do meio ambiente e isso demanda que a atividade inicie muito cedo na vida no pescador, acontecendo normalmente ainda na infância. Mas o pescador trabalha desde criança? Não, mas é na infância, nos jogos lúdicos e no acompanhamento junto aos pais que esse conhecimento começa a ser internalizado. O ensinamento quanto ao ofício pode ser transmitido de diversas maneiras, seja no momento da despesca, na coleta dos materiais a serem utilizados no curral ou até mesmo durante a montagem. Conforme a idade da criança, o pai o insere nas suas atividades de forma que a criança comece a compreender a atividade. O momento da despesca talvez seja o mais divertido, pois envolve tomar banho na maré. Diversas vezes quando fui acompanhar as despescas dos currais, as crianças queriam ir para poder ter esse momento de diversão. Porém, não era somente diversão, se interessavam em saber que peixe tinha nos currais, sabiam os tipos de currais que havia na região, pois o pai ao longo da viagem ia lhe mostrando e explicando a diferença, e eu como uma criança, também aprendi juntamente com eles.

Este cenário pode ser visto no dia a dia, durante as conversas com as crianças, as brincadeiras, podemos observar como esse universo vai desenhando suas vidas. Quando

pequenos, pode parecer brincadeira, mas os ensinamentos já vão se enraizando desde muito cedo. Certa vez, fui na casa de um pescador e ele não estava, perguntei ao seu filho de 3 anos pelo pai dele, apesar da pouca idade, já falava bem, me respondeu que o “pai tinha ido no mato tirar pau para fazer o curral dele”. Como ele é muito pequeno, o pai não o leva para lhe acompanhar, mas já sabe o que o pai faz, e assim os conhecimentos começam a ser transmitidos e ocupar o cotidiano dessas pessoas.

Nessa atividade, a relação mais recorrente é a familiar, pois assim minimizam gastos e um ajuda no curral do outro, ou até mesmo dividem o curral. O curral apresenta muitas etapas, é um processo consideravelmente longo, sendo assim, descrevo as etapas uma a uma, de acordo como me relataram e a minha vivência. A isso, me detenho, nas relações sociais que perpassam e desenham essa arte tão peculiar.

5.2 É chegada a safra: “e agora, quem eu escolho para trabalhar comigo?”

Todo final de ano é o momento de iniciar o planejamento da safra dos peixes do ano seguinte, e esse processo se inicia com a pergunta, vou trabalhar com quem? O curralista não trabalha sozinho, sempre dividi os trabalhos com alguém. É uma pescaria que demanda muito trabalho desde o seu processo de montagem até o período da safra, e precisa dividir com alguém essa atividade, assim como podem dividir os trabalhos sempre a mesma pessoa todos os anos, pode ser que não, os interesses pessoais mudam e isso pode influenciar nas atividades pesqueiras também. Havia dois pescadores no Aê que me inspiraram a refletir sobre como era realizada às escolhas de parcerias. Eram irmãos, pertencentes a umas das famílias mais antigas da localidade, de família forte na atividade pesqueira. Trabalharam desde jovem como curralista, pois seu pai falecera muito novo, ocasionado de um acidente por entre os manguezais. Sendo assim, os irmãos tiveram que assumir as responsabilidades de sustento da família.

Seu Benedito, um senhor super sério, não era de falar muito, na verdade, não era de falar comigo, porém ao longo de minha pesquisa percebi que ele não era sério, apenas não me conhecia. Sua casa vivia cheia de pescadores, era como um ponto de encontro no caminho para o porto. Se estavam indo para o porto, paravam em sua casa para tomar um café, se era na volta do porto, paravam para falar como havia sido a pescaria. Ensinou seus filhos a pescar com diversos tipos de artes de pesca, mas a atividade principal que havia ensinado era a pesca de curral. Quando trabalhava como curralista, levou uma ferrada de arraia e o deixou com

uma deficiência na perna, e teve que se aposentar. Assim, dois filhos assumiram o seu trabalho nos currais, seu Benedito apenas dava um suporte.

“Seu” Raimundo era falante, brincalhão, um artista, era compositor de carimbó. No passado dividia a sua atividade de pesca com as rodadas de carimbo. No mês de julho organizava as festas da localidade, especialmente a brincadeira do boi de máscaras, atividade tradicional do município de São Caetano de Odivelas. Porém, quando estive no Aê, já não realizava tais atividades, desde a pesca de curral como os festejos de carimbó e junino, já estava aposentado, e o avançar da idade o fez deixar de lado as organizações de festas, apenas continuava a compor os carimbós. Mas porque esses pescadores me inspiraram a refletir sobre as parcerias existentes na atividade de currais? Quando eram jovens, trabalhavam juntos no curral herdado do pai, com o passar dos anos, casaram-se e passaram a ter suas respectivas famílias para sustentar. No entanto, não deixaram de trabalhar juntos, pois alegam que para se trabalhar junto precisam confiar no seu parceiro, e essa relação é construída ao longo dos anos como mostrado no diálogo a seguir:

Quando eu era jovem, trabalhei com irmão por muito tempo, os filhos pequenos não podiam me ajudar, então não tinha como eu ter um curral só pra mim. O meu irmão era a pessoa que eu mais confiava, quando eu não podia ir despescar o curral, ele ia e eu sabia que não ia ser enganado. (Seu B., 68 a.)

Trabalhei muito com o meu irmão, até cada um conseguir ensinar seus filhos e ter seu próprio curral. Curral não dá pra trabalhar sozinho não, tem que ter um parceiro, e mais, alguém que você confie, se não, pode ser enganado. (Seu R., 71 a.)

Então cheguei à conclusão que de fato que as relações de trabalho na pesca de curral no Aê estão ligadas diretamente às relações familiares ou por afinidade. Dos 31 curralistas entrevistados, 29 trabalham com um de seus familiares, podendo ser pai, filho, cunhados e compadres. Relatam que as relações são baseadas na confiança e não podem dividir as tarefas e posteriormente o lucro com qualquer pessoa, por mais que não sejam parentes, mas precisa haver algum tipo de relação por afinidade, visto que o processo de montagem e despesca requer responsabilidade para que não tenham prejuízos.

Os pescadores enfatizavam em suas falas que o curral apresenta características peculiares em relação a outras artes de pesca. Todo seu processo de montagem requer um planejamento minucioso que se estende desde a escolha do curral a ser usado até as fases de montagem. São realizadas várias etapas, e isso demanda muita dedicação por parte do pescador. O sucesso da pescaria nos currais depende de um bom funcionamento da armadilha, e isso requer empenho e responsabilidade para montá-la, daí a escolha por trabalharem com pessoas que possuem uma relação de confiança⁶⁹.

⁶⁹ A relação de confiança existente entre os curralistas será discutida no capítulo 4, no qual este capítulo tratará

Com base nisso, os pais ensinam seus filhos desde criança como mencionado na seção acima e confirmado no diálogo abaixo, uma forma de garantir a perpetuação da atividade por gerações, uma profissão aos seus filhos e o sustento de suas famílias.

Entrevistadora: tem quantos anos que o sr já trabalha com curral?

Pescador: desde quando comecei a trabalhar com o meu pai, deve ter o que, uns 40 anos

Entrevistadora: o sr tem quantos anos?

Pescador: 54

Entrevistadora: o sr começou a trabalhar com 14 anos?!

Pescador: mas é isso que te digo, nessa idade comecei a pegar o ritmo, mas com 8 anos já ia pro curral despescar com meu pai. Meu pai botava nós pra ir com ele cedo, pra aprender desde pequeno, pra um dia nós substituir ele, aí quando isso acontecesse, nós já ia está sabendo tudo.

Nem sempre os filhos querem seguir a profissão do pai, mas os pais insistem no ensinamento, pois um dia terão a opção de escolher o que desejam fazer, seja trabalhar na pesca ou em outro ramo. Fato este também visto por Stori *et al.* (2012) numa comunidade no município de Santos/SP, a preocupação dos pescadores mais idosos em relação ao futuro da atividade pesqueira vem se intensificando ao longo dos anos, os jovens não demonstram interesse pela atividade, possuem interesse por atividades distintas, que não seja a pesca. Essa situação de desinteresse pode levar a extinção da pesca artesanal de acordo com esses pescadores e, de fato, aparece com frequência nas conversas evidenciando uma aflição e certa tristeza por um porvir onde essa atividade talvez já não mais exista.

No Aê, também foi relatado tal situação, na fala a seguir, o pescador evidencia a falta de interesse pela população jovem do local:

Quando eu era jovem, meu pai me botava pra trabalhar junto dele, e tudo era muito mais difícil, não tinha motor, nós ia a remo, andava todo esse caminho do porto a pé com material da pescaria na costa. Agora, esses jovens não querem nem ir no porto a pé, só se for de moto, ir pesca a remo nem pensar. Hoje tá tudo mudado, tá muito fácil, daqui a pouco nem sei se vão querer mais pescar (M. 59 a.).

Escolhido o parceiro, é hora de iniciar os trabalhos nos currais, é o início de estar dedicado os próximos dois meses a um trabalho que poderá render um bom lucro se a safra for boa, ou render prejuízo se a safra não for boa. A vida do pescador é cheia de incertezas, sai para pescar e não sabe se volta com uma tonelada de peixe ou com meio kilo, mas uma coisa sempre tem certeza, os peixes da boia sempre vão ter.

5.3. Trabalhando nos currais

A frase “ciência do curral” foi mencionada primeiramente por Maneschy (1993) em seu trabalho com os curralistas do município de São Caetano de Odivelas. A autora menciona sobre o tema reciprocidade na comunidade do Aê.

que os pescadores denominam o processo de marcação dos currais como uma ciência, pois necessita de muito conhecimento para efetuar tal etapa. No entanto, todo o processo que envolve a construção e manutenção dos currais pode ser considerado uma ciência, pois é uma atividade que requer um profundo conhecimento acerca das técnicas de pesca utilizadas e sobre os fatores ambientais. A fala do pescador, a seguir, evidência a complexidade dessa arte: *Pescador: você vê um bichinho (o curral) daquele lá na beira, não tem nem noção do trabalho que dá (Z. B., 54 anos).*

Quando o pescador fala que eu não tenho noção do trabalho que se tem ao montar um curral, inicialmente pode parecer algo “exagerado”, mas eu realmente não tinha essa noção. Durante as diversas viagens que já realizei ao longo da zona do Salgado Paraense, pude conhecer um pouco sobre essa arte de pesca. Os currais são artes de pescas que são avistadas cotidianamente nas beiras de rio e praias do Salgado Paraense, e devido essa expressividade, cheguei a realizar despesca durante essas viagens, mas acompanhar os processos de montagem nunca havia participado, ou seja, meu conhecimento era limitado em relação a atividade. Ao conhecer melhor essa pesca, pude perceber a complexidade de todo o processo, e compreender o fato de Maneschy (1993) considerar a marcação dos currais como uma ciência, no entanto, ao longo da minha pesquisa pude perceber que todo o processo da atividade pode ser considerado uma ciência, pois sua complexidade se ressalta em todas as suas etapas.

Para confeccionar os currais são realizadas várias etapas, assim como visto também por Furtado (1987) no município de Marúda. No Aê, em São Caetano de Odivelas, os pescadores realizam os mesmos processos. Os currais são armadilhas que apresentam muito trabalho durante sua montagem, os curralistas alegam que devido ao grande trabalho, esse processo dura em média uns 3 meses, desde a tiração⁷⁰ ou compra dos materiais até a sua montagem. Para diminuir esse tempo, os curralistas trabalham em parceria geralmente com seus familiares, dividindo os gastos e lucros.

Segundo Furtado *et al.* (2006), a solidariedade, sendo um princípio da reciprocidade, se estabelece nessas relações entre os pescadores, a ajuda mútua está presente em diversas ações, seja no compartilhamento da tiração dos materiais, na montagem dos currais ou até mesmo durante o período da despesca. Por vezes presenciei tais ações, especialmente durante a montagem dos currais. Os pescadores quando não possuem recursos financeiros para pagar alguém para lhe ajudar, recorrem ao auxílio de parentes e compadres. Um ajuda o outro na

⁷⁰ O termo tiração é utilizado pelos pescadores para o ato de coletar os materiais que irão usar nos currais.

montagem de seu curral, assim conseguem diminuir os gastos, na fala a seguir, tem-se este cenário:

Entrevistadora: e o sr paga pra lhe ajudar a colocar o curral ou trabalha de parceria?

Pescador: quando tem dinheiro, pago, mas pra economizar nós trabalha em parceria. Um ajuda o outro na montagem do curral, ai fica mais barato, se não, fica muito caro, ai fica pesado pra nós.

Ao andar pela localidade, é muito fácil observar pescadores trabalhando nos currais. Seja cortando madeira, tecendo as esteiras que formam os paris, levando materiais para o porto, dentre outras atividades que envolvem a montagem da armadilha. A tecelagem dos paris geralmente é realizada em seus quintais, e na localidade as casas não possuem muros, então eu sempre os via realizar tal tarefa e me aproximava no intuito de observá-los trabalhar e se pudesse conversar um pouco. Tal tarefa demanda bastante atenção, então me mantinha somente a observar, se o curralista se sentisse à vontade para conversar, me explicava sobre o que estava fazendo e a sua importância. Percebia que eles gostavam de me ensinar, e eu aproveitava cada momento da conversa, embora eu somente pudesse observar de fato e não tentar tecer os paris juntamente com eles, pois toda a tecelagem é realizada de forma calculada e a minha interrupção poderia comprometer o trabalho de uma tarde inteira, ou até mesmo de um dia inteiro, e não era a intenção.

O curral é muito mais que uma arte de pesca, é um companheiro de trabalho do pescador, ele captura os peixes e o pescador só vai buscar, e assim se estabelece uma relação de trabalho entre ambos. A partir do momento que a arte é montada e fixada no local escolhido, o trabalho do pescador é somente ir buscar o peixe, não há esforço nenhum durante a pescaria. O curral é visto pelo pescador como um parceiro de trabalho, a arte executa a pescaria e o pescador só vai buscar o pescado e isso é de um imenso valor aos curralistas, expressado na fala a seguir: *O curral é bom porque ele trabalha por nós e só vamos buscar os peixes. Quando a maré dá de manhã, dormimos a noite toda, enquanto o curral trabalha e só despescamos de manhã* (B., 72 anos).

Assim como havia pescadores que estavam na atividade desde a juventude, encontrei pessoas que estavam trabalhando há pouco tempo com curral. Nesse caso, foram para o Aê em busca de aprender a trabalhar com os currais e conseguir sustentar suas famílias, pois relataram que na sua localidade de origem não havia a prática da pesca de curral na localidade onde morava. Sendo assim, buscam aprender com alguém experiente na atividade, até conseguirem dominar a técnica.

Entrevistadora: e o seu pai, ele fazia o que?

Pescador: ele era pescador

Entrevistadora: e ele morava aqui?

Pescador: morava em Pratiquera

Entrevistadora: ele pescava de curral também?

Pescador: não, naquele tempo era de espinhel, aquele que coloca vários anzóis na linha e pescava

Entrevistadora: e tu pescava com ele? Pescador: não cheguei a pescar, mas acompanhava ele, eu não sabia, só acompanhava mesmo

Entrevistadora: quem que te ensinou a pesca de curral?

Pescador: na verdade foi ano passado que eu vim pra cá pra trabalhar de parceria, aprendi com o meu parceiro e aí gostei.

5.4 Montando os currais

O curral de pesca é uma arte estritamente artesanal, para confeccioná-lo os pescadores realizam diversas etapas. Podemos comparar a confecção dos currais com a confecção de uma roupa, os costureiros primeiramente tiram as medidas dos clientes, compram os tecidos, talham a roupa, costuram e fazem os devidos acabamentos de acordo com o modelo a ser escolhido. Assim são os currais, milimetricamente planejados, moldados pelas mãos dos pescadores para ter plenitude durante a safra dos peixes.

Para montar os currais, os pescadores precisam desempenhar outras habilidades que não a de pescador, como artesão, carpinteiro, costureiro, mergulhador e mestres dos mares. Cada etapa é explorada uma habilidade ou até mais de uma, varia de acordo com o trabalho a ser feito. E esse processo requer uma dedicação exaustiva por parte dos pescadores, uma vez que é um período que trabalham praticamente somente na montagem dos currais.

Recordo-me quando estava no Aê durante esse período de ver os curralistas trabalhando o dia todo em seus currais, só paravam para almoçar e descansar um pouco. É interessante ressaltar essa dedicação por parte dos pescadores, pois quanto maior a dedicação, mais rápido a armadilha ficará pronta, assim não correm o risco de perder a safra dos peixes. É nesse período que as relações familiares e de afinidade se fortalecem, os pescadores se ajudam para finalizarem seus currais, não há uma disputa e sim uma ajuda mútua entre os pescadores, para que todos possam usufruir da safra dos peixes. Para realizarem a montagem dos currais, os pescadores precisam seguir as seguintes etapas abaixo e descritas em seguida nos próximos tópicos.

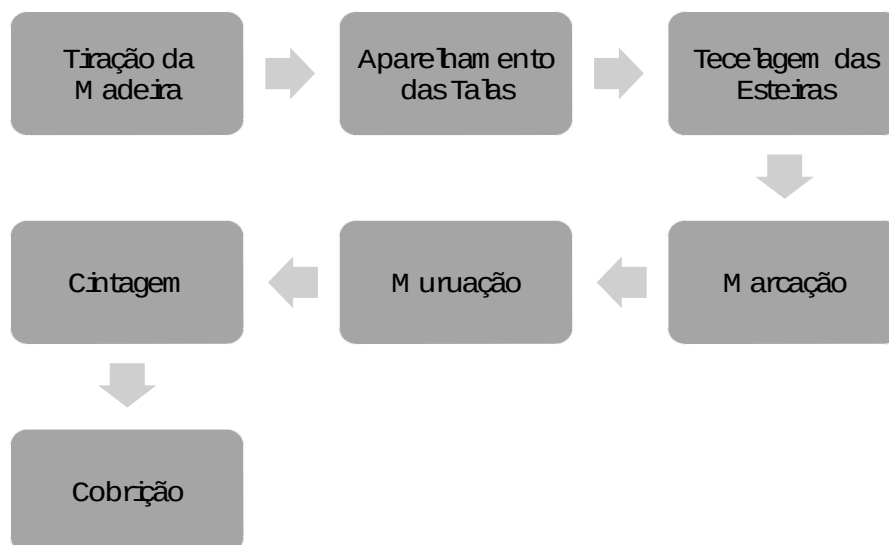


Figura 40: Descrição das etapas da montagem dos currais de pesca
Fonte: dados da pesquisa

5.4.1 Tiração da madeira

Ao caminhar pelo Aê no mês de janeiro é possível visualizar a movimentação dos pescadores em busca dos materiais a serem utilizados nos currais. Nos quintais dos pescadores podemos visualizar os materiais obtidos à espera de serem utilizados. É uma etapa que demanda muito tempo por parte do pescador, geralmente se começa a tirar três meses antes da safra, para dar tempo suficiente para confeccionar o curral e assim não perderem a safra dos peixes.



Figura 41: Quintal de um pescador curralista, o qual utiliza para armazenar material e montar os currais
Fotografia: Palheta, 2018.

Um dia saí pela localidade em busca de conversar com algum pescador. Nesse período é difícil encontrar algum em casa, geralmente passam o dia todo fora em busca dos materiais.

Consegui conversar com um pescador que estava de saída em busca de materiais. Questionei onde conseguia os materiais e respondeu o seguinte: *Entrevistadora: tira aqui perto mesmo, ou vai longe? Pescador: quando tem a gente tira aqui perto mesmo, e quando não tem vamos tirar em outro lugar.*

A fala acima retrata um problema bem comum na atividade, a escassez dos recursos naturais utilizados nos currais. Os pescadores já enfrentam a falta de materiais na região, consequência do aumento de pescadores na localidade e o aumento de currais construído no local. Os pescadores retiram esses materiais nas áreas de manguezais ou área de terra firme nas proximidades da comunidade, ou do município de São Caetano de Odivelas como um todo. Quando não há nas proximidades, precisam sair dos limites do município e encontram em municípios vizinhos.

Devido este cenário de escassez do recurso, atualmente os materiais utilizados geralmente são comprados, encarecendo a arte. No entanto, quando dispõe de recurso, os curralistas alegam que a compra do material é mais viável, pois a atividade de tirar o material no mato requer muito tempo e muito trabalho, precisam contratar pessoas para ajudar no trabalho, demandando uma grande logística na atividade. Como é um período que todos estão trabalhando em seus currais, se torna difícil encontrar pessoas disponíveis para contratar ou até mesmo para ajudar a tirar o material. Geralmente os que estão disponíveis são pescadores que optaram por não colocar curral naquele ano, se tornando uma mão de obra bastante disputada por entre os curralista.

Durante os dias que estava no Aê nesse período, diariamente via caçambas chegando com os materiais e descarregando nos quintais dos curralistas. Consegui visualizar duas situações quanto a compra desses materiais: os pescadores compram o material, seja de São Caetano mesmo ou de municípios vizinhos e ficam aguardando o fornecedor levar em casa, ou compram o material de um determinado dono de terreno e o pescador fica responsável por tirar o material do terreno e transportar para o Aê, barateando a aquisição do produto.

Entrevistadora: onde o sr tirou seu material?

Pescador: eu fui la pro areia branca tirar material, perto de castanhal

Entrevistadora: e como o sr tras de la pra ca?

Pescador: num caminhão fretado, uns R\$300,00

Entrevistadora: pra ca não tem esse material?

Pescador: não, de ter tem, mas está meio raro, porque todo mundo tira, ai é difícil, vai terminando, nós vamos buscar longe pra ver se cresce daqui entendeu.

Nesse caso, a compra se torna mais eficaz e agiliza na confecção da arte de pesca. E quando o pescador não dispõe de recurso financeiro? Uma vez parei na casa de um curralista

que estava preste a sair juntamente com o seu parceiro de trabalho, estavam arrumando seu material que consistia em facão, uma garrafa de água e uma vasilha com farofa de carne enlatada. Questionei se estavam indo comprar material ou tirar, me respondeu que não tinha dinheiro para comprar, que o único dinheiro que tinha, havia gasto com sua família e o jeito era tirar o material no mato para não ficar sem montar curral naquele ano.

Entrevistadora: o sr ta indo comprar material ou tirar?

Pescador: to indo tirar, três meses que a gente não para, eram três parcerias, ai um foi da um tempo pra Belém e ficou pra lá, três pessoas pra tirar material pra três currais, agora que estamos terminando, desde de fevereiro trabalhando.

Durante a montagem dos currais é comum faltar algum tipo de material, nesse caso, o pescador já não compra, eles mesmo vão retirar o material no mato, por ser geralmente uma pequena quantidade, é mais fácil encontrar nas proximidades do Aê, nos terrenos de parentes ou vizinhos, por exemplo cipó ou talo.

Entrevistadora: e quando falta material o que o sr faz, compra mais?

Pescador: geralmente não, quando falta, já é pouco, ai nós vamos tirar mesmo, sempre tem um parente ou um vizinho que deixa nós tirar, até porque, quanto menos gasto, melhor.

Os materiais utilizados são os paus chamados por eles como moirões. Esse material dará suporte aos currais, por isso precisam ser paus mais grossos que os talos e resistentes, que possam suportar a força da correnteza. Por vezes imaginei os moirões como paus de espessura bem grossa para suportar a força da correnteza, no entanto, quando vi um moirão (Figura 41), era bem diferente do que imaginava. Indaguei – os sobre a minha percepção e me explicaram que se fosse mais grosso, iria dificultar mais ainda o transporte e a montagem dos currais, os que usam é suficiente para aguentar as correntezas.

Entrevistadora: eu sempre escutei que os moirões deveriam ser grossos, então eu imaginava que fosse mais grosso do que esses que vocês usam.

Pescador: isso, olha esse pau ai tudo tem que ser assim pra mais grosso pra poder colocar, só que não pode ser muito grosso não, porque ai vai atrapalhar pra transportar, pra montar, essa grossura ai já é o suficiente pra aguentar.



Figura 42: Moirões (*Rhizophora mangle*) utilizados em currais de beira
Fotografia: Palheta (2013)

Porém, as minhas percepções em relação aos moirões utilizados tinham no fundo uma coerência, o pescador me relatou que a espessura dos moirões varia com o tipo de curral e local a ser instalado, os currais de beira sofrem menos a força das correntezas se comparado aos currais de fora, este último necessita de moirões mais grossos para suportar a força da água. Como durante as minhas viagens pelo litoral paraense, sempre avistei mais currais de beira, então me causava dúvidas quanto a utilização do material, e até mesmo durante a minha estadia no Aê não tive a oportunidade de ver o moirão utilizado nos currais de fora, devido o curral mais comum na localidade ser o curral de beira. Havia apenas um pescador que tinha um curral de fora, porém não consegui acompanhar o seu período de montagem.

No entanto, quando o curralista me fez refletir sobre a força das águas, não restou mais dúvidas, o que me fez recordar de uma viagem a praia da romana no município de Curuçá. Estávamos em uma rabeta e chegou em um certo momento que a maré batia muito, estava muito forte as ondas, tanto que a proa da rabeta levantava alto e batia na água. Agora imagine um curral ter que aguentar uma maré forte? Diferentemente dos currais de beira, não sofrem tanto impacto, e isso justifica a diferenciação na utilização dos materiais.

O outro material são os talos ou bambus para confecção dos paris, as paredes dos currais. Os pescadores sempre usaram o talo de anajá para confeccionar os paris. O talo é retirado do mato na espessura ideal a ser usada, não é necessário adaptá-la para utilizá-la, e é

de fácil manuseio devido ser leve, facilitando o seu manuseio. Porém, com o passar dos anos, o talo foi se tornando escasso na localidade e passaram a utilizar o bambu, material que ainda se tem em abundância no Aê. No entanto, o trabalho é muito maior em relação ao talo, pois o bambu é grosso e precisa cortá-lo na espessura ideal para confeccionar os paris, caso não fique da grossura desejada o curral pode não ter o sucesso desejado, pois tudo precisa estar bem certinho em medições iguais para dá uma maior flexibilidade no material quando estiver na água, pois é essa flexibilidade que proporcionara a entrada dos peixes no curral por entre os talos, e alegam que há riscos durante o corte.

Entrevistadora: isso é bambu é?

Pescador: não, é talo de anajá

Entrevistadora: porque tem gente que faz com bambu ne?

Pescador: é, esse ano foi muito difícil encontrar talo, o pessoal fez mais com bambu

Entrevistadora: qual o melhor?

Pescador: melhor é esse talo

Entrevistadora: porque, o sr sabe?

Pescador: melhor porque é mais leve, melhor pra fazer, porque bambu é muito trabalho, tem que torar, tirar a casca tudinho, cortar pra ficar dessa grossura aqui, do talo pra poder dá certo, tem que ser tudo certinho, dá muito trabalho, aí corta a mão, esse aqui não, vai no mato e tira tudinho, junta e trás, e tece rapidinho e não tem tanto trabalho como o bambu, agora o bambu dura mais, as vezes o talo não dura a safra toda

O bambu apresenta a vantagem de ser mais resistente durante a safra toda do peixe⁷¹. E o talo de anajá apresenta a vantagem de ser retirado do mato no formato ideal para confeccionar a arte de pesca, não apresenta muito trabalho ao contrário do bambu, que para cortá-lo tem-se muito trabalho e risco de se ferirem, outra vantagem do talo é que o teçume é bem mais rápido, porém a desvantagem é que está ficando cada vez mais difícil encontrá-lo nas redondezas da comunidade, por ter uma demanda grande na sua procura, acarretando sua escassez com o passar dos anos. A outra desvantagem está no fato de ser mais frágil que o bambu, podendo não durar a safra toda, precisando às vezes fazer alguns reparos durante a safra. Na Figura 42 a seguir têm-se os vegetais utilizados na confecção das paredes dos currais, o bambu e os talos.

⁷¹ Como mencionado na introdução, a safra do peixe inicia em abril e segue até setembro.



Figura 43: Os vegetais mais utilizados na construção dos paris dos currais, o bambu (*Bambusa vulgaris*) e um pari já confeccionado com o talo de anajá (*Maximilianamaripa*)
Fotografia: Palheta (2016)

O outro material a ser coletado são os cipós, no qual é utilizado para realizar a tecelagem dos paris. Assim como os outros materiais, podem ser comprados ou retirados dos manguezais.



Figura 44: Cipós (*Heteropsis jenmanii* Oliv.) armazenado para utilizar na tecelagem das paredes dos currais. Fotografia: Palheta (2016)

5.4.2 Aparelhamento das talas

Nesta etapa o pescador precisa expor suas outras habilidades, mais especificamente a de carpinteiro. Como mencionado acima, o curralista possui duas opções: utilizar os de talos de anajá, o qual já apresenta o tamanho ideal, ou os bambus, que necessitam cortá-los no tamanho desejado para confeccionar os paris dos currais. E é nesta etapa que os pescadores irão cortar os materiais necessários, por isso a habilidade de carpintaria se torna importante.

Porém, o pescador que não possui os instrumentos necessários para efetuar os cortes dos bambus, precisando arranjar um meio de realizar esses cortes. O curralista então monta uma estrutura de madeira artesanalmente para fazer o corte no bambu, e nessa estrutura se fazem os cortes de acordo com o tamanho que deseja ter os talos (Figura 44). Nesta estrutura há dois paus que servem para efetuar o corte, um mais grosso a fim de cortar as tiras mais grossas, e um pau fino que vai fazer o corte do tamanho do talo desejado. Primeiramente efetuam um pequeno corte na ponta do bambu, do tamanho que deseja e encaixa na estrutura confeccionada e empurra até finalizar o corte, e assim fazem repetidas vezes. É uma fase que

requer bastante cuidado e tempo, pois os talos precisam estar no mesmo tamanho e ter o cuidado para não se machucarem durante o corte do bambu.



Figura 45: Estrutura confeccionada pelo curralista para cortar o bambu (*Bambusavulgaris*) no tamanho dos talos para a construção dos paris ou esteira
Fotografia: Palheta (2015)

Para evitar acidente, usam luvas para protegerem as mãos. Geralmente o curralista para evitar gastos, faz sozinho esse trabalho, porém quando podem, pagam alguém para lhes ajudar com o intuito de adiantar o serviço, e este serviço são destinados a parentes próximos ou vizinhos que estejam necessitando de trabalho ou então ocorre uma troca de serviços, cada

um ajuda nos serviços de seus respectivos currais, assim todos saem lucrando de uma certa forma.

5.4.3 Tecelagem das esteiras

A tecelagem dos paris é uma etapa que o pescador irá explorar o seu lado costureiro, artesão, é onde irá “costurar” os paris e esse processo demanda um maior tempo da montagem dos currais, pois é uma fase de trabalho artesanal e precisa ser feito com bastante atenção e cuidado, uma vez que a tecelagem precisa estar bem-feita, não pode conter falhas, devido ser determinante na hora da montagem e na captura do peixe. Os paris servem como paredes dos currais, e são denominados de espias para os currais de beira, ou asas para os currais de fora, como o de enfia. O tecedor de paris cobram por volta de R\$4,00 a braça do teçumes, o que corresponde ao comprimento dos braços abertos do tecedor do pari, o que vai variar é o tamanho do curral para determinar o número de teçumes a serem feitos.

Como mencionado, utilizam os talos ou bambus, fio de telefone ou cipó. No caso da escolha do fio a ser utilizado, o pescador analisa o custo-benefício do material escolhido, pois o fio de telefone embora seja comprado, é mais resistente e pode ser reaproveitado de uma safra para outra e possui uma maior facilidade no acesso a esse material, enquanto que o cipó pode ser retirado na natureza quando há disponibilidade, visto que, está cada vez mais difícil ter acesso a esse material e não pode ser reaproveitado como observado na fala a seguir.

Pesquisadora: me falaram que o cipó quase não é mais usado porque é difícil de encontrar e se usa o fio elétrico por que é mais resistente, é verdade?

Pescador: não, tem sim cipó, só que as pessoas usam o fio porque é mais fácil de encontrar e pode aproveitar de uma safra pra outra, se caso você não quiser, você vai estragar R\$70,00 em cada roda, que é quanto eles estão vendendo lá, que estão vendendo barato ainda, porque uma roda dessa é R\$120,00 na loja

No entanto, alguns pescadores preferem o cipó ainda, por ser mais fácil de manusear na hora da tecelagem (Figura 45), sendo assim, intercalam o uso do cipó e do fio de telefone no momento da tecelagem. Nas fotos a seguir tem-se o pescador tecendo um pari.



Figura 46: Utilização do talo e fio de telefone no teçume dos paris
Fotografia: Palheta (2016)

Para fazer os paris, primeiro precisa cortar o bambu, caso seja o material a ser utilizado, trabalho que dura aproximadamente uma semana ou mais dependendo do tempo que trabalha por dia. Depois de cortados, tira-se a medida da altura dos paris, nesse caso será de acordo com o curral que está sendo feito. Se for o curral de beira, a altura é bem menor em comparado dos currais de enfia, pois, o local que os de enfia são colocados, a amplitude da maré é muito maior, necessitando de uma altura bem maior.

A confecção é feita no chão, no local limpo e arejado, faz-se as marcações no chão com pequenos paus, efetuando o comprimento e a largura do pari a ser tecido (Figura 46). Sendo que essa marcação precisa ser bem-feita para que o pari não saía torto e que todos saiam iguais. O tecedor vai alocando as talas, unindo uma à outra em cima da marcação e começa a tecer. A distância de uma tala para outra é da largura de um dedo para o curral de enfia, pois com a força da correnteza das marés, a distância aumenta para uma distância de dois dedos, permitindo a passagem dos peixes. Para os currais de beira, a distância entre as talas precisa ser menor, mais unidas, pois irá influenciar da captura de espécies menores de peixe, como a tainha, que só são capturadas nos currais de beira. Nas fotos a seguir observa-se como é feita a marcação do molde no chão e um pari confeccionado.



Figura 47: Armação feita pelo curralistas no chão em um local limpo, que serve de medida para tecer os paris e um pari confeccionado.
Fotografia: Palheta (2016)

5.4.4 Marcação

De todas as etapas, essa era a que mais me remetia uma curiosidade profunda. Durante a graduação, estudei as técnicas usadas nessa pescaria, mas a marcação dos currais sempre passou despercebido durante esse percurso, as técnicas usadas na atividade eram as mais exploradas pelos professores e acabei não sabendo de fato a importância desse processo.

Com o aprofundamento do estudo durante o doutoramento sobre essa atividade, pude conhecer melhor a função do “Marcador de Curral”. A maioria dos curralistas, que eu conversava, se esquivavam desse assunto dizendo que não tinham essa habilidade de marcar curral, que eu deveria conversar com alguém que tinha essa função. Fui percebendo a importância da função durante as conversas e quando finalmente conversei com um marcador, pude compreender melhor. A sua importância está no fato de que ao escolher o local e efetuar a marcação da armadilha, esse processo irá influenciar nas próximas etapas, ou seja, o sucesso

da pescaria depende do local onde o curral será montado, local esse a ser escolhido pelo marcador do curral. Em outras palavras, é o marcador que irá dizer qual local é bom para montar o curral e realizará a marcação e para efetuarem tal atividade são pagos pelos curralistas.

Compreendendo a importância da função, outro fato passou a me intrigar, se era uma atividade tão importante e que traria renda para os pescadores, por que era uma função que cabia apenas alguns pescadores e não a todos? E essa dúvida me fez compreender todo o processo que envolvia a pesca de curral, porque percebi que aí era o ponto de partida para que a atividade obtivesse sucesso.

Para o pescador efetuar a marcação dos currais, ele precisa avaliar alguns fatores como escolher qual tipo de curral a ser montado. Como descrito acima, os currais de beira e de fora são fixados em locais diferenciados, e o processo de marcação são diferenciados consecutivamente.

Os currais são montados de acordo com as correntes de marés, o marcador observa o sentido que as correntes correm na utilização de folhas e o local onde os peixes passam. Um outro aspecto que é observado durante a marcação é a passagem da “comedia” pelo local, assim são denominados os cardumes de sardinha. Quando o pescador nota que em um determinado local serve de passagem da sardinha, considera-se um local bom para colocar os currais, independentemente do tipo, pois os marcadores dizem que onde tem a sardinha, tem o peixe, pois os peixes maiores se alimentam da sardinha, ou seja, a entrada da sardinha no rio ou em locais abertos é um sinal de que os outros cardumes estão vindo atrás delas, observado na fala a seguir do marcador:

Entrevistadora: e como a gente sabe que aquele local é bom para colocar o curral?

Pescador : É por causa da comedia, se no caso a comedia passar ali, se quando a sardinha chegar, tem época que ela chega ne, se no caso ela chegar e ela passar todo tempo ali, ali é bom pra peixe.

O curral de enfia é alocado nas praias, em solo arenoso e são marcados em decorrência do fluxo da maré. As asas e espias são sempre colocadas de acordo que guiem o peixe diretamente para dentro do curral, nunca para a beira, pois nesse caso pode escapar da armadilha. Nessa etapa são marcados os currais com pedaços de paus no local desejado para poderem ser colocados os moirões posteriormente, assim se estabelece a marcação (Figura 47).



Figura 48: Curralista mostrando a técnica de marcação dos currais de beira (A) e de enfia (B)
Fotografia: Palmeira (2015)

Se for curral de beira, como o de coração e cachimbo, são colocados na beira do mangue, em solo argiloso e alocados de acordo com as marés. Dependendo do sentido que é colocado, são alocados de acordo com a maré vazante, no qual é a maré de maior captura de pescado. Porém o curral de cachimbo pode ser marcado para captura nas duas marés, onde são feitos dois depósitos. Na Figura 48 o curralista demonstra como é realizada a marcação dos currais.



Figura 49: Curralista demonstrando como fazer uma marcação de curral
Fotografia: Palmeira (2015)

A partir das informações coletadas, outro questionamento surgiu durante meu levantamento de dados, como o marcador de curral sabia onde o peixe passava? A meu ver, era difícil imaginar tal tarefa, será que era visível a olho nu? Será que o pescador realiza uma pescaria no local antes? Diversos questionamentos se passaram em meus pensamentos e até então ainda não havia encontrado uma resposta para eles.

Nos primeiros dias que passei no Aê, conheci um senhor ex-curralista. Ele não é filho do Aê, nasceu no município de Bragança e na sua juventude, já trabalhando na pesca de curral, se mudou para o Aê devido ser um local com intensa atividade da pesca de curral. Formou família e reside com sua esposa no local. Eu sempre ia a sua casa, embora não trabalhasse mais com a pesca de curral, mas suas conversas eram sempre muito ricas de conhecimentos quanto a atividade. Foi então que durante uma dessas conversas, me relatou um caso bem interessante. Devido a ser um idoso, já não trabalha mais com curral, mas me contou o quanto gostava de trabalhar na atividade. Quando ainda pescava, trabalhava no curral e com pesca de malhadeira, e contou que sempre ia amigos ou familiares em busca de pescar junto a ele. Durante uma de suas pescarias de malhadeira com um amigo, estavam na rabeta⁷² à espera do melhor momento e local para colocar a rede. Quando escutaram de longe um barulho muito forte, era um cardume que se aproximava. Seu amigo ficou empolgado e queria colocar a rede logo, afinal de contas estava passando um cardume e era a oportunidade de pegarem bastante peixe. Ledo engano. Para alguém que não conhece os artifícios da

⁷² Segundo o significado no dicionário, rabeta é pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções.

pescaria, poderia ser uma boa oportunidade, mas para o pescador profissional era uma armadilha. O pescador lhe explicou que se colocasse naquele momento a rede, iriam perder a rede e ter prejuízo, pois a grande quantidade de peixe iria fazê-los perder a rede. Então, quando o cardume passou, finalmente colocaram a rede e trouxeram para casa uma quantidade considerável de peixes. E este senhor me contava essa história bastante empolgado e mencionou que eu deveria ir pescar um dia para ver esse fenômeno, mas no mesmo instante mencionou os perigos de ir pescar a noite, que talvez não fosse ideal eu ir, mas que seria bom que um dia eu pudesse conhecer.

Essa conversa tirou minha dúvida, o pescador conhece toda a dinâmica das águas e da fauna, conseguem observar onde os cardumes passam até mesmo pelo barulho que fazem, sendo assim o marcador deve ter um profundo conhecimento acerca do meio ambiente. Devido a este fator, muitos pescadores optam em não realizar atividade, alegam que a atividade requer uma grande responsabilidade, pois caso marquem em um local que não tenha uma boa captura de pescado, se sentem na obrigação de pagar o prejuízo aos curralista⁷³, visto que são pagos para efetuarem a marcação. Sendo assim, os curralistas fazem questão de ensinar seus filhos a marcar curral, pois é uma forma de garantir a atividade na família e uma profissão posteriormente. Mas nem todos aderem à prática, geralmente uma pessoa da família se especializa, assim garantem um custo a menos na hora da montagem dos currais.

A aprendizagem da marcação dos currais é algo muito peculiar para o marcador. É um ensinamento passado de pai para filho, mesmo que o filho não queira aprender, os pais obrigavam ao filho a aprender, pois veem nesse ofício uma forma de deixar um ensinamento de suma importância na pesca de curral, e uma atividade rentável, pois muitos pescadores pagam para seus currais serem marcados. A relação de pai e filho na atividade pesqueira, nesse caso da pesca de curral, compreende numa relação de muito respeito e obediência, pois os pais não ensinam seus filhos simplesmente por ensinar, esse ensinamento irá lhe render um sucessor na atividade futuramente e o filho terá uma profissão para poder sustentar sua família. No caso do marcador, o pai quando não puder mais marcar, já terá alguém para fazer seu trabalho e não irá precisar pagar um marcador, essas relações são de extrema importância no fortalecimento da atividade por gerações dentro do âmbito familiar, é comum no Aê os

⁷³ O processo de negociação do curralista e marcador de curral se dá por meio da relação de confiança. O curralista opta em pagar um marcador experiente com o propósito de obter sucesso na sua pescaria. Caso não ocorra o esperado, geralmente o marcador se sente na obrigação de devolver o dinheiro pago pelo serviço na marcação, não que seja uma exigência do curralista, mas alegam que são princípios que possuem passados de seus pais.

pais não trabalhem mais na pesca, enquanto que seus filhos estão ativos na profissão. A fala do pescador abaixo retrata bem como esse ensinamento é passado para os filhos:

Entrevistadora: o sr. é marcador?

Pescador: eu marco curral

Entrevistadora: como foi que o sr. aprendeu a marcar?

Pescador: foi com o meu pai pegando tapa no cangote, para eu aprender eu peguei uns tapas ainda, ele mandava nós fazer, ai de nós se não fizesse, levava porrada

(Z. B, 54 anos)

5.4.5 Muruação

Nesta etapa os currais começam a ser montados de fato, e para realizarem tal atividade denominada de muruação os pescadores interagem com as marés, devido precisar trabalharem durante as marés baixas. A etapa da muruação consiste em fincar os moirões (paus) no local marcado do curral, porém para efetuar essa etapa existem alguns fatos a serem consideradas, nesse caso a amplitude da maré. Esse trabalho precisa ser feito durante a maré de sizígia ou maré lance, pois assim, as marés irão secar bem mais que o normal, proporcionando uma melhor oportunidade para trabalharem. Na Figura 49 tem-se um processo de muruação já finalizado.



Figura 50: Etapa da muruação dos currais, no qual os pescadores fincam os moirões nos locais marcado

Fotografia: Palheta (2016)

Nos períodos lunares da lua nova ou lua cheia que os pescadores fazem a muruação dos currais, pois são nessas fases que a maré possui uma maior e menor amplitude, especialmente nos locais mais alagados, já que durante esses ciclos lunares a maré irá secar mais em comparação as outras fases lunares, facilitando o trabalho dos pescadores, porém precisam ser rápidos, pois a maré enche rápido. Por isso os currais são lentamente montados, pois dependem das marés para realizar tais atividades e são feitas por partes.

Outro fator que há nessa fase, é o trabalho braçal realizado, pois necessita de muita força para fincar os moirões, e isso requer que seja necessário a ajuda mais de uma pessoa no trabalho. Quando não trabalham em parceria, pagam pessoas para ajudarem no serviço, ou buscam parceiras com pessoas da família ou conhecidos, em troca os ajudam a muruar seus respectivos currais. Nos currais de fora, esse processo demanda um trabalho maior, visto que, onde os currais são montados, a maré não seca completamente, necessitando o auxílio de um aparelho de sucção, para sugar a areia e formar o buraco para fincar os paus. O pescador precisa ser bom de mergulho para realizar tal atividade, pois precisa colocar o aparelho no local certo da marcação. Esse é um dos motivos que no Aê os pescadores optem mais por currais de beira, pois não necessitam de tanto esforço para montá-lo em comparação aos currais de fora, embora os currais de fora possuam uma maior lucratividade devido pegar uma maior quantidade de peixe.

5.4.6 Cintagem

A cintagem era uma etapa totalmente desconhecida por mim (figura 50), nunca havia escutado sobre esse processo e foi bem interessante a metáfora que pescador utilizou para me explicar:

Pescador: a sra conhece o cinto, aquele que usamos para nossas calças não caírem? Então, assim é essa etapa, pregamos os paus nos moirões para receber os paris, é como se o nosso corpo fosse os moirões, e a calça os paris, assim usamos os paus como o cinto, entendeu?

Melhor explicação não havia, a cintagem é o processo no qual o pescador atraca os paus nos moirões para receber os paris posteriormente. O pescador cinta todos os moirões utilizando pregos, o que irá da sustentação quando for colocado os paris. O nome cintagem se remete a utilização de uma espécie de cinto para dá suporte nos currais para receber as esteiras. Na Figura 50 temos a demonstração do processo de cintagem.



Figura 51: Demonstração da alocação das cintas nos currais
Fotografia: Palheta (2013)

Assim como as outras etapas de montagem, o curralista necessita de ajuda para efetuar a cintagem, desde o transporte dos paus até a sua atracação nos moirões, necessitando ser bem pregado para receber os paris. Sendo assim, os pescadores se ajudam também nessa etapa quando não tem condições de pagar alguém e contam com a ajuda de parentes e parceiros para efetuar tal atividade.

Para realizar tal atividade, também trabalham em função das amplitudes de marés, sendo necessário trabalharem nas marés mais baixas possíveis, de forma ágil e bem executada para assim ser finalizada a montagem com a colocação dos paris.

5.4.7 Cobrição

A cobrição é a última fase de montagem dos currais. É nessa etapa que os curralistas irão cobrir todos os compartimentos de seus currais com os paris. É um processo lento e cuidadoso, pois os paris precisam ser bem colocados. No entanto é uma fase concluída com muita satisfação, pois é a última fase, ficando pronto para iniciar os trabalhos da pescaria e começar a reaver os gastos obtidos durante a montagem do curral.



Figura 52: Currais de pesca na sua fase final da montagem
Fotografia: Palheta (2016)

5.4.8 Despesca

É chegado o momento mais aguardado pelo pescador, o momento de ter o seu curral pronto para realizar a captura e poder ganhar seu dinheiro. O processo da despesca é efetuado diariamente. Os donos dos currais realizam a despesca dura nas marés de vazante, pois os currais precisam estar secos ou parcialmente secos para realizar esta etapa. Dependendo da quantidade de peixe, podem realizar mais de uma viagem para finalizar a despesca. No período de safra é comum realizar pelo menos duas viagens numa maré. Para auxiliar na despesca utilizam uma arte de pesca chamada de puçá⁷⁴ (Figura 52), esta arte pode ser confeccionada pelos próprios pescadores. Ao chegar no curral, o pescador entrar no depósito

⁷⁴ Segundo ICMBio define-se como “puçá”, conhecido também por gererê, coador ou sarrico, uma arte de pesca confeccionado com rede e ensacador, instalado em uma armação em forma de aro, ou se for confeccionado artesanalmente pode se usar uma armação de madeira, no caso dos pescadores do Aê é a forma mais utilizada.

por uma espécie de portinha confeccionado especialmente para sua entrada (Figura 53), caso o curral esteja com água, vai passando o puçá diante do seu corpo, assim evitam que sejam ferrados pelos peixes, e vão colocando os peixes dentro das canoas. Caso o curral estiver montado em um local onde seca toda a água, a despesca se torna mais fácil, visto que conseguem visualizar os peixes que estão no curral, evitando assim acidentes.

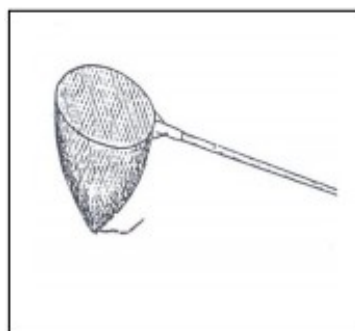


Figura 53: Arte de pesca comumente utilizada na despesca dos currais denominada de puçá
Fonte: ICMBIO (s.d.)



Figura 54: Pescador despescando o seu curral
Fotografia: Palheta (2016)

Para realizarem a despesca utilizam embarcações próprias ou raramente emprestadas, pois alegam não gostarem de incomodar seus colegas. Geralmente são rabetas e levam as

basquetas para armazenarem os peixes nos barcos. Sempre vão em companhia de algum parceiro, enquanto um pilota a rabeta, o outro realiza a despesca. Raramente as esposas dos curralistas os acompanham, pois dizem que é uma atividade que apresenta certo perigo e preferem não levá-las, tal fato pode ser observado na fala de um dos curralistas: *O curral é igual quem vai no mato, porque assim como tem os peixes bons, tem os perigosos como a arraia. E no mato tem os bichos bons e ruins como a cobra e a onça* (B., 72 anos).



Figura 55: Processo de despesca do curral
Fotografia: Palheta (2016)

Porém, nem todos possuem esse pensamento e as suas esposas são as suas parceiras nessa atividade. O que para eles é algo muito bom, ter alguém de confiança para trabalhem juntos. Tal situação está ficando cada vez mais comum nos últimos anos, sendo uma quebra dos paradigmas que a atividade é feita predominantemente por homens, cada vez mais as mulheres estão participando das atividades, que na verdade elas sempre participaram nos bastidores como no beneficiamento do pescado, mas o seu trabalho era totalmente invisível, ganhando uma maior visibilidade na atualidade.



Figura 56: Curralista chegando do seu curral acompanhado de sua esposa.
Fotografia: Palheta (2016)

Após despescado o curral, o pescador vende seus peixes geralmente para marreteiros, na localidade ou no município de São Caetano de Odivelas. Os marreteiros ficam aguardando na localidade a chegada dos pescadores e realizam a compra, ou os pescadores vendem para barcos-marreteiros que os abordam na saída dos currais.

Durante as entrevistas, os pescadores relatavam o quanto gostam de trabalhar com currais, embora seja trabalhoso, não se imaginam trabalhando em um outro ramo. E isso demonstra o motivo pelo qual ainda possui a atividade como tradição familiar. O relato abaixo evidencia o apreço que os pescadores possuem pela atividade, seja pelo fato de não terem que comprar peixe nos mercados e feiras, pois garantem sua alimentação diária, ou pelo fato de não demandar tanto esforço quanto outras atividades pesqueiras: *Assim porque a falta de emprego é muito grande lá em Belém, e aqui é mais fácil de trabalhar, trabalha menos, lá não, sai 6h pro trabalho e só volta a noite. E aqui não, vai rapidinho ali, pega o ganha pão e vem embora* (J.B., 34 anos).

E assim vou finalizando este capítulo, evidenciando a satisfação do pescador pela atividade e a fartura na região. É interessante ressaltar o quanto grandioso é o trabalho na atividade pesqueira, neste caso mais específico, nos currais, que por muitas vezes não é

valorizado no mercado consumidor. Uma vez, estava numa feira comprando peixe e escutei um comprador dizer que não entendia o porquê o peixe era tão caro, visto que era muito fácil pescar. Eu não pude ficar calada após escutar tal colocação sabendo de todo o trabalho e custo que pescador tem para nos proporcionar saborear tal alimento tão saudável. Fiz uma breve explanação do trabalho do pescador a este senhor, e ele percebeu o quão estava sendo injusto e concordou comigo. Faço esse breve relato para enfatizar e valorizar esses cientistas dos mares, seu trabalho, seus conhecimentos, que para muitos é um trabalho fácil, mas a realidade é bem diferente do que muitos imaginam.

6. CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO

De posse do longo percurso percorrido, uma vez mais relembro o leitor sobre o problema sobre o qual esta tese se debruça e para o qual espero ter ao menos revelado uma parte: como a pesca de curral figura como prática importante que envolve de forma particular relações sociais, meio ambiente e saberes locais? Como esses três elementos se interrelacionam desenhando uma prática pesqueira particular e peculiar da costa paraense?

O ambiente onde se localiza o Aê apresenta um desenho de relevo e ecossistêmico particular, que permite os habitantes terem acesso aos recursos naturais provenientes dos manguezais que circundam a região. O manguezal é um ambiente rico em organismos aquáticos, considerado um berçário, atraindo diversas espécies no período de reprodução. Tal condição proporciona a população tradicional do Aê, baseado nos seus conhecimentos tradicionais, melhores condições na atividade pesqueira, no extrativismo de peixes, crustáceos e moluscos, tanto para o consumo familiar como a fins comerciais.

Diversas atividades são exercidas no Aê. O pescador se reveza entre a pesca de curral, a pesca de rede, a pesca do camarão, siri, caranguejo, e todas essas pescas ocorrem em um ritmo oscilante, acompanhando o ciclo das águas, as sequências dos períodos chuvosos e secos que marcam o estuário paraense. A atividade pesqueira, portanto, se desenha em uma constante sazonalidade entre diferentes artes de pesca, já que o recurso varia. Ao longo do ano o pescador do Aê dispõe de diversos tipos de recursos naturais. Os moradores relatam que essa disponibilidade dos recursos se dá pela localização do Aê, e devido a este fator, acreditam serem privilegiados

Os currais de pesca são instrumentos de captura de organismos aquáticos. Porém, o curral é muito mais que uma arte de pesca, é um companheiro de trabalho do pescador, ele captura os peixes e o pescador só vai buscar, e assim se estabelece uma relação de trabalho entre ambos. No Aê, o curral é a principal arte de pesca utilizada, justamente pelo ambiente ser propício a sua utilização, e assim, os ensinamentos são passados de geração em geração dentro do âmbito familiar.

Juntamente com os ensinamentos são repassadas as linhas de curral. Sendo este objeto de herança no Aê, e geralmente é deixada para o filho mais velho devido ter mais experiência na atividade e que possivelmente ajudaria os irmãos a conseguir a sua própria linha. Outro fator é que este filho dificilmente sai da comunidade para trabalhar fora, ficam trabalhando

com o pai na pesca. Em relação as filhas, elas não herdam a linha de curral do pai, a não ser que, não tenha nenhum filho homem na família. Nesse caso, ela herda e quem irá administrar a atividade juntamente com ela é seu esposo. Neste sentido, conclui-se que a herança é patrilinial, é passada de pai para filho, salvo a exceção mencionada.

Com essa dinâmica, os curralistas garantem que a linha de curral sempre pertença a sua família, só mudando de comando conforme passe os anos. Ainda assim, os casamentos norteiam as escolhas de relações de trabalho na atividade, sempre buscando parceiros de confiança e que possam contribuir da melhor forma o sucesso da atividade.

Ser curralista no Aê vai muito além de uma atividade financeira, é um modo de vida, e para os pescadores do Aê ser curralista é uma escolha de vida. Os pescadores para realizar a pesca de curral são diferenciados dos demais considerando os seguintes motivos: precisam fixar moradia em algum lugar, não realizam viagens longas e sempre estão presentes no âmbito familiar, ao contrário da realidade de outros tipos de pescarias, como a pesca com malhadeira. E isso é um diferencial na hora de escolher exercer a atividade, a pesca de curral sempre se faz no mesmo lugar, a pesca de curral é sempre na mesma linha.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 43, n. 1, 2000.
- ADOMILLI, G. K. Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira. **MÉTIS: história & cultura**, v. 8, n. 16, p. 97-119, jul./dez. 2009.
- ALMEIDA, M. Lewis Morgan: 140 anos dos sistemas de consanguinidade e afinidade da família humana (1871-2011). **Cadernos de Campo**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45193> Acesso em: 18/05/2019
- ALMEIDA, A. W. B. Terras Tradicionalmente Ocupadas Processos de Territorialização e Movimentos Sociais. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 6, n.1, 2004.
- ALMEIDA, N. J. **Saberes e práticas tradicionais**: População pesqueira extrativista da Vila Sorriso-São Caetano de Odivelas/PA. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. 110 p.
- ALMEIDA, I. M. X. A.; SANTOS, J. L. O. É dia de folia: o folguedo do Boi de Máscara em São Caetano de Odivelas/PA. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 2, p. 117-136, jul./dez. 2012.
- ALVIM, R. G.; BADIRU, A. I.; MARQUES, J. **Ecologia Humana**: uma visão global. Feira de Santana-BA: UEFS, 2014. 368 p.: il.
- ANDRADE, C. F. C. J. Laços de família, trabalho e cultura: um estudo sobre os pescadores de Tambaú. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal/RN.
- ARAGÃO, M. C. O.; SOUZA, R. M. E.. Comunidades Tradicionais: Práticas Culturais e Sustentabilidade na Sociedade Contemporânea. In: Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas, 2009, Aracaju. **Anais [...]** Comunidades Tradicionais: Práticas Culturais e Sustentabilidade na Sociedade Contemporânea, 2009.
- ARAÚJO, A. G. P.; PEREIRA, B. G. “MAR DE VAQUEIROS”: conhecimentos tradicionais da pesca de curral e os direitos territoriais dos pescadores artesanais da praia de Bitupitá, Ceará. **Tessituras**, Pelotas-RS, v. 3, n. 1, p. 231-269, jan./jun. 2015.
- ARAÚJO, A. G. P.; RODRIGUES, L. C. Vaqueiros do Mar de Bitupitá, Ceará: a pesca de curral e os direitos de populações tradicionais. In: REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 14, 2015, Alagoas. **Anais [...]** Alagoas: ABANNE, 2015, 24p.
- AUGÉ, M. **Os domínios do parentesco**. Lisboa: Edições 70, 1978, 11-73 p.
- BARROS, D. F.; TORRES, M. F.; FRÉDOU, F. L. Ictiofauna do estuário de São Caetano de Odivelas e Vigia (Pará, Estuário Amazônico). **Biota Neotrop.**, v. 11, n. 2, 2011.

BAHIA, N. C. F.; BONDIOLI, A. C. V. Interação das tartarugas marinhas com a pesca artesanal de cerco-fixo em Cananeia, litoral sul de São Paulo. **Biotemas**, v. 23, n. 3, p. 203-213, set. 2010.

BARROSO, L. V.; FABIANO, F. F. C. Estudo de pesca com artes fixas na Lagoa de Araruama (RJ). **OECOLOGIA BRASILIENSIS**. Volume I: Estrutura, Funcionamento e Manejo de Ecossistemas Brasileiros. Esteves F. A. (editor), 1995, p. 569-585.

BARTHEM, R. B. Ocorrência, distribuição e biologia dos peixes da Baía de Marajó, Estuário Amazônico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Zoologia**, Belém, v. 2: 49-69, 15. XII. 1985.

BARTHEM, R. B.; FABRÉ, Nídia Noemi. Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia. In: RUFFINO, M. L. (org.). A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Brasileira. Manaus: **Provárzea**, 2004, v., p. 11-55.

BATISTA, V. S.; ISAAC, V. J.; VIANA, J. P. Exploração e manejo dos recursos pesqueiros da Amazônia. In: Mauro Ruffino (org.). **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira**. Manaus: Ibama/ProVárzea, 2004, p. 63-152.

BATISTA, V. S.; ISAAC, V. J.; FABRE, N. N.; ALMEIDA, O. T.; ALONSO, J. C.; RUFFINO, M. L.; OLIVEIRA, C. Introdução: o estado da pesca na Amazônia. In: Batista, V. S.; Isaac, V. J. (org.). **Peixes e pesca no Solimões-Amazonas: uma avaliação integrada**. Brasília: IBAMA, 2011, p. 1-276.

BATALHA, L. **Breve análise sobre o parentesco como formas de organização social**. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1995, 751-762 p.

BEGOSSI, A. Ecologia Humana: Um Enfoque das Relações Homem-Ambiente. **Interciência**, v. 18, n. 1, p. 121-132, 1993.

BEGOSSI, A. Introdução: Ecologia Humana. In: Alpina Begossi. (org.). **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 13-34.

BENTES, B. S. **Diagnóstico da pesca no litoral paraense**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Zoologia) - Museu Paraense Emilio Goeldi/Universidade Federal do Pará, Belém, 2004, 137 p.

BORGES, Julio Cesar Lopes. Sustentabilidade econômica da atividade pesqueira em Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, Volume 43, Número 2, p. 401-414, Outubro de 2009.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente/Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Portaria nº 3, de 2 de Janeiro de 2019. Diário Oficial da União, Brasília, p. 88-89, 04/01/2019, Edição: 3; Seção: 1; Página: 88

BRASIL. Lei nº 11.959, 29 de junho de 2009. **Trata sobre a política Nacional de Desenvolvimento sustentável da Aquicultura e da Pesca**. Presidência da República, Casa Civil, Brasília, 29 de junho de 2009.

BRITO, T. P.; OLIVEIRA, A. N. D.; SILVA, D. A. C.; ROCHA, J. A. S. Caracterização socioeconômica e tecnológica da atividade de pesca desenvolvida em São João de Pirabas – Pará – Brasil. **Ambiência Guarapuava** (PR), v. 11, n. 3, p. 699-720, set./dez. 2015.

BRITO, C. S. F. Diagnóstico Da Pesca No Município De Maracanã – Pará. **Diversa**: v. 2, n. 3, jan./jun. 2009.

CAÑETE, T. M. R. **Direito e populações/povos e comunidades tradicionais no Brasil**: da revisão à crítica de aplicabilidades e definições acadêmicas\jurídicas\legais. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Direito) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. 129 p.

CARDOSO, D. M. Catadoras de Caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 485-490-490, 2007.

CASTRO, C. L. C.; BORGES, A. F.; BRITO, M. J. Família e relações de parentesco: inserção de uma abordagem antropológica para compreensão da dinâmica das organizações familiares. *In*: V Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. **Anais [...]** Belo Horizonte, 2008.

CHERNELA, J. M. Pesca e hierarquização tribal no Alto Uaupés. *In*: RIBEIRO, B. *et al.* (ed.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

COE, C. M. **Avaliação da atividade pesqueira na comunidade de pescadores artesanais de Bitupitá, município de Barroquinha, Ceará**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Engenharia de Pesca) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016, p. 79.

CORDEIRO, I. M. C. C.; CUNHA, M. J.; SCHWARTZ, A. G. Nordeste do Pará: Configuração atual e aspectos identitários. *In*: CORDEIRO, I. M. C. C.; RANGEL-VASCONCELOS, L. G. T.; SCHWARTZ, G.; OLIVEIRA, F. de A. **Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias**. Belém: EDUFRA, 2017. 323p.: il.

COSTA, F. A pesquisa de terreno em sociologia. *In* SILVA, A.S. & PINTO, J. M. (org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 16. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

CUNHA, M. C. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Stud. av.** [online]. 1999, v. 13, n. 36, p. 147-163.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. W. B. Indigenous People, Traditional People and Conservation in the Amazon. **Daedalus** (Cambridge), EUA, v. 129, n. 2, p. 315-338, 2000.

DAADDY, M. D. V. **Caracterização da Pesca e Etnobiologia do Apaiari *Astronotus ocellatus* (Agassiz, 1831), no Município de Pracuúba Estado do Amapá, como Subsídio à Piscicultura**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Biodiversidade Tropical) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012, p. 107.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **MANA**, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.

- DESCOLA, P. As Duas Naturezas de Lévi-Strauss. **Sociologia & Antropologia**, v. 1, n. 2, p. 35-51, 2011.
- DIAS NETO, J.; MARRUL FILHO, S. Síntese da Situação da Pesca Extrativa Marinha no Brasil. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama, 2003.
- DIEGUES, A. C. S. **Povos e mares: leituras em sócio-anthropologia marítima**. NUPAUB-USP, São Paulo, 1995, 269 p.
- DIEGUES, A. C. A Sócio-Anthropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos no Brasil. **Etnográfica**, Vol. III (2), 1999, p. 361-375.
- DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses, trabalhadores do mar**. São Paulo: Ed. Ática, Série Ensaio, n. 94, 1983. 287p.
- DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, Rinaldo S V (org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. 4. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000. v. 4. 176 p.
- DIEGUES, A. C. A. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2001. v. 1. 161 p.
- DIEGUES, A. C. A. Saberes Tradicionais E Etnoconservação. In: DIEGUES, A. C. & VIANA, V. M. (org). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC, 2004.
- ESCALIER, C.; MANESCHY, M. C. Mulheres na pesca artesanal no Pará: percepção e estatuto. **Boletim Rede Amazônia**, v. 3, n. 1, p. 77-83, 2004.
- FEENY, D.; BERKES, F.; McCAY, B.; ACHESON, J. M. A Tragédia dos comuns: vinte e dois anos depois. In: DIEGUES, A. C. S.; MOREIRA, A. C. C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.
- FIDELLIS, C. N. A. **A Pesca de curral no município de São Caetano de Odivelas-PA**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca), Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- FIGUEREIDO, A. G; GOMES, A. S. O Ambiente Marinho. In: PEREIRA, Renato Crespo e GOMES, Abílio Soares. (org). **Biologia Marinha** – 1. ed: Interciência, 2002.
- FLORIDO, M. P. **As parentológicas Arawá e Arawak**: Um estudo sobre parentesco e aliança. Dissertação de mestrado (Mestrado em Anthropologia Social). Universidade de São Paulo, 2008. 227 p.
- FONSECA, C. Homoparentalidade: novas luxes sobre o parentesco. **Revistas de Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 769-783, 2008.

FONSECA, C. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. Ilha: **Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2/2003.

FONTELES-FILHO, A. A.; ESPINOLA, M. F. A. Produção De Pescado E Relações Interespecíficas Na Biocenose Capturada Por Currais-De-Pesca, No Estado Do Ceará. **Boletim Técnico Científico - CEPNOR**, Belém, v.1, n.1, p.111 a 124, 2001.

FREITAS, Á. C.; FURTADO-JÚNIOR, I.; TAVARES, M. C. S.; BORCEM, E. R. Análise socioeconômica e esforço de pesca na captura do caranguejo-uçá – *Ucides cordatus* (Crustacea: Ucididae) – na Reserva Extrativista Maracanã – Costa Amazônica do Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 10, n. 3, p. 711-722, set./dez. 2015.

FURTADO, L. G. Aspectos históricos e econômicos de Marapanim – Nordeste Paraense. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 67, 1978.

FURTADO, L. G. **Currálistas e redeiros de Marudá**: pescadores do litoral do Pará. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1987, 366 p.

FURTADO, L. G. Pesca Artesanal, um Delineamento de sua História no Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n. 19, p. 1-50, 1981.

FURTADO, L. G. Características Gerais e Problemas da Pesca Amazônica no Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Sa. Antropol., v. 6, n. 1, 1990.

FURTADO, L.G. **Pescadores do rio Amazonas**: Um Estudo Antropológico Da Pesca Ribeirinha Numa Área Amazônica. CNPq. MPEG. 486 p.:il. 1993.

FURTADO, L. G. Problemas Ambientais e Pesca Tradicional na Qualidade de Vida na Amazônia. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves (org.). **Amazônia**: desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida. Belém: NUMA/UFPA, 1997, v., p. 146-167.

_____. Pesqueiros reais e pontos de pesca. Traços da territorialidade haliêutica ou pesqueira amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, Série Antropologia. v. 18 (1). 2002.

_____. **Pescadores e “hidronegócios”**: uma alternativa para trabalho, renda e gestão de recursos? Acampamento da Via Campesina Pará, 2007.

FURTADO, L. G.; NASCIMENTO, I. H.; SANTANA, G.; MANESCHY, M. C. Formas de utilização de manguezais no litoral do estado do Pará: casos de Marapanim e São Caetano de Odivelas. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 1, n. 2, jan./jun. 2006.

FURTADO, L. G.; FURTADO, O. L. G.; LEITAO, W.; MELO, A. F. **Povos da Águas**: realidade e perspectiva. Belém: CNPq/MPEG, 1993. 292p.

GAMA, J. R. V.; SOUZA, A. L.; MARTINS, S. V.; SOUZA, D. R. Comparação entre florestas de várzea e de terra firme do estado do Pará. **R. Árvore**, Viçosa-MG, v. 29, n. 4, p. 607-616, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 323.

_____. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petropolis-RJ: Vozes, 1997.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GODEFROID, R. S.; SPACH, H. L.; SCHWARZ Jr, R.; QUEIROZ, G. M. L.; OLIVEIRA NETO, J. F. Efeito da Lua e da maré na captura de peixes em uma planície de maré da baía de Paranaguá, Paraná, Brasil. **Instituto de Pesca**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 47-55, 2003.

GOW, P. O parentesco como consciência humana: o caso dos Piro. **MANA**, v. 3, n. 2, p. 39-65, 1997.

HARDIN, G. **The Tragedy of the commons**. *Science*162: 1243-1248.

HÉBETTE, J.; ALVES, J. M.; QUINTELA, R. S. Parentesco, vizinhança e organização profissional na formação da fronteira amazônica. *In*: HÉBETTE, J. (org.): **No mar, nos rios e na fronteira**; faces do campesinato no Pará. 1. ed. Belém: EDUFPA, 2002. v. 1.

HECK, E.; LOEBENS, F.; CARVALHO, P. D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, jan./abr. 2005.

HOLANDA, F. C. A. F. **Desenvolvimento tecnológico, por métodos de arrasto de fundo, na captura de recursos demersais de profundidade da Zona Econômica Exclusiva (ZEE) Norte Do Brasil**. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências Marinhas Tropicais) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. 135 p.

ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Estudo socioambiental referente à proposta de criação de Reserva Extrativista Marinha no Município de São Caetano de Odivelas, estado do Pará**. 2014.

ICMBIO. **Puçá**. Ano 2019 Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/artes_de_pesca/artesanal/armadilha/puca.pdf. Acesso em: 19/05/2019

ISAAC, V. J.; BARTHEM, Ronaldo B. Os recursos pesqueiros da Amazônia brasileira. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, Ser. Antropol.**, Belém, v. 11, n.2, p. 295-339, 1995.

ISAAC, V. J.; MELSTEIN, A.; RUFFINO, M. L. A Pesca Artesanal no Baixo Amazonas: Análise Multivariada da Captura por Espécie. **Acta Amazônica**, Manaus, v. 26, n. 3, p. 185-208. 1996.

ISAAC-NAHUM, V. J. Exploração e manejo dos recursos pesqueiros do litoral amazônico: um desafio para o futuro. **Cienc. Cult.** [online]. 2006, v. 58, n. 3, p. 33-36. ISSN 0009-6725.

ISAAC, V. J.; ESPÍRITO SANTO, R. V.; NUNES, J. L. G. A estatística pesqueira no litoral do Pará: resultados divergentes. **Pan-American Journal of Aquatic Sciences**, v. 3, n. 3, p. 205-213, 2008.

KORMONDY, E.; BROWN, D. E. **Ecologia Humana**. Coordenação editorial: Walter Alves Neves. São Paulo: Atheneu Editora, 2002. 503 p.

KUPER, Adam. **Cultura a visão dos antropólogos**. Bauru. Cap. 4, David Schneider SP: EDUSC, 2002.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. 172 p.

LAMEIRAS, J. L. V.; COSTA, O. T. F.; SANTOS, M. C.; DUNCAN, W. L. P. Arraias De Água Doce (Chondrichthyes – Potamotrygonidae): Biologia, Veneno E Acidentes. **Scientia Amazonia**, v. 2, n.3, 11-27, 2013. Revista on-line <http://www.scientia.ufam.edu.br> ISSN:2238.1910 11.

LARAIA, Roque de Barros. Da ciência biológica à social: a trajetória da antropologia no século XX. **Habitus**. Goiânia, v. 3, n. 2, p. 321-345, jul./dez. 2005.

LESCURA, C.; BORGES, A. F.; BRITO, M. J.; CAPPELLE, M. C. A. Representações Sociais sobre as Relações de Parentesco: Estudo de Caso em um Grupo Empresarial Familiar. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, art. 6, p. 98-117, jan./fev. 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: _____. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia. In: _____. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 313-360.

LIMA, R. R.; TOURINHO, M. M.; COSTA, J. P. C. **Várzeas fluvio-marinhas da Amazônia brasileira**; características e possibilidades agropecuárias. Belém: FCAP. Serviço de documentação e informação, 2001. 342 p.

LIMA, E. H. S. M.; MELO, M. T. D. Segunda contribuição para conhecimento de algumas espécies marinhas capturadas em currais de pesca, monitorados pelo projeto Tamar-Ibama durante o ano de 2005 em Almofala, Ceará. In: XII Congresso Latino-Americano de Ciências do Mar - XII COLACMAR, **Anais [...]** Florianópolis, 15 a 19 de abril de 2007.

LIMA, W. C. R. Reflexões acerca da potencialidade cênica do Cacuri. **Ensaio Geral**, Belém, v. 2, n. 4, ago./dez. 2010.

LITTLE, P.E.; Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia** 322 – Brasília, 2002.

LOUREIRO, V. R. **Os parceiros do mar**: natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: MPEG/CNPq, 1985. 227p.

LUNA, N. Pessoa e parentesco nas novas tecnologias de parentesco. **Revista de Estudos Feministas**, v. 8, 2000.

LUCENA, F. P.; CABRAL, E.; SANTOS, M. C. F.; OLIVEIRA, V. S.; BEZERRA, T. R. Q. A Pesca de Currais Para Peixes no Litoral de Pernambuco. **Bol. Téc. Cient. CEPENE**, Tamandaré-PE, v. 19, n. 1, p. 93-102, 2013.

MACHADO, P. A. **Ecologia Humana**. São Paulo: Autores Associados, 1984. 173 p.

McKEAN, M. A.; OSTROM, E. Regimes de Propriedades Comum em Florestas: Somente uma Relíquia do Passado?. *In*: Diegues, A. C. S.; Moreira, A. C. C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

MAI, A. C. G.; SILVA, T. F. A.; FRANÇA, F. C. D.; LEGAT, J. F. A. Ictiofauna capturada em currais no litoral do Piauí, Brasil. III Congresso Brasileiro de Oceanografia, **Anais [...]** Rio Grande (RS), 2010.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 436 p. (Pensadores(os); v.43).

MANESCHY, M. C. **Pêcheurs du littoral de l'Etat du Pará, nord du Brésil**: systèmes techniques et sociaux d'exploitation des ressources marines. Tese (Doutorado em Sociologia), Université Toulouse Le Mirail, UTM, França, 1993.

MANESCHY, M. C. Pescadores curralistas no Litoral do Estado do Pará: evolução e continuidade de uma pesca tradicional. **Revista da SBHC**, n. 10, p. 53-74, 1993.

MARCELINO, C. N. A. F.; Ravena-Cañete, V; BARTHEM, R. B. Técnica E Conhecimento Local na Pesca De Curral: Um Estudo Comparativo Sobre Duas Comunidades Pescadoras De São Caetano De Odivelas/PA. **Paper do NAEA**, Belém, n. 352, dez. 2015.

MARTINS, M. L. C; QUARESMA, M. M. Q.; SILVA, M. C. Um Olhar Sobre A Comunidade Pesqueira Da Reserva Extrativista Marinha De Maracanã-PA. I Seminário Nacional de Geoecologia e Planejamento Territorial e IV Seminário da Geoplan, Universidade Federal de Sergipe, **Anais [...]** Aracaju, 2012.

MAUÉS, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, 2005.

MASUDA, Caroline Teruko. **Tendências e perspectivas da produção de pescado no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária). Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2009.

MELLO, A. F. **A pesca sob o capital**: a tecnologia a serviço da dominação. 1. ed. Belém: Editora da UFPA, 1985. v. 1. 296p.

MENDES, F. L. S; BARTHEM, R. B. Hábitos Alimentares de Bagres Marinhos (Siluriformes: Ariidae) do Estuário Amazônico. **Amazônia: Ci. & Desenv.** Belém, v. 5, n. 10, jan./jun. 2010.

MENDONÇA, J. T; MACHADO, I. C.; JENSEN, L. V; CAMPOLIMI, M. B.; LUCENA, A.; CARDOSO, T. A. Ordenamento da pesca com cercos-fixos no estuário de Cananeia-Iguape-Ilha Comprida. **Arq. Ciênc. Mar**, Fortaleza, v. 44, n. 2, p. 36-51, 2011.

MENEZES, M. F. Aspectos biológicos da serra, *Scomberomorus maculatus* (Mitchill), capturada por currais-de-pesca. **Arquivos Ciências do Mar**, v. 16, p. 45-48, 1976.

MIGUENS, A. P. Marés e correntes de marés; correntes oceânicas. In: **Navegação: a ciência e a arte – navegação costeira, estimada e em águas restritas**. Niterói-RJ: DHN – Diretoria de Hidrografia e Navegação, órgão da Marinha do Brasil, 1996. Volume I, cap. 10, p. 227-274.

MMA. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília: MMA/SBF, 2002. 404 p.

MODESTO, R. C.; CARVALHO, A. R; MORAES, R. L. O Enfoque Agroecológico em Unidades de Conservação: Um estudo de caso na Reserva Extrativista Marinha Maracanã. In: VI Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2014, Campinas. **Anais [...]** Campinas-SP, 2014.

MORAES, S. C. **Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste**. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005, 230 p.

MORAES, S. C. **Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste**. Belém: Universitária UFPA, 2007.

MORÁN, E. F. **A Ecologia Humana das populações da Amazônia**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Ltda., 1990. 367 p.

MOTTA-MAUÉS, M. A. **“Trabalhadeiras” e “camarados”**: um estudo do status das mulheres numa comunidade de pescadores. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília – UNB, 1977.

MOTTA-MAUÉS, M. A. A literatura oficial sobre a pesca na Amazônia: uma alternativa de revisão crítica. In: I Seminário sobre Pesca Artesanal do Pará, 1984, Belém. **Anais [...]** Belém: IDESP, 1984.

MOURA, M. M. **Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural**. São Paulo, Hucitec, 1978. 100 p.: il.

NASCIMENTO, G. C. C. Território e mar: os paradoxos na pesca em “currais” Cabedelo-PB. **Caos**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, v. 21, p. 165-171, 2012.

NASCIMENTO, G. C. C. **Pesca artesanal em “currais”**: um enfoque etnoecológico. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2014, p. 156.

NASCIMENTO, G. C. C.; CÓRDULA, E. B. L.; LUCENA, R. F. P.; ROSA, R. S.; MOURÃO, J. S. Characterization Of Artisanal Fishing In Fishweirs, The North Coast Of Paraíba, Brazil. **Arq. Ciênc. Mar**, Fortaleza, 2016, 49(2): 92 – 103.

NERY, A. C. Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia-zona do salgado-Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, sér. Antropol. 11 (2), 1995.

NUNES, E. S. **No asfalto não se pesca**. Parentesco, mistura e transformação entre os Karajá de Buridina (Aruanã –GO). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, 2012, 425 p.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Traduzido por Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012, 460 p.

OLIVEIRA, D. M.; FREDÓU, T.; LUCENA, F. A pesca no Estuário Amazônico: uma análise uni e multivariada. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Naturais**, Belém, v. 2, n. 2, p. 11-21, maio-ago. 2007.

OLIVEIRA, R.; SILVA, T. A.; MOURA, G. J. B. ECOLOGIA HUMANA E OS SABERES DOS POVOS TRADICIONAIS. In: Jairton Fraga e Juracy Marques (org.) **Ecologia Humana e Agroecologia**. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2016. p. 121-138.

ORTNER, Sherry. Theory in Anthropology since the sixties. In: Comparative Studies of Society and History, 26, 1984 (p. 126-166). Traduzido por **MANA** v. 17, n. 2, p. 419-466, 2011.

OSTROM, E. Reformulando Los Bienes Comunes. In: Smith, Richard C. e Pinedo, Danny. **El cuidado de los bienes communes: gobierno y manejo de los lagos y bosques en la Amazonia**. Lima: IEP; Instituto Del Bien Común, 2002 – (Estudios de la Sociedad Rural, 21), p. 33-48.

PAIVA, M. P.; NOMURA, H. Sobre a produção pesqueira de alguns currais-de-pesca do Ceará – Dados de 1962 a 1964. **Arquivo Estatístico Biologia Marinha**, Univ. Ceará, 1965, p. 175-214.

PALHETA, M. K. S. **Participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da Resex Mãe Grande em Curuçá/PA**. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2013, 117 p.

PALHETA, M. K. S.; CAÑETE, V. R; CARDOSO, D. M. Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 3, p. 601-619, set.-dez. 2016.

PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995. 180 p.

PENNER, M.A.S. **A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico**. Belém: UFPA, 1984. 158p.

PEREIRA, D. S.; POFFO, I. R. F.; FERREIRA, R. B. **Pesca Sustentável em áreas marinhas protegidas**. 1. ed. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2009. 58p.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 22, p. 37-50, jul. /dez. 2010.

PICANÇO, M. S. M. A Formação Vegetal do Município de São Caetano de Odivelas (Pa), por Meio de Produtos de Sensoriamento Remoto. **Revista Geonorte**, edição especial, v. 1, n. 4, p. 113-124, 2012.

PIERSON, D. **Estudos de Ecologia Humana**. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1970. 595 p.

Pimentel, M. A. S. Comunidades tradicionais em reservas extrativistas marinhas no estado do Pará: Conflitos e resistências. *Revista de Geografia e ecologia politica: AMBIENTES*. v. 1, n. 1, 2019, pp. 191-218.

PINHEIRO, E. S. **Sustentabilidade, manguezais e reserva extrativista**: instituições e Atores Sociais nos Municípios de Curuçá e São Caetano de Odivelas. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento), NAEA/UFPA, Belém, 2014.

PIO, V. M; PEZZUTO, P. R.; WAHRLICH, R. Aspectos tecnológicos das pescarias industriais com rede de emalhar de fundo no estado de Santa Catarina-Brasil. **Bol. Inst. Pesca**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1-14, 2012.

PIORSKI, N. M.; SERPA, S. S.; NUNES, J. L. S. Análise Comparativa da Pesca de Curral na Ilha de São Luís, Estado do Maranhão, Brasil. **Arq. Ciênc. Mar**, Fortaleza, v. 42, 2009.

PISCITELLI, A. Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco. **Revistas de Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 305-321, 1998.

RADASEWSKY, A. Considerações Sobre a Captura de Peixes por um Cerco Fixo, em Cananêia São Paulo Brasil. **Boletim Inst. Oceanogr**. S Paulo, v. 25, p. 1-28, 1976.

RADCLIFE-BROWN, A. Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento. *In: RADCLIFE-BROWN; Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1978.

RAMOS; E. B.; GALLO, J.; VERRONE, V. M. A. Áreas da região lagunar Cananéia-Iguape suscetíveis de exploração pesqueira segundo diversos tipos de tecnologia. I - Pesca com cerco fixo. **Boletim Inst. oceanogr**. São Paulo, n. 29, v. 2, p.329-335, 1980.

RAVENA-CAÑETE, V. **Os colonos de Nova Redenção**: estratégias de permanência e dinâmica do campo rural da região Guajarina do estado do Pará. Tese (Doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade Federal do Pará, Belém, 206 p.

RAVENA-CAÑETE, V.; NAHUM, V. J. I.; CANETE, T. M. R.; MASCARAENHAS, H. Cenários de Pesca no Litoral Paraense: Recursos Pesqueiros, Atores Sociais e Instituições. *In:*

IX Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, 2011, Brasília. IX Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, 2011.

RAVENA-CAÑETE, V.; CANETE, T. M. R.; RODRIGUES, C. I. Por que estudar a Amazônia através do parentesco? O caso de Nova Redenção, uma localidade do nordeste paraense. In: III Congresso Latino-Americano de Antropologia, 2012, Santiago. Anais [...], 2012.

REIS, M. R. R. **Na friadagem do mangal**: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. 171 p.

RODRIGUES, J. A.; GIUDICE, D. S. A pesca marítima artesanal como principal atividade socioeconômica: o caso de Conceição De Vera Cruz, BA. **Cadernos do Logepa**, v. 6, n. 2, p. 115-139, jul./dez. 2011.

RIBEIRO, M. T. P. B. **A Nobreza cristã de Kyûshû**. Redes de parentesco e ação jesuítica. Dissertação (Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, séculos XV-XVIII) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006. 182 p.

RIVERS, W. H. R. O método genealógico da pesquisa antropológica. In: OLIVEIRA, R.C. (org.) **A antropologia de Rivers**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, p. 1991.

RUFFINO, M. L. Manejo dos Recursos Pesqueiros no Médio Amazonas. In: IBAMA. (org). **Recursos pesqueiros do médio Amazonas: biologia e estatística pesqueira**. Brasília, v. 22, p. 115-140, 2000.

RUBERT, R. A. Parentesco, memória e território: um estudo etnográfico de comunidades negras rurais da região central do RS. IV Encontro Escravidão e liberdade no Brasil Meridional. **Anais [...]** Curitiba, 2009.

SAHLINS, Marshall. A cultura e razão prática: dois paradigmas da teoria antropológica. In: **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 68-142.

SÁNCHEZ, C. T. **O Mundo da Vida no Estuário Amazônico**: Ecologia Política da Biodiversidade no Arquipélago de Belém do Pará-Brasil. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Agricultura e Sociedade) - Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 361 p.

SANTOS, S. P. **Resex-Mar de São Caetano De Odívelas-PA**: Uma Etnografia Dos Conflitos Socioambientais. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016. 134 p.

SANTOS, G. M.; SANTOS, A. C. M. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estud. av.**, São Paulo, v. 19, n. 54, ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000200010>.

SARTI, C. A. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2020.

SAUTCHUK, C. E. **O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas** (Vila Sucuriju, Amapá). Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SCHNEIDER, D. **American Kinship: a cultural account**. New Jersey: Prentice-Hall, 1968.

SEPOF. Bases de Dados Estatísticos do Estado. 2011. Disponível em: www@sepof.pa.gov.br. Acesso em: 27/06/2020

SILVA, A. L.; BEGOSSI, A. Uso de recursos por ribeirinhos do médio rio Negro. In: Alpina Begoss. (org.). **Ecologia de pescadores**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2004, v. p. 87-145

SILVA, M. F. Parentesco e Organização Social na Amazônia: um rápido esboço. Universidade de São Paulo. Brasil, **Tomo LXI**, 1, 2004.

SILVA, R. N. S. **Caracterização da pesca artesanal em São Caetano de Odivelas (PA)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, 2010.

SILVA, M. A. V. O Tabu Do Incesto Como Regulador Das Relações De Parentesco Em Famílias De Santo No Candomblé. II Seminário Enlaçando Sexualidades, UNEB, **Anais [...]** 2011.

SILVA, C. B. D. **Gestão ambiental: uma análise das ações da Colônia de Pescadores Z-04** enquanto ator social do processo de desenvolvimento local de São Caetano De Odivelas/PA. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. 179 p.

SILVA, I. M. C. A rede que pesca gente: o caso da comunidade cajueiro na ilha de Mosqueiro/PA. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015, 96 p.-

SMITH, T. D. A history of fisheries and their science and management. In: HART, P. J. B.; REYNOLDS, J. D. **Handbook of fish biology and fisheries** - fisheries. Blackwell, 2002. p. 61-83.

SOFFIATI, A. Manguezais e conflitos sociais no Brasil Colônia. In: II Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2004, Indaiatuba. Anais do II Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. **Anais [...]** Indaiatuba: ANPPAS, 2004.

SOUZA, M. C. **O traço e o círculo o conceito de parentesco entre os jês e seus antropólogos**. Tese de Doutorado (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2002, 679 p.

SOUZA FILHO, P. W. M. Costa De manguezais de Macromaré da Amazônia: cenários morfológicos, mapeamento e quantificação de áreas usando dados de sensores remotos. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 23, n. 4, p. 427-435, 2005.

SOUZA, M.; CORRÊA, E.; FARIAS, A. C. Inventário da Oferta Turística de São Caetano de Odivelas. Companhia Paraense de Turismo – PARATUR, 2012.

STOCKING, George W. As premissas da antropologia de Boas. In: **A formação da antropologia americana 1883-1911**: antologia. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2004.

STORI, F. T.; NORDI, N.; ABESSA, D. M. S. Mecanismos socioecológicos e práticas tradicionais de pesca na comunidade caiçara da Ilha Diana (Santos, Brasil) e suas transformações. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, p. 521-533, 2012.

TAVARES, M. C. S.; FURTADO-JÚNIOR, I.; SOUZA, R. A. L.; BRITO, C. S. F. A Pesca de Curral no Estado do Pará. **Boletim Técnico Científico Cepnor**, Belém, v. 5, n. 1, p. 115-139, 2005.

TORNAY, S. O Estudo do Parentesco. In: **Antropologia**: ciências das sociedades primitivas? Lisboa: Edições 70, 1977, 70-79; 101-127 p.

TRINDADE, R. R. R. **‘Aqui, a cura é de verdade’**: Reflexões em torno da cura xamânica em São Caetano de Odivelas-PA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. 167 p.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe** [Online], 2012. Disponível em: URL: <http://pontourbe.revues.org/300>. Acesso em: 30/06/2018

VAL, A. L.; SANTOS, G. M. Recursos Pesqueiros: uma análise conjuntural A ciência contemporânea e o conhecimento indígena Doenças tropicais: uma abordagem amazônica. GEEA: Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos / Org.: Adalberto Luís Val, Geraldo Mendes dos Santos. Manaus: INPA, 2009. 1 v. 150 p.

VANNUCCI, M. **Os manguezais e nós**: uma síntese de percepções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. 233 p.

VASCONCELLOS, M.; DIEGUES, A. C. S.; SALLES, R. R. Limites e possibilidades da pesca artesanal costeira. In: COSTA, Adriane. (org.). **Nas redes da pesca artesanal**. 1. ed. Brasília: IBAMA, 2017, v. 1, p. 15-63.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **MANA** , v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, n. 18, 2004.

WOORTMANN, K. Reconsiderando o parentesco. In: **Anuário Antropológico/76**, 1977, 147-186 p.

WOORTMANN, K. “Com Parente Não se Neguceia” O Campesinato Como Ordem Moral. **Anuário Antropológico**, Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em 'comunidades pesqueiras' do Nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 18, p. 41-60, 1992.

8. ANEXOS



Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 47533-1	Data da Emissão: 19/01/2015 16:30	Data para Revalidação*: 18/02/2016
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Voyner Ravena Cañete	CPF: 302.017.212-87
Título do Projeto: Empoderamento, ethos local e recursos naturais: a cartografia social como estratégia para a elaboração de planos de ação em RESEX's marinhas do salgado paraense	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	CNPJ: 34.621.748/0001-23

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	realizar um diagnóstico participativo do quadro atual de utilização dos recursos naturais	02/2015	12/2016

Observações e ressalvas

1	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
2	Esta autorização NÃO exige o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena (FUNAI), da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, possessor ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
3	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Instrução Normativa ICMBio n° 03/2014 ou na Instrução Normativa ICMBio n° 10/2010, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
4	O titular de licença ou autorização e os membros da sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos; e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
5	O titular de autorização ou de licença permanente, assim como os membros de sua equipe, quando da violação da legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou revogada pelo ICMBio e o material biológico coletado apreendido nos termos da legislação brasileira em vigor.
6	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospeção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/ogen .
7	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infra-estrutura da unidade.

Locais onde as atividades de campo serão executadas

#	Município	UF	Descrição do local	Tipo
1		PA	RESERVA EXTRATIVISTA MÃE GRANDE DE CURUÇA	UC Federal
2		PA	RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA MOCAPAJUBA	UC Federal

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa n° 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 25136389



Página 1/3



Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 47533-1	Data da Emissão: 19/01/2015 16:30	Data para Revalidação*: 18/02/2016
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Voyner Ravena Cafete	CPF: 302.017.212-87
Título do Projeto: Empoderamento, ethos local e recursos naturais: a cartografia social como estratégia para a elaboração de planos de ação em RESEX's marinhas do salgado paraense	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	CNPJ: 34.621.748/0001-23

Registro de coleta imprevista de material biológico

De acordo com a Instrução Normativa nº 03/2014, a coleta imprevista de material biológico ou de substrato não contemplado na autorização ou na licença permanente deverá ser anotada na mesma, em campo específico, por ocasião da coleta, devendo esta coleta imprevista ser comunicada por meio do relatório de atividades. O transporte do material biológico ou do substrato deverá ser acompanhado da autorização ou da licença permanente com a devida anotação. O material biológico coletado de forma imprevista, deverá ser destinado à instituição científica e, depositado, preferencialmente, em coleção biológica científica registrada no Cadastro Nacional de Coleções Biológicas (CCBIO).

Táxon*	Qtde.	Tipo de amostra	Qtde.	Data

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 25136389





Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 47533-1	Data da Emissão: 19/01/2015 16:30	Data para Revalidação*: 18/02/2016
* De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Voynier Ravena Cañete	CPF: 302.017.212-87
Título do Projeto: Empoderamento, ethos local e recursos naturais: a cartografia social como estratégia para a elaboração de planos de ação em RESEX?s marinhas do salgado paraense	
Nome da Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	CNPJ: 34.621.748/0001-23

* Identificar o espécime no nível taxonômico possível.

Este documento (Autorização para atividades com finalidade científica) foi expedido com base na Instrução Normativa nº 03/2014. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 25136389



Página 3/3

Ativar o Win
Acesse Configur

9. GLOSSÁRIO ETNOECOLÓGICO

Andada: ...a andada é quando o caranguejo sai dos buracos para namorar...

Assentar: ...quando nós montamos o curral lá na água falamos que assentamos o curral...

Atravessador/Marreteiro: ... um pouco longe da cidade e temos que vende o peixe que nós pega, e vendemos para o marreteiro e ele revende para outros lugares, tem gente que chama de atravessador também, mas é a mesma pessoa...

Arte de pesca: ...essa arte de pesca que a sra. chama são os nossos aparelhos de pegar nossos alimentos, os nossos currais, as redes e por aí vai, tem muitos né...

Basquetas: ...a basqueta são essas vasilhas grandes de plásticos onde armazenamos o peixe que pegamos no curral...

Boia: ...nós falamos de dois jeitos, tem a boia é a nossa comida, tem aquela boia que se usa nas redes de pesca, nos barcos, e a que chamamos a nossa comida, a boia do dia-a-dia em casa...

Canais: ...os canais são os furos que os rios têm...

Croa: ...aquele local lá no meio do rio que quando a maré seca, aparece um banco de areia, chamamos de croa, onde dá pra colocar curral também...

Despescar: ...é quando vamos pegar o peixe nos currais...

Entressafra: ...é a época da safra entre um peixe e outro, ou uma pesca e outra, depende do que o pescador pega, o curral só dá um período do ano, então a entressafra dele é maior...

Jirau: ... muitas casas aqui não têm pia, aí construímos uma de madeira geralmente fora de casa para lavar louca, tratar o peixe...

Linha do curral: *...a linha de curral é o local onde colocamos o nosso curral, chamamos de linha porque os currais ter que estar alinhados em relação aos outros, as marés e assim vai...*

Manguezal: *...o manguezal para nós é essa riqueza que temos aqui, onde tiramos nosso sustento...*

Maricultura: *... já ouvi falar, aqui não tem isso não, mas sei que é a criação de bichos, ostras, peixes, assim como nós cria aqui as galinhas, só que aqui nós já pega os peixes, camarão criados...*

Marés: *...as marés é a essa mudança que tem todo dia no rio, hora tá seca, hora tá cheia, ai temos que nos acostumar com os horários dela para poder trabalhar, é a maré que fala tudo pra nós...*

Maré morta: *...as mortas é as marés baixas, a agua fica mais tranquilinha, chamamos de mortas...*

Maré de lanço: *...são as grandes marés, as águas ficam agitadas, até mesmo perigosas para quem não conhece a região, as águas crescem muito...*

Mocapajuba: *...esse nome foi a junção dos nomes dos principais rios que temos aqui em São Caetano, que é o Mojuim, Barreta, Mocajuba e Maruimpanema...*

Parceria: *...é o meu colega de trabalho, seja parente ou não, chamo de parceiro, nós divide os trabalhos da pesca...*

Pesca de curral: *...a pesca de curral é a atividade que mais as pessoas fazem aqui, usamos o curral para pegar os peixes, o curral faz o trabalho por nós e só vamos buscar o peixe quando a maré seca...*

Pescaria: *...é a atividade de pegar o peixe, o pescador usa rede, anzol, curral pra poder pegar os peixes, ai chamamos de pescaria...*

Pescado: ...é tudo que nós pega, peixe, camarão, caranguejo, siri...

Peixe fresco: ...é o peixe que vem da maré, que não foi pra geladeira, pro sal...

Peixe salgado: ...quando dá muito peixe, aí não temos como vender tudo ou guardar na geladeira, nós salga o peixe pra vender, dura mais ele...

Porto: ...aqui tem dois, o porto do Aê e do Itaipu, é onde embarcamos e desembarcamos quando voltamos das pescarias...

Ramal: ... é essa estrada que vem da cidade pra cá...

Roça: ...aqui nós tem um rocinha, onde a gente planta umas coisas, macaxeira, frutas, uns legumes, ajuda na nossa alimentação e principalmente pra fazer a farinha...

Reserva extrativista: ...sei que existe, mas ainda não sabemos o que vai acontecer, sei que vai ter umas regras pra usar os rios, o mangue, estamos esperando ai essas mudanças...

Safra: ...a safra é o período que o peixe chega na região, tem várias safras, porque os peixes não chegam tudo de uma vez, tem a época de cada peixe, aí é só fartura aqui na região nessa época...

Tiração do caranguejo: ...é o ato de pegar o caranguejo no mangue...

10. APÉNDICE



Universidade Federal do Pará
QUESTIONÁRIO COMUNIDADE

INFORMAÇÕES GERAIS

1. Município: _____
2. Comunidade: _____ 3. Data: ____ / ____ / _____
4. Nome do entrevistador: _____
5. Nome do entrevistado: _____
6. Naturalidade: _____ 7. Sexo: _____ 8. Idade: _____
9. Estado civil: _____ 10. N° de filhos: _____
11. Escolaridade: _____

História de Vida/Entrevista semiestruturada

1. Conte-me quando e onde você nasceu?
2. Seus pais já trabalhavam com pesca e roça? E seus avós? (explorar semelhanças e diferenças entre ambos e a vida atual do entrevistado).
3. E seu casamento? Você foi morar onde? Como era seu cotidiano quando se casou, dia a dia? Como eram as tarefas da casa e da cozinha? (conduzir até o período atual explorando as atividades domésticas e o uso dos recursos aquáticos).
4. Você seguiu trabalhando com pesca, roça, extração? (explorar motivos para permanência ou mudança de atividades).
5. Quais são as festas de sua comunidade? (explorar: mais importante, porque, o que há, quando acontece, produtos envolvidos etc.).
6. Quase os preparativos para a festa? Tem pescaria especial para trazer pescado para a festa?
7. Qual a que você mais gosta? Por quê?
8. Quando você não está trabalhando o que você faz? E com seus pais era assim? (explorar formas de lazer, atividades paralelas, buscando ligação com recursos naturais e a pesca).
9. Quais tipos de pescarias há na comunidade?
10. Qual o período da safra do pescado?
11. Quais artes de pesca eram as mais utilizadas?
 12. Como é a pesca de curral na comunidade?
 13. Quem lhe ajuda nesse período?

14. A linha de curral sempre foi sua? A sua família sempre trabalhou nessa atividade?
15. O sr gosta de trabalhar com a pesca de curral? Por quê?
16. Existe ou já existiu algum tipo de conflito entre os pescadores de currais?
17. Como o sr(a) ver a questão da Resex em relação a pesca de curral? Acha que pode mudar algo ou não?

Universidade Federal do Pará
DADOS DA RESIDÊNCIA

Nome do entrevistado		Data:
Rua/número	Telefone	Bairro
Situação do imóvel	P/aluguel	P/venda

P1. Há quanto tempo sua família mora nesta casa (**ARREDONDAR MESES**)?

P2. Há quanto tempo sua família mora neste bairro (**ARREDONDAR MESES**)?

P3. Onde sua família morava antes de residir neste bairro?

P4. Dados do proprietário

Nome	Idade	Sexo	Naturalidade
		() F () M	

P.5- Perfil da família residente.

Nº	Parentesco/nome	Sexo	Idade	Natural	Estado civil					
					sol	cas	amig u	vi u	div	outro
1	()	M F		()						
2	()	M F		()						
3	()	M F		()						
4	()	M F		()						
5	()	M F		()						
6	()	M F		()						
7	()	M F		()						
8	()	M F		()						
9	()	M F		()						
10	()	M F		()						

Códigos de preenchimento para graus de parentesco: 1 Cônjuge 2 Filho(a) 3 Mãe/pai
4 Neto(a) 5 Nora/genro 6 Tio(a) 7 Primo(a) 8 Sobrinho(a) 9 Pensionista/agregado
10 Outros parentes

11 Empregado(a)

Totais das faixas etárias

0 – 5	6 – 10	11 – 15	16 – 19	20 – 24	25 – 34	35 – 44	45 – 54	55 – 64	65 ou +

P.6 . Perfil escolar

N ^o	NÃO ESTUDANTES						ESTUDANTES						TRANSPORTE				BAIROS da escola	Bol.Família			
	S/I	Alfa					Pré	1 ^o Gr	2 ^o Gr	3 ^o Gr	Curso Téc							O	P	V P	V E
							C	I	C	I	C	I	C	I							
1																					
2																					
3																					
4																					
5																					
6																					
7																					
8																					
9																					
10																					
total																					

Obs: Ônibus, A pé, V. par, V. escolar, Bicicleta
Totais da escolaridade dos indivíduos.

P.7. Perfil do(s) trabalhadores(es) residente(s)

N ^o	Trabalhadores								Transporte				Renda
	Func. pub	Comerc.	Pescad.	Auton.	Dono de barco	Apo.	D. de cas	Des	O	P	VP	B	
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
T													

P.8- Aspectos da edificação

Imóvel	Uso do imóvel	Cômodos	Construção (MU)	Piso (ME)
1.Próprio ()	1.RESIDENCIAL ()	1.SALA ()	1.ALVENARIA ()	1.MADEIRA ()
2.Cedido ()	2.COMERCIAL ()	2.QUARTO ()	2.MADEIRA ()	2.CERÂMICA ()

3.Aluga do ()	3.MISTO ()	3.COZINHA ()	3.BARRO ()	3.CIMENTO ()
4.Ocupa do ()	4.OUTROS ()	4.BANHEIRO ()	4.PALHA ()	4.TERRA BATIDA ()
R\$	QUAIS?	5.OUTROS----- -----	5.OUTROS----- -----	5.OUTROS----- -----

P.9- Por favor, o sr (a) pode me informar a condição do seu terreno e os serviços existentes em sua comunidade?

Ocupação do terreno		Condições do terreno	Infraestrutura na área			
Compra		Seco	Luz	Pavimentação	Posto médico	
Cedido		Alagado	Água de poço	Iluminação Pública	Estiva	
Ocup. coletiva		Alagável	Encanada Cosanpa			
Outros		Outro	Coleta de lixo	Escola pública	Praça	
			Fossa	Feira	Telefone público	
			Poço () P () A	PM-BOX	Transporte	

P.10. Diga-me, por favor, qual a principal vantagem de morar nesta comunidade? (**Explorar**)

P.11. E qual a principal desvantagem de morar nesta comunidade? (**Explorar**)

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA

P.12 Qual a sua principal atividade econômica?

P.13. Você trabalha na pesca? () Sim () Não

P.14. Há quantos anos você trabalha no setor pesqueiro? _____

P.15. Você pesca ou só revende? _____

P.16. Quais as principais atividades econômicas da comunidade:

() Pesca () Agricultura () Aquicultura () Apicultura () Comércio

() Extrativismo () Caça

Obs: Detalhar a atividade de maior relevância

P.17. Qual atividade predomina fora da safra do pescado na comunidade?

P.18. Na comunidade existe algum tipo de defeso? () Sim () Não

P.19. Existindo defeso, ele é respeitado?

() Não () Um pouco () Mais ou menos () Bastante

P.20. Nos últimos 3 anos, houve algum tipo de conflito entre pescadores dentro da sua comunidade?

() Sim () Não

P.21. Se sim, qual o tipo de conflito mais comum?

P.22. Como as pessoas resolvem os conflitos? (Múltipla escolha)

() Entre eles () Com lideranças da comunidade () Com os idosos/pessoas mais velhas da comunidade () Com a justiça () Com IBAMA () Na polícia () Na colônia de pescadores () Outro? _____

P.23. Esta comunidade tem um local específico para o desembarque do pescado?

() sim () não

P.24. Destino da produção para

a) consumo: () Muito pouco () Pouco () Aa maior parte () Toda a produção

b) venda: () Muito pouco () Pouco () A maior parte () Toda a produção

P.25. A produção, quando para venda, esta é feita na:

() Cidade () Para o atravessador () Em outras localidades _____